





NOVISSIMOS

ou

ULTIMOS FINS DO HOMEM

—

TOMO II



# NOVISSIMOS

OU

# ULTIMOS FINS DO HOMEM

PELO

BARÃO DO CASTELLO DE PAIVA

SOCIO EFFECTIVO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Tomo II



RC  
MUCF  
2  
CAS

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua dos Calafates, 110

1866



2344





## PARTE TERCEIRA

### ADVERTENCIA PRELIMINAR

#### CAPITULO I

O demonio arma incessantes ciladas ao homem.—Forjou no inferno os peccados mortaes.—Custa menos aos justos praticar virtudes, do que aos reprobos commetter peccados

Não podendo o demonio vingar-se directamente de Deus, a quem tanto abomina e detesta, a unica vingança que pretende tomar, é enganando as creaturas que são a viva imagem do mesmo Senhor, arrastal-as consigo ao inferno. — Não desiste pois, astutissimo e manhoso como é, de nos preparar laços e redes em que apanha as almas, sem que ellas percebam seus embustes. — Conhecendo quão sujeitos somos aos impetos da carne e ao fogo das paixões, fabricou no abysmo os peccados mortaes, como instrumento eficaz de nossa perdição.— É pois obvio quão grandes vantagens colheremos para a alma de nos amestrarmos em lhe desarmar as redes com que nos quer prender, frustrando-lhe seus damnados intentos. — Para chegar a este importante fim, forçoso é examinar qual é mais facil se ganhar o inferno, se alcançar o céu. — Para a mór parte dos homens, é coisa incontestavel, que mais facilmente se desce pelos prazeres sen-

suaes para o abysmo das penas eternas, do que se sobe pelas tribulações da vida para a bemaventurança dos justos.

Ainda que ao peccador páreça sêr mais penoso o caminho do inferno que o do céo, estou certo que hade por fim desenganar-se, que com menores fadigas e sacrificios se converterá para Deus; se desde já largar a estrada do demonio.— Não desespere de attrahir á graça do Senhor alguns peccadores, que andando hoje em companhia do demonio ou não tem energia para d'elle se separar, ou cuidam que a estrada da virtude é cheia de taes difficuldades, que só com sobrenatural esforço se alcançará. — Dizem geralmente os peccadores, que quem aspirar a ser bom catholico, precisa de n'esta vida padecer grandes trabalhos e tribulações. — Mas não é assim; os que amam a verdade, devem concordar em que mais natural e menos penoso é ser hómem de probidade, honesto, amigo de Deus, e beneficiador dos seus semelhantes, do que ser perverso, impio, peccador, malvado, inimigo do Senhor, dos outros e de si proprio. — Deus de misericordia; concedei que vossa divina graça illumine aos que ainda sentem remorsos na consciencia, para que por vós alumados abandonem a asperrima estrada do inferno, e se abracem com a vossa dulcissima cruz, que tão indiziveis deleitações traz ao coração dos justos.

---

## CAPITULO II

O demonio, para atraiçoar e perder o homem e ao mesmo tempo insultar a Deus, inventou os peccados

Nada seria mais feliz, mais tranquillo, mais favorecido de Deus e agradavel a seus olhos do que a vida do homem

n'este mundo, se o peccado não houvera entrado n'elle.— Senhor do universo, imperando a todas as creaturas, subjungando as forças da natureza e obrigando-as a serem como que os famulos e ministros das suas necessidades, o homem teria no mundo uma existencia, que seria o antegosto das bemaventuranças celestiaes.— O universo ser-lhe hia a officina immensa, onde a natureza lhe estaria amadurecendo os fructos para seu nutrimento, apparelhando e tecendo os estofos para suas vestiduras, e preparando os materiaes para a satisfação de suas modestas precisões.

O universo seria tambem ao mesmo tempo livro admiravel, onde o entendimento, desanuveado de todas as malícias, e allumiado pelos divinos reflexos da revelação, acharia a mais sublime demonstração da verdade e dos attributos da omnipotencia creadora.— Este estado de paz, de harmonia, de felicidade, este mystico tracto e conversação entre Deus e o homem, entre o homem e a natureza, veiu a turbar e interromper a invenção do peccado, barreira levantada pela inveja e malevolencia do demonio para separar o homem do seu omnipotentissimo Creador.— Nos primeiros dias do genero humano não existia ainda peccado no mundo.

Poz o Senhor ao homem no paraizo terreal. E dando-lhe a soberania de toda a terra, o senhorio de todas as plantas e animaes, só lhe defendeu que comesse da arvore da sciencia do bem e do mal, com peremptoria comminação de que no dia em que transgredisse o preceito divino morreria morte irremissivel.— Entrou logo o demonio a revolver em seu perverso espirito, como d'aquella unica prohibição

urdiria traça com que perder a Adão, obrigando-o á desobediencia e ao peccado. — É proprio dos rebeldes e contumazes persuadir a outrem o seu peccado e buscar proselytos á sua rebeldia. — Esta concordia do homem com Deus, era agora o maior espinho, que pungia e dilacerava o inimigo jurado da salvação ; por vêr que sendo elle antigamente anjo, decaira tão miseravelmente da sua primitiva pureza e dignidade, e que sendo o homem menos do que anjo, haveria de primar na obediencia e acatamento á divina magestade.

O demonio não podia lutar com Deus, como lh'o estava dictando a consciencia da sua miseravel inferioridade, a experiencia da sua queda estrepitosa. — Mas assim como os que se julgam fracos para pelejar com poderosos inimigos buscam cimentar allianças, grangeando-as por astucia ou por málicia, assim o demonio, ao ver creado o homem, pensou logo em quão valioso auxilio teria n'elle para suas nefandas emprezas e abominações. — Como havia de arrastar o homem a ser seu parcial e servidor, senão introduzindo o peccado n'este mundo? — Como alcançaria engrossar com o genero humano as suas phalanges infernaes, senão attraíndo os homens pelas apparentes doçuras do peccado, encarecidas pela argucia do demonio? — Ainda mais. O primeiro e principal intuito do demonio é offender a Deus, quanto cabe em seu poder. Ora havendo o Senhor creado o homem para se ver por elle glorificado sobre a terra, tendo-o formado á sua imagem e semelhança, imagine-se qual não seria o desagrado do Creador, vendo que era o primeiro a insurgir-se contra a sua divina auctoridade, o proprio que elle havia com maior predilecção habilitado entre todas as creaturas!

Inventando pois o peccado e tomando ao homem para instrumento de suas abominações, alcançava o demonio dois avantajados lucros de sua malicia: o primeiro offender a Deus; o segundo determinar a perdição do homem. — Vejamos agora de que ardil se valeu o demonio para firmar a pontaria e lograr o seu intento. — Podia illaquear e seduzir logo directamente o primeiro homem e aconselhar-lhe e persuadir-lhe a infracção dos preceitos divinos. Mas teve por melhor tomar por interprete de suas palavras, e intercessora de suas damnadas petições a primeira mulher, como que para attestar, logo desde os principios do mundo, quanto os homens se deviam precaver a recatar das doçuras e enganos feminis. — É a mulher mais naturalmente inclinada a novidades, a caprichos, a curiosidades, a desejos de luzir. — Se o demonio dissera a Adão... Come sem receio do fructo prohibido; podéra Adão contestar-lhe, com referir os grandes beneficios que Deus acabava de fazer-lhe, e pezar no seu animo a ingratição de que ia tornar-se réo. — O demonio como viu que não poderia levar Adão á escala vista, determinou de lhe pôr cerco, principiando de longe a bateria com tal arte e engenho, que não podesse Adão esquivar-se a render finalmente a praça da sua boa consciencia e primitiva santidade. — Vestiu-se de serpente e determinou de apparecer a Eva, para que ella fosse a primeira tentada, porque em mulheres anda quasi sempre junta a tentação ao peccado. E peccando Eva, quasi certo era o peccado de Adão: tal é o poder dos attractivos feminis em animo de homem, embora ha pouco fortalecido pelo espirito do Senhor.

Prometteu o demonio a Eva, que se comesse do fructo

defeso, se lhe haviam de abrir os olhos, e ella e Adão haviam de ser como deuses na terra, e alcançariam a sciencia do bem e do mal. — Ser a mulher do rei da terra, era já humilde condição para a soberba e ambição de Eva, instigada pelo demonio. — Era-lhe pouco dominar sobre todas as creaturas, sobre os peixes do mar, e os volateis do céu, e sobre todos os animaes que se movem na face da terra. — Governar como vice-rei era pouco. — Imperar como Senhor e autocrata era o que podia contentar a ambição de nossos primeiros paes.

Vêde se ha maior exemplo de rebellião e de malicia. Por isso o grande orador portuguez disse uma vez do alto do pulpito, ponderando a arrogancia do primeiro homem... Nem Adão nem sua mulher ficaram contentes, ainda pretendiam. E que? Não menos que ser como Deus. Ha tal ambição de subir? Ha tal desatino de crescer? Ante-hontem nada, hontem barro, hoje homem, amanhã Deus! — Provou Adão do fructo prohibido, e n'aquelle ponto se consummou o primeiro peccado, e se fundou este funesto morgado, que se transmittiu aos seus descendentes. — Exultou o demonio, porque n'aquelle instante teve larga entrada no mundo, e se lhe patenteou a terra como amplissima arena das suas luctas, como theatro vastissimo das suas conquistas. — Foi o primeiro homem expulso do paraíso, onde era pacifico e feliz habitador. — Dava-lhe a terra todos os seus fructos, sem que o trabalho humano se exaurisse em os arrancar do seio d'ella. — Agora será o trabalho o preço, porque a terra venderá ao homem todos os seus avaros beneficios. — Estava o homem quasi em natural convivencia com o Creador. Agora

hade o homem lutar com o mundo, com a carne, com o demonio, para reconquistar a perdida bemaventurança. — Era até então facil o caminho por onde o homem subia ao céo; agora será espinhosa e incerta a senda estreitissima, que por entre ciladas da carne, insidias do mundo e emboscadas do demonio conduz os miseros mortaes á eterna beatitude. Naturalizado o peccado no mundo e n'elle vulgarizada a tradição, o costume, o agrado de peccar, todo o esforço e empenho do homem deve estar em fugir o mundo, em refrear a carne, em vencer o demonio para triumphar dos incessantes arremços do peccado, que por aquellas tres formidaveis baterias está buscando derrubar a cidadella da nossa fé e das nossas boas obras.

Assim como a medicina physica estuda a organização humana, inquire as funcções que constituem a vida, indaga as doenças e enfermidades, buscando as suas causas, a sua natureza, os seus symptomas, as suas complicações, e accomoda a cada achaque o seu tratamento, inventando remedios para debellar as differentes affecções, e não descurando a hygiene para manter a saude corporal; assim a medicina espirital tem tambem a sua anatomia, a sua physiologia, o seu diagnostico, a sua semeiologia e symptomatologia, a sua materia medica, a sua hygiene e prophylacia.—A medicina physica preoccupa-se com a vida terrena.—A medicina espirital com a vida eterna.—Uma procura manter o equilibrio normal, de que resulta a saude do corpo; a outra assegura a pureza e santidade, de que provém a saude da alma.—Uma affadiga-se para restituir a saude; a outra para nos grangear a salvação.—Uma combate a doença; a outra

o demonio. — Uma tem nos tempos antigos os seus Hippocrates e Galenos; na meia idade os seus Rasis, os seus Avicennas, e Averrhoes; na idade moderna os seus Boerhaves, Laennecs, e Virchow's. — A outra tem na idade antiga os seus apóstolos e santos padres, e anachoretas e eremitas; na meia idade um S. Bernardo, um S. Francisco, um Santo Antonio, um S. Thomaz; na moderna idade um S. Francisco de Salles, um João Jerson, um Kempis, uma Santa Thereza de Jesus. E se a medicina physica se aprende em uniwersidades, a medicina da alma pôde comsigo mesmo aprendel-a um entendimento humilde, rustico, desalumiado de toda a sciencia humana, comtanto que o espirito receba um reflexo da divina graça, e se empenhe em negociar com diligencia e boa vontade o talento espiritual, que o Senhor lhe confiou para o fazer render os avanços da gloria eterna.

Fugir o peccado, ou expurgar d'elle a alma, quando por elle infeccionada, eis a grande sciencia do christão. — É a este fim que se dirige o meu livro, no qual apresentando a variedade de nossos peccados e indicando os remedios com que os podemos debellar, julgo exercer um dos primeiros e mais gratos officios da caridade.

## PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Dos caminhos do céu e do inferno.— O primeiro é muito mais ameno e alegre do que o segundo.— Os justos vivem contentes ; os peccadores muito atribulados.— As felicidades dos mundanos são illusorias.— Não confiemos nos homens, senão em Deus.— Erros dos peccadores.— Deus hade punir os máos e premiar os fieis.— O homem abusa da sua organização, muito mais que os irracionaes

### CAPITULO I

Na vida ha duas estradas ; uma para o céu, outra para o inferno. Os que seguem a do inferno, penam mais do que os que marcham na do céu.— Trabalhos porque passa o peccador para satisfazer seus vicios

Diz Jesu Christo no Evangelho, que ha n'este mundo duas portas e dois caminhos. Um mui largo e espaçoso, que conduz á perdição da alma, e são muitos os que n'elle entram : outro mui apertado e estreito, que vae á vida eterna, e são poucos os que o encontram.— Lembre-nos que Deus não mente, nem pôde errar, nem pretende enganar-nos.— Se tão ampla é a estrada do inferno e tão semeada de prazeres, parece que mais facil será ao peccador embrenhar-se n'ella para seguir o curso de seus prazeres, do que penetrar pela estreita vereda que leva ao céu por entre espinhos, penitencias e tribulações.— Ora escutae, peccadores... Que tempo não consumis vós, que trabalhos não passaes, quanto vos não custa a gozar os prazeres da carne, a obter as dignidades e distincções, as fortunas e grandezas da terra? — Em que labyrintho não viveis, que vilanias não practicaes, quanto vos não rebaixaes da propria dignidade por conseguir os prazeres d'um adulterio, d'um estupro, as delei-

tações do jogo, da gula, da usura? — E como ficaes, satisfeitos esses vicios? Sem honra, sem dinheiro, sem saude, e sempre repassados de remorsos.

Que precioso tempo não esperdiçaes em preparar vossos faustosos bailes e opiparos jantares, em vos adornar para o theatro, os passeios e festas; tempo que ao depois não mais volta? — Ficae bem certos, de que os annos que tão mal empregastes para servir ao demonio em vossas concupiscencias, invejas, gulas e mais funestos desvarios, não são senão ligeiros instantes em comparação da duração da eternidade. — Que sommas não gastastes nos convívios, no jogo, nas torpes deleitações mundanas, sem outro resultado senão continuas fadigas, dividas, remorsos de consciencia, dolorosos desassocegos d'alma, e quasi sempre a desgraça de vossa familia e a perdição da alma? — E que beneficios fizestes ao pobre desvalido, ao orphão necessitado, á viuva honesta, que são vossos proximos, e como taes merecedores de toda compaixão? — Para poderdes dar aos conhecidos e amigos esses lautos festins, para assistirdes a tantos espectaculos e divertimentos, que ouro mal havido em traficancias e contractos illicitos não dispendestes, que cuidados e fadigas não tivestes, porque amarguras e inquietações não passastes?

Mas que te restou, misero peccador, para a alma e para o corpo, depois de extinto o ultimo fogo d'essas orgias a que com tanto dispendio vos entregastes? — O que vos ficou de tantos desregramentos, foi a ruina do corpo, a perdição da alma, os clamores dos que ao jogo defraudastes, a

desordem no seio da familia, as dividas que jámais podeis satisfazer, o descredito, a má fama. — O que vos restou depois de tamanhos vicios, foi um acervo de materias combustiveis que hade alimentar por toda a eternidade as fogueiras do inferno. — Mas direis vós, ó obstinados, que se pôde frequentar assembléas, operas, banquetes, passeios sem despender grandes dinheiros, sem comprometter a honra e o bom nome, sem fazer mal a si nem damnificar os proximos. — Assim será: mas o exemplo que o opulento dá n'essas reuniões a outros, que sem meios de fortuna querem a todo o custo hombraear com elle, quantos desastres não acarreta? — Quão melhor fôra para bem de todos, que n'estas assembléas e festas não comparecessem os abastados e poderosos? — E esse mesmo que a fortuna encheu de bens, porque dissabores, cansaços, e incommodos não passou antes de chegar ao gozo dos suspirados delectes? — Quem não vê que esses prazeres tão entremeiados de desgostos, e seguidos de remorsos, só servem para trazer o corpo e o espirito em continuas fadigas e penas?

E o que não farão os que, desajudados da fortuna, pretendem todavia acompanhar os opulentos nos seus festins, e appetites? O que não praticam estes infelizes para alcançar tão suspiradas deleitações? Vão dar de emprestimo a honra da familia, cerrando os ouvidos á censura publica e o coração aos gritos da consciencia. Pedem sómmas e sommas, certíssimos de nunca as restituirem. — E para que as pedem? Para comprar sedas, setins, joias, galas e enfeites da moda, com que possam brilhar suas consortes e filhas. — Melhor nos fôra morrer, dizem elles, do que faltar ao ban-

quete, à festa esplendida do nobre, do ricaço, que tanta gloria e honra dão a seus convivas! — Não ha vilanias a que se não exponham, nem desgostos e opprobrios que não engulam, nem afflicções porque não passem, com tanto que assistam ao sarau, à mascarada, à comedia, à dança, ao baile, aonde vae o rico! — Não me venham dizer, que gozam muitas doçuras com tranquillidade; não se chamem felizes; não se queixem das contrariedades do mundo; não se aplaudam de fingidas venturas: confessem antes, que lhes saem amargosissimas essas delicias, e recheadas de innumeros desgostos. Saibam mais, que não se convertendo ao caminho do céu, os espera na eternidade o supplicio do inferno.

---

CAPITULO II

Delicias que gozam na vida os justos. — Não trocam suas tribulações pelas deleitações dos peccadores. — Gloriam-se de servir a Deus. — Os sacrificios que passam no serviço do Senhor, não lhes são penosos. — Não contam com os homens para coisa alguma. Só contam com Deus

Oh! mimoso ramalhete o das virtudes christãs! Que fragrantissimo não é o seu aroma, que suaves effluvios não esparge sobre quantos dellas se aproximam! Graças a Deus! — Já desapareceu o triste cortejo das paixões desregradas; já se esvaeceu o fumo das vaidades; já se não descobrem as espessas nuvens do peccado. No viver das almas virtuosas assoma o azul dos céos, o scintillar da luz da graça, o esplendor da caridade. — Oh! Aqui não se envolve o justo, em custosas telas, nem se orna com os atavios do fausto. São outros os seus vestidos; simples, grosseiros, apertados nas corrêas da humildade, e avelados nas cor-

das do cilicio. Seu rosto significa a tolerancia, a caridade, a bonhomia, a religião. — Mas custará aos justos a passar a vida no serviço do Senhor, no amor do proximo, e nos exercicios santos e honestos? — Serão por ventura contrariados e opprimidos de grandes sacrificios para levar a cabo o proposito da salvação? — Padecerão muito na resistencia continua da carne, e na formidavel guerra que teem de sustentar com o demonio? — Respondam francamente; talvez que desejem trocar sua cruz pelas delicias e prazeres que por cá teem os mundanos.

Escutemol-os e attentemos bem a declaração que nos vão fazer... Não, não trocamos os nossos pobres vestidos, os jejuns e as penitencias, as privações e os trabalhos, a paz da consciencia e a firme esperança que temos de salvação, por todas essas galas, manjares e regalos, por essas riquezas e grandezas, por esses tumultos do coração, e da consciencia com que tanto se expõem os mundanos ás penas eternas. — Do mundo nada queremos; é elle para nós logar de passagem e desterro. — Muito estimamos ser humildes servos de Deus; só desejamos cumprir sua divina vontade. — Não só nos não custa, senão até folgamos de lhe render sinceras graças, e tratar ao proximo com amor e caridade. — Ah! Quanta é nossa alegria resistindo ás tentações do mundo, observando os preceitos da lei de Deus, e cumprindo á risca os mandamentos da Igreja. — Os passos que o Redemptor deu n'este mundo, quanto nos não apraz seguir-os e imital-os, crucificando os appetites, rebatendo as suggestões do demonio, e soffrendo com humildade as calumnias e injurias do mundo?

N'este mundo de provação todos padecem, ricos, pobres, grandes, pequenos, justos ou peccadores. Todos em Adão peccamos, e a todos é precisa resignação e paciencia para supportar os revezes e as tribulações. Por isso appetecemos os incommodos, as privações, as affrontas e as injustiças, porque por ellas seguramente nos salvaremos. — Quem não vê que aos mundanos, logo que se lhes acabam suas falsas venturas, lhes sobrevem tanto cansaço, remorso e aborrecimento, que ninguem os póde arrancar de sua tristeza? — Nós graças á bondade do Senhor, os tormentos, os sacrificios não os estranhamos, nem nos contristam. — As tempestades da vida passam sobre nós sem que nos alterem o socego: reprimimos os ruins appetites, abraçamo-nos com o madeiro da cruz, imploramos a Deus e a Maria Santissima graça e protecção, e esperamos o premio que Jesu Christo não nega jámais a quem bem o serve. — A taboa de salvação, a ancora com que contamos nos temporaes da vida é Deus, e só Deus. — Para os grandes revezes da sorte não basta o valimento do homem: com esse não contamos, nem mesmo o aceitamos, porque é esteril e inefficaz. — O socego d'espírito e a salvação, só de Deus póde vir, só d'elle a esperamos.

---

CAPITULO III

Muito padece o peccador para alimentar os vicios. — Os justos vivem mui contentes, practicando a virtude. — Mentem os peccadores, quando se dizem venturosos. — O coração do homem carnal assemelha-se á um vulcão cheio de fogo

Dizei, ó homens, assim os que viveis no peccado, como os que seguis a cruz de Jesu Christo, respondei francamente uns e outros... Os trabalhos que na vida vos cercam, a uns

para navegar affoutamente nos mares da sensualidade, a outros para estar ao serviço de Deus, ser-vos-hão igualmente dolorosos? — Peccador, confessa que ao sair das deleitações sensuaes experimentas em ti grandes dissabores, e que por adquirir aquelles falsos prazeres passas mil amarguras. — Tu, homem virtuoso, responderás contente... Em minhas orações ao Senhor, no exercicio, da caridade, paciencia e da humildade não sinto a menor repugnancia, porque é meu firme proposito servir a Deus e ao proximo. — Ao despon-tar da manhã elévo a vista ao céu e a alma ao Senhor, a ren-der-lhe graças por me continuar a esmola do emprestimo da vida. — Vou assistir ao santo sacrificio da missa, onde presencio a morte verdadeira e real do Redemptor. — Re-gresso do templo a refazer-me de frugal alimento, e entro seguidamente no meu trabalho. — Seguem-se as orações a Deus á santa Virgem, aos santos e santas de minha devo-ção. Finda a ultima refeição, acompanho-a de graças a Deus, como meu Creador e Salvador que é.

Vou depois descansar das fadigas dormindo em paz o somno que o Senhor a todos concede para renovar as for-ças, e tambem para exemplo da morte. — O tempo que é uma das grandes riquezas da vida, senão a maior, assim di-vidido, chega-me bem para mim e para o serviço de Deus e do proximo. — Nos primeiros dias em que sobre mim raiára a luz da conversão custou-me, é verdade, a encetar os exercicios do divino culto e a observar a lei de Deus: ao depois causava-me grandissima alegria marchar no cami-nho da virtude; certo de que com a protecção do Senhor se consegue na vida tudo.

Dirijamo-nos agora ao peccador, para lhe estudar a alma e discernir se é realmente feliz no meio de suas deleitações, riquezas e mundanidades. — Por mais que se esforce por nos illudir, e não obstante sua mentida jactancia geme sob mil tribulações e angustias, que de toda a parte o cercam. — Confessa que é desgraçado, mas sómente quando sente sumir-se-lhe a robustez pelos deleites sensuaes, que tambem lhe enervam as faculdades d'alma. — Vive em perpetuo tedio, anciedade e desgosto. — Assemelha-se n'elle o coração a um vaso de metal, posto dentro do peito sobre tres pés de ferro, que são a lascivia, a glotonaria e a ebriedade. É n'este vaso que se cosinham e adubam quantos prazeres e regalos póde imaginar ou inventar. — Está sempre incandescente e em vivas brazas : por baixo fica o estomago, que se não esquece de attrahir quanto a gula lhe póde ministrar ; aos lados os pulmões, que assoprados pelo fogo da luxuria com tal furia trabalham que correm perigo de estalar. — Tal é dentro do peito a força do incendio ; que a todas as partes do corpo chega e queima ! — É pois o peccador um vulcão activissimo, onde se preparam erupções, que não deixam estar em paz a quem d'elle se approxima. — E quem hade negar que a consciencia e o peito d'este peccador, que tanto se afadiga no caminho dos vicios, está em continuas torturas, em asperrimo desassocego ?

Respondei, peccadores effeminados ; que experimenta cada um de vós ao acordar pelas dez, onze horas da manhã, que é o vosso habitual amanhecer ? — Melancolicos, coração anciado, cabeça carregada, membros lassos, espirito oppresso, eis o triste resultado do baile das tres ou mais horas

da manhã. — O peor é que ao que vive desregrado, cança-lhe tanto o corpo e a alma, que não basta o repouso do leito para o refazer — És tu, dama da moda, que ainda dormes a altas horas do dia? Depois de muitas voltas e contorsões, ora bocejando, ora esparguicando-te, eis-te finalmente de pé, marchando para o toucador. — Está desalinhada a cabeça, e desfigurado o rosto? Não importa, dizes tu, por que ha modo e maneira de compor os cabellos e embellezar a face, para agradar ao mundo. — Acompanhemos esta familia, que vive no grande tom da sociedade, ao salão d'almoço. Aqui se consome uma a duas horas recordando as anedotas, e os prazeres do baile, repetindo as murmurações e os gracejos da vespera, saboreando vianças, fallando de modas. — E todos esquecidos de que Deus os está ouvindo, e de que um dia teem de pagar bem caro o mal que estão fazendo a si e aos proximos.

Finda a deleitosa refeição, separam-se muito contentes: o chefe da familia a procurar meios de nutrir este fausto; os filhos a preparar-se para o passeio; e a dona a ataviar-se com elegancia e graça para ir saudar suas amigas? — Soára em fim a hora do jantar; são as seis da tarde. Eis reunidos os conjuges, os filhos parentes e amigos a passar largas horas entre iguarias, vinhos, deleites da gula, chistes e requiebros, alegrias e gaudios mundanos. — Acabára a dilatada refeição: e ei-l'os a pavonear-se á janella, a saltar pelo jardim, a recostar-se no sofá, sem que nem um só dos convivas ou dos familiares advirta que são os olhos a temerosa arma, que o caçador do inferno está sempre apontando para matar a alma do peccador. — Chega a noite: toca a despir

os vestidos do dia, para se ornarem dos enfeites e galas das trevas. Eis a louca familia a correr, marido, mulher, e filhos, todos cheios de alegria, para os annos da amiga, a funcção do grande, a partida do opulento, a folgança do circo, o beneficio da prima-dona, o festim dos noivos.

Soaram as onze da noite. É esta a hora do bom tom. Eil-os a caminho dos regalos da vida, das deleitações sensuaes, das grandezas e vaidades terrenas, attrahidos e convidados por outras que taes familias, egualmente entregues ás mundanidades, e que hãode no fim ter a mesma sorte, as penas da eternidade! — Por quatro, cinco, seis horas da manhã seguinte volvem todos ao lar domestico, mas não contentes como foram, senão cançados das danças, enfartados dos excessos da gula, pensativos das perdas do jogo, ou exasperados por invejas e contrariedades que experimentaram no festim. — Atormentados do somno, promptamente sacodem as lusidas vestes, para no leito irem jazer por longas horas. — Acodem os sonhos ao inquieto somno, e quando Deus quer, é este o derradeiro somno de sua peccaminosa existencia!

Nos dias, nos mezes e nos annos seguintes, em quanto ha dinheiro, repetem-se estas scenas, este viver desastrado, este redemoinho de bailes, de comedias, de partidas e passeios. — E o vaso das culpas a encher-se cada vez mais; até que um dia hade trasbordar. — Ai! de vós, infelizes peccadores, quando isso acontecer; nem Deus vos poderá valer, porque a cada creatura marcou uma certa medida de peccados, preenchida a qual é impossivel a salvação da desaven-

turada alma. — Ah ! Porque não hade a dona d'esta familia vê e observar, que a face que tão a miudo revê no espelho, não é senão uma caveira vestida de carne, á qual a menor enfermidade tira a côr ; e antes que a morte de todo a dispa, lhe vão os annos cortando a graça, a ponto que se os olhos pudessem penetrar no interior, o não veriam sem grande horror ? — Não vê o marido, que todos em casa lhe pedem mais, do que elle pôde dar ; que nenhum se contenta com o necessario ; que aspiram ao superfluo ; e que lhe faltam meios para satisfazer tantas exigencias ?

Ah ! não amanhecerá um dia com juizo para perceber que semelhante luxo, nos vestidos, na meza, nos filhos e nos criados, não o poderá sustentar senão por meios illicitos ; e que onde não basta o proprio, ou por arte ou por violencia se hade roubar o alheio ? — E o que fazem os servos e mais dependentes, emquanto se divertem fóra os donos da casa, e se regalam de vaidades ? O que fazem ? Barafustar, comer e roubar quanto podem. — Se a caridade christã não mandasse ter dó dos erros e fraquezas do proximo, quasi podiamos dizer que bem hajam os servos, que assim se aproveitam dos desvarios e loucuras dos amos. — E as pendencias que ha na casa ? cuidarâ d'ellas a familia, que tão esquecida anda de si propria e de Deus ? — A verdade é que vae tudo de mal a peor ; tudo marcha pela estrada da ruina até completa perdição. O tempo que o chefe devêra empregar na gerencia de seus negocios, é o que elle consome loucamente em mundanos passatempos. — E os fructos do jogo ? Oh ! O jogo, esta officina do diabo, na qual tanto se offende o septimo mandamento ; o jogo além da perda do dinheiro,

que é a menor perda, faz perder a auctoridade e o decoro, porque a mesa do jogo a todos nivela, com tanto que tenham dinheiro que perder. Perde-se a amizade do amigo, e na passagem do dinheiro d'uns para outros quasi sempre se esfria a affeição. Perde-se o tempo, que é o maior thesouro que Deus fiou do homem, thesouro que uma vez perdido, não mais se póde restaurar, como acertadamente diz Seneca. — D'aqui podes concluir, christão, quão tormentosa e afdigada vida passam os mundados, quando no meio de suas amarguras se dizem felicissimos. Ai ! d'elles ; vivem muito enganados.

---

CAPITULO IV

Os peccadores não só não practicam a virtude, senão nem na morte pensam, nem crêem nas penas eternas. — É a morte que desfaz as distincções dos grandes e pequenos. — Temamos as alegrias da vida, porque são fallazes. — Só em Deus confiemos

Indaga, minha alma, e examina se estas familias cujo theor de vida acabas de observar, meditaram alguns instantes na fatuidade de suas festas e passatempos, se pesaram seus peccados, se pensaram em Deus, e na morte. — Oraram por ventura á Mãe Santissima, aos santos, ao anjo da guarda e ao Senhor Deus, na idéa de que depois d'esta hade seguir-se outra vida, na qual haverá premio para os bons, castigo para os ruins? — Nem pela imaginação lhes passou semelhante lembrança, aturdidos como sempre andam de dia e de noite com appetites, invejas e prazeres. — O pae de familias, esse contenta-se com o nome de christão. Não lhe sobeja um instante para curar da salvação. Quando assiste á missa do domingo, e dos dias santificados, já faz muito. Communga por

salvar apparencias, uma só vez no anno. Porém tudo isto practica sem consciencia nem proposito de emenda.— E a activa esposa? Essa, ábsorta sempre nas modas, nas delicias do dia e festejos da noite, essa não tem um minuto disponível para alevantar os olhos ao céu, a não ser para vêr se o tempo se fará tão desabrido, que não deixe ir ao baile ou á comedia.— As queridas filhas e filhos, serão melhores christãos que os paes? Ah! Esses afagados das caricias do mundo, julgam eterna a mocidade, e mofam de quem ousa fallar em céu ou inferno.— E os criados? Não lhes chega o tempo para tantos folguedos e murmurações: furtam destramente, porque não sejam descobertos: mas na religião, no Creador, no céu ou no inferno, nem n'isto pensam: o céu d'elles é os embustes, as ciladas, as traições, que de continuo armam a quem os sustenta.— Para taes peccadores em que tanto abunda hoje o mundo, assim desamparados de consciencia, e vendidos ao demonio, que significação podem ter os mandamentos da lei de Deus?— É para todos elles, letra morta: nem os sabem, nem os cumprem, nem os querem conhecer; preferem a doçura e vaidade do peccado á summa delicia das virtudes.— As obras de misericórdia tão recommendadas por Jesu Christo, nem as conhecem, nem d'ellas querem ouvir fallar.— E os preceitos da Santa Madre Igreja? Para não perderem na sociedade o nome de christãos, exercem-os, com repugnancia, distracção, e tão sómente por formalidade.— Nem amos nem servos vão ao templo, senão ou por vaidade ou por susto das vozes do mundo, nunca por espontanea devoção.

Acreditam por ventura nas Virtudes Theologaes? — Na

*Esperança?* Crêem n'ella e teem-n'a vivissima, mas é a esperança de adquirir bens e fortuna, com que maiores deleições possam fruir. — Na *Fé?* N'esta não lhes convém crêr, porque vae de encontro a seus mundanos habitos; abandonam-n'a, para que os não accuse e moleste. — E a *Caridade?* Essa detestam-n'a, porque lhes cheiram mal os pobres, nem consentem que se cheguem a pedir-lhes esmola! — Bem certo é que está morto para a caridade do proximo, para a esperança de salvação, para a fé em Jesu Christo, quem tem o coração corrompido e a alma contaminada pelo peccado. — E as fogueiras do inferno? Nem estas lhes causam horror e medo. Não pensam em penas eternas: para servos e senhores, que por habito se entregam ao mundo, tudo se reduz e limita á vida presente. Na immortalidade da alma, não acreditam. Só curam de prazeres sensuaes; crêem nas delicias do corpo; gostam de folgar e divertir-se; não ha para elles coisa alguma além da morte. — Quantas vezes não tendes ouvido a milhares d'estes infelizes, que na sepultura acaba tudo, como acaba para os irracionaes, e que não ha nem alma, nem castigos, nem premios eternos! Oh! cegueira humana!

Assim marcham affoutos na estrada do inferno, sem attender aos toques com que Deus os favorece no coração, nem aos gritos da oppressa consciencia, nem aos avisos que lhes dá o confessor! Ah! que se bem ponderassem quão delgado é o fio que mantém a vida, e quão inexoravel é a morte, a justissima niveladora de grandes e pequenos, de ricos e pobres, que a nenhum d'elles poupa! — Oh! Quão arriscado é frequentar aquellas casas, onde só

se cuida em folgar, em murmurar, em offender a Deus e ao proximo ! O cabo de todo o prazer do mundo abaixo do céu é tristeza ou morte, e onde ha muito prazer na terra, ha muito descuido do céu. — Attendei, christãos, ao que a proposito nos diz um mystico nosso... D'um contentamento nascem por ventura outros, e converter-se-ha um ramo de gostos em arvore de alegria? Não ; secca-se o ramo, perde-se o contentamento, e fica tudo em tristeza. — O tronco e raiz da verdadeira alegria é a tristeza, continúa elle, mas não qualquer tristeza, mas a que é tomada da lembrança da morte e paixão de Jesu Christo e de seus tormentos. — O *agora* e o *depois* dos bons é muito differente do *agora* e *depois* dos maos ; porque aos bons, o seu *agora* de tristeza temporal converte-se em *depois* de alegria para sempre, e pelo contrario aos maos, o seu *agora* de alegria transitoria converte-se em *depois* de pena sem fim. — D'aqui vem dar Deus tribulações aos seus, para os exercitar e fortificar no caminho dos céos.

• Demos attenção, christãos ás piedosas vozes do bom Fr. Thomé de Jesus... Busquem os outros o que quizerem, que a mim nenhuma coisa me satisfaz nem agrada, senão o meu Deus, amor de minha alma, minha esperanza e minha saude. — Cumpre que trabalhemos por evitar toda a occasião de tentação, porque nunca o forte deixou de cair, se por vontade se metteu nas occasiões ; e as mais das vezes os fracos se fazem fortes e vencem fugindo d'ellas. — Quando alevantaes minha alma a vós, Senhor meu, e estou abrasado com vosco e afervorado em vosso amor, não sinto a injuria, continúa o nosso monge, nem o desfavor, nem a pobreza, nem

a mingoa, nem o desprezo, nem o falso amigo, nem outro trabalho nenhum. — Vós me soffreis, vós me inspiraes todo o bem, vós me ensinaes toda a verdade, vós me daes a vontade para a querer, e as forças para a seguir, e a graça para perseverar, vós me daes a fé com que vos conheço, o amor com que vos amo, a esperança com que tudo vos peço.

---

CAPITULO V

Razões com que pretende o peccador cohonestar suas culpas. — Como em vida não quer praticar boas obras, será na outra castigado com fogo eterno. — Mais rasões que allega em abono de seus peccados — Ninguem faz falta aos que cá ficam. — Deus hade dar premio aos justos, e castigo aos máos

Em que se estribam os homens, o minha alma, para se esquecer do seu Creador e Redemptor? Fiam-se em si: estragam largamente o proprio e o alheio: declaram-se independentes de Deus e do mundo. — Como já não teem que perder porque entregaram a alma ao diabo e o corpo ao mundo, tratam de conseguir, seja porque modo fôr, tudo o que o mundo lhes apresenta para cobiçar ou invejar. — Para que não tenham mais que allegar no dia do juizo em sua defeza, digam já a razão porque peccam. Ouçamos: arguem elles... não queremos abandonar as doçuras da preguiça, porque o jazer n'um leito de brandas pennas, e n'elle afagar deleitosamente os membros, é prazer tão vivo que não pôde perder-se. Embora se converta ao depois o leito em erro ardente, que importa isso se em quanto por cá estamos, esta vida é tão aprasivel, e da outra ninguem sabe ao certo nada, nem se a haverá! — Demais; alegrar as fibras

do coração, consolar o interior das entranhas, adoçar a alma com os deleites do amor proprio, do orgulho, e da vingança, fomentar a lascivia e a gula, são delicias que não nos convem largar, quando mesmo as paguemos um dia, segundo diz o evangelho, nos fogos do inferno.

Ah! infeliz, que tão illudido te traz o demonio! Gostas de ter agora por companheiro inseparavel o peccado, e não tens receio de perder a alma por toda a eternidade! — Horroriso-me, que duvides tão desenfreadamente da existencia d'um Deus que sendo misericordiosissimo, não consente porém que os ultrajes e affrontas fiquem impunes; e da immortalidade da alma, reconhecida desde os tempos do mais remoto paganismo. — Não queres crer, que vencer-se o homem a si proprio, sopear os impetos da carne, supportar resignadamente as adversidades, perdoar as injurias, liar-se com a paciencia, é a mais alta de todas as victorias! — Parece-te mentira, que os vãos contentamentos e falsas alegrias dos que servem ao mundo, são signaes de sua perdição, e que quanto as coisas lhes mais succedem á medida de seus desejos e appetites, tanto mais é para haver d'elles piedade?—Ah! viras as costas á caridade e á pobreza, aborreces o trabalho que é o melhor incentivo para as boas obras, não gostas de passatempos honestos, tens por impossivel a castidade; e não sabes que viver d'esse modo, é andar sobre continuos precipicios? — Dize-me, que utilidade resulta a ti ou a teu proximo, dos desregramentos que practicas?

Ponderae e pensae, peccadores; que esses leitos macios, essas mesas opiparas, esses effluvios de voluptosidade, e

quantas fermentidas delicias gozaes por cá, tudo vos hade um dia sahir sobremaneira amargo e aspero. — Um dia virá, em que andareis em fogo muito mais penetrante, do que esse com que a luxuria vos queima agora as carnes. — E ah ! irmãos, que essas voracissimas fogueiras hãode lavar e atear-se cada vez mais dolorosas, sem que jamais se apaguem por toda a eternidade ! — Tão obcecados viveis, e tão contumazes na culpa, que ainda continuaes... Nós não pensamos no que hade vir, porque póde muito bem acontecer que a eternidade, em que tanto nos fallam, não passe de um sonho forjado por cabeças allucinadas e timoratas, que creram vêr em extasis tormentos e dores eternas, que repugnam á summa misericordia e infinita bondade de Deus. — O futuro não nos importa ; o que queremos é ir saboreando gostosas viandas, vinhos aromaticos, deleitações sensuaes, mundanos passatempos. Depois succeda o que succeder, com tanto que até á hora da morte vivamos recheados de prazeres, visto que não nascemos senão para gozar quanto agrada aos sentidos e ao coração.

Proseguem ainda os impios em seus infernaes sophismas... De penitencias, de tribulações, de contrariedades, de humildades, de rezas, e de outras obras de caridade não queremos que ninguem nos falle, porque tudo isso é asperimo, é durissimo, é difficillimo, e até impraticavel. — Digam-n'os antes, que é coisa gratissima vingar injurias e affrontas ; que os pobres devem servir aos ricos, senão por bem, por força, porque é a força o sagrado direito que assiste aos que tem poderio sobre os desvalidos e fracos. — Gostamos de ser altivos, porque não é airoso nem decente

tratar com brandura aos que nasceram baixos e plebeus : o direito e obrigação d'estes é obdecer com mansidão a seus superiores. — Com nossa hierarchia não póde cazar-se nem a humildade nem a paciencia, que só assentam bem nos que não sabem avaliar o que ha de elevado e nobre no mundo. — Que vos parece, esta iniqua linguagem dos mundanos opulentos? O mais certo é que teem de pagar tamanhos escandalos n'um logar, que desde o peccado de Adão os espera a todos, que é o inferno. Serão todos alli eternamente apupados, flagellados, desapiedadamente feridos e cortados pelos demonios, entre rios de fogo e vivissimas dores; já que apesar de quantas admoestações e conselhos ouviram em vida, se obstinaram na impiedade e na cegueira.

Attentae, meus irmãos; não queiraes persistir na perdição da alma. Escutae, e convencei-vos de que infallivelmente hade á presente vida succeder outra, que Deus creou em logar permanente, onde se administrará sem recurso sua irrefragavel justiça. — Em quanto o Senhor nos empresta alguns momentos de vida, roguemos-lhe de todas as veras do coração, que nos abra os olhos á luz da fé e da verdade, tão cegos e cerrados pelas traiçoeiras doçuras do peccado.—Vêde peccadores, que o Senhor que tanto padeceu por os salvar, está suspirando por vossa conversão. Fazei-lhe a vontade, encetae o caminho do resgate, e ficae seguros de que elle vos guiará a porto de salvação, libertando-vos d'estes mares em que o demonio vos quer afundar. — Desenganemo-nos, que o dominio das riquezas não consiste em as possuir; consiste sim em as pisar aos pés. — Acreditemos, que depois de nossa morte talvez se não lembrem



de nos resar um Padre-Nosso ou uma Ave-Maria: que nos é indispensavel durante a terrena vida rogar a Deus e á Santissima Virgem, pedindo com a mais sincera devoção e viva instancia o perdão das culpas commettidas. — Será a via segura, que nos sirva de egide contra as garras do nosso implacavel inimigo. — Escutae mais, ó homens poderosos e favorecidos da fortuna; sabeis que ninguem por cá faz falta. Rei, imperador, pontifice, principes, sabios, conquistadores, pais de familias, seja quem fôr, todos em breve espaço são esquecidos: continuam os vivos a viver, sem que nem sintam nem estranhem a falta dos que morreram. — Logo para que será tamanho afan de accumular riquezas, deixar fama, cançar o corpo e o espirito, se o tempo logo apaga com o nome dos mortos os vestigios de seus feitos? — De quanto cá possuem, que levam os homens comsigo para a sepultura? Tão sómente, uns as culpas que vão pagar no inferno, outros as virtudes, de que serão remunerados na bemaventurança; e nada mais.

---

CAPITULO VI

Mentem os peccadores, querendo desculpar-se.— Resposta a seus sophismas.— Os homens abusam dos sentidos; os brutos não.— Cumpre empregar os sentidos, tanto exteriores como internos, na conservação do corpo e na salvação da alma

Christãos, o que licitamente possuirdes, não o dispendaes em estereis grandezas, nem em appetites, nem em vicios. Se formastes o intento de accumular ouro e prata, desenganae-vos d'esse erro, mudae de tenção, porque nada podereis levar para o sepulchro. — Dae aos pobres do que tiverdes, não falteis a vós com o necessario á sub-



stancia e decoro, porque é este o preceito do Senhor Deus. — Não olheis com inveja para as mercês, que Deus faz a outrem, nem appetiteaes o que é dos outros, porque os proximos do muito que tendes, carecem e nem por isso vivem inquietos e desconsolados. — Reparae; o Senhor dá beneficios temporaes a seus inimigos, e os favorece mais, para de todo se justificar na condemnação de suas almas. — E excita os bons com trabalhos em castigo de seus erros, para que tenham maior premio no céu. — Acreditae, que os maus nenhum mal podem fazer aos bons, senão permitindo-o Deus, e que o Senhor o não permite jámais senão para algum bem dos bons e para manifestar ao mundo sua gloria. — Mas nem por isso nos véda o Senhor, quando nos açoita e afflige, que nos doamos e queixemos, e lhe peçamos misericordia, para que não use conosco de rigorosa justiça. — Convençamo-nos, que Deus reparte por todos conforme os merecimentos de cada um, e não consente que duvidemos de sua omnisciente providencia. — Acolhei-vos, peccadores, com firme esperanza, á clemencia de Jesu Christo, que é sempre misericordioso com os penitentes. Deus quer perdoar a todos; e para obter o seu perdão, basta a nossa contrição e o proposito de não mais peccar. — Crê, minha alma, que não ha melhor coisa para a salvação, que negar-se um peccador a si, abater o corpo, trazer arrecadado o pensamento, resistir a todo o mau appetite, morrer á carne, guiar-se pelo norte do espirito, e desterrar-se de si a si, para que Christo viva n'elle.

Oh! digna por certo de memoria é a sentença do nosso Fr. H. Pinto... que não ha maior perseguição no mundo,

que a que faz a carne á alma. Aquelles mimos e afagos com que a carne anima e grangea a alma para que consinta no peccado, aquellas enganosas deleitações que lhe representa, aquellas têas que lhe anda urdindo de falsas esperanças, aquelles fios de vãos pensamentos, tão longos e tão asinha cortados e dados ante tempo aos agudos fios da morte, aquellas promessas tão brandas e tão falsas das prosperidades do mundo, que é tudo isto senão terriveis perseguições e crudelissimas tentações? — Creçamos pois, christãos, que com o auxilio da divina graça, e escudados na penitencia e no firme intento de affrontar, cheios de esperança e caridade, as perseguições do mundo, gosaremos na vida uma paz que os mundanos nem imaginar podem.

Muito nos convem ter de memoria as temerosas palavras de um insigne theologo, para que nos não surprehenda a tentação. São estas... A espada justiçaeira de Deus a está sempre aguçando para depois dar mais fundos golpes o jurador e praguejador, que todos os dias está pagando ao diabo renda certa d'estes peccados, o murmurador que com uma palavra jarrêta muitas honras sem fazer caso da restituição a que em consciencia era obrigado, um mofador que se escarnece da virtude, e se enfurece porque os outros não andam em comboio com elle no golfo de seus vicios, a louca que traz as mãos agasalhadas em arminhos e vive enredada em ouro, o vaidoso que cobre os tectos e paredes de espelhos e pinturas torpes, e não olha nunca para um Crucifixo, o vingativo que ao idolo de sua pretendida honra sacrifica as vidas do proximo, o amancebado que annos e annos se revolve na lama como animal immundo, e se o querem tirar d'alli grunhe e morde!

— Ah! E não meditas, peccador, que o mór mal que tem o mal, é não cair o homem em um que não seja principio de outros ainda peiores males, e que no perigoso edificio de nossa vida nunca vem uma tribulação sem trazer outras atrás de si?

Ah! pobres peccadores, adivinho eu que não estaes contentes com tantas exhortações, pelas quaes muito desejo chamar-vos ao caminho da salvação. — Até me parece, que vos estou ouvindo disputar comigo este assumpto tão importante para a alma. — Pois bem; se assim é, apresentae mais argumentos, porque de bom grado vos responderá o Senhor por bocca do seu humilde e indigno servo. — Mas ficae desde já certos, que não desisto de prégar a fé christã, sendo como é o meu empenho, chamar as almas á conversão e ao arrependimento. — Se é delicto seguir o impulso das paixões, dizem os incredulos, porque motivo se geram no corpo os appetites? — A ser peccado o abraçar aquillo que na vida recrea, para que nos deu o Senhor a liberdade de acção, sem que lh'a pedissemos; liberdade que existe em todas as creaturas? — Se é crime raciocinar cada um conforme ao que sua intelligencia lhe dicta, porque foi dada ao homem a alma, pela qual tem incontestavel supremacia e poderio sobre todos os irracionaes?

Peço que pareis aqui um momento: para mim a salvação de uma alma vale mais do que quantas argumentações os maiores sabios possam forjar. — Creio, que em face de Deus caem por terra quantos sophismas possa urdir a astucia do demonio. — Responderei pois, e sem errar, que os sentidos os outorgou Deus para por elles satisfazer as neces-

sidades physicas: que não ha lei divina nem humana, que se opponha ao livre exercicio das cinco sentinellas, tão maravilhosamente dispostas para nossa conservação. Que os outros animaes igualmente organizados, não usam dos sentidos senão com muita cautela, de sorte que nunca de sua acção lhes resulta mal.— E quantas e quantas vezes não somos nós ao contrario victimas do mau uso, que dos sentidos fazemos? — Digo mais; que muitos dos irracionaes nos levam superior vantagem nos apparatus da visão, do ouvido, do olfacto, e até do gosto, dando n'isto o Creador mais um testemunho da infinita providencia, com que creou os seres.— E é a estes entes, que nós creaturas racionaes com tanta soberba e desprezo chamamos brutos, vendo-os aliás tão prudentes e cautos no exercicio dos sentidos, quando nós tão loucamente dos mesmos sentidos abusamos em detrimento da existencia?

Se não; dize-me, glotão, quaes são os dias em que te limitas a tomar alimentos de facil digestão, que bastem para nutrimento do corpo? — Responde, libidinoso; quando deixas tu de empregar exclusivamente nos deleites da carne esses olhos, que Deus te dera para te ajudares no trabalho, discernir o util do nocivo, e ler no céu, no mar e sobre a terra as maravilhas da criação? — Confessa, effeminado; quantas vezes te serviste do ouvido para escutar os canticos festivos, os discursos do orador sagrado, os avisos do confessor, as admoestações de teus paes? — Quando te serviste do olfato para receber os perfumes d'incenso e myrrha na casa do Senhor? — E tu, creatura amollecida nos ocios, quando foi que applicaste o sentido do tacto para de

mãos erguidas aos céos cantar os louvores do Todo Poderoso e lhe supplicar o seu divino amparo?—Quando te serviste delle para corrigir os erros que te fizessem commetter os outros sentidos, sendo a mão do homem um dos apparelhos mais delicados do corpo, e muitissimo superior em perfeição á de todos os outros animaes?— Ah! infeliz, que por tua cegueira, tanto abusas dos sentidos que o Senhor te concedeu! Inquire francamente a consciencia, e verás que aos viciosos como tu, vem mais cedo a morte, porque não quizeram conter-se no bom uso dos sentidos. — E quantas vezes a morte prematura do corpo não traz comsigo a eterna morte da alma!

E ainda vos queixaes, impios, contra Deus! Lastimaes-vos de vos ter concedido uma existencia brevissima, de quasi nenhuma duração, e mui sujeita e exposta a milhares de enfermidades; e atreveis-vos a dizer, que para tão curta e calamitosa vida melhor vos fôra não ter nascido! — Sabei, que para logar de exilio é a vida humana assás longa! Se a pretendeis mais dilatada para augmentar o numero de vossas insaciaveis deleitações, nem assim tendes razão, porque sois quem a encurtaes á força de excessos, chegando muitas vezes ao ponto de vos suicardes a vós proprios. — Digo mais, que o Senhor não organisou o homem com os sentidos externos e com os interiores de que tambem se compõe, senão para o coadjuvarem na sua conservação physica, e na salvação da sua alma. Se os não dirigirdes conforme a boa razão, cedo perdereis a vida, e com ella perdereis tambem a alma. — Perdereis a alma, porque applicando os olhos, os ouvidos, o olfato, o gosto e o tacto a

objectos lascivos, á gula, á calúnia, e a mil torpezas que entram e saem por estes sentidos, ides lentamente assassinando a vossa alma. — Morrereis depressa; porque arruinando as visceras que são outros sentidos, postos no interior do corpo para guardas vigilantes da saude, imminente tereis a morte. — Cousa é digna de grande reparo, que os brutos estejam sempre á lerta sobre tudo quanto seja nocivo á vida, e se acautelem para não recair nos erros em que seu limitado instincto os deixára uma vez precipitar-se, e que os homens com uma intelligencia muito mais desenvolvida sintam os primeiros effeitos da intemperança e da incontinen-  
cia, e em vez de parar no mau caminho, se despenhem em excessos ainda maiores, d'onde lhes resulta o final termo!

---

## SEGUNDA MEDITAÇÃO

O homem, dotado de intelligencia, deve regular-se melhor do que os irracionaes. — Deus prohibe a deshonestidade. — Ha meios seguros de guardar castidade. — O homem não nasce mau: são os maos que o corrompem. — Nascemos livres; se o não formos, não tihamos responsabilidade. — O que mais falta aos homens é juizo. — Pessima sorte é a dos atheos. — A estrada do céo é menos aspera que a do inferno. — Da razão porque muitos não reconhecem a religião de Jesu Christo. — Meio seguro de levar o catholicismo aos povos que desejam abraçal-o. — Da obrigação que tem os christãos de propagar a doutrina do Evangelho

---

### CAPITULO I

O argumento tirado dos irracionaes não vale ao libidinoso para se desculpar. — O que não quer sujeitar-se ao sacramento do matrimonio, não commetta impurezas. — Meios seguros de observar a virtude da castidade. — A lucta é ao principio ardua, mas ao depois seguida de triumpho.

Attentemos, christãos, e examinemos a arma, que empregam os peccadores sensuaes, querendo inculcar-se por in-

nocentes. É arma que julgam poderosissima, porque parece basear-se na organização do homem. Ajudam-se tambem do exemplo dos irracionaes. — Desde já advirto, mesmo antes de ouvir seus argumentos, que dos brutos não se pôde concluir para o homem, por carecerem d'aquelle espirito regulador, a alma, pela qual a elles sobremaneira nos avantajamos. — Verdade é que o Creador a todos os viventes assignou dois principaes fins, a conservação do individuo e a propagação da especie. Mas ao homem, que tem de purificar-se na terra para depois viver no céu, ao homem que elle dotou não de um instincto impeccavel, senão de uma alma immortal e livre, impoz o Senhor uma lei que serve de regular a successão de sua especie. — Querer collocar-se para fóra do limite prescripto n'aquelle preceito, e fruir contra o expresso na lei divina, os deleites carnaes da sensualidade, é attentado imperdoavel aos olhos do Senhor. — Os que tal crime commettem, são, na phrase do Evangelho, impudicos, lascivos e réos de peccado mortal.

Quem não quizer submeter-se ao sacramento conjugal, contenha-se e abstenha-se, crucificando os appetites da carne, para não incorrer na eterna condemnação. — Não podendo guardar castidade, case-se segundo manda a egreja, observando sempre o preceito de S. Paulo, que manda aos maridos amar as suas mulheres como a seu proprio corpo, porque o que ama sua mulher, ama-se a si mesmo. — Ás mulheres ordena ao mesmo tempo o apostolo, que respeitem e estimem a seus maridos, para que sejam d'este modo dois em a mesma carne. — Muito digno é de reparo, que escrevendo aos fieis de Corinto, elle lhes dirija estas notaveis

phrases... Estás solteiro? Não te cases, porque o casado tem a cuidar das coisas do mundo e a trabalhar para se tornar agradável á sua mulher, tendo assim dividida a attenção do espirito; em quanto o solteiro cuida sómente das coisas do Senhor e do modo de agradar a Deus. — Já se vê pois, que os celibatarios para grangear em n'este estado a bemaventurança, teem de viver vida de continencia; aliás casem-se, pois mais vale trazer repartida a attenção com Deus e com sua esposa, que viver com o demonio.

Não venha agora objectar o lascivo, arguindo que não pôde ligar-se pelos laços do matrimonio, carecendo de meios com que manter os encargos de casado, ou que lhe repugna submeter-se a um jugo, que sobre arriscado para a honra lhe parece pesadissimo e sobremaneira duradouro. — Nem argumente, que o estímulo da carne é em si irresistivel, por nascer da propria organização, dando d'isto testemunho os brutos, que nunca deixam de satisfazer semelhante necessidade. — Taes gritos e queixumes soltos da bocca do lascivo para attenuar a fealdade do vicio, não são senão dardos forjados pela carne, que o diabo arremessa do centro do corpo ás raizes da alma, para enterrar o luxurioso em corpo e alma no inferno. — A prova de que o homem pôde domar o vivo espinho da sensualidade, offerecem-n'a algumas creaturas que, ou por serem de temperamento flaccido e brando, ou pelo grande susto de incorrer no castigo das penas eternas, se mantêm na castidade, resistindo ás cruéis lentações que o demonio lhes suggere para os avassallar e corromper. — Confesso todavia, que não são muitos os que sabem vencer este peccado,

tão attrahente como rebelde e contumaz. E por que serão poucos os que observam á risca a continencia?— Por que é a luxuria um d'aquelles vicios que, sendo acolhido uma vez, tende a perpetuar-se dentro do peccador, acompanhando-se de taes blandicias que a não haver o proposito firmissimo de o desalojar para longe, nunca mais se desarraiga. — Não haverá antidoto seguro contra uma peçonha, que tanto envenena a mór parte do genero humano? Sim, ha. — Peço aos idolatras da lascivia, que desde a puberdade folgaram, e ainda gostam de adorar a carne, e lhes rogo me leiam com imparcialidade, porque em Deus espero que ensaindo o remedio que lhes proponho, hãode sair triumphantes de tão grave e feio peccado.

Determina Deus no sexto mandamento do Decalogo, que sejamos todos castos, isto é, que não só não adulteremos a mulher do proximo, senão que nos abstenhamos de todo e qualquer gesto ou acto de impureza, seja com quem fôr. Tão absoluto é o mandamento. — Mas não prohibiu, que nos reproduzissemos licita e honestamente segundo os preceitos da Igreja, isto é, ligados previamente pelos laços do matrimonio. — Já se vê, que a condição essencial para o exercicio do acto da procreação está em ser primeiramente sanctificado com a auctoridade e bençãos do sacerdote em nome de Deus. — Nem se permite aos christãos, segundo a lei divina, unir-se sem este sacramento, o qual liga para sempre o homem a uma companheira, que o deve ser de suas venturas e tambem de seus infortunios.

Tanto desagrada ao Senhor a infracção do laço conjugal,

quer por parte do marido, quer por parte de sua esposa, que havendo elle proprio sancionado e sanctificado a união de Adão e Eva, instituiu ao depois o sacramento do matrimonio, reprovando sempre da maneira a mais explicita e clara o adulterio.—Sua divina Magestade, tão sollicita pela felicidade dos homens, querendo alliviar o pezo e os encargos d'esta união, fundou um sacramento que por virtude e força de sua divina graça se faz respeitado diante de todo o mundo. — Elle mesmo se dignou honrar com sua presença a solemnidade d'umas vôdas, segundo narra o Evangelho, tendo principalmente em vista que os filhos fossem creados na verdadeira religião, para por ella se salvarem.—S. Paulo escrevendo aos de Corintho, confirma isto mesmo, quando a este Sacramento chamou grande Sacramento; grande, por que por elle devem os maridos amar a suas mulheres como a seus proprios corpos, de sorte que vivam juntos em santa paz.

Attentem pois os que não podem ou não querem sujeitar-se ao hymeneo, que teem forçosamente ou de guardar castidade, ou de arder no inferno. Gritem quanto quizerem contra a dureza d'esta conjunctura, porque não lhes valerão os gritos. Vociferar bradando, que não é possivel extinguir o fogo da carne, é o mesmo que clamar contra Deus, e querer deshorrar o seu santo nome. — Se pretendem apagar esse fogo, usem d'aquelles preventivos, que a experiencia de muitos seculos tem justificado. — Resolvendo-se a empregar-os, tenham a certeza que serão bem succedidos em seu intento.

CAPITULO II

Deus sancionou o sacramento do matrimonio; mas não o prescreveu como preceito imperativo. — Para ser soldado valente na milicia de Jesu Christo é meio mais seguro e meritorio o celibato honesto, do que o matrimonio. — O Senhor prohibe expressamente tudo quanto não é sanctificado pela igreja. — Talvez fôra melhor para as gerações futuras e até para os irracionaes, que se extinguisse brevemente a raça humana.

No paraizo terreal permittiu o Senhor a Eva e a Adão que se procreassem, como tronco primitivo do genero humano: para isto abençoou-os, e n'elles a toda a sua descendencia. — Eis o primeiro testemunho e prova de que sanctificára com sua divina graça o acto, que para sempre devia unir o homem á mulher. — Desde então até os tempos de Jesu Christo nunca o Senhor desapprovou a união conjugal; antes ao contrario a mandou respeitar, impondo leis severas contra os adúlteros e os deshonestos. — Quando peregrinou sobre a terra por nos melhorar e remir, não cessava de avisar os judeus, que os puniria ásperamente pelos actos de concupiscencia, em que tanto peccavam. — E ninguem póde contestar, que na lei do Redemptor é reputado peccado grave qualquer palavra, gesto, obra ou pensamento em que seja offendida a pureza da castidade. — Lê-se nos sagrados evangelhos, e nos livros do velho testamento, nos escriptos dos apóstolos e dos doutores da igreja, que nosso Senhor ao passo que condemnava todos e quaesquer pensamentos, palavras e obras deshonestas, não desaprovava o celibato. Deixando livre o arbitrio ao homem, sómente exigia que n'esse caso se observasse a mais absoluta castidade. — Uma das provas d'esta liberdade de escolha vê-se claramente em S. Paulo, que como todos

devem crêr, nada escreveu que não fosse dictado pelo Espirito Santo.

Disse o apóstolo... Estás solteiro? Não te cases; porque o casado tem a cuidar não só das coisas do mundo, senão também de estudar o modo de agradar á sua mulher; em quanto o solteiro tem todo o seu tempo disponível para, sem faltar ás suas obrigações, se empregar no serviço de Deus e lhe agradar. — O que quiz dizer S. Paulo n'este conselho? Dava bem a entender e declarava, que o matrimonio affrouxa e perturba o culto da Divindade, porque distrahe e separa os conjuges do affecto a Deus, para o concentrar nos complicados deveres conjugaes. — Na verdade, quem ousará negar, que o homem desde que effectuou o acto mais decisivo e importante da sua vida, que é o matrimonio, até soltar o ultimo suspiro consome a maior parte de suas fadigas, cuidados e disvelos pelo bem estar da sua consorte e de seus filhos?—Oh! é por isso, arguem os mundanos, é para fugir aos incommodos, dissabores e amarguras do matrimonio que estimamos abraçar o conselho do apóstolo, preferindo o estado do celibato. — Mas, observam elles, o preceito que n'aquelle conselho se encerra, não. Escutemo-los... Nós como animaes que somos ainda que racionais, temos de satisfazer fóra do laço da igreja as necessidades corporaes, que nos são communs com os outros entes. — O Creador não exige coisas que sejam contrarias á nossa indole e natureza; logo concede a todos ampla faculdade de satisfazer todas as necessidades, que sua organização imperiosamente reclama. — Pobre e falsissima argumentação do libidinoso! Vê, minha alma, que desgra-

çado uso faz o homem da intelligencia, que Deus lhe déra para bem se governar! — Vem cá, lascivo; vives inteiramente illudido. Não desculpes sob pretexto de necessidade natural aquillo, que é em ti um habito vicioso. — Attende: entre o matrimonio, que é sacramento da egreja, e o methodo de vida que tens de deshonestidade e torpezas, ha um outro estado, que lhes é intermedio, santo e gratisimo a Deus, que é o estado de continencia e castidade.

É d'esta continencia que fallava S. Paulo como do estado mais venturoso e natural, que o homem podia abraçar; porque depois da virtude da caridade, é a virtude da continencia a que o Senhor mais aprecia. — Assim o declarou o Salvador perante quantos tiveram a felicidade de lhe ouvir suas divinas vozes. — Mais: envergonhe-se o homem deshonesto, mirando-se no vivo espelho que lhe offerece para exemplo a vida dos irracionaes: apezar de destituidos de razão, são muito mais continentes do que elle. — Buscam por instincto de que alimentar-se, e fecundam-se naturalmente; porém em nenhum d'estes actos commettem os excessos, que o homem chamando-se racional, costuma praticar com visivel ruina do corpo e total perdição da alma.

E na verdade precisa absolutamente o homem de se procrear? Ser-lhe-ha tão precisa a funcção sexual, como lhe é indispensavel o alimentar-se? Oh! Certamente não; porque mostra a observação, que muitos e muitos houve que rebatendo as tentações libidinosas, fugindo a todas as occasiões perigosas, entregando-se ao estudo ou á oração,

dedicando a Deus todo o tempo que dispensavam de seus misteres, viveram dilatados annos e acabaram na pureza e castidade em que tinham nascido. — Mas que será do mundo, exclamam os lascivos, se evitando os laços do matrimonio, observarmos á risca o preceito da castidade? — Ah! grandissima perda fôra acabar-se a raça humana! Realmente seria uma immensa calamidade! — Sim; é verdade que se todos se recusassem, que não se recusam, a seguir e abraçar o sacramento do matrimonio, alguns milhares de almas justas deixariam de nascer para servir a Deus com amor, e valer com caridade a seus semelhantes.

Mas a troco d'essas almas virtuosas, quantos e quantos milhões de ruins peccadores deixariam de nas gerações futuras desgraçar e opprimir a seus proximos, e de offender ao Creador? — Era pois bem melhor que cedo se extinguisse, a não querer já entrar no caminho da emenda, esta raça peccadora, que desde Adão até hoje tanto se tem infelicitado a si proprio, e tanto ha insultado a Deus. — Oh! Que grande folga não teriam, n'esse caso, os pobres animaes, que com tanta crueldade são levados a durissimo captiveiro, para servirem de espectaculo nos jardins zoológicos; que se fazem engordar para os festins e mesas opiparas; que se obrigam a puchar por caleches, por carretas de artilheria, por quantos carros e machinas se tem inventado, para as mil loucuras do homem, loucuras de que elles são sempre as innocentes victimas? — E ousam ainda estranhar a braveza do leão e a ferocidade do tigre! — Vergonha! Atroz injustiça! Pois o leão que é o mais possante dos animaes, é todavia generoso e leal, e não ataca a preza

senão quando ou o irritam, ou a fome o flagella; e o homem que é comparativamente um dos menos corajosos d'entre os animaes, arranca sem ter fome a vida aos outros, e é desleal para com seus semelhantes e para com Deus? — O elephante apesar de sua corpulencia e grandes forças aborrece a carne e o sangue, e não combate senão para escapar á perseguição do homem. — O tigre, não o vemos nós afagar a quem na jaula o retém e acaricia, em quanto o homem jámais beija a mão a quem lhe faz beneficios? — E qual não fôra a fereza dos homens, se o Creador lhes houvesse dado as unhas do tigre, os musculos do elephante, os dentes do leão? — Quanto não lucraram pois os animaes, se podessem um dia ver-se livres d'esta barbara tyrannia do homem!

Até as plantas se alegraram, pela extincção do homem! Porque nem viver as deixa, nem crescer. Vae prucural-as ás mais escarpadas rochas, a lugares quasi inacessos e arriscados, de sorte que não ha escondrijo natural onde possam escapar-lhe. — Ora as mutila para ornato de seus parques e jardins, ou as desarraiga e decepa para construir palacios, navios, e mil outras coisas d'artes e industrias, ora as mata ao fogo, ora com ellas se alimenta, ou de seu prestimo se vale nas enfermidades. — Dir-me-hão talvez, que sendo seres destituídos de sensibilidade, não lhes importa que as destronquem, ou mutilem, ou transplatem a climas estranhos, visto que não podem receber a impressão d'esses maus tratos. — Porém quem nos pode certificar que ellas não sintam, ainda que obscuramente, quanto lhes faz o homem em bem, ou em mal? — Demais, quando insensíveis fossem, deu-lhes ou não o Creador bom direito á

sua conservação? — Vivêram ou não, vida tranquella e livre, se de sobre a terra desaparecesse o homem, que as incommoda e maltrata de mil maneiras? — Reconheço, que d'ellas carecemos para nosso alimento, e para remedio em muitas doenças, e para outros serviços de primeira necessidade; porém não posso desconhecer, que se não existiramos, muitissimo melhor lhes fôra a ellas, porque somos entre todos os animaes os seus maiores inimigos.

Vae ainda mais longe o homem. — As montanhas, os valles, toda a terra, sem exceptuar o fundo dos rios e dos mares, coisa nenhuma escapa á sua mão inquieta, á sua cubiça insaciavel. — Ora abate e desfaz os montes para fabricar muralhas, caes, diques, palacios e torres, ora com formidaveis rochedos eleva os valles para sobre elles assentar enormes castellos e aqueductos, alli revolve o ventre d'asperrimas serranias, descendo ao abysmo de profundissimas escavações, a tirar substancias e materiaes com que alimentar as mil artes, e ficticias necessidades que está sempre inventando, sem jámais se aquietar. — E não quererão dizer-me, para que vivem em tão incessantes guerras contra os animaes, contra as plantas, contra a terra, que sendo regularmente cultivada bastaria para os nutrir a todos? — Para que? Parece-me que n'esses poucos dias de exilio, que por ordem de Deus por cá vive entre provações e trabalhos antes de passar á vida eterna, lhe bastava vestir-se de lã e algodão toscamente preparado, nutrir-se de queijos, leite, mel e fructos, abrigar-se do calor e das chuvas em troncos mortos d'arvores, sem causar a morte dos animaes e das plantas. — Não podia elle prescindir do ouro e da prata, dos diamantes e

outras gemmas, das perolas, deixando estar os mares, as rochas, os montes e os valles no estado em que Deus os creou?

É pois fóra de toda a duvida, que se os homens pervessem brevemente, o dia de sua total extincção seria o dia de maior contentamento para as hervas, para os brutos, e para as mesmas pedras. — Onde está o preceito de Deus, que manda que nos reproduzamos? — Quando abençoou o genero humano dizendo a Adão e Eva... *Crescei e multiplicae-vos*, foi para que os seus descendentes louvassem e venerassem ao seu Creator; foi para que vivessem vida de paz e de amor com os seus semelhantes; foi para que depois da presente vida, que devia ser vida de justos, seguissem depois ao Senhor na bemaventurança. — Tem o homem cumprido a vontade de Deus? Não; por certo, não. Logo para que hade a geração presente afadigar-se por se perpetuar nas gerações vindouras, se nenhuma certeza póde haver de que venham a ser melhores, isto é, mais ajuizadas, mais amigas de Deus do que esta? — Creio que o fim unico porque tanto cuidam em reproduzir-se, é o da satisfação dos appetites carnaes, a par da desmedida ambição de por morte deixarem fama e renome de sciencia, de riquezas, de heroicidades que o tempo depressa extingue. — A todo o custo quer o soberbo e vaidoso, que os fumos de sua rematada loucura continuem, apagada a luz da existencia, a toldar os ares dos que por cá ficam. — Não temem os infindos incommodos do matrimonio, com tanto que possam deixar um filho que represente os seus brazões, a sua famosa sciencia, a memoria de seus feitos na milicia,

na magistratura, e nos outros officios da humana industria. — A tudo se sujeitam contentes; nem ha sacrificios que não façam, uma vez que se não extingua no sepulchro o nome, que tanto lhes custara a adquirir e a manter. — Eis a genuina razão, porque cada um na classe hierarchica que por sorte lhe coube, não cura senão de obter descendentes, que além da campa lhe honrem a memoria. Não veem que está sempre á vista o espelho da morte, e que esta um pouco mais tarde, e ás vezes bem cedo, lhes baterá á porta.

Porém, sairá sempre certo ao homem este calculo, para o qual com tanto afan prepara e ajusta as cifras? — Olhem para os filhos do opulento: por mais brando e affavel que o pae com elles seja, não estão satisfeitos, porque esperam gosar muito mais livremente, quando elle expirar: apenas morre, dissipam-lhe promptamente os bens, deshonoram-lhe o nome, e ficam desgraçados. — Olhem para os filhos do sabio; saíram nescios ou idiotas: e não ha que estranhar, porque a sciencia não se herda como o ouro. — Olhem para o primogenito do nobre, do ministro, do rei; mal o pae fallece, apparece por toda a parte alardeando as grandezas, e nobrezas do pae, mas denegrindo por sua inepecia ou por seus vicios os arminhos, a farda, a purpura de quem lhe déra o ser. — Quem ousará negar taes factos, que todos os dias no mundo presenceamos? — Valerá pois ao homem a pena de se submeter sob o jugo pesado do hymeneo, para deixar por sua morte a quem d'este modo, como geralmente acontece, o representante?

Todavia o matrimonio não só o não prohibiu Deus; não

sómente se lhe não oppôz Jesu Christo, como se lê nas sagradas lettras, senão até o instituiu na Igreja como sacramento. — Unam-se pois sacramentalmente os que se não sentirem assás fortes e valentes para seguir o preceito da castidade; mas recordem-se do aviso de S. Paulo, pelo qual lhes cumpre tornar-se agradaveis a suas consortes, e mansamente com ellas participar das doçuras e amarguras da vida. — Se não se revestirem de condescendencia e paciencia, então má sorte os espera, porque logo ao sair da igreja onde se celebrou o sacramento de perpetua união, julga-se com justo direito á absoluta estima e benevolencia de seu marido. — Os que ao depois se negam a esta justissima condescendencia, teem de viver n'uma especie de inferno, que não é o inferno ardente dos condemnados, sem deixar comtudo de ser martyrio lento e quasi insupportavel. — Ainda o peor não é o martyrio: o peor é que todo o tempo que consumiram em agradar e fazer a vontade ás suas companheiras, era o tempo que devêram ter empregado em agradar antes e louvar a Deus, a quem hãode prestar contas de quanto tempo sobre a terra gastaram mal gasto.

E as angustias pungentissimas, porque hade passar o triste esposo n'essas temerosas agonias da morte ao deixar saudoso a mulher e os filhos, quantas vezes ameaçados da penuria, porque era elle que os amparava com o seu trabalho? — E a responsabilidade porque vae responder no tribunal de Jesu Christo pelas faltas, que em vida lhes deixou commetter, faltas e erros que por sua auctoridade paterna devêra prevenir? — Casem-se embora, quando reconheçam não poder resistir aos impetos da carne, e ás tentações da

vaidade; mas nunca se esqueçam de que muito mais precisam de fazer a vontade a Deus, do que ás suas companheiras. — Mal por mal; antes se exponham ao duro encargo do matrimonio, que ás eternas penas que comsigo traz a torpe deshonestidade. — Mas, a admoestação que aos celibatarios dirige S. Paulo, em que os avisa de que melhor será não se casarem, guardando comtudo absoluta pureza de costumes, merece ficar registrada perpetuamente no coração, e para sempre conservada na memoria. Porque os que, escudando-se com a egide da divina graça puderem abraçar e seguir o conselho do grande apostolo, com muita mais certeza e segurança alcançaram o céo, que é premio infalível de quem é continente.

---

### CAPITULO III

O habito faz tudo, tanto em bem como em mal — Ninguem nasce com má indole.—A educação descuidada, e as injustiças pervertem os homeus e os tornam aptos para o crime. — Não blasphemes a Deus; queixa-te sómente de ti

Attendei, peccadores; a nossa organisação tem uma singular propriedade, que na vida merece o maior reparo. Tal é a contextura dos orgãos, ainda que mal conhecida, e tal tambem a indole da alma, que se nos torna facil o habituar-nos aos actos phisicos, intellectuaes e moraes, bons, ou maus, nocivos ou uteis, sem que para contrahir esse habito sofframos grande difficuldade. — É uma verdade confirmada pela quotidiana observação dos factos e pela continua experiencia dos seculos. — Por este modo,

para se entrar na senda do céu ou na estrada do inferno, basta que por pouco tempo executemos o proposito de rebater os primeiros impetus das tentações, ou de suffocar os gritos da consciencia. — Feito isto com firmeza, em breve espaço nos sentimos dispostos ou a abraçar a virtude, ou a despenhar-nos em os vicios. Porque a repetição d'estes actos, bons ou maus, constitue um habito, que logo passa a ser como uma segunda natureza. — D'ahi por diante, bons e maus marcham com egual promptidão, uns estrada do céu, outros caminho do inferno, sem que lhes doa nem a uns o agudo remorso, nem aos outros o vivo ardor da carne. — D'esta maneira, e quasi insensivelmente, se vae constituindo e arraigando o habito das santas ou das ruins acções; contrahido o qual, descobrimos em nós a maior facilidade e gosto em continuar o exercicio da virtude, ou a practica dos vicios.

E não venham agora augmentar com exemplos de homens, que não obstante sua regular educação se tornaram por tal forma perversos, que não houve meio de os conter em seus crimes: semelhante asserção é infundada, porque não ha um só homem, que nasça com indole depravada e propensa para os maleficios. — Fôra uma blasphemia contra o Altissimo Deus, porque sendo auctor de todo o bem, não pôde originar o mal para perdição das creaturas a quem deu o ser. — Tambem é falso, que no cerebro haja orgãos, como alguém conjecturou, constituidos para instigar o homem aos crimes: se assim fôra, que não é porque a anatomia o não tem até hoje demonstrado, não podiam as leis humanas, nem as divinas ser applicadas aos criminosos e peccadores, os quaes eram então autómatos e não seres li-

vres ; o que é grande absurdo. — Ha, é verdade, homens de temperamento colerico e insoffrido, mui propensos a praticar violencias com sigo e com os outros, e que a sociedade repelle. — Mas a culpa não procede d'elles, senão de quem lhes deu má educação, e tambem dos que estando encarregados de applicar as leis, ao contrario se tornam magistrados negligentes, injustos e venaes. — Não accusemos a Deus, porque fôra o mesmo que duvidar de sua infinita bondade e justiça.—Para que nos creou Deus? Para com obras de virtude ganhar a sua estima, a nossa e a do proximo, alcançando assim a bemaventurança. —Fervorosamente deseja que nos salvemos ; e assim o declarou por sua propria bocca. — Quem ousa imaginar que um ente omnipotente, como é o Creador, senhor de tudo, e de tudo absolutamente independente, dêsse a existencia a homens com antecipado intuito de os fazer verdugos de seus irmãos e ao depois os sepultar no inferno? Tamanha blasphemia, só reprobos a arder de companhia com o demonio poderiam soltar do fundo do abysmo.

Os malvados que vemos pelo mundo, ou foi a licenciosa e pessima educação que os tornou perversos, ou foi o favor e a injustiça dos, juizes que os incitou á continuação dos crimes. Alem de que a sociedade humana, como está constituida, e segundo vae marchando, fornece copioso combustivel ao fogo dos peccados e dos delictos.—São verdade estas, que talvez a muitos amarguem : tenham paciencia, porque de muita paciencia carecemos todos para nos podermos mutuamente supportar.— Quem é que em boa fé pode negar, que a chamada civilisação é quem fomenta e

cria uma infinidade de necessidades nocivas ou estereis, para satisfação das quaes temos de commetter inauditos attentados? — Não pôde em boa fê contestar-se, que a desmoralisação e perdição da mór parte dos homens provêm da falta de educação, das injustiças dos magistrados e dos governos, e do falsario progresso da civilisação.— Ah! Quem sabe conter-se nos limites da economia, da temperança, da obediencia, do temor de Deus e do respeito ao proximo, por vivissimo que seja seu temperamento, por violenta que seja a sua indole, rapida a sua imaginação e susceptivel a sua sensibilidade, apezar de tudo isto jámais se excede, e nunca se deixa despenhar nos vicios e peccados.— Logo não é de Deus que nos devemos queixar, arguindo-o de nos haver creado com tendencia para o mal: lamentemos sim o descuido de quem nos educou, a falta de probidade nos depositarios da lei, e acima d'isto a errada direcção que havemos infelizmente dado á sociedade, allucinando-a, e falsificando-lhe os meios de seu util adiantamento.

Como seja justissimo conceder a quem é réo, ampla faculdade de offerecer o arresoado de sua defesa, ouçamos agora o que costumam dizer os impios, quando os increpam de sua impiedade e cegueira... Para que nos concedeu o Senhor, exclamam elles, a liberdade de pensar, se por fim nos ameaça com tomar a todos estreita conta dos pensamentos? Parece-nos que esta liberdade de pensar fôra uma cilada, que o Creador nos armou; porque se não nascessemos livres, nunca podiamos peccar.— Não pára aqui a impiedade. Dizem mais... Se Deus queria que não usassemos livremente da intelligencia, sendo como é omnipo-

tente, na sua mão tinha meio segurissimo de impedir que abusassemos ; dêsse-nos então differente organisação, que fosse mais accommodada á observancia de sua divina lei.

Mas vinde cá, ruins embusteiros ; se pretendeis tão sómente illudir os incautos, triste é o vosso triumpho, porque arrastando-os ao peccado, não fazeis senão amontoar culpas sobre culpas, para no dia de vosso julgamento receberdes o castigo das penas eternas. — Se julgaes cantar victoria matando a alma de vossos irmãos com esses tenebrosos sofismas, desenganae-vos, porque sois vós que vos mataes primeiro a vós com a affrontosa morte do peccado. — Senão attendei... O Creador deu-nos, é verdade, orgãos com que poderemos perpetuar a descendencia, mas concedeu-nos ao mesmo tempo entendimento e vontade, para temperar o fogo das paixões e dirigir os actos da vida. — Se não sabemos ou não queremos aproveitar os dons de Deus. ao menos não sejamos com elle injustos e ingratos. — Alevantemo-nos vigorosamente contra nós mesmos, combatamos rijamente as inclinações viciosas, e tremamos do juizo do Senhor, que hade ser temeroso para o peccador. — Reconheçamos que se nos vencer a tentação, foi por se ter procurado occasião de n'ella cair. — Combatamos os desejos da carne, até a subjugar e pôr debaixo dos pés.

O contra-veneno da luxuria é a sobria alimentação, a boa direcção das faculdades do espirito, a fugida ás occasiões perigosas, a abstenção de palavras lascivas, o tracto com pessoas honestas e de virtude, a leitura de bons livros, a firme vontade de combater as torpezas, o amor pelo proprio de-

coro, e a crença firme na justiça de Deus. — O que se conhecer propenso á lascivia, use substancias vegetaes em vez de carnes, beba em vez de vinho e d'outras bebidas alcoholicas agua pura, proscreeva da meza tudo o que seja irritante, abstenha-se de especiarias, esquive-se aos convívios mundanos. — Fortaleça quotidianamente a alma com a oração, com o sacrificio da missa, com a lição dos livros santos; commungue o corpo do Redemptor ao menos uma vez cada semana, confessando-se arrependido de suas culpas; arme-se com tal força de vontade, que possa resistir aos golpes da concupiscencia, affoutando-se com a protecção do Senhor. Dir-me-ha depois se triumphou, ou não, do incendio da carne e das ciladas do demonio. — Asseguro-te, homem libidinoso, que vivendo d'este modo, hasde infallivelmente sair victorioso, por mais rijo que seja o ataque do teu inimigo. — Se nos primeiros dias de porfiada contenda tiveste de passar por dolorosos tormentos para conseguir domá-los, affianço-te que na seguinte semana te sentirás mais forte para lhe resistires. — Digo mais, que, decorrida outra semana, muito menos penoso te hade ser dominar os impetos da mesma carne; porque, quanto mais tempo decorrer de tua efficaz resistencia, mais valente ficarás, alimentado com a sobriedade.

Posso mais certificar os lascivos, que pelos jejuns e parco nutrimento, pelas penitencias e orações, pela frequencia de quanto é honesto e santo, pela prompta fuga dos precipicios, que tanto damnam a alma, hãode assoberbar este immundo vicio, que traz sempre após si a perda do credito, da honra e da salvação. — Em dois ou tres mezes successivos e já-

mais interrompidos de reforma de vida, virão a acquerir aquella doce paz, e socego de consciencia que é sem duvida o melhor bem da terra, logo depois da divina graça; ganharão paciencia nos infortunios, continencia nas prosperidades; e acima de tudo, hão de resgatar a alma do captivo, em que a trazia o demonio. — Se conseguir victoria sobre o duro inimigo da concupiscencia, acredite o penitente, diz S. Thomaz, que obteve para si um grande e notavel proveito. Accrescenta ainda o santo doutor, que o celibato é um grande bem; bem honesto por causa da pureza, bem delectavel por causa da liberdade, e bem util por motivo da paga que lhe é devida a cento por um. — Não diga o luxurioso, que não póde vencer as tentações da carne; porque certissimo é, affirma S. Paulo, que Deus por ser a propria misericordia e bondade, não consente que sejam as tentações do peccado mais poderosas que as nossas forças; com as quaes, auxiliadas pelo Espirito Santo, venceremos sempre ao demonio.

---

#### CAPITULO IV

O homem sem liberdade de pensamento e de acção não podia ter responsabilidade, nem ganhar o céu. — Argumentos em testemunho d'esta verdade. — Podem prender-nos o corpo; porém tirar a liberdade de raciocinar, ninguem senão Deus.

Respondei-me, nescios, como podereis merecer o céu, se não tiverdes a liberdade de formar bons ou ruins pensamentos, e de practicar boas ou más obras? — Pode por ventura accusar a justiça humana aos que tiverem a bocca cerrada e presos os pés e mãos, de certos crimes que não podiam perpetrar senão com os membros soltos e a pa-

lavra livre? — Quando nos é impossivel commetter delictos, por não estar nas circumstancias fisicas ou moraes sem as quaes elles se não podem perpetrar, que merecimento poderemos ter de não delinquir? — Se não for livre a cada um raciocinar conforme sabe ou quer, poderá em boa justiça ser reprehendido ou louvado pelos actos da sua vida? — Lembrem-nos o que Deus disse, que não formára o homem para as delicias temporaes, senão para lhe alcançar o céu, com tanto que não abusasse das faculdades do seu espirito.

Tendo pois o arbitrio de fazer e pensar o que nos aprouver, e sendo lodo e pó da terra, como pretendemos nós merecer a bemaventurança, não nos alevantando, por boas obras, do pó que somos; quando é certo que o céu se ganha sómente de viva força? — Demais, peccadores... Não observaes, que só depois das grandes fadigas é que se pôde saborear a doçura do descanso? Não advertis que é só depois de apagadas as dores da doença, que se pôde apreciar bem estar da saude? — Que ninguem pôde avaliar o beneficio da liberdade, senão depois de experimentar os horrores do captiveiro, ou as amarguras d'uma prisão? — Em verdade; Deus bem podia ter formado o homem incapaz de peccar; bastára para isso não lhe haver dado intelligencia e vontade. — Porque de nada fez surgir n'um instante tudo quanto está creado, infinitos outros mundos pôde n'um momento crear, sendo como é infinitamente poderoso. — Se quizesse, ter-nos-hia constiuitdo simples automatos, organisados, mas incapazes de culpa. Porque o não fez? — Meditemos, e ponderemos que a não nos ter inspirado uma

alma immortal, livre e intelligente, não servira então o homem para futuro companheiro do Senhor na bemaventurança. — Valêra tanto como o animal irracional, e talvez menos, porque aos brutos é muito inferior em alguns dos sentidos, é mais sujeito a enfermidades, é menos bem resguardado contra as intemperies do ar, mais fraco, e com menores meios de defeza. — O nome glorioso de homem só se adquire pelo uso regular da intelligencia, pelo amor de gratidão ao Creador, por sentimentos de humanidade, tolerancia e caridade com os demais homens, que todos são irmãos por Deus e por Adão.

Sendo tão apreciavel a liberdade que Deus por sua infinita bondade nos deu, quão covarde não é aquelle que de motu proprio deixa despojar-se de uma prerogativa, que depois do socego da consciencia é o mais precioso dom que ha sobre a terra? — A liberdade de pensar, essa felizmente não consentiu o Senhor que no-l'a podessem roubar os poderosos com suas tyrannias e violencias. — Contentem-se os perversos, contentem-se em nos captivar o corpo, quando não encontram na frente a coragem e a resolução, que os combata. — Mas saibamos que o direito de nos remir da escravidão fisica, esse fica sempre illeso e subsistente para em opportuna occasião sair a campo contra os oppressores. — O que no fundo da alma meditamos e cogitamos pela liberdade que Deus nos concedeu, isso só Deus e nós, é que o sabemos e conhecemos : ninguem mais. — Deus, porque a elle nada se esconde, nem mesmo o mais recondito e intimo pensamento ; é quem tudo vê, e penetra ; nem a sombra da mais rapida phantasia lhe escapa. — Nós, porque

temos consciencia de quanto fazemos, e somos absolutamente conscios de quanto cogitamos. — Ninguem mais ; porque podem empregar todos os ardis, ciladas, e traças, e até martyrisar-nos com tormentos ; mas não descobrirão o que está dentro do coração, uma vez que ajudados da divina graça tenhamos firmeza e constancia.

Os impios são os que folgaram de ser automatos animados, para commetter suas criminosas libertinagens, chamando-se livres quando isso lhês conviesse, e respondendo a quem os increpasse, com a força irresistivel das paixões e da organização !—Porém se queres, minha alma, conhecer o genuino motivo porque estes impios se lançaram de braços abertos no atheismo, vê que não é outro senão o susto, ainda que o neguem, dos castigos eternos ; é o medo que teem de Deus. É este susto que os impelle e incita a suffocar os gritos da consciencia e a exclamar com inaudita blasphemia... Não temos alma immortal ; quando morremos, tudo para nós se acaba n'esse momento ; não ha Deus ; e se o houvera, seria todo misericordia !—E crêem elles que negando por este modo a existencia de Deus e da alma, escaparão aos remorsos do peccado e á punição eterna ? Enganam-se. O aguilhão do remorso não deixa de os ferir senão durante o somno, quando não vem, mesmo em sonhos, mordê-los feramente. O triste e desesperado desengano, esse hão-de por fim sentil-o, logo que expirarem.

CAPITULO V

Perdem-se a si os atheos, persistindo em seu deploravel erro.—  
Peçam a Deus, que lhes dê juizo, que é o que mais falta no mundo.  
— Enganam-se, julgando que o caminho do céu é muito mais espinhoso que o do inferno.

Continuemos, os que temos a ventura de crer em Jesu Christo, a agradecer-lhe o dom que nos concedeo de uma alma livre e immortal; não nos deixemos illaquear do execravel erro da impiedade.— Convençamo-nos, que não é homem senão aquelle que ao livre arbitrio da intelligencia reúne a plena liberdade de suas acções.— Os outros não são homens, são escravos, com figura humana.— Querieis vós, atheos hypocritas, que o omnisciente Deus convertesse a mais nobre das creaturas n'um simples automato, n'um vil instrumento de appetites carnaes? — Não insistaes em negar a existencia d'um Deus, que nos creou a todos. Envergonhae vos de contestar a existencia da alma. Tamanha obstinação é frenesi, é rematada loucura.— Convertei-vos á fé, imitando ainda que de longe seja, os que tendo sido grandes peccadores se affastaram das mundanidades da terra, e se votaram ferverosa e valentemente a Deus.— Eram homens como vós, formados de carne e ossos; peccaram por que os maus exemplos, as ruins companhias, os agrados do mundo e da carne os seduziram; porém implorando com vehemencia a protecção do Senhor, romperam o pacto que haviam feito com o diabo, e alcançaram revindicar os nobilissimos fóros de filhos de Deus.

Fazei, infelizes, o que elles fizeram: quero dizer, arrependei-vos desde já; e não vos sirva de desculpa á vossa

obstinação a fragilidade do corpo. Porque não é fraco senão quem é covarde; intimidado pelas vozes do mundo, não quer resolver-se a affrontal-as com denodo. — Cerrae os ouvidos ás imprecações que soltarem vossos companheiros d'armas do arraial do demonio. — Zombae d'elles; senão, lastimae antes sua feroz impenitencia. Tende todo o cuidado com as justissimas iras do Senhor; e sabei que a clemencia se exhaure, quando o coração do homem teima em resistir a seus avisos. — Se em sua ineffavel providencia, lhe apraz dar uma prova forte do seu poder, converte inesperadamente ao mais duro peccador, para depois punir os que desse exemplo se não aproveitaram.

Ah! Reconheçamos a verdade, christãos, e tenhamos para sempre de memoria esta saudavel sentença, que muito serve para nosso desengano... O que falta na maxima parte dos homens, não é nem o necessario para a vida, nem a fama, nem o credito, nem a sciencia, nem a fortuna, senão sim o *juizo*, porque só de juizo é que ha geral falta e pobreza. — Tenhamos juizo para reconhecer, que não somos mais que tenuissimos vermes da terra, vivendo de lodo, envoltos em lodo, e passando do lodo para terra secca, e d'esta para pó, que o ar sacode e dispersa. — Tenhamos juizo para ver que esse pó que o vento desunio e espalhou, por fim se hade revestir de carne e ossos para comparecer em forma humana diante do juizo de Deus. — Tenhamos juizo para entender, que estas vaidades e frioleiras que tantos cuidados dão ao mundo, é tudo fumo, que rapidamente se esvaece. — Tenhamos emfim juizo para ponderar que estas desigualdades de fortuna, de nascimento, de autoridade, de poder,

de sabedoria, de formosura, e de tudo o que os homens chamam grandioso, sublime e magestoso, são bolhas d'ar, que ao mais leve sopra se desfazem.

Mudae de rumo, malfadados atheos, olhae que o mar em que navegaes, é demasiadamente tempestuoso. Uma de suas temerosas ondas póde n'um instante tragar-vos para sempre. — O vosso caminho vae errado; olhae que Deus deu-vos a alma, não para vos perder, senão para vos governar. Confiae-lhe pois o leme da embarcação, em que fazeis a viagem da vida.— Mettei a ferros no porão o revoltoso corpo, que tão prestes está sempre a engolfar-se nos vicios,— Só assim podeis sobreviver incolumes depois do inevitavel naufragio que haveis de passar nos rochedos e areaes da morte.— Cuidado; que se chegaes a perecer em peccado, depois ninguem vos valerá: e não vos podendo valer nem os que cá ficam nem o proprio Deus, cuja justiça é inflexivel, ireis com todo o peso de vossas culpas parar para sempre no inferno.

Olhae e ponderae, atheos: não queiraes negar que vencidas as primeiras difficuldades para encetar o caminho da virtude, é ao depois coisa facil e aprazivel contrahir o habito de a exercitar. Todos sabeis que não é difficil correr pela estrada dos vicios, logo que o corpo se costuma a os saborear. — Bem póde dizer-se que somos filhos do habito, e que tanto se arraiga em nós para bem como para mal.— Sirva isto de incentivo aos impios, que trepidam com as asperezas da penitencia, quando lhes passa pela alma o intento da conversão.— Não se desalentem; que não obstante dizer o

Evangelho que é estreita a senda do céu, e amplo o caminho do inferno, todavia é não menos certo que mais custa na presente vida a alcançar o inferno, do que a ganhar a bemaventurança.— Se não vejam: o caminhar afouadamente por entre vícios, acarreta frequentes vezes precipícios e trabalhos ao peccador, sem que lhe raie a esperança de por fim obter consolação.— No caminho do céu ha também asperezas, é verdade, e rochedos a vencer, mas surgem n'elle aqui e além os auxilios do Espirito Santo, que animam e confortam o justo, e lhe dam força para levar a cabo a practica da virtude

É desenganar. Quem ama a Deus e n'elle vive, e só para elle, nem se lastima das tribulações, nem se esquiva a sacrificio algum; porque o Senhor tudo adoça e torna saboroso aos que por sua divina lei se sacrificam.— Não imaginem pois os peccadores, que no caminho do céu tudo é espinhos, dores e penas, e que no do inferno só ha doçuras, prazeres, e regalos. Não é realmente assim. Attentem bem; a consciencia lhes dirá, que são custosissimos esses deleites em que andam embebidos, e que para os gosar se sujeitam a mil incommodos.— Reparem, ao contrario, na fronte serena, no olhar tranquillo, no manso aspecto d'um justo, e digam com franqueza, se não é muito mais espinhosa e amargurada para os mundanos a estrada do inferno, do que para os bons christãos a senda dos céos.

CAPITULO VI

Não ha riqueza, nem talentos, nem sabedoria que aproveite realmente ao homem sendo desacompanhada de juizo

Quem para o mundo olhar como elle é, e para as riquezas e sciencia que n'elle tanto ostentam, e para a pobreza de que está innundado, hade por fim concordar que a opulencia e a sciencia sem juizo nada valem, e que *não ha pobreza senão de juizo*. — Direi mais... que de todas as pobrezaas a mais pobre, a verdadeira pobreza, é a do opulento destituido de juizo, que vive n'este mundo mui ufano de si e de seus bens e dinheiros, crendo que todos o veneram e prézam pelo simples factio de ser rico. — Pois é o contrario ; olham-no como uma simples e pobrissima creatura, que consome o precioso tempo em quotidianos desvarios e loucuras, que não sabe governar-se, e que por fim morre, quasi sempre prematuramente, e muitas vezes sobrecarregado de dividas e vergonhas. — De nau alterosa, que sulcava affouta os mares da prodigalidade e do desperdicio, converte-se em humilde batel sem leme nem velas ; porque as velas que bem governadas, salvam o barco nas tormentas da vida, são a providencia e a economia, virtudes que elle jámais conhecêra. — Tão certo é que a primeira das riquezas, aquella riqueza que está muito acima de todas as riquezas da terra, consiste no juizo, e só no juizo. — Accrescentarei ainda... Como só Deus é perfeito, e cá no mundo se não observa geralmente senão compensação da pobreza pelo talento ou pelo juizo, e da ignorancia pela riqueza, e mui raras vezes se reune n'um só homem o talento e o juizo, a riqueza o talento e a sciencia, prefiramos sempre o juizo só de per si á profunda sabedoria, ou aos altos talentos, ou ás grandes rique-

zas. Porque sem juizo nada valem os talentos, a sciencia e a opulencia; servem quando muito de se dar em miseravel e triste espectaculo de vaidade.

Não ha que debater : a sabedoria e o talento differem essencialmente do juizo.— Com a maior aptidão para as letras e sciencias, com notavel cabedal de idéas adquiridas, falta muitissimas vezes o bom senso, que discerne o erro da verdade, e que nos mostra claramente o que mais convém praticar sem offensa do honesto e do util.— E para que servirão n'este caso o talento e a sabedoria, se o infeliz, não sabendo governar-se practicamente, faz entre os homens uma tristissima figura? — E a riqueza, sem juizo, que proveito traz ao opulento? Se fôra ajuizada, de grande prestimo lhe foram seus bens para a alma e para os desvalidos; pois que empregando-os bem, salvava a sua alma e consolava os seus proximos. — Demais; que vantagens poderá colher quem possue immensos talentos e a mais ampla erudição, se o juizo o não acompanhar? Diz-nos a experiencia, que o mais alto engenho e sciencia, a mais profunda erudição, sós de per si não bastam para guiar ao céo e para remediar o infortunio. — O juizo, esse sim; mesmo quando desamparado de talentos, de sciencia e de riquezas, presta-nos sempre para muito; nada menos que para nos guiar nos vaivens do mundo, e com tal segurança que nos livra da penuria, das enfermidades, dos remorsos, das violencias, até da má sorte; e tambem para nos encaminhar pela caridade do proximo e amor de Deus á bemaventurança. — Materia é esta digna de toda a ponderação: cumpre-nos principalmente ganhar juizo; porque primar na sociedade por talentos, sciencia, riquezas, di-

gnidades não negarei ser coisa que aos mundanos muito aprez; porém muito acima d'esses dons está o grandissimo dom do juizo.

Perguntemos ao homem, a quem Deus favoreceu com grandes talentos, de que lhe valem se os não empregar em assumptos que sejam de louvor divino, de salvação da alma, de caridade do proximo, e de bom nome entre seus concidadãos? — Que motivo terá para se ensoberbecer por este dom natural, que o Senhor lhe concedeu, sem que tivesse direito algum a elle. A obrigação em que ficou a Deus por este valioso emprestimo, é de lhe pagar durante toda a vida crescidos juros em boas obras, no ensino dos ignorantes, no agasalho dos desvalidos, na brandura e caridade com seus irmãos. — Pois hade folgar o homem de ter recebido de Deus uma singular aptidão para perceber promptamente, inventar, aprender tudo quanto para os outros é objecto de grande difficuldade, e não quer confessar-se agradecido por semelhante dadiva, da qual lhe resultão grandes vantagens, se souber cultivar o seu natural talento? — Pois entenda e perceba, que pelo facto de haver nascido com mais engenho que a mór parte de seus semelhantes, tem por isso maior obrigação de lhes prestar auxilios, de os tratar com benevolencia e brandura, de soffrer com mais paciencia seus erros e ignorancia, e se confessar muito mais reconhecido ao Creador.

Perguntemos agora áquelle a quem a fortuna, isto é, o simples acaso enchêra de bens, que uso d'elles faz em proveito de sua alma, em beneficio de seus parentes e amigos,

em vantagem da sociedade? Que razão plausivel terá elle para tanto querer exaltar-se, reputando-se muito superior aos que da sorte não são igualmente favorecidos? — Ah! Que mal sabe esse opulento, em que obrigação está para com o Senhor! Por isso que Deus assim o enriqueceu, considere-se desde logo obrigado a exercer largamente todas as obras de misericordia. — Saiba que deve empregar uma parte dos seus bens em concorrer para o esplendor do culto divino, em propagar a fé de Jesu Christo, em contribuir para a educação dos infelizes seus compatriotas, em lhes promover officios e misteres que os preservem do contagio dos vicios.

E esses sabios, a quem o Senhor proporcionou os meios de desenvolver e cultivar sua intelligencia, porque se fazem elles tão desvanecidos e tanto se enfatuam? — Que merecimento, que serviços teem elles para se considerar dignos dos louvores, consideração e homenagens de seus concidadãos? — Se Deus lhes não tivera facultado e proporcionado a occasião de estudar, qual seria a sua sciencia? Logo teem obrigação de agradecer a Deus esse beneficio, mas não podem abusar da sciencia para assoberbar os que lhes são inferiores. — Se não tivessem sido ajudados de Deus, jazeriam como tantos milhares de outros que estão nas trévas da ignorancia, só porque o Senhor lhes não concedêra os precisos meios de estudo. — Portanto, longe de se vangloriar com a sabedoria a que se elevaram, quer procedesse do natural engenho, quer proviesse de grandes esforços intellectuaes, cumpre-lhes, ao contrario, não fazer ostentação nem exigir louvores nem lisonjas, beneficiar aos que sabem menos que elles, e preparar d'ante mão as contas que teem de prestar

a Jesu Christo, contas de juro composto do capital de sciencia, que lhes emprestou. — Desgraçados, mil vezes desgraçados esses sabios, se por sua grande infelicidade empregaram a sciencia em alevantar doutrinas falsas e contrarias á igreja, em engenhar sophysmas para deshonnar o nome de Deus, macular o brilho da religião, aluir os fundamentos da crença catholica, fomentar discordias e perturbações na sociedade, e preparar a ruina de muitas almas! — Muito melhor lhes fôra ter vivido antes na mais completa ignorancia; então não houveram feito tanto mal a Deus e á republica, e a si proprios.

Oh! Quantas vezes não vêmos esses, que o Senhor por occulto segredo de sua providencia distinguio em talentos, riquezas, engenho ou sciencia, pretendendo saltar por cima de tudo, menosprezando os seus proximos, e não se lembrando que nós pobres e ignorantes, não temos culpa de nossa incapacidade, ignorancia e pobreza? — Porque não hão-de elles ponderar, que só porque os beneficiára Deus com engenho, bens de fortuna e sabedoria, nem por isso lhes assiste o direito de nos desprezar e aviltar, e que teem sim obrigação de conosco repartir as migalhas de sua mesa e o superfluo de suas lettras? — É muito para estranhar, que não queiram convencer-se de quão previdente foi o Senhor em tudo quanto fez! Deu-lhes a elles bens de intelligencia e temporaes, e a nós favoreceu-nos com os fulgurantes raios de sua divina graça. Porém a todos, ricos e pobres, sabios e ignorantes, poderosos e desvalidos, feios e formosos, grandes e pequenos, a todos sem excepção collocou Deus n'este mundo para os experimentar: porque na verdade a presente vida é sómente um transitorio valle de provações.

E como nos experimenta a todos o Creador? Examinando, se os poderosos, os opulentos, os sabios, os d'alto engenho, são continentes em suas prosperidades, se usam bem das distincções e regalias que lhes concedêra, ou se ao contrario se ensoberbecem com tamanhos beneficios, esquecendo-se da divina fonte d'onde veiu tanta abundancia. — Observando se os pobres, os ignaros, os que a este mundo vieram desvalidos, soffrem com paciencia estas desigualdades da fortuna, reconhecendo que o auctor de sua existencia não quiz senão facilitar-lhes os meios de mais seguramente se salvarem, ou se pelo contrario, maldizem, desesperados, sua triste condição e se revoltam no fundo d'alma contra a Providencia. — De sorte que, ponderada bem esta differença dos homens, não se pode negar que os que o mundo olha como igno- rantes, desvalidos e pobres, são esses que o Senhor mais beneficiou.

Desenganem-se todos, que nos está sempre vigiando o Senhor, para cá mesmo distribuir equitativa e justissima compensação, e depois nos recompensar ou punir na eternidade segundo o bom ou mau uso que tenhamos feito de nossas pobrezaas ou riquezas, de nossa sciencia ou ignorancia, de nossas grandezas ou baixezaas, emfim de nossas virtudes ou culpas. — Recordemos as divinas phrases do evangelho, onde dizem que o Senhor Deus hade exaltar os humildes e abater os poderosos, confundir os sabios e esclarecer os ignorantes, e que os pobres de espirito e os indigentes hãode possuir o céu, em quanto dos ricos muito poucos lá entrarão por ser mais facil, disse o Redemptor, entrar um calabre no fundo d'uma agulha, do que no paraizo

um opulento.—Ora por que motivo ameaça Jesu Christo aos poderosos, aos sabios e aos ricos com a eterna punição, e aos indigentes, aos ignaros e aos pobres de espirito tamanha esperança lhes dá de uma recompensa infinita?

Se é verdade que não pôde haver riqueza, poder, talento, e sciencia senão quando Deus quer, porque sem Deus nada se faz; como é que o Senhor, um tão elevado premio como é o reino dos céos o promete claramente aos desamparados de sabedoria, aos desvalidos, e aos pobres de espirito, e ameaça tão severamente com penas eternas aos que vivem bafejados da fortuna, aos ricos de talento, aos recheados de sciencia? — É que o Senhor, na sua rectissima justiça, não pode consentir que sendo todos os homens seus filhos, tenham uns todas as fortunas, todas as grandezas, todas as venturas assim n'esta como na futura vida, e caibam aos outros em partilha tamanhas infelicidades e por morte as penas eternas. — Não podia assim ser, porque tanta desigualdade repugnava com a summa bondade de Deus. — Fôra essa uma flagrantissima injustiça. E o Senhor, não pôde commetter injustiças, porque é infinitamente justo. — Ao contrario, quer que tudo seja na presente vida compensado. É por isso que sempre os prazeres são seguidos de dores, as riquezas cercadas de cuidados e encargos, a humana sabedoria atassalhada de contradições e difficuldades, o talento conspurcado por delirios e extravagancias, a magestade e a grandeza escoltadas de precipicios e perigos.

É por isso que a pobreza anda livre de inquietações, a ignorancia acompanhada de socego, a condição humilde re-

vestida de paciencia e tambem quasi sempre de juizo. — Quer isto dizer, que não póde haver n'este mundo bem sem mal. E justo é que assim seja, senão falhava a justissima lei das compensações, que a divina justiça plantou entre os homens, para que os sensatos applicando a a si, possam agradecer a Deus a sua sorte, e vivam contentes e esperançados em Deus.

Quem fôr rico, saiba que lhe emprestou Deus os bens para os repartir pelos necessitados, e não para os consumir em vicios e vaidades; porque nenhum merecimento tinha para o Senhor o enriquecer, senão valendo a seus irmãos. — Eu disse, nenhum merecimento; pois bem sabido é que as riquezas, quer havidas por herança, quer grangeadas com trabalho licito, se não podem nem ajuntar, nem conservar, senão querendo Deus. — Por tanto se és opulento, crê que não foi o teu merito pessoal o que te grangeou essa riqueza, mas sim o Senhor, que assim o houve por bem, para que d'ella faças bom uso. Já prevês que abusando, melhor te fôra não a possuïres, porque por sua má distribuição tens de responder no divino tribunal.

Certifícae-vos pois, homens ricos, que esses bens de fortuna não são vossos, senão dos pobres; que sois o instrumento de que o Senhor se serviu para allivio dos necessitados; e que se não correspondestes ás vistas e desejos do mesmo Senhor, haveis de pagar á vista no inferno as letras de capital e juros accrescidos. — Logo do que mais carecem na vida os opulentos, é de juizo para saberem aproveitar em vantagem propria e na caridade dos proximos os bens de que são depositarios.

E os que ostentam seus talentos e sciencia, a quem devem elles este predicado? Terão por isso grande merecimento na sociedade? — Foram elles os que realmente se fizeram sabios por suas fadigas, os que adquiriram o talento á custa de incessantes esforços? Terão motivo de se ensoberbecer, desprezando aos que são destituídos de luzes e de engenho? — Foi Deus, e sómente Deus o que por sua divina providencia os quiz beneficiar com tal prerogativa, para que alumiassem a seus irmãos, e os guiassem no caminho da verdadeira felicidade. — E é o Senhor quem lhes hade tomar mui sevêras contas pelo ruim uso que d'isso fizeram; servindo-se de tão bellos attributos para propagar erros damnosissimos, para discutir artigos de fé, assumptos de revelação divina, em que o homem nunca deve tocar, e para corromper e perverter a moral e a tranquillidade publica. — Oh! quanto melhor não é em tal caso ser antes profundamente ignorante, e carecer de talentos, visto que tantas vezes os emprega mal, quem do Senhor os recebeo. — Mais uma razão, por onde se prova que o juizo é sempre mui preferivel á mais elevada sabedoria, aos mais notaveis talentos.

---

CAPITULO VII

Ha muitas vezes sciencia sem juizo. — Tudo na vida se compensa. — Acima de todos os bens terrenos e ainda acima dos intellectuaes está o juizo

Oh! Pois pôde haver sabedoria sem juizo? — Que é a sciencia senão o juizo apurado, a razão desenvolvida sobre determinados assumptos? — Quem pôde crer, que um varão notavel por lettras ou sciencia possa ser ao mesmo tempo destituído de senso commum? Entretanto é o que todos os dias se está

vendo e observando, com grande estranheza de quem é rude e ignaro. — Encontram-se não raras vezes homens, notáveis por talentos, cheios de letras e sciencia, mas pobrissimos de juizo e sem o preciso tacto para saberem viver. — O tosco aldeão, o pobre operario, que a natureza parece haver desamparado de enfeites de espirito, mostram na practica o melhor discernimento e sabem governar-se bem! — Nem ha que debater sobre isto: são juizo não o teem senão os que, libertando-se das terrenas vaidades e aferindo as necessidades da vida pela balança do seu trabalho de tal fórma se dirigem, que sem importunar a outrem marcham sobranceiros aos revezes e accidentes da sorte. — São estes a quem devemos chamar verdadeiramente ajuizados, porque se previnem a tempo contra todas as eventualidades, e tratam ao mesmo tempo de se preparar para aquella vida que depois d'esta hade para todos vir.

O bom juizo consiste egualmente em fugir e evitar as occasiões que estragam a saude e a fortuna, e cobrem a alma de peccados. — Consiste mais, não em concentrar a energia do pensamento nas sciencias, nas riquezas, nas dignidades e vaidades, mas antes em temperar e coordenar as coisas da vida de maneira, que se obtenha o habito da frugalidade na comida, da singeleza no vestir, da simplicidade no trato domestico, do comedimento e urbanidade na sociedade, e da constante observancia dos preceitos da religião. — Este é o verdadeiro juizo, tão util para o presente como indispensavel para o futuro, e que tão acima está da sabedoria, quando mesmo acompanhada dos talentos e das riquezas, como está a luz solar acima das trevas da

noite. — N'este valle de miserias, póde affirmar-se que vale alguma coisa o homem de são juizo, que sabe affastar-se dos vicios, que beneficia o seu proximo, que goza de paz na consciencia, e que desculpando com paciencia e tolerancia as fraquezas e erros de seus irmãos se vae dispondo, ajudado por Deus, para ganhar o céu. — Porém aquelle que nasceu com talentos naturaes, e que á força de trabalho adquiriu notavel sciencia, o opulento, o grande, o rei, que porém não-souberam ganhar juizo, todos esses não são por cá senão tristes saccos vivos de afflicções, de loucuras, de vaidades; e na vida eterna mais despreziveis serão ainda e mais infelizes.

Juizo pois, e solido juizo é que nos cumpre grangear. — Não nos queixemos de ser pobres, nem de ser ignorantes, nem de ser malaventurados; queixemo-nos sim de nós mesmos, porque nos não esforçamos por ganhar juizo. — Não julguemos, porém, que seja o juizo uma perola muito difficil de achar; ao contrario, facilmente se encontra. — Alcançamol-o logo que nos habituemos a ser sobrios, economicos, singelos; logo que evitando as ruins companhias, nós resolvamos a não sair jámais de nossa orbita; logo que empreguemos uma parte da noite em exercicios do divino culto; logo que nos preparemos d'antemão contra os contratemplos da vida, com prudentes reservas. — Ah! Quando nos sentirmos escudados com as armas do juizo, devemos agradecer ao Senhor uma tão alta graça, exclamar contentes... *Grande Deus e Senhor nosso, bemdito e louvado seja o vosso santo nome, sempre abençoada e por todo o sempre seja e glorificada vossa ineffavel bondade, que chegou a ponto de nos concederdes uma alma á vossa imagem e semelhança.*

*Sim, fomos por vós, Senhor e Creador nosso, formados á vossa propria semelhança. Canceledei-nos juizo, que nos guie para que d'este valle de provações saíamos justificados e vamos cheios de alegria para a vossa celestial morada.*

Quanto áquelles sabios, que não obstante sua muita sciencia não teem juizo, esses pela mor parte guardam em si o que aprenderam, nem querem esclarecer aos ignorantes, porque contam primar na sociedade com suas luzes. — De sorte que a sabedoria que possuem, não presta senão para vaidade e ostentação. — Os miseraveis, até da sciencia pretendem fazer monopolio! Deixemol-os pois viver contentes de si, já que tão superiores se julgam aos demais. — Porém quão melhor lhes fôra que alguém os avisasse, de que fazem no mundo uma tristissima figura apezar de suas muitissimas letras, porque quasi sempre vivem sobrecarregados de dividas e não tem juizo para estudar o modo de as solver! — Quanto aos opulentos, para os quaes a riqueza é tudo e o juizo nada, estes como o seu maior prazer é desperdiçar aquillo que em grande parte deveram repartir pelos pobres, coitados d'elles, vivam por essa maneira, visto que assim o querem, mas desenganem-se que os dinheiros e bens em que tanto abundam, só lhes servem para chamar odios, invejas, tribulações. Por morte serão para sempre sepultados no fogo eterno.

Ah! que se tivessem um amigo sincero, que os avisasse de sua loucura, por muito felizes deveram contar-se. — As admoestações, quando nos são dadas por pessoa sensata e amiga, e as sabemos acolher com reconhecimento, tem um

valor immenso. — Alguns poucos grãos de juizo valem muitissimo mais do que pesos consideraveis de ouro e prata. — Convence-te, minha alma, e crê que os que teem juizo, a estes não lhes é precisa n'esta vida, nem alta sciencia, nem o elevado talento, nem opulencia para viverem felizes. — Basta-lhes o bom senso, que excede tanto os outros dons do espirito e as prosperidades da fortuna, quanto vence em magestade e grandeza o cedro do Libano ao mais formoso homem do mundo. — Basta-lhes só o juizo, porque com elle se adquire a tranquillidade da consciencia n'esta vida, e na outra o reino do céu.

Os que teem juizo, tudo possuem: os infelizes a quem o juizo falta, embora nadem em sabedoria e riquezas, pôde dizer-se que parecendo dominar tudo, são ao contrario miseros escravos de si mesmos, servos dos vicios e do peccado, e entes pobrissimos, porque lhes falta a melhor das riquezas e das sciencias, que é o juizo. — São além d'isto tão pobres e infelizes, que até a graça divina lhes falta, cuja perda é a maxima das perdas, a maior pobreza de quantas pobreza se possam imaginar.

---

CAPITULO VIII

Não foi Adão, senão Eva quem desgraçou a todo o genero humano. — É justo que toda a sua descendencia pague o peccado original. — As amarguras e tribulações d'esta vida são um poderoso motor de nossa salvação. — O dominio que o Senhor deu ao homem sobre toda a terra, abrange a tudo quanto foi creado, menos ás creaturas racionaes. — Só Deus é que tem direito de matar o homem.

Escreptores sagrados, aliás respeitaveis, não duvidaram asseverar que o autor do peccado original fôra Adão, e não

Eva ; porque sendo mais robusto e forte, que a sua companheira, formada por Deus de uma simples costella de Adão, de direito lhe pertence carregar com toda a responsabilidade, pela desobediencia commettida no Paraizo. — O que se lê nos sagrados livros, é que fôra Eva, por curiosidade em provar do fructo prohibido, e por desejo de adquirir a sciencia do bem e do mal, que se deixára seduzir das mentiras e traças da serpente. — Adão, é certo que tambem comeu do pomo vedado ; não que fosse convencido das razões que para o mover lhe apresentou Eva, mas antes por com ella condescender e a não desgostar. — Ora, se quando o Senhor perguntou a Adão pelo motivo de sua desobediencia, em vez de se desculpar com a sua companheira, e ella com a serpente, ambos ingenuamente confessassem a culpa, impossivel fôra que Deus lhes não perdoasse esta primeira falta. — Porque é tão extrema a predilecção que mostra por nós, que nem os cruelissimos tormentos e injustiças que padeceu quando Homem por nos remir, jámais entibiaram ou diminuíram o seu affecto.

Recordemos as benções que por tres vezes com tanta generosidade lançou aos homens, para lhes significar a sua infinita affeição. Benção no paraizo a Adão. Benção a Noé depois do diluvio universal. Benção a todo o genero humano, quando na cruz expirava. — Desagradando-lhe muito a desobediencia de Adão e Eva, nem por isso os amaldiçoou o Senhor, como requeria a divina justiça ; amaldiçoou sim a terra, para mais brandamente os punir, tirando-lhe a sua primitiva fecundidade, expondo-a aos rigores e intemperies do ar, e tornando-a esteril e dura. — Converteu-se então a

terra em um grande valle de penas, de suores, de lagrimas e de trabalhos, onde o homem tem de gemer e afadigar-se para lhe arrancar fructos de que se alimente; em um vasto exilio de miserias e adversidades, para durante os breves momentos da vida experimentar as asperezas e rigor das provações, sem as quaes não póde ganhar o céu.

Eis-aqui como Deus podendo lançar sua maldição sobre o homem logo no paraizo terreal, para lhe valer se contentou de castigar a terra de que somos formados, tirando-lhe sua primitiva brandura e fecundidade. — Oh! Que seria do genero humano, se tendo delinquido no peccado de Adão, porque são todos descendentes, e como elle eivados do peccado original; que seriamos hoje, se nos não vissemos a cada passo cercados de angustias e adversidades, e receiosos pelas consequencias dos vicios? Oh! Eramos certamente peiores que animaes ferozes, feras indomaveis. — Se apezar de tamanhas amarguras que na vida experimentamos, apezar das enfermidades, tribulações e contrariedades, tanto nos arraigamos na terra, esquecendo totalmente a patria celestial, pela qual deveramos sempre anhelar, que fôra de nós se em vez de cardos e abrolhos a terra produzisse flores e fructos, se em vez de infortunios e miserias por toda a parte brotassem doçuras e prazeres sem mistura de dôres?

Generosa e clementissima foi comnosco a divina providencia; que sobre todos que tão ruins somos, espargiu a par de raras deleitações milhares de angustias e de tormentos! — No peccado de Adão e Eva ficámos desde logo para sempre peccadores, e perdemos a innocencia que ti-

nham antes de desobedecer ao Senhor. — Justo é pois que na vida experimentemos continuados desgostos e afflicções, porque soffridos com paciencia se convertem em saudavel agua com que nos lavamos dos vicios e peccados. — Mas que ! Em vez de humilhar o coração diante de Deus, de amar e tratar com brandura ao seu semelhante não falla o homem, senão na alta supremacia que diz ter recebido de Deus sobre tudo quanto foi creado !

O dominio que o Senhor concedeu a Adão sobre os irracionaes, não foi dominio de tyrannia senão um dominio de brandura e benevolencia. Para ser victimas da ferocidade humana, não lhes dera o Senhor a existencia. — Então, que supremacia é essa que os potentados e monarchas da terra trazem sempre na bocca, e que querem derivar de Deus, para opprimir e avassallar aos demais homens ? — Que nos dizem os santos padres da egreja sobre isto ? O que dizem, é que Deus não outorgou aos reis, isto é, aos que teem de officio governar os povos, prerogativa alguma especial, pela qual os submettessem ao seu imperioso dominio. — O que dizem, é que os fortes e poderosos devem aos fracos e desvalidos protecção e amparo. A prova está na historia do genero humano antes do diluvio. N'esses bons tempos não havia dominadores, nem reis, nem magnates ; sómente havia paes de familias, que mantinham por sua paternal autoridade a paz e a segurança, e pastores e agricultores que apascentavam os rebanhos e laboravam a terra. — N'essas remotas éras o direito de vida e de morte sobre os homens só Deus o tinha. — E realmente só ao Senhor assiste o direito de matar, porque é elle o verdadeiro autor da vida.

— Contemplae a solemne declaração que por sua divina bocca fez, de que puniria sete vezes a quem, sob pretexto de vingar a memoria e morte de Abel, ousasse matar a Caim.

Se o Creador não consentiu que homem algum puzesse violentamente a mão sobre o fraticida Caim, que foi o primeiro dos homicidas e o cruel matador de seu innocente irmão, para n'isto significar que só elle Creador tinha direito de tirar a vida, como é que o homem, affrontando a suprema autoridade e o infinito poder de Deus, se arroja a usurpar os inalienaveis direitos do Senhor, fabricando leis homicidas, attentatorias da Divina Magestade e da natureza humana, e arrancando com sangrentas leis a vida a seus irmãos?

A vida, que é a maior preciosidade que póde haver, a a vida pela qual suspira ainda a mais infeliz das creaturas, a vida que com tanto afan desejam conservar as proprias plantas, ora vertendo lagrimas de seiva ao menor golpe que lhes dão, ora retrahindo de susto sua folhagem e ramos se pretendem offendel-as; pois essa vida, tão apreciada de todos os seres vivos, julga-se o homem com direito de a ir arrancar aos outros homens, sob pretexto de que a justiça de deshumanissimas leis assim lh'o permite e ordena? — Parece incrivel que as creaturas racionaes chegassem a consentir que a vontade dos tyrannos e dos legisladores, convertida em lei, lhes fosse tirar a existencia, que Deus lhes havia dado? Existencia, que uma vez cortada pelo golpe da morte, jamais reaparece, nunca mais vólta! — Parece inacreditavel, que se não alevantem os povos em massa contra os crueis fabricantes de leis sanguinarias, e os não en-

carcerem em seguras jaulas de bronze, como nos hortos zoológicos se faz ao tigre, ao leão, á panthera, ao leopardo, ao urso e á hyena, para que pudessem os expectadores observar a fera catadura dos algozes da humanidade !

Mais ; para que servem os patibulos, perguntarei eu ? Que vantagem se colhe de espingardear e enforcar os infelizes, que as leis condemnam a taes supplicios ? — A utilidade, que de tão crueis actos colhe a sociedade, é ver caminhar o padecente com animo destemido e pé seguro para o cada-falso, maldizendo no seu coração os juizes deshumanos que lhe tiram a vida, mas affrontando com frente serena o aparato da morte, appellando da injustiça dos homens para a justiça de Deus. — E fiquem todos certos de que o Senhor hade punir aos que ousaram usurpar-lhe seus indisputaveis direitos de vida e de morte. — É na praça, onde vão executar a sentença de morte, que muitas vezes se commettem roubos, e até homicidios. Eis aqui outra utilidade das forcas e das guilhotinas ! É alli, que os curiosos e os de coração duro vão habituar-se a presenciar sem dó as scenas de sangue ! — Logo a pena de morte imposta pelas leis, é pena muito mais leve, por ser pena de curtissima duração, do que a do trabalho forçado para sempre. Por esta fica o delinquente obrigado a continuo trabalho, encarcerado em vida e de tal modo separado da sociedade, que jamais a póde prejudicar. — Dize-me, legislador deshumano, qual é pois esse grande proveito que intentas colher, decretando a morte do criminoso ?

A sociedade tem direito, não de impôr ao malvado a

pena ultima, porque só quem dá a vida, pode tiral-a, só pode estorvar os malvados, de continuar suas malfetorias. — Os principaes deveres a que ella é obrigada, são promover e determinar educação dos cidadãos, exigir aquelles sacrificios de sangue e fazenda, com que satisfaça aos encargos nacionaes, com que defenda a patria de aggressões estranhas, com que proceda á alimentação dos desvalidos que não podem trabalhar, com que proporcione ao povo officinas e officios onde ganhem o pão quotidiano, com que prohiba severamente e extirpe a vadiissee e o ocio que são a fonte dos vicios e delictos. — São estes os meios segurissimos de prevenir os crimes; nem ha outros. E ao legislador incumbe cuidar antes em prevenir, que em punir.

Desenganjem-se quantos teem a seu cargo preparar leis, que não ha modo algum de conter os malfeitores, nem maneira de melhor castigar os culpados, do que o carcere solitario, acompanhado de trabalho obrigado. — Enorme attentado contra os homens, crueldade inutil é pois a pena de morte, que as leis de sangue inventaram. — Os povos teem direito de se libertarem d'essa atrocissima pena, obrigando pela força, quando não valha a persuasão, a revogal-a. — A pena de morte decretada pelo homem para matar ao seu semelhante, é o maior arrojo que pôde perpetrar-se contra o Creador e tambem contra a natureza. — É mais feroz peccado, que o peccado da blasphemia e do sacrilegio; porque o sacrilego e o blasphemo podem n'esse momento estar allucinados da razão, em quanto o legislador, ou o juiz que decreta ou faz executar a sentença de morte, está em juizo perfeito, de coração socegado, como

se mandasse matar a um lobo feroz, que se houvesse encarniçado contra um rebanho de ovelhas.

O que é porém verdade, posto que para mim inexplicavel, é que os homens se teem tornado mansissimas ovelhas e se deixam assassinar impunemente por outros homens, que a seu bel prazer se erigiram em seus crueis legisladores! — Disse eu que a pena de morte era o maior arrojado que contra o Creador podia perpetrar o homem; e repito o que disse, porque não ha um só acto, uma unica palavra de Deus por onde se possa concluir, que depois do diluvio Universal até hoje Sua Divina Magestade permittisse aos homens punir o homicidio com a pena de morte.

Em geral póde affirmar-se. que não ha atrocidade ou absurdo, por mais inaudito que seja, que não pretendamos desculpar ou cohonestar, se d'ahi nos vier alguma vantagem ou proveito. É o que a experiencia dos seculos tem sobejamente demonstrado. — Assim, uns para mais segurar seu poderio e tyrannia condemnam á morte aos que teem a desgraça de não pensar como os seus reis e senhores! — Outros, para proseguir em seus vicios, negam a divina justiça com o fundamento de que sendo Deus infinitamente misericordioso, não póde querer a punição do peccado, e que tudo perdôa por ser todo clemencia! — Outros ha, que até não duvidam affirmar que o Senhor tendo do nada creado o mundo, não póde depender de creatura alguma, e não attende nem aos louvores nem ás injurias dos homens!

CAPITULO IX

A historia de todos os povos e a sciencia da terra demonstram que houve um diluvio universal, em que a terra foi toda submergida. — Ha de haver um diluvio universal de fogo pelo qual se acabará o mundo

Ha quem não acredite que houve um diluvio, com que Deus castigou a terra pelos peccados e crimes da raça humana. — Argumentam para isso, que a geologia e a geognosia nos apresentam sobre a estructura do globo factos, que repugnam a uma submersão completa e geral de toda a terra. — Tambem ha quem diga para negar o universal diluvio, que não era possivel o Senhor afogar a todos os viventes, animaes e plantas, que não podiam offendel-o, só para castigar aos peccadores que o haviam ultrajado. — Santo Deus! Que demencia, ou antes que refinada hypocrisia não é esta! — Pois haverá quem ignore, que nas tradições dos povos do velho e do novo mundo se encontra figurada toda a historia de Noé e do diluvio universal, e por tal modo representada e escripta, que nenhum outro grande acontecimento se lhe pôde equiparar na authenticidade?

Haverá algum naturalista, que possa rasoavelmente contestar que as rochas e terras vulcanicas as formou o fogo muito depois do grande diluvio? E que duvide que em muitas partes do globo se tem descoberto no seio de estratificações nos valles e até nas mais elevadas montanhas, vestigios de vegetaes e de animaes terrestres e marinhos antediluvianos, representados por impressões que deixa-

ram nas pedras, ou por ossadas que ainda se conservam? — E mais é; muitos restos de especies animaes e vegetaes da zona torrida, apparecem nas terras glaciaes profundamente sepultados; e especies que habitam presentemente regiões frigidissimas, se descobrem fosseis nos paizes equatoriaes! — Como explicar a grandissima alteração e mudança que houve nos climas, a não ser pela acção immensa d'um diluvio geral que inundou toda a terra? — Como interpretar o facto de se encontrarem no estado fossil tantos animaes e plantas, de que não apparecem hoje representantes vivos?

Como pôde effectuar-se a transposição de peixes que vivem exclusivamente nos mares da America, para os areaes do velho continente, onde se descobrem suas ossadas? De immensos acervos petrificados de molluscos e plantas marinhas; de ossos de rhinocerontes, de elephantes e de outros animaes d' Africa e Asia, para o interior das montanhas da Grã Bretanha, da França, da Siberia e de outras regiões do norte? De crocodilos e mais reptis do Egypto, para as serranias da Alemanha e da Russia etc. etc.? — Como explicar tantos outros factos, que a geologia vae successivamente confirmando, se não por um diluvio geral que não só inundasse senão até revolvesse e modificasse a superficie do globo? — Pois coisa muito para ponderar; tem havido naturalistas, aliás notaveis por seus conhecimentos, que não hesitaram em negar o diluvio universal de que fallam as sagradas letras, por lhes parecer que a narração d'este grande castigo de Deus se oppõem as doutrinas da sciencia! Mais uma razão em que me fundo de que a sabedoria,

sendo desamparada de juizo, é toda erro e ignorancia, uma estulta vaidade. E que não ha predicado que deva merecer a verdadeira estima dos homens, senão o predicado do juizo.

Crêde, peccadores, que outro diluvio que inunde toda a terra, não o haverá porque Deus assim o prometteu a Noé, e n'elle a todos os seus descendentes; e a palavra de Deus cumpre-se. — Porém diluvio universal de fogo arrojado dos céos, no qual tudo perecerá abrasado, realisando-se depois a resurreição do genero humano, e o juizo final, com isso devemos todos contar, porque o Senhor, dizem os livros santos, o tem determinado. O castigo perpetuo dos maus, e o eterno galardão dos bons, hade forçosamente começar n'esse temeroso dia. — Hade vir, diz um doutor da Igreja, um diluvio universal, não d'agua, senão de fogo, para que os peccadores que no fim do mundo forem vivos, pelo ardor do fogo em que tudo arderá, prevejam e sintam qual não será a ardencia do fogo do inferno, aonde momentos depois irão para sempre jazer. — Então conhecerão sem poderem duvidar, que o Creador não só é misericordioso, senão tambem justo, mas não justiceiro.

---

#### CAPITULO X

Das continuas recaídas do homem no peccado, e das incessantes misericordias do Senhor. — Da razão porque os homens ainda não são todos christãos. — Meio efficaz de propagar no mundo o evangelho

Pouco depois de haver formado a Adão e Eva, se arrependeu o Senhor de lhes ter concedido alma á sua imagem

e semelhança, vendo quão desobedientes e ingratos se mostraram no paraizo. — Foram elles os malfadados auctores do primeiro peccado, que houve no mundo. — Eva peccou por gula e vaidade, Adão por condescendencia e falta de juizo. — Digno é de reparo, que os seus descendentes peccam, na mór parte, pelos mesmos motivos! — Taes offensas commetteram as gerações seguintes, que se resolveu a abysmar n'um diluvio d'agua toda a terra. — Exceptuou ao justo Noé e á sua familia, para não extinguir, antes perpetuar a especie humana.

Esperava que a memoria do tremendo diluvio lhes tirasse para sempre o habito de peccar, como exemplo da irrefragavel justiça divina. — Não deixaram porém os novos moradores da terra de se revoltar contra a vontade de Deus. — Continuou o homem a delinquir; e Deus sempre a perdoar! — Era tanta a obstinação, tamanha a cegueira e a tal ponto que o Senhor tentou segunda vez destruir o homem de sobre a terra. — Mas ainda valeu a divina misericordia. — Tanto foi recrescendo a maldade e tão geral se tornou, que enviou Deus por fim á terra a seu unigenito Filho Jesu Christo para nos remir a todos. — Quem negará que fosse esta a prova das provas do amor de Deus pelos homens? — Sujeitou-se sendo Deus, a obedecendo a seu eterno Pae morrer no Calvario á vista de quantos estavam em Jerusalem, a morte affrontosa de cruz.

Corrigiram-se os homens á vista do supplicio, tão iniquamente infligido ao Filho de Deus? — Abraçaram por ventura a doutrina que santamente lhes prérgara por si e por

seus discipulos? Não: ao contrario, tornaram-se cada vez mais obstinados, e mais ingratos a quem por elles tinha sido crucificado. — Ah! Coisa quasi incrível! Que nem os que presenciaram sua vida de humildade, abnegação, caridade, obediencia e paciencia, e que observaram com os proprios olhos sua innocencia, extrema candura, e espantosos milagres, nem esses mesmos se fizessem soldados de Jesu Christo!

Quem pudera imaginar, oh! phenomeno quasi inacreditavel! que as nações aonde os discipulos do Redemptor foram tão corajosamente evangelisar, persistissem em suas erradas crenças? Todavia assim aconteceu, pôde mais sobre os judeu, gentios e idolatras a astucia do demonio, do que a prêgação dos apostolos e a morte de nosso senhor Jesu Christo! De maneira que nem os prophetas, nem o precursor de Christo, nem o proprio Redemptor, nem os martyres, nem os apostolos, nem os santos, nem os grandes doutores da egreja obtiveram, não obstante suas vehementes admoestações e temerosas ameaças, não obstante seus admiraveis escriptos, e constancia heroica nos supplicios, não alcançaram que se convertesse a terra ao christianismo! — Ainda hoje, apesar dos inauditos esforços do sacerdocio catholico, apesar de quantas fadigas e trabalhos teem empregado os christãos por espalhar entre os povos a doutrina de Jesu Christo, ainda hoje insiste a mór parte dos homens, uns no paganismo ou na idolatria, outros em seitas mais ou menos extravagantes de falso culto e erradissimo, outros finalmente no mais absurdo atheismo. No evangelho apenas alguns milhões de homens crêem, posto que mui poucos são

os que o entendem, havendo-se convertido á fé uma parte não mui avultada dos habitantes da terra! D'aquelles mesmos que a si se chamam christãos, quantos serão os que observam á risca e exercem as virtudes que Deus estabeleceu e prescreveu?

Tiremos em conclusão; que nem Jesu Christo, vindo em pessoa ao mundo, pôde com seus grandiosissimos milagres chamar a si os homens! — Isto prova e demonstra, não que Deus creasse maos aos homens, ou incapazes de boas obras e como taes indignos de gozar sua companhia nos céos, mas sim que a mór parte d'elles são pelo peccado inimigos de si mesmos e quasi sempre propensos a abusar da liberdade, que para seu bem lhes outorgára o Senhor. — Ora não me consta, que até hoje explicasse alguém plausivelmente o facto de ter resistido o homem tão pertinazmente á vontade e á lei de Deus, negando-se a cumprir os seus preceitos. — Entretanto forçoso é confessar, que d'um facto tão publico e ao mesmo tempo tão estupendo, hade haver uma ou muitas causas que o tenham produzido. — Muito é para estranhar, e merece o maior reparo, que tantos povos desconheçam ainda hoje o sagrado nome de Deus, e continuem a viver nas trevas da idolatria, nos erros das falsas crenças, nas loucuras da incredulidade ou do indifferentismo

Qual será pois a causa de um tal phenomeno, que parece á primeira vista ser contrario á omnipotencia do Creator? — Poderá bem ser que seja esta... Ensina-nos a historia natural, que entre os animaes irracionaes apparecem individuos dotados de maior energia e força que outros da

mesma especie, os quaes de ordinario subjugam aos mais pusillanimes e fracos, rendendo-se estes á mais absoluta obediencia. — Ora é exactamente aquillo que costuma fazer o homem quando percebe avantajarse sobre os seus semelhantes, ou em força physica, ou no vigor e capacidade da intelligencia. Trata de dominar os que reputa seus inferiores; e se n'estes não encontra resistencia, logo os assoberba e vae avassallando como a mansos cordeiros. — E foi isto o que desde remotas eras deu origem ao chamado direito das nações; que não é senão o direito da força physica, acompanhado do outro direito da força intellectual. É sobre este duplo apoio, que se move o poder da sociedade humana. N'este poder alevantam-se os mais soberbos e fortes, sujeitando á obediencia os covardes e fracos. N'outras phrases: diz a experiencia dos seculos passados, e attesta-o a observação dos tempos modernos, que os homens de intelligencia pouco desenvolvida e ao mesmo tempo de compleição organica mais frouxa, se submettem quasi insensivelmente áquelles que se lhes avantajam em talentos e robustez.

Assim vão sendo governados á mercê e vontade dos que julgam seus superiores, levados do habito e de uma quasi inexplicavel condescendencia. — É por este modo que muitas nações, até as que avultavam em milhões e milhões de população consentiram, e algumas consentem ainda em ser assoberbadas e dirigidas por chefes arrogantes e ousados, que para melhor firmar o seu poderio, se inculcavam enviados por Deus. — Coisa muito para ponderar: nem os paizes catholicos escaparam a este contagio. — Por não advertir

e povo que a religião de Jesu Christo, toda fundada na liberdade e egualdade dos homens, os manda amar e considerar como irmãos, a todos olha como filhos do Senhor, a todos concede direitos eguaes, a todos emfim quer e appetee para o santo reino dos céos.

Eis-aqui a razão genuina, e não ha outra, porque nos povos não catholicos resistiam tenazmente os reis ao ingresso da doutrina evangelica, victimando com durissimos supplicios aos que pretendiam converter-se á lei de Christo. — Previam elles que depressa lhes escapara das mãos o poderio da tyrannia, se o povo alumiado pelas vozes dos apostolos chegasse a perceber que na religião catholica todos, fracos ou fortes, sabios ou ignaros, pobres e ricos, pequenos ou poderosos, plebe ou magestade, são todos eguaes na presença do Redemptor, oriundos todos de um só tronco, Adão e Eva, igualmente filhos de Deus. — E que diante do Altissimo não ha supremacia dos talentos, da fortuna, da sciencia, do poder, do juizo, nem de outra alguma qualidade ou circumstancia temporal, senão a supremacia da virtude, e tão sómente da virtude. — E que Deus, para que lhe correspondam os homens ao seu divino affecto, só appetee e deseja que elles se distingam pelo entranhado amor a quem do nada os tirou, e pela fervente caridade de seus proximos e irmãos.

Como podiam pois os reis e os principes d'essas nações, aonde não havia ainda penetrado o christianismo, julgando-se com plenissimo direito de dispôr absolutamente dos bens e vida de seus vassallos por auctoridade emanada do

céo, como podiam elles admittir e deixar entrar em seus estados uma religião, na qual se ensina que hade o Senhor Deus exaltar aos humildes, e humilhar aos poderosos, e que não olhará jámais senão para as obras que practicarem os fieis, porque só a estes considera por seus legitimos filhos e herdeiros de sua gloria?

É por tanto claro que os obstaculos que o mundo oppôz á geral propagação da fé catholica, tem procedido não da maldade e depravada indole do homem, mas antes da tyrannia, impiedade, e brutal soberba dos reis, e tambem da estúpida molleza e servilismo do povo. — Ardam pois em fogo eterno esses povos, que não se serviram dos braços e intelligencia que o Senhor lhes déra, para derrubando d'um só golpe a seus oppressores se passarem logo para os arraiaes de Jesu Christo.

Os paizes que ainda vivem fóra do gremio da religião de Deus, não terão por ventura meio seguro de se fazer christãos, visto que d'outra sorte os espera na eternidade um infinito mar de tormentos, se não abraçarem desde já a cruz do Salvador? Sim ha um caminho efficacissimo. — Façam o mesmo que nas primeiras eras do christianismo praticavam os que ousadamente se inscreviam na milicia de Jesu Christo. Congregavam-se a occultas para exercer os actos do divino culto, obedecendo lealmente a quem os ensinava e cathequisava, e affrontando com denodo os perigos e ciladas que lhes armavam os infieis. — Preferiam mil vezes a morte entre supplicios os mais crueis á perdição de sua alma. Trabalhavam elles mesmos por estender e dilatar

a fé entre seus concidadãos. — Animavam-se uns aos outros com aquelle alento e fervor, que a divina graça inspira a quem a sollicita e procura de coração. — Guardavam emfim com imperturbavel firmeza o sagrado juramento de segredo e constancia, que d'elles recebia o sacerdote de Christo.

Creiam e convençam-se quantos anhelam por ser christãos, que associando-se por este modo, hãode infallivelmente recolher os fructos de salvação, que por venturosa sorte coube aos que n'aquellas eras remotas tanto se sacrificaram pela religião verdadeira, e que hoje no ceo tem a ineffavel delicia de ver a Deus. — E ponderem, que quando se trata de livrar a alma das penas eternas, não ha sacrificios, nem tormentos nem martyrios, por mais dolorosos que sejam, a que não devam submeter-se para chegar a um tão grande resultado. O poderoso meio n'este caso consiste n'uma resolução firme e na mais inabalavel perseverança. — Póde affirmar-se, que não ha coisa, por mais ardua que pareça, que o homem não alcance, intentando-a com coragem e persistindo em seu intento com inalienavel firmeza.

#### CAPITULO XI

Tem os christãos stricto dever de contribuir, com os maiores esforços, para a conversão dos infieis. — Do modo por que póde converter-se, ainda contra a vontade do rei, um povo que deseja ser catholico. — Das circumstancias que podem facilitar esta conversão.

Saibamos, christãos, que não consente nem quer Deus, que continuem a estar desamparados da luz do evangelho,

e para sempre fiquem nas trevas das falsas crenças tantos e tantos milhões de creaturas que ainda jazem no erro, a quem espera o demonio para os tragar por toda a eternidade. — Cumpre-nos pois, recommendam as sagradas letras, empregar nossas vistas e diligencias para os arrancar da voragem em que o peccado os traz envoltos. — Asseveram os doutores da igreja que nos não basta professar a fé e seguir a doutrina de Jesu Christo; que é de mais preciso trabalhar com todo o afan por introduzir esta fé e esta crença dentro dos povos que até hoje a não puderam receber. — É uma obrigação que todos os fieis temos, e a que não podemos faltar, sob pena de grande desagrado de Deus que nos manda amar aos proximos como a nós mesmos. — E que melhor testemunho poderemos dar a Deus d'este amor ao proximo, do que ensinando-lhe o caminho do ceo? E haverá outro modo de penetrar n'esse santo caminho, a não ser pela observancia dos preceitos da divina lei? — E quantos e quantos milhões de homens não ha ao presente, que estão suspirando por que lhes abramos os olhos da razão, e lhes ensinemos a purissima luz do christianismo? Eia pois; não hesitemos nós, que temos a indizível ventura de ser soldados de Christo, não desistamos de quanto antes converter a nossos irmãos, mostrando-lhes o gravissimo resultado de seus erros, e as celestiaes vantagens da conversão á fé.

Mas se apezar dos esforços que uma nação faça para se libertar do pêzo do demonio, persiste o imperante em fazer reinar a idolatria e a impiedade, deverá aquietar-se o povo e deixar-se levar ao inferno, obedecendo cegamente ao

despotismo do rei? Não. Está a salvação da alma acima de tudo, disse Jesu Christo. Disse mais, que de nada servem as riquezas e as felicidades do mundo, uma vez que a alma se não salve. — A maneira unica porque os povos poderão então passar-se para a fé christã, não é outra senão por um alevantamento em massa, d'onde resulte a expulsão do tyranno para longe da patria, e para todo o sempre. Já que por egoismo e impiedade não só continúa na falsa crença, senão tambem arrasta á perdição o seu povo, pereça no exilio, para não contaminar os outros com sua damnada peçonha. — Será remedio violento ; porém ninguem duvidará, que é efficaz. E para grandissimos males, sempre a experiencia aconselhou remedios heroicos. — Estou certo que resolvendo-se um povo inteiro a empregar esta medida salvadora, infallivelmente obterá bom exito, porque o ceo nunca desampara aos que a elle recorrem, crendo em Christo.

Por ventura não fulminou o Senhor por mão dos anjos e tambem de homens, cidades e exercitos, segundo o diz a historia dos tempos antigos, porque affrontaram a sua divina vontade e determinações? — Não destruiu a divina justiça a imperios poderosissimos, e não os reteve em longo captiveiro, porque se oppunham á lei de Deus e a seus divinos conselhos? — Não tem por tantas vezes patenteado sua justissima colera contra as impiedades dos reis, sem envolver o innocente povo n'esta punição? — Pois se Jesu Christo por sua sagrada bocca declarou, como nos livros santos se lê, que para alcançar a salvação da alma deverão cessar todas as contemplações com amigos, com parentes ainda os mais proximos, em fim com todes e com tudo, que

alto merecimento não terão diante do mesmo Senhor aquelles que, por zelar o seu santo nome e em defensão de sua sagrada doutrina, se arriscarem e pelejarem até que consigam o desterro do principe impio e incredulo, que não permite a entrada da religião catholica para dentro do seu reino? — Que? Não levou por tantas vezes o amor da independencia ou o ardor pela liberdade os valentes cidadãos das antigas republicas ao extremo sacrificio da propria vida, querendo livrar sua patria de estranhas aggressões e da oppressão d'um tyranno? Sim: a historia nos offerece repetidos exemplos de tão subido heroismo.

Ora quanto mais meritorio aos olhos do Senhor não é fazer triumphar o estandarte da cruz no seio d'uma nação, que está ávida de se converter, expulsando para longes terras ao principe hereje e perverso, que se affouta em resistir á voz de Deus e aos rogos de seu povo? — Que comparação pôde ter o temporal resgate d'um povo que se liberta do jugo estranho ou do despotismo do seu rei, com o resgate espiritual das almas, das garras do demonio? — A verdade é, que sobre a terra não ha melhor bem, depois do indizivel bem do socego da consciencia, que o bem da liberdade, regulada dentro dos limites das leis. — É um bem, uma dadiva preciosissima que Deus a todos concedeu, e que a todo o custo e por os mais energicos meios cumpre conservar illésa e intacta. — Tambem é verdade, que nunca são demasiados os sacrificios que se fazem para restaurar a independencia nacional; porque a oppressão estrangeira é coisa contraria e opposta á dignidade e religião d'um povo. — Vêde pois, quão mais superior e mais acima não está da



liberdade e da independencia dos cidadãos a sua salvação espiritual, da qual depende o eterno gozo da bemaventurança ?

Nem se argua, que após o rei hereje que acaba de ser expulso á custa de immensos sacrificios, outro virá igualmente máo, senão mais impio e damnado, que venha perseguir com requintada atrocidade e vingança os novos soldados de Christo, obrigando-os talvez a apostatarem da fé. — Quando assim aconteça, forçoso será repetir-se com este o que áquelle se havia feito, isto é, outro igual ou maior levantamento nacional, para que tenha o novo principe sorte igual á de seu predecessor. — E persuadam-se os povos, que á força de exemplos d'esta natureza se corrigirão por fim os reis, até que um desenganado da inutilidade de suas traças e enredos abraçe em boa fé o christianismo, e lhe assegure entre o povo paz solida e segura duração. — Que nos diz a experiencia dos seculos a tal respeito ? Mostranos ella, que a repetição dos castigos infligidos pelos povos a seus principes produz por fim o desejado exito. Nos dois mais bem governados povos da Europa, que são a Inglaterra e a França, administra-se hoje inteira justiça, que é o verdadeiro signal da liberdade, porque não supportaram em silencio os desnegamentos de seus monarchas. — Não ha que debater : logo que o principe chega a desenganar-se que lhe cairá sobre a cabeça a justiça nacional, não continúa a má vida de seus antepassados ; porque não ha para todos os homens outro meio, nem tão efficaz, nem tão seguro de os refrear e amansar, como é a certeza d'uma prompta e inevitavel punição.

A morte, como castigo para os principes impios que nem querem ser christãos, nem consentem que o povo o seja, essa não; porque só Deus, e ninguem mais, tem o direito de matar, visto que só elle é quem dá a vida aos que nascem. — O exilio sim e perpetuo, como já disse, porque é meio efficaz para atalhar a impiedade do monarcha herege. — Attentae e não vos esqueçaes de que Jesu Christo, querendo mostrar a futilidade e o nada das grandezas e riquezas terrenas e o infinito valor da bemaventurança, nos diz que não poupemos trabalho nem esforço por obter a vida eterna da alma, e que para isto abandonemos, se tanto preciso fôr, quanto de mais caro tenhamos n'este mundo. — Sendo a perda da alma um irreparavel mal, e mal que depois dura por toda a eternidade, parece que valerá bem a pena de fazer, quanto cabe em nossas forças, por evitar um mal tão grande. — Por isso torno a dizer e a recommendar áquellas nações que desejam ser catholicas, e que o não tem podido conseguir porque o rei com seus soldados lh'o impede, que se alevantem em massa e lhe inflijam castigo de desterro perpetuo.

Quando o chefe do estado commette o crime de conspirar contra a liberdade do povo, ou se concerta com estrangeiros para que o ajudem em seu deshonoroso intento, usem n'esse caso os cidadãos da brandura e prudencia que com elles costumam ter. Porém tratando-se de salvar a alma, não ha então outro remedio senão o desterro. — E olhem que é meio muito mais duro que a mesma morte, posto que pareça mais brando; porque as saudades e a lembrança da patria, os remorsos da consciencia, a má fama que al-

cançaram com seus flagícios e perversidades, aggravando-se cada vez mais na continuação do exílio, só se refrigeram e acabam na sepultura. — Os reis, para exercitar meritariamente o officio que o povo com razão d'elles exige, precisam esforçar-se por lhe administrar justiça, dar-lhe paz e segurança, e grangear-lhe por cima de tudo a eterna salvação. — Quando se não reconheçam com forças para bem se desempenhar d'estes encargos que andam annexos ao officio de reinar, demittam-se a tempo, porque o povo cuidará então de nomear a quem bem o sirva; aliás expõem-se ao grave risco de uma demissão forçada.

---

### TERCEIRA MEDITAÇÃO

A religião christã hade um dia triumphar em toda a terra. — Da felicidade dos justos no mundo. — Das tribulações do peccador sobre a terra. — Mais facilmente se habitua o homem á virtude, que ao peccado. — Quem pode alliviar os nossos padecimentos é Deus, e não os homens. — Deve o peccador começar vida nova, para ganhar a bemaventurança. — A vida dura pouco. — Do infinito preço da alma humana

---

### CAPITULO I

A religião de Jesu Christo hade supplantar todos os outros cultos. — Os homens não tem cessado até hoje de se tratarem entre si, como animaes ferozes. — O caminho do céu é menos trabalhoso do que o do inferno. — Dos enganos em que vive o peccador. — Da serenidade d'alma que na vida gozam os justos. — Supplica ao Senhor

Ainda que perfeito não ha senão Deus, é todavia para esperar que o homem possuindo uma alma feita á imagem de Deus, venha a ser muito melhor do que hoje. — Não nos desalentemos, peccadores, nem percamos animo; porque tempo hade vir, segundo dizem as santas prophecias, em

que a cruz do Redemptor será hasteada, em signal da completa derrota do demonio, no seio de todos os povos. — É certo porém que desde Adão ainda não cessou a carnificina entre os homens. Triste signal é de que não se tem querido attender ás vozes do Senhor, que manda amar ao proximo com amor fraternal. — Mas como explicar estas guerras continuas e jámais interrompidas desde a appareição do homem sobre a terra? Custa a entender, como procedendo todos de Eva pelo corpo, e sendo todos pela alma filhos de Deus, isto é, sendo nós todos duas vezes irmãos, tenhamos andado sempre e continuemos em perpetuas hostilidades uns com os outros; ora á voz de um que se intitula a si proprió chefe, rei, imperador, ora aos gritos de proprias vindictas, inimizades e discordias; chegando muitas vezes a loucura a ponto de nos suicidarmos, como se por morte do corpo a alma pudesse tambem acabar dentro do sepulchro, para não mais sentir!

O certo é que n'estas façanhas de se matarem uns aos outros, como se vivessem enfastiados de muitas centenas de annos de vida, elles levam grande vantagem aos brutos; porque estes apezar de destituídos de intelligencia, e alguns com instinctos e indole feroz, não se combatem em batalhões cerrados ao mando de um d'elles, nem se arrancam a si a propria existencia. — Ainda mais: quem poderá contestar que a brutalidade, ou para melhor me exprimir, a loucura humana tem chegado ao extremo de irem tirar a vida uns aos outros, sem preceder a menor affronta ou injuria, sem a menor apparencia de razão, sem até se conhecerem, só porque um outro homem, intitulado principe, tyranno, ou con-

quistador, a quem antes deveram ter dado carcere perpetuo, como se faz ás feras, os manda a estes combates fratricidas? — Não era mil vezes melhor, e incomparavelmente mais proprio da dignidade humana amarem-se entre si, como filhos do Senhor, viverem tranquillos, ajudarem-se reciprocamente nos infortunios e revezes da sorte, participarem todos das alegrias e venturas, das tristezas e adversidades que o mundo por todos distribue e reparte? — Não eram muito mais felizes os homens, por ventura não viveram mais contentes, se olhando tranquillos de consciencia para a belleza dos céos, para a immensidade dos mares, para as maravilhas da terra, em tudo admirassem e estudassem a omnipotencia do Creador? — Vêde tambem, se vos não fôra infinitamente melhor esperar, quando Deus quizesse chamar-vos a contas, os ultimos transes da vida em santa paz, confiando affoutamente na misericordia e tambem na justiça do mesmo Senhor? — Mas oh! Que a tranquillidade nos derradeiros instantes da existencia, tranquillidade que n'aquella durissima tribulação tão precisa nos é, não a pòdem ter senão os que n'este valle de miserias e de lagrimas souberam crucificar a carne, rebater as loucuras da vontade, padecer com animo resignado os contratempos e desaventuras da sorte.

Ponderemos agora e vejamos, se poderá haver parallelo entre a serenidade do justo e o remorso do peccador; se haverá comparação entre os transitorios sacrificios porque passam n'esta vida os fieis no exercicio das virtudes, e os trabalhos e amarguras a que por cá se condemnam os mundanos por continuar em suas execraveis abominações. — Quando Jesu Christo disse no evangelho, que é muito es-

treita a porta por onde se entra para o caminho do céu, e ao contrario muitissimo ampla a estrada do inferno, quiz n'esta parabola significar-nos, que por muito mais numerosa que fôra a santa legião dos justos e ainda mais estreita a porta que conduz á bemaventurança, sempre entre elles reinaría concordia e paz; e que pelo contrario por immensamente larga que fosse a estrada do inferno, as innumeradas cohortes dos peccadores a correriam em continuas turbulencias e desordem. — A voz de Deus é a purissima verdade. Pois quão desordenado não é o viver dos mundanos que trilhão o caminho da perdição, dos lascivos, dos avaros, dos iracundos, dos invejosos, dos de coração duro, dos de entranhas damnadas, dos hypocritas e traidores, dos impios e soberbos? Volvem-se e revolvem-se continuamente no pego dos furores, das violencias e das paixões. E como hãode atravessar tranquillos o caminho do inferno, se os vícios são de sua natureza inquietos e desordenados? É por isso que não ha campo, por vastissimo que seja, em que possam caber á vontade.

Porém vós justos? Viveis por ventura tão oppressos e angustiados como aquelles infelizes peccadores? Por certo não. Dizei-me: não se vos alegra o coração quando valeis ao malaventurado, quando praticaes as virtudes da justiça, da temperança, da fortaleza, e quando glorificaes ao Senhor, por vos haver remido com o seu proprio sangue?—Não sentis dilatar-se-vos a alma de jubilo e contentamento, ao implorar a clemencia do Senhor, o valimento da Mãe santissima e a intercessão dos santos em vosso favor e dos proximos?—Ao sair do templo, onde acabastes de presenciar o sacrificio de

Deus vivo, aonde confessastes as culpas e recebestes o sacramento da sagrada communhão, não respiraes vós um ar mais puro e vivificante, o ar da contricção e penitencia, a sanctificante aura da divina graça?—Aquelle suavissimo balsamo que cura as chagas da alma, o sagrado corpo de nosso senhor Jesu Christo não o trazeis agora no peito, identificado comvosco, em testemunho e documento do vosso arrependimento e conversão?

Ah! Sois mui venturosos, porque não só podestes vencer os impetos da carne, mas até consideraes as adversidades e tribulações d'este mundo como instrumentos efficazes de vossa salvação.— Confiaes, seguros da graça divina que se diffunde maravilhosamente sobre os fieis, que alcançareis o perdão de tantas culpas.— Principiaes, já n'esta vida, a saborear as primicias d'aquellas doçuras, que depois não terão fim. Não vos lamentaes das asperezas do caminho que seguís, pois vos vejo estampada na fronte a mansidão angelica, que é o verdadeiro timbre da beatitude.

E os miseros peccadores, como passam elles a presente vida? Oh! amplissimo e declive é o caminho para o inferno; porém revoltosos como são sempre os reprobos, nem alli cabem, nem podem ter socego.— Inimigos de si e do proximo, não reprimem seus desatinos, nem consentem que lhes abram os olhos á verdade.— Por mais que os remorda a consciencia, e apesar de quanto padecem por seus vicios, nem assim se aterram com as penas eternas! Grande Deus, que funesta cegueira não é a dos peccadores, quando se obstinam impenitentes!— Vivem sempre fóra de si e fóra

de vós, meu Jesus, e julgam-se felizes por gosarem as delicias e os prazeres mundanos!—Ah! Quando lhes chegará uma hora em que sendo alumiados da vossa graça, e desenganados dos enganos da vida, se resolvam á contrição e arrependimento de suas culpas!—Não temem a morte, nem a eternidade: antes fundam altissimos castellos de incessantes projectos e esperanças, como se tiveram de durar sempre! —Nem das traças e redes do demonio se receiam, que os espreita noite e dia para os apanhar! Se quando somos subitamente salteados da tentação, tanto perigo corremos, que imminente perigo não correm os que de caso pensado a vão demandar e affrontar?

Attendei, Christãos; quando o demonio parece que levanta o cerco e se vae, não é para se ir, mas para que entregando-nos ao descuido, torne elle com suas tentações de improviso a combater-nos por todas as partes. — Escutemos as vozes do nosso Fr. Thomé de Jesus, quando nos adverte que nunca nos governemos pelo que dirão os outros, que é o maior engano da vida, mas sim que não tenham que possam contra nós dizer com razão, como da nossa parte façamos o que devemos e a tudo o mais cerremos as orelhas. — Recommenda mais o piedoso monge, que quando nos vejamos muito atormentados com zombarias do mundo, nos viremos para Deus e lhe digamos afoutamente... Que temos nós nos homens? D'elles não temos senão companhia de mortaes miseraveis e degradados, fracos no juizo, mal inclinados nos pareceres, cegos na estimação das verdades, enganosos na approvação dos bens e reprovação do mal, pois julgam pelo que se lhe antolha e em tudo navegam como

terrenos que são. — Que queremos uós pois, Senhor nosso, ou que podemos esperar d'elles? Elles de nenhuma coisa menos tratam que da verdade, e nós por elles nos perdemos, e deixamos a vós! Livrai-nos pois dos olhos dos homens. Se assim o ordenardes, Senhor, soffreremos a todos elles, de todos seremos desprezados, andaremos por baixo dos pés de todos, e de todos seremos desagradecidos, mas afastae vossos olhos da vaidade, e dae-nos fortaleza para nos não afogarem os ventos que dos homens nos combatem. — Fortaleçamo-nos com esta supplica ao Senhor para que nos desvie do fatal caminho do inferno, e nos faça firmes e perseverantes na penitencia e conversão. — Vós, peccadores, por mais cego que tenhaes o entendimento nos enganados terrenos, deveis confessar, que muito mais vos custa o goso dos falsos deleites que tanto appetceis, do que aos justos suas tribulações e sacrificios na práctica da virtude. — Deus que é de infinita justiça e providencia não podia consentir que os culpados se afogassem nos vicios e peccados, sem lhes dar logo dôres de consciencia e tormentos com que principiassem a pagar n'esta vida. — Digna é pois de toda a inveja a sorte dos bemaventurados n'este valle de miseria. Com os pés soltos da terra, não receando as consequencias do passado, socegados no presente, esperançosos do futuro supportam resignadamente quantas provações o Senhor lhes suscita. — Vêde como traz o justo o semblante risonho, desafogado o coração, tranquilla a alma, e como vive contente de si, e do proximo, e amorosissimo de Deus. Conhece por inspiração que do céu recebe, que o lenitivo certo e efficaz das amarguras da vida é a oração, pela qual se communica intimamente com o Senhor das misericordias.

Duas coisas ha, disse um nosso theologo, que tornam mui pesados e quasi insoffríveis os trabalhos da vida; são não se reconhecer a mão d'onde procedem, e recorrer tarde ao unico remedio d'elles, que é Deus, que os dá. — Tome-mos portanto todas as tribulações, que nos sobrevenham, como mandamentos de Christo, para as supportar com paciencia. — Não nos queixemos nem das creaturas, nem do Senhor, ainda que nos pareça rigorosa sua mão. — Convençamo-nos, que muito mais padece quem anda a armar laços para enganar o proximo, quem procura os vicios para n'elles se enlodar, do que o homem virtuoso e sincero que a todos trata com lisura e caridade. — Ponderemos emfim, que a alma desamparada e perseguida, crucificada de cruces e tormentos, calada, soffrida, resignada, é esta a mais acceita e amada de Deus.

---

## CAPITULO II

É muito mais facil contrahir o habito das boas do que o das más obras.  
— Exhortação aos mundanos, para que se convertam a Jesu Christo.  
— Ninguem nos póde efficaçamente consolar, senão Deus. — Não se póde agradar a todos. — Não falta o Senhor aos que lhe pedem de véras perdão de suas culpas

Concordemos, christãos, que muito menos padece o que na presente vida procura o céu para futura morada, do que o infeliz que vemos afadigar-se tanto por se sepultar nas deleitações mundanas, para ir parar no inferno. — E tambem não é para duvidar, que mais depressa nos habituamos a ser probos, honestos e respeitadores de Deus, do que a ser viciosos e impios. — Mas como não será assim, se o Senhor tão manifestamente declarou, que não creára ao homem senão para lhe dar partilha na herança dos céos? Que mais

subida fineza desejaes vós, do que o testemunho do mesmo Senhor em favor dos homens? — Ah! quão lastimosa não é a cegueira dos que não crêem em Deus! Pelo contrario, quão venturosos não são os que esperam o riquissimo legado da bemaventurança, legado que hão de gosar no seio de toda a côrte celestial!

Venham agora dizer os mundanos, que só para desfrutar os prazeres da mesa, os ocios do leito, as alegrias dos convivios, dos passeios e dos bailes, as deleitações da lascivia, do jogo, dos espectaculos, as honras, dignidades e riquezas é que vieram ao mundo, e que na posse de tantos bens e delicias é que a verdadeira felicidade consiste. — Coisa muito para maravilhar: crendo enganar aos outros, não enganam senão a si proprios. — Não: verdadeiramente ditosos são antes os que evitando cuidadosamente todas as deleitações terrenas, empregando o tempo na satisfação de suas obrigações, no culto divino, na caridade com o proximo, se não descuidam jámais d'aquella temerosa hora da morte, na qual teem de deixar para sempre este mundo, para irem logo prestar contas a Deus de tudo o que por cá fizeram. — Esses obstinados mundanos, que tão felizes se dizem, convidando-os a que volvam a mão dentro da consciencia, e me digam se não lhes acontece frequentes vezes revoltar-se contra si mesmos, e até contra os vicios, ao ver-se despresados de seus proximos, e ao mesmo tempo opprimidos do remorso. — Não observam que aos justos, posto que o mundo os affronte, os indemnisa sobejamente de semelhantes injurias e injustiças a boa fama e mais que tudo o socego de consciencia?

Cuidem pois os peccadores de se arrepender, e reformar seus ruins habitos. Orem do coração ao Senhor, para que se digne de os alumiar com sua divina graça. — Convençam-se que lhes não será muito penosa a conversão, desde que se resolvam a encetar o caminho da virtude, para que alcancem depois o glorioso nome de verdadeiros filhos do Senhor. Ah! Logo que se principia a seguir os passos do Redemptor e a tomar sobre os hombros o sagrado lenho em que por nós morreu no Calvario, com quanto jubilo e intima satisfação se não passam estes breves momentos da vida? — Olhae para os soldados de Jesu Christo: vêde como vão intrepidos e contentes no caminho da cruz, sem que os perturbe nem o mundo nem a lembrança da morte! Porque não teem esperança e fê senão em Deus; não aspiram senão á felicidade eterna.

Demos séria attenção ás vehementes palavras de dois theologos nossos, tão repassadas de piedade, como proveitosas para a alma... Os peccadores, emboscados em vicios e esquecidos da conta que o Senhor lhes hade pedir, não cuidem que lhes hade sempre durar sua falsa prosperidade, porque emfim hãode ser perdidos, se acabarem em seus peccados. — Com nascermos todos na terra e de terra, devemos lançar os ramos dos pensamentos ao céu, e quanto mais com as raizes do coração descermos por humildade, tanto mais com as vergontas das virtudes subiremos por merecimento, porque o Senhor hade um dia elevar para sempre os humildes. — Triste engano é o d'aquelles que cortejam ao mundo, porque em quanto nas partilhas d'esta vida ficam os justos com as virtudes que são bens de raiz, não querem

os depravados senão riquezas e deleitações, que são moveis que se gastam com o tempo, sem se lembrarem que o caminho da perdição é fazer o que o appetite pede e não o que a razão aconselha. — Que caminho podem os peccadores levar seguro e acertado, desviando-se da cruz do Senhor? Mais devemos querer cruz com Deus, que sem ella todo o descanso da vida. *Vale mais sermos com o Senhor affligidos, deshonorados e perseguidos, que cariciados e bem-quistos dos homens e do mundo.* — O que devemos desde já implorar a Deus é que nos obrigue a executar sem demora os actos de penitencia, confissão e communhão, pois não basta o proposito que tenhamos feito de a elle nos converter senão é tambem indispensavel que nos apressemos em realisar o firme intento da conversão.

O principio dos negocios é a execução, e em quanto se não dão á execução, diz um habil theologo, não se lhes tem dado principio. Desenganemo-nos que tudo quanto os homens dão, não póde consolar o interior da alma; só Deus é que em segredo nos consola, recreia e enche de suavidade e doçura incomparavel. — E quem poderá contentar os homens sendo elles affeiçoados no juizo, differentissimos nas inclinações e pareceres? — Pelo contrario, aos que temem e amam a Deus, tudo se lhes converte em bem, pois elle com bem pouco se contenta; por isso os que se virem perseguidos dos maus e cercados de seus ardis, entendam que tem seu cabedal e interesses seguros, porque o Senhor paga generosamente e não falta nunca. — O que mais nos cumpre é rogar vivissimamente ao Senhor, que nos dê coração para affrontarmos os desprezos do mundo, e espirito firme com

que nos não desprendamos jámais da fé e esperança em sua divina misericórdia. — Tenhamos fé verdadeira. Se por ventura nossa nos decidirmos a abandonar as deleitações, os enganos e as vaidades do mundo, o novo caminho da conversão nos será mui ameno e muitissimo mais aprazível e facil, que a escabrosa e fatal estrada do peccado.

Para que a todos chegue a convicção d'esta verdade, o que convem fazer é experimentar durante alguns dias, e tentar com firmeza a reforma de seus costumes. — Depois verão por si proprios e hão de perceber, quão grande proveito lhes resulta d'este ensaio, d'esta feliz experiencia.

---

### CAPITULO III

Geral cegueira dos homens. — Desengano que todos devemos ter do rapido termo da vida e da eternidade que nos espera. — Começemos já a reforma dos costumes. — São poucos os escolhidos para a bemaventurança. — Efficacia do sacramento da communhão para nos salvarmos. — A nossa alma vale mais que todo o mundo

Não posso calar-me ao ver a azafama e o afan com que todos andam correndo nas casas, nas praças, nos mercados, sulcando os mares, percorrendo todas as regiões do globo, a tratar sómente de coisas terrenas e morredouras, sem lhes vir ao pensamento nem a morte, nem a eternidade! — Parece incrível que tendo dado o Senhor a todos alma intelligente e immortal, tão poucos d'ella façam caso, para sómente se virarem com suas atenções para o fragil e terroso corpo que a mais leve doença, o menor golpe, o mais insignificante contratempo reduz a pó! — É pasmoso, é acima de tudo estranhavel, que devendo todos ter inteira certeza de que

hade apparecer-lhes por fim ou o purgatorio, ou o céo, ou o inferno com uma eternidade que não acaba, de penas ou de glorias, se afferrem com tanto afinco ás torpezas e aos vicios, que infallivelmente os levam ao abysmo, desprezem o amor de Deus e a caridade do proximo que os conduzira certamente á bemaventurança.

Deus meu! Ah! se vos dignasseis de abrir um dia os olhos a tantos milhões de cegos e loucos, que se não cançam de adorar o diabo, virando-vos as costas sem receio algum de vossa inflexivel justiça!

O meu dever, é repetir em alta voz aos peccadores as admoestações e conselhos em que tanto abundam os escriptores sagrados, para que todos nos convertamos a Christo. — Praza a Deus, que produzam bom exito. Assim o devo esperar, porque nosso Senhor costuma servir-se das mais insignificantes creaturas e dos mais debeis instrumentos para despertar os poderosos e os grandes do somno dos vicios. — Desenganemo-nos, que são muitas nossas culpas, e que qualquer d'ellas é grave offensa de Deus. E não sabemos se estão ou não perdoadas. — Esta vida que tanto amamos, é um mar de miserias; e o mundo com que tanto nos enganamos, um pégo de vaidades. Vamos todos caminhando para a eternidade. — Hade chegar a morte, e não sabemos quando. Havemos de dar contas a Jesu Christo, e não sabemos que sentença teremos. — Se nos salvamos, lograremos por toda a eternidade uma bemaventurança ineffavel. — Se nos condemnamos, perdidos ficamos para sempre; e não póde imaginar-se maior desgraça. — Tudo isto é tão certo,

que o não pôde ser mais, pois é de fé. Vejamos pois quanto nos importa detestar o peccado, desprezar o mundo, acautelar para a morte; em uma palavra, viver segundo a lei de Deus.

Para viver bem, é necessario fazer verdadeira penitencia das passadas culpas, e d'aqui por diante até o fim da vida, governarmo-nos pelas determinações da lei divina. — Para guardar com perseverança os preceitos de Deus, precisa é a sua graça; esta dá-a o Senhor a quem lh'a sollicita com instancia. — A graça pede-se na oração, na meditação e na sagrada communhão. — Quem ama a Deus estando em graça, tem por premio ver a Deus: e quem torna o sacramento da communhão, estando em peccado, tem por castigo não o ver eternamente. — Chorem pois os olhos, e morda-se eternamente de raiva e desesperação a bocca com seus proprios dentes, pois se atreveu a tocar e comer a Deus como não devéra. — Nunca nos esqueçamos da temerosa sentença que Jesu Christo proferiu, e que nos deve a todos encher de susto para que redobremos de vigilancia... *Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos para gozar a bemaventurança.* — Quiz o Senhor significar n'esta parabola, que o fim dos chamados é a gloria; e o pão dos escolhidos o sacramento eucharistico. — Todos os que usam do pão dos escolhidos, obtem o fim dos chamados: todos os que frequentam com a decencia e disposição conveniente a mesa do Santissimo Sacramento, todos os que se sustentam do pão dos justos, que é o banquete de Deus na terra todos conseguem o fim dos chamados, que é o céu. — Ao contrario, os que tendo sido chamados por Deus, não conseguiram ser por Deus escolhidos, esses vão para o inferno onde ha-

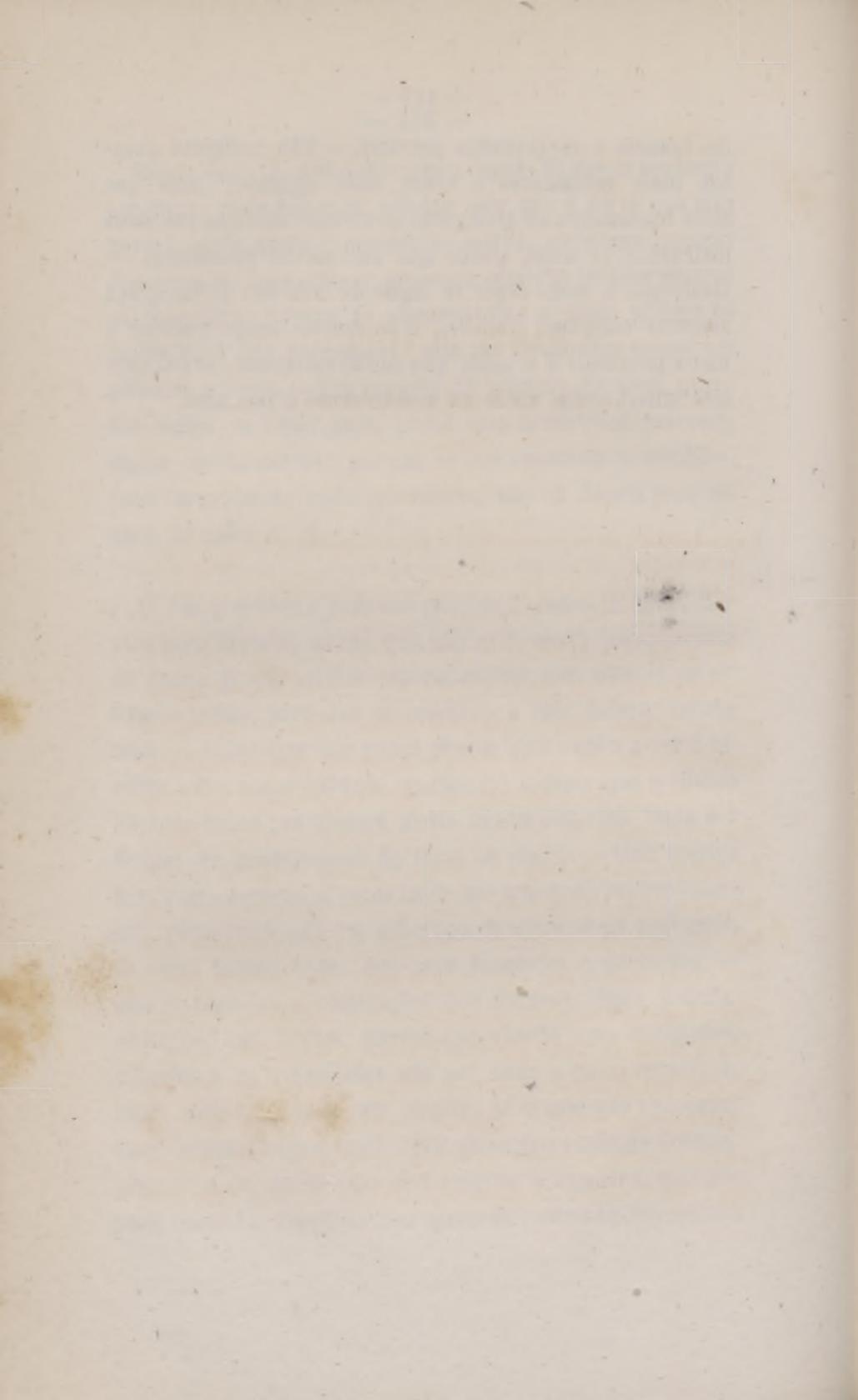
verá lagrimas de raiva e ranger de dentes da desesperação.

Esquecendo-nos de orar a Deus e commungar, logo a luz da graça afrouxa, e as trevas do mundo, carne e diabo obscurecem e encobrem o caminho da salvação. — Olhemos que a estrada que leva ao céu, são poucos os que a acertam; a porta do caminho que vae á vida eterna, é estreita e poucos são os que a acham. — Diligenciando ser virtuosos, nada perdeis, antes muito ganhaes; em não procurar a virtude arriscamos tudo; e a salvação não é para se arriscar, nem as inspirações de Deus, para se contemporisar com ellas. — Attentemos esta pasmosa reflexão do maior de nossos prégadores... Parece que mais agradecida está nossa alma ao demonio e muito mais lhe deve, que a nós. Elle a honra, nós a affrontamos; elle offereceu a Deus, quando como homem nos veiu resgatar do peccado, todas as monarchias do mundo com todas as grandezas, glorias e riquezas, se dobrando o joelho em terra o adorasse. — Isto que estás vendo d'este alto monte, disse o demonio a Deus, querendo-o tentar, te darei se com o joelho em terra me adorares. — Vejamos pois em que altissimo preço tem o demonio a nossa alma, que por ella offerecia todo o mundo! — E não nos envergonhamos em considerar a nossa alma em muitissimo menos, do que a avalia o proprio demonio! — Demo-nos pois todos por avisados, e façamos com tempo as nossas contas; depois não nos queixemos, nem digamos que nos enganou o mundo, ou que nos enganámos e errámos. Porque esses queixumes para nada nos aproveitam. — Saibamos, que Deus a todos quer salvar; mas creamos firmemente, que não hade salvar a todos.

Sendo, como é, e certissimo que depois da morte nenhuma esperança pode haver de perdão, por que é de fé que não haverá então senão remuneração eterna, ou eterna punição das boas ou más obras, segue-se que são sempre poucos os conselhos, poucas as admoestações e ainda poucos os avisos para nós peccadores, que tão obstinados somos em offender a Deus. — Em materia de salvação da alma, quantos meios se empregam, posto que demasiados pareçam, nunca são bastantes: porque se nos acontecer a terribilissima desgraça de cahir no inferno, não ha depois meio algum de sahir de lá.

O fim que n'este livro me propuz é, como já disse, chamar para Deus as almas que não estão ainda desamparadas da divina graça, lutando vigorosamente com ellas até o ultimo extremo, para que se resolvam a crêr deveras no Senhor. — Posto que não possa prever qual venha a ser o resultado dos meus esforços, parece-me todavia que o divino Espirito Santo me ajudará n'esta minha empreza, tanta é a fé que na misericordia de Deus eu tenho. — Mais seguro fico n'esta esperança, recordando-me que a divina Providencia, para confundir os soberbos da terra, e os converter, se serve muitas vezes dos mais humildes e pequenos. — Mas a cegueira e obstinações dos homens, força é declará-lo, não tem limites: parece que quanto mais castigados, advertidos, re-rehendidos são por Deus e pelos remorsos, tanto mais persistem em peccar, se é que não redobram suas culpas. — Eis o motivo por que sob o titulo de *Contemplações* e de *Meditações* vou renovar a doutrina, que aos mais humildes d'espírito lhes apresentei sobre os Novissimos

do homem e os peccados mortaes. — Vão redigidas phrases mais vehementes e estilo mais apurado, para que mais fundamente se arraiguem no coração dos que por mais instruidos se teem, posto que não menos peccadores. — Oxalá que o bom Jesus se digne de com sua divina graça amparar este meu trabalho, e ao mesmo tempo perdoar a meus proximos e a mim, que muito carecemos de sua infinita misericordia, todos os nossos erros e peccados.



## PARTE QUARTA

### CONTEMPLAÇÕES

---

#### ADVERTENCIA

Todos havemos de morrer. — Todos seremos julgados por Christo. — Os Novissimos do homem devem servir de aviso ao peccador, para se mover e determinar ao prompto arrependimento de suas culpas

No meio das grandezas, das paixões, das vaidades, dos desregramentos da vida, é bem que o homem se lembre, uma e muitas vezes, dos seus ultimos fins ; e considere quaes hão de ser os premios eternos de suas boas obras, ou a irrevogavel condemnação de seus peccados. — Lembre-se o homem de que é pó; porque de um pouco de pó, de um pedaço de barro o affeioou a mão de Deus ; e lhe insufflou com a vida toda a sua nobreza e dignidade o bafejo do Senhor. — Traga o homem á sua lembrança que este pó vilissimo, que está hoje ennobrecido porque dentro d'elle habita uma alma immortal, volverá um dia, desprenhida a alma de suas prisões terrenas e corporeas, a ser o pó que era d'antes. — Attente pois o homem em que não sómente é pó animado, mas que será amanhã pó sem animação, quando a morte o vier saltar no meio de suas mundanidades e colher de improviso no seio de suas mais dou-

radas esperanças. — Considere bem que o barro que é hoje estatua viva com suas proporções e suas formosuras, será amanhã despojo miseravel n'este lugar de desenganos, que se chama o tumulo.

Decretou Deus que o homem não chegaria a ser immortal, senão depois de ter passado pelos transe da morte: assim, que hade o homem primeiro que chegue a alcançar a immortalidade, descer ao sepulcro, para d'alli se levantar á bemaventurança eterna, ou descer ás penas eternas de sua condemnação inexoravel. — Determinou o Senhor que os homens houvessem de morrer uma vez; e que depois da morte, se seguisse o Juizo. — Hãode os homens pois morrer; que esta é a sentença de que não pôdem eximir-se. — Mas ao morrerem, do barro fragil e mortal que de novo se desata em pó, solta-se livre a alma para responder diante do tremendo tribunal, aonde Deus lhe dará o premio ou o castigo; o premio nas graças eternas do paraizo, o castigo nas penas egualmente eternas do inferno.

É a morte a pena commum, imposta pelo Juizo-divino a todos os homens pelo peccado do seu primeiro pae. — Pelo primeiro homem que peccou, diz S. Paulo, entrou o peccado n'este mundo, e como consequencia do peccado e em sua companhia entrou logo a morte tambem; assim que passou a todos os homens a morte d'aquelle, em quem todos peccaram. — Ao primeiro peccador deu o Senhor por pena a morte, a que ficaram sujeitos todos os descendentes do primeiro peccador. — A morte é pois o castigo do peccado original. — Mas Deus em sua infinita misericordia não

quiz que o homem padecesse eternamente, só porque era filho do primeiro peccador. — O homem pelo primeiro peccado que houve no mundo, ha de morrer por necessidade. — Mas como as obras da justiça divina vão sempre acompanhadas das de sua infinita misericordia, não quiz Deus, diz um nosso escriptor mystico, que esta pena fosse justa e rigorosa, sem que tambem fosse com muitos remedios mitigada.

Aquelles são os novissimos ou ultimos fins do homem : morte, juizo, inferno, paraizo. — Dois certos, e dois incertos : dois certos, morte e juizo porque todos havemos de morrer e de ser julgados ; dois incertos, porque não sabemos qual nos ha de caber, se o premio na bemaventurança, se no inferno a eterna punição. — E se a estes novissimos não podemos subtrahir-nos, como é que hade haver christão que viva d'elles esquecido, e que ao engolfar-se em suas vaidades e peccados esteja cuidando que hade ser eterno cá na terra, e que não hade soar para elle a hora terrivel, em que virá o anjo da morte cital-o a comparecer um dia diante do Juizo do Senhor ?

Discorramos pois brevemente por cada um d'estes quatro Novissimos, e vejamos como cada um d'elles é uma trombeta, que nos está incitando ao combate das virtudes christãs, cada um d'elles uma voz que intimamente nos persuade a imitar os exemplos de Jesu Christo e de seus santos, uma eloquente reprehensão de nossos desvarios, e uma advertencia temerosa de que volvamos do caminho da perdição e busquemos sanctificar a nossa vida e merecer os premios

eternos que o Senhor tem reservados para os que o serviram, e lhe tem sido fieis durante a vida terrenal.

---

## Da Morte

### CAPITULO I

É inevitavel a morte, porque é a punição do peccado original. — Esta pena foi por Deus mitigada com varios remedios. — O peor mal da morte é o Juizo que se lhe segue. — A morte eguala a todos, por mais deseguaes que tenham sido na vida

É a *Morte* um castigo a que nos tem sugeitos a justiça de Deus. — Mas o que ha de mais temivel na morte, diz o padre Bourdaloue, não é a mesma morte mas sim as suas consequencias inevitaveis. — E o que ha de mais temeroso n'estas consequencias, continúa o mesmo autor, é que são eternas; porque o momento que é para mim o termo da vida presente, hade ser tambem o principio de uma eternidade, ou bemaventurada ou infeliz. — E no mesmo instante em que se disser de mim com verdade... morreu; com egual certeza se dirá... eis-ahi que a sua sorte foi já determinada por Deus, eil-o para sempre ou predestinado ou réprobo.

O primeiro d'estes remedios foi sugeitar-se tambem á morte o mesmo Deus tomando carne passivel e mórtal, para que, na bella expressão do apostolo, não tivéssemos Pontífice, que de nossas miserias não soubesse condoer-se. — E accrescenta aquelle nosso escriptor parenetico.... o capitão que marcha na primeira frente do exercito, expondo o peito ás lanças e ballas e estreando os primeiros furores do ini-

migo, mette coração a seus soldados, para que façam cara ao perigo e busquem a victoria, ainda que seja comprada com as vidas. — Assim Christo, capitão esforçado, morrendo em uma Cruz, por alcançar victoria da morte, nos anima a passar-mos pelo mesmo trabalho para colhermos o mesmo fructo.

O segundo remedio é a ressurreição — Sabemos que havemos de morrer; mas tambem sabemos que havemos de ressuscitar. — Mas a ressurreição póde ser para nós um bem ou um mal: um bem quando ressurgimos para a bem-aventurança, um mal quando renascemos para as penas eternas. — Não basta pois que tenhamos a certeza da ressurreição; mas é necessario que nos esforcemos para que depois d'ella hajamos de ressuscitar para o bem e para o céu; porque não ressuscitar bem, é peor do que não ressuscitar.

Pois que em seguida á morte vem a ressurreição, e logo no mesmo ponto em que havemos de ressurgir se nos deparam dois caminhos differentes, um que leva direito ao céu e outro que conduz para sempre ao inferno, não é a morte que devemos temer senão o *Juizo*, com que depois da ressurreição Deus nos ha-de sentenciar, para que ou vamos a participar da gloria celestial, ou a penar eternamente no inferno. — É a morte o nivel temeroso, que eguala todas as condicções, e que reduz á mesma condicção o vencedor e o vencido, o imperador e o pegureiro. — Perante a sua inexoravel sentença é rigorosa e absoluta a egualdade de todos os homens. — Só ha uma differença entre elles:

é que uns morrem para depois viverem gloriosos na bem-aventurança; e que outros morrem temporalmente, para que a morte temporal se eternise depois nas penas irremediáveis do inferno. — Em quanto a vida dura, nos adverte um nosso escriptor mystico, entre homem e homem ha muitas e muito grandes distincções; tantas que parece impossivel o contal-as e o sabel-as; porque cada um trabalha sempre por se differencar dos outros; tão grandes que ás vezes parece maior a differença entre homem e homem, que a differença entre homem e bruto. — Ser illustre ou ser baixo, ser letrado ou idiota, rico ou pobre, senhor ou escravo que distincções não tem introduzido no mundo? — As edades, os costumes, as nações, as doenças, os humores, os officios, os climas, os acontecimentos quanta multidão de differenças tem produzido? Chegou o ponto da morte, já não ha nenhuma differença. — Nem o sabio póde inventar arte para escapar deste ponto, nem o rico póde corromper este ministro inexoravel, nem ao illustre lhe terão respeito, nem ao valente medo, nem ao menino magoa, nem ao senhor obediencia. — Tudo já é um, tudo igual, tudo uniforme. — Ao passar por um ponto tão apertado ficaram as differenças de fóra.

Que ha pois que possa distinguir os homens real e verdadeiramente, se as distincções do mundo são vans, transitorias, enganosas, e se esvaecem como o fumo, quando a morte vem chamar a todos para o Juizo? — Qual é a differença, que a morte não póde egualar? — Qual é a sabedoria, que ella não hade confundir com a ignorancia? — A nobreza, que ella não hade egualar com o plebeismo? A

força, que ella não hade irmanar com a frouxidão? A riqueza, que ella não hade reduzir á pobreza necessaria? A formosura, que ella não hade tornar em podridão? A preeminencia, que ella não hade abater na humildade da ultima jásida?—É a sabedoria da virtude, é a fidalguia das boas obras, é a formosura da alma, é a preeminencia com que Deus hade premiar o christão, que por sua viva fê e boas obras tiver merecido o eterno galardão.

---

CAPITULO II

Todas as coisas do mundo são illusões e vaidades, que depressa acabam.  
— A morte põe termo aos peccados, destruindo o peccador

Nada há pois mais feito para conservar no espirito a luz da humildade christã, do que a lembrança dos *Novissimos* do homem. — A morte annuncia-nos que isto que nos parece mundo, não é senão desterro temporario; que isto que se nos affigura vida, é provação; o que julgamos realidade, é theatro; o que pensamos fortuna, é illusão; o que temos ca na terra por duradouro, é ephemero e miseravel. — Julga o homem, quando a prosperidade o favorece, e quando vae de velas inchadas navegando em mar de leite de suas terrenas ambições, julga o homem que é cedro possante cujas raizes afundam no solo; e é apenas plantasinha rasteira, presa por debeis esteios a este grande e esteril rochedo, que se chama a terra. — Julga que é torre erguida em seguros alicerces; e é barquinha fragil balançada pelos ventos e pelas ondas, e a poucos passos despadaçada n'uma praia, que não tem fim. — Oh! que se os vaidosos da terra, se os grandes peccadores que douram e enfeitam o peccado com o pretexto de ser o caminho mais breve para as grandezas e de

leites do mundo, tivessem presente a cada momento o que são estes deleites e grandezas mundanas! — Se elles se lembrassem, que a morte escondida por detraz d'elles lhes está espiando os passos e deixando traçar seus planos e seguir suas paixões, e buscar satisfação a seus desejos carnaes e julgar eternos os bens que procuram, e depois quando os vê mais enlevados em suas peccaminosas phantasias e desconcertos, os saltea e colhe na propria rede, que haviam enlaçado para pescar a que elles suppunham immorredoura felicidade!

Lembre-se pois o mundano que sonha só ambições e poderio, lembre-se de que Alexandre que levou a espada conquistadora até onde a não vibrára ninguém, é ha centenaes de annos um pó sem nome e sem logar certo n'este mundo. — Lembre-se o que aspira ardentemente ás glorias mundanas, que o sol d'estas glorias não poderá aquecer com um só dos seus raios a glacial frieza do sepulchro. — Lembre-se o que ama os prazeres carnaes, que a morte lhe hade vir a tirar das mãos, quando menos o cuide o peccador, a taça impura com que está bebendo a peçonha do peccado disfarçada com a triste doçura da sensualidade. — Lembre-se o avarento que está enthesourando e recatando cautelosamente seus haveres e faltando a suas proprias necessidades e ás obrigações da caridade christã, que a morte o hade forçar a separar-se d'aquelles seus idolos de ouro e de prata, e que se hade ir a fazer sua viagem eterna sem levar comsigo um real para o caminho.

Lembre-se todo o peccador obstinado que se esquece

a morte, não a evita.— Se os fumos do festim encobrem a condemnação severa escripta por dedo invisivel nas paredes sumptuosas, se as alegrias da vida sensual abafam a voz da consciencia, lá virá dia em que na escuridão e no silencio do tumulto appareçam bem visiveis as letras de fogo com que Deus escreve os juizos dos maos, e se oiçam as pavorosas palavras... *Affastae-vos de mim, reprobos, ide para o inferno!*

---

## Do Juizo

### CAPITULO I

É muito mais temeroso o juizo do Senhor, que a hora da morte.—Alli só valerá á alma o auxilio de suas boas obras. — Vozes de terror que soltavam os santos lembrando-se das contas, que tinham de dar a Deus

Depois da morte virá o *Juizo*. — Assim como ninguem pôde subtrahir-se á lei da mortalidade, assim depois de pagar seu feudo a esta universal soberana, se não poderá eximir de comparecer na presença de Deus para ser julgado segundo seus meritos.

É temerosa a morte, mas é infinitamente mais para temer e infundir terror o Juizo, que hade sentencear para todo o sempre. — Desde que uma vez, diz Bourdaloue, se cae nas mãos do Deus vivo, já se não pôde sair. É em vão que se espera o auxilio dos homens. — De quem conseguirá o homem fazer-se ouvir quando estiver só com Deus; e ainda quando o homem chame em seu soccorro a todas as creaturas, de que aproveitariam todos os seus esforços contra o seu commum Creador? — Virão pessoas caridosas, virão

amigos e parentes junto do corpo do que lhes foi querido, cumprir os ultimos deveres e romper em palavras de pesar e de saudade, mas as orações e os votos porão em seguro a alma do homem, se Deus os não escuta? — E por ventura os attenderá, se votos e orações não são acompanhadas pelos meritos e pela santidade da vida no homem que Deus está para julgar? — Achar-me-hei pois n'este momento terrivel entregue a Deus, a Deus sem mais soccorro que o meu proprio, entregue a Deus de quem dependerá o meu destino por toda a eternidade, só com o meu proprio auxilio porque então no desamparo o mais completo só levarei comigo as minhas obras, e d'ellas se comporá todo o meu esteio e toda a minha defeza.

Oh! como eu aprenderei então a dar a uma vida santa e religiosa a estimação que lhe é devida! Como eu heide comprehender a felicidade da minha vocação, se eu tenho cumprido fielmente todos os deveres d'ella! — Que confiança me não dará no juizo de Deus uma exacta regularidade, uma cega obediencia, uma pobreza totalmente desamparada, a submissão do meu espirito, a mortificação dos meus sentidos, o retiro do mundo, a frequencia da oração, o cuidado das mais pequenas coisas! — Como eu serei então recompensado de ter feito n'aquelles pontos o sacrificio dos meus desejos, de ter combatido as minhas repugnancias naturaes, de as ter vencido, de não ter escutado nem os exemplos que eu tinha diante dos olhos e que me podiam seduzir, nem as considerações e vãos respeitos que me aconselhassem o quebrantamento de meus deveres e a pouca assiduidade dos meus exercicios espirituaes! — É esta lembrança do passado

que me hade dar todo o esforço, e que me hade assegurar contra o terror de um juizo, onde não terei senão a minha propria consciencia que se encarregue da minha causa, e pronuncie diante de Deus a minha apologia.

Não ha criminoso por mais jubilado em abominações e iniquidades, que ao passo que está perpetrando suas aleivosias não esteja cuidando em illudir a justiça e em sair triumphante dos seus accordãos.— E quando é tamanho o pavor que se apodera do réo ao entrar no pretorio do juiz, ao ver o aparato da justiça, ao presenciar a catadura asperrima do magistrado, ao ouvir as palavras severas da accusação, ao presenciar o depoimento inexoravel das testemunhas, ao soletrar no texto das leis a pena comminada ao seu delicto, ao phantasiar os transes dolorosos da pena capital, ou a agonia lenta do carcere perpetuo, ou as amarguras crueis do exilio em terra inhospita, insalubre e mortifera, quanto mais não será para infundir terror o aspecto do Juiz divino, a presença d'um accusador implacavel e a perspectiva d'uma punição infinitamente mais dura do que a das leis humanas, porque é sem appelação, porque é eterna, porque é composta de quantos supplicios tem compendiado os homens em seus codigos mais draconianos e de infinitos outros que escaparam e hão de escapar para sempre á invenção humana?

No tribunal dos homens temos um juiz que se póde enganar; no tribunal de Deus um juiz infallivel; no dos homens um juiz que se póde corromper; no de Deus um juiz incorruptivel; no dos homens um juiz que sabe apenas por testemunhos alheios, no de Deus um juiz que penetra no

fundo da consciencia, e sabe até as minimas circumstancias do que nós pensamos, dissemos e obramos em cada dia, em cada hora, em cada momento, em cada instante da nossa existencia por mais longa que haja sido n'este mundo ; no do homem ha um juiz sujeito a paixões, accessivel a odios e sympathias ; no de Deus ha um juiz cuja justiça não é contrabalançada pela mesquinhez dos affectos humanos, nem a sua misericordia sujeita ás condicções que determinam a clemencia dos potentados terrestres.—No tribunal dos homens o accusador é um homem tambem, no tribunal de Deus o accusador é o inimigo jurado e implacavel dos homens, por mais justa que tenha sido a sua vida, accusador apostado a afeiar e exagerar os delictos humanos porque o seu jubilo todo é a condemnação dos homens no tribunal divino, accusador interessado na sentença, porque o seu officio é recrutar habitadores para os seus dominios.—No tribunal dos homens as testemunhas são homens como o réo que poderão um dia ser tambem réos, sentar-se no mesmo banco e ter contra si o depoimento dos seus proximos ; no tribunal de Deus as testemunhas não precisam de ser citadas para que venham de logares remotos depôr em favor do réo ou contra elle, acompanham-no toda a vida, assistem com elle no juizo, teem já os seus depoimentos escriptos no temeroso registo de Deus, são a consciencia do homem, são os seus peccados e malfeitorias. — No juizo dos homens a maxima pena que pode infligir-se ao criminoso é a pena capital que traz comsigo a morte do corpo, no juizo de Deus é a morte da alma, por que verdadeira morte será para ella a eternidade dos castigos no inferno. No juizo dos homens ainda se poderá resgatar a cabeça a preço de desterro perpetuo ;

no juizo de Deus este desterro não será sómente perpetuo, como cá na terra, mas eterno n'aquellas pavorosas e lugubres regiões, aonde a alma ficará para sempre exilada da bemaventurança e punida a cada instante pelos mais honrosos supplicios, que será incansavel em lhe apparelhar o inimigo commum do genero humano.

Considere pois o christão que tanto se aterra com a justiça dos homens, quanto lhe convém para sua eterna salvação o temer a todos os momentos o juizo de Deus.—Para escapar á sentença dos homens não é preciso ser justo, basta só parecel-o; no juizo de Deus não ha enganos, nem dissimulações, nem hypocrisias que sejam bastantes a esconder o réo á justiça divina.—No juizo dos homens punem-se as obras, mas os pensamentos saem para fóra da alçada e jurisdição dos tribunaes; no juizo de Deus cada um dos vossos intimos pensamentos, cada um dos vossos appetites immoderados, cada uma das vossas paixões mundanas apparecerá á luz da comprehensão divina, e será pesada na balança do Senhor.

Oiçamos o que diz o nosso eloquente Bernardes tratando do Juizo... Os maos não cuidam no Juizo, diz o Espirito Santo, que se cuidaram, já não seriam maos. Cuidam porém os santos para o serem e para o não deixarem de ser; um David que confessa que logo procedeu justificado para com Deus, tanto que considerou a Deus Juiz para comsigo. — Um S. Jeronymo que dizia... cada dia e cada noite estou esperando com tremor a conta que heide dar do minimo pensamento, e a hora em que me hão dizer... Jeronymo sae fóra.

—Santo Agostinho que affirmou que nada o tirára com mais força do pego de seus vicios, do que o medo da morte e do juizo.— Um S. Bernardo que exclamou dizendo... estremeço da ira do Senhor Deos, da presença do seu furor, do ruido do mundo vindo a baixo, do incendio geral dos elementos, da tempestade desfeita, da trombeta do archanjo, da palavra aspera na ultima sentença.

O corpo, continua Bernardes, caiu em terra desamparado da alma: a alma estará em pé n'este tribunal do Juizo divino, desamparada de todos: já lá vão os acompanhamentos dos amigos e parentes, já cessaram os obsequios dos servos e vassallos. — Até os reis antigamente poderosos estarão, diz S. Jeronymo, desamparados de toda a parte tremendo e palpitando. — Podemos dizer a esta alma posta em Juizo o que S. João no Apocalypse disse de Babylonia, quando tambem chegou a hora de ser julgada... Acabaram-se as mercadorias e riquezas de ouro e prata e pedras preciosas e perolas, as olandas, as purpuras, as télas e as sedas, acabaram-se as madeiras preciosas, os vasos e copos de marfim, de metal e pedras de estimação, acabaram-se os cheiros deliciosos, os ambares, as aguas exquisitas, os unguentos, os perfumes, acabou-se a opulencia e abundancia das herdades, cavallos, carroças, escravos e creados. — Que é feito das pretensões dos officios, dignidades, habitos, mitras, corôas e thiaras? Onde está a linha da descendencia e successão do morgado, que tanto cuidado lhe davam; como desapareceu o fumo da honra, da lisonja e do applauso que tanto lhe esvaeciam a cabeça? — Pereceu tudo em um momento porque chegou a hora do seu Juizo!

CAPITULO II

Parallelo do Juizo dos homens com o Juizo de Deus.—É este infinitamente mais para temer, que aquelle

Considere e attente o christão, quanto será terrivel e pavoroso o Juizo de Deus, quando tão temerosos lhe parecem na terra os juizos dos homens? Nada ha mais respeitavel no mundo do que a justiça, nem ha condição mais para temer do que a do réo que é levado aos tribunaes. — O temor da justiça humana está sempre advertindo os homens, para que se cohibam de acções criminosas ou culpaveis com que possam perder o concerto e incorrer a pena no fôro da justiça humana. — Não rouba o ladrão quantas vezes lh'o aconselha o appetite, porque teme o tribunal e a condemnação. — Não commette mais homicidios o homem violento e sanguinario, porque sabe que lá estará o algoz para lhe pedir conta do sangue derramado. — Não usurpa o ambicioso a fazenda e bens do seu proximo, porque ainda receia que a justiça da terra se declare em favor dos oppressos e espoliados. — É pois o Juizo dos homens, apesar de fallivel e dominado pelas paixões, freio e terror aos maus. O ladrão procura a solidão das trevas para commetter suas malfeitorias e esconder-se á acção da justiça mundana. — O homicida apaga cuidadosamente os vestigios do seu crime. O usurpador fabrica titulos falsos com que justificar a injusta posse dos bens alheios.

Morreu o homem, julgou-o Deus, pesou na sua balança de um lado as boas, do outro as más obras, encontrou-se a justiça e a misericordia, congrassaram-se um e outro estes dois grandes attributos de Deus, eis ahi o peccador salvo

saindo triumphante do juizo: venceu porem a justiça á misericordia, eis o peccador condemnado para sempre e sem appellação. — Começa n'aquelle ponto o caminho do inferno.

---

## Do Inferno

### CAPITULO I

Pintura dos tormentos que padecem os condemnados ao inferno

Pelo propheta Jeremias, diz Bernardes, ameaça Deus nosso Senhor aos reprobos, dizendo que no dia da sua perdição lhes hade voltar as costas e esconder d'elles seu divino rosto. — De todas as penas que um condemnado padece no inferno esta absolutamente é a maior, a qual os theologos chamam... *pena de damno*, e consiste em carecer da vista de Deus. — Imagina-te no mesmo ponto em que expiraste, levado ante o tribunal de Christo que n'elle assiste rodeado de anjos, santos, juizes accessores da tua causa, e que tu ousando apenas levantar os olhos, vês cheio de resplendor e magestade aquelle divino rosto que por amor de ti foi cuspidado e esbofeteado e aquellas chagas que rasgaste mais com teus peccados, vivas ainda e frescas manando rios já não de sangue mas de luz. — Abre-se logo o livro da tua consciencia. — Suppõe, o que é possivel mas Deus o não permita, que acha tão pouco merecimento no teu processo que salva sua justiça não é razão salvar a sua alma. — Pronuncia o Senhor a sentença, dizendo com indignação e desprezo aquella aspera palavra, mais cortadora que a espada de dois fios... *Vai-te de minha presença, maldito...* — Levanta-se do throno, vira-te as costas, fecha-se o céu e ficas despedido

de ver o rosto de Deus, em quanto houver Deus. — Que sentirá a tua alma n'este passo: que fará esta desgraçada creatura em misericórdia tão lamentavel? — Aonde iremos buscar comparações para explicar a sua dôr?

Mas além d'este grande damno que a alma recebe em ficar eternamente privada da vista de Deus, quantos males e quantos damnos ainda não accrescem a este nas penas do inferno? — Em primeiro lugar terão por segundo tormento os condemnados o ficarem eternamente enclaustrados em carcere perpetuo, que assim o significam aquellas terriveis palavras do propheta Isaias quando diz... Os impios jazerão para sempre encarcerados no afogueado calabouço dos infernos...—Uma horrorosa condicção d'este lugar onde as almas ficarão encerradas, è ser profundissimo e d'ahi lhe veio o nome de inferno. — Deixa-te pois penetrar do temor de caíres n'este abysmo, diz o nosso Bernardes, e do espanto da temeridade que tantas vezes commetteste expondo-te a este perigo. — Quantas vezes dormiste descançado sobre a bocca d'este poço sem fundo, não te sustentando mais que pelo delgado fio da vida? — E se caíras, que remedio tinhas? — Vê pois quão agradecido deves estar á misericórdia de Deus, e trata d'aqui por diante de fugir muito longe de qualquer passo perigoso que leva a este precipicio. — Dá volta á tua vida desencaminhada e prepara a tua habitação, não como os dragões nas cavernas da terra senão como a pomba nos buracos da pedra, nas chagas digo de Jesus aonde a profundesa que ha é de mysterios, o fogo é o da caridade.

O terceiro tormento dos condemnados será o estarem su-

jeitos a fogo voracissimo segundo aquellas palavras de S. Matheus... Afastae-vos de mim, malditos e ide ao fogo eterno, que está preparado para o demonio e para os seus anjos... — Devemos assentar e crer, diz o mystico Bernardes, que os condemnados no inferno são atormentados com fogo não imaginario, phantastico ou metaphorico, senão real e verdadeiro, corporeo e sensivel. Oh! espectaculo horrorozo, continua elle, quem não treme só de imaginal-o! — Que infeliz sorte a d'aquelles que merecerem esta sorte! — Andaram breves dias fazendo a sua vontade sobre a terra, quebrou-se o fio da vida, caíram dentro do fogo, perdido está o negocio da sua salvação, d'ahi por diante arder e mais arder. — Vinde, ó mortaes, e ponde-vos a ver a miseria fatal em que vieram a parar aquelles corpos e almas tão amigos do seu deleite, como estão todos os seus membros possuidos e repassados das chammas! — Valha-me Deus, que mudança tão repentina! — Que desgraça tão extrema! E que pouco trabalhamos por não vir a cahir n'ella. — Se eu agora não posso sustentar um dedo sobre o lume da candêa por espaço de tres respirações, como me arrisco a estar em corpo e alma dentro das labaredas infernaes por toda uma eternidade?

O quarto tormento dos condemnados será o bicho roedor da consciencia. — Pronunciou o Senhor, exclama o erudito Bernardes, estas palavras por bocca de S. Marcos... O verme dos reprobos não morre e o fogo em que são abrasados não se extingue... Ameaça espantosa e terrivel, porque o tormento do bicho roedor da consciencia que os miseraveis condemnados padecem é sobre todo o encarecimento, tambem terrivel e espantoso. — Desde o ponto em que qual-

quer d'aquellas desgraçadas almas ouviu a sentença da sua reprobção, começa logo esté bicho a roer-lhe as entranhas, começa digo, mas não cessará perpetuamente, porque a culpa d'onde elle nasce, nem se acaba nem se esquece. — E se qualquer molestia da alma ou do corpo, por leve que seja, pela importunação e continuação se faz intoleravel, que será aquelle remorso que nunca descança de afeiar e magoar o mais vivo d'alma com o aguilhão da culpa que ella teve em condemnar-se.

---

CAPITULO II

Dos inauditos horrores e padecimentos que aos reprobos causam os demonios no inferno.—Exhortação ao peccador, porque em vida se arrependa de suas culpas.— O caminho para o ceo não é aspero nem difficil de seguir. — Conselhos aos christãos para a sua salvação

O quinto tormento dos condemnados será o viverem eternamente na companhia dos demonios, realisando aquellas palavras de Salomão... O homem que se desviar do caminho da doutrina, virá a morar em companhia dos demonios. — Quão grande pena e quão amargosa desconsolação, diz o mystico que temos citado, sentirá uma alma de se ver morar para sempre em companhia de demonios ! — Se por alguma desgraça te acontecer despenhares-te em algum boqueirão da terra, onde tivessem os seus covis muitos dragões e d'onde não podesses por humanas forças ter saída, ainde que estes te não fizessem mal algum, que tormento seria viver entre feras tão dissemelhantes da tua natureza ? — Estes espiritos malignos não somente são companheiros das almas condemnadas, senão o que mais é seus crueis atormentadores.

As republicas tem algozes destinados para o officio de executar as penas nos justicados. — Os imperadores romanos tinham leoneiras de feras, para serem lançadas aos criminosos. — Assim o grande Rei dos ceos e terra tem fechados na leoneira do inferno estas feras indomaveis e estes algozes desapiedados para instrumentos de sua vingança contra os peccadores, conforme aquillo do Evangelho... que o Senhor irado contra o mao servo o entregou nas mãos dos algozes; e é o que o mesmo Senhor disse pelo Ecclesiastico... Ha espiritos maos que foram creados para vingança de Deus, e que servem para descarregar nos reprobos todo o impeto dos seus furores. — Quem poderá pois entender a fereza, a sanha, o rigor desapiedado com que estes lobos famintos se arremessarão á presa, que tanto desejavam e que já seu Deus lhes desamparou á sua livre vontade! — Com que estrondo e pressa descarregarão estes gigantes suas pesadas maças sobre aquelles miseraveis corpos! — Com que ancia e alvoroço exercitarão o odio refinado que tem de Deus, n'aquelles que conhecem ser imagens suas e irmãos de Christo segundo a humana natureza! — Com que gritaria se atizarão uns aos outros para reforçar a lucta e voltar o eixo d'aquella roda eterna de tormentos! — Gritarão, mas que dirão gritando? — *Fere, despedaça, degolla, mata sem matar, traze brazas, apparelha o pez, derrete os metaes para o caldearmos neste banho.* — E n'esta miserabilissima carniceiria, n'esta fadiga e debate continuado estarão aquellas tristes almas e corpos, em quanto Deus fôr Deus, porque erraram o caminho da doutrina que os guiava á sua salvação.

Considere agora o christão, qual é a triste e lamentavel

sorte que o espera, quando depois de percorrido o caminho da vida se apresentar diante de Deus levando para o condemnarem os seus peccados, que não soube prevenir nem evitar em quanto era tempo. — Considere o homem que tanto amou na terra os deleites carnaes, que tanto se engolfou nos appetites mundanos, que todos estes vãos e peccaminosos prazeres, que tanto o deliciaram no mundo n'estes dias escassos que andou n'elle, se hãode transformar nos mais duros e atrozes supplicios, que a imaginação mais opulenta poderia apenas comprehender. — Considere que por cada goso com que procurou satisfazer os desejos da carne, hade receber no inferno tormentos infinitos, e que cada peccado que perpetrou, será como um capital posto a juros de que no inferno hade receber a usura em penas eternas e em tormentos afflictivos. — Os que esquecem a Deus, os que se afastam todos os dias do caminho da sabedoria christã, virá tempo em que no inferno, quando é já irremediavel a condemnação, hãode lastimar os erros que commetteram, os dias da vida passados no peccado, na abominação, e no desconhecimento de Deus, e a misericordia divina lhes não valerá já, porque as suas iniquidades terão provocado para sempre a indignação e a cholera do Senhor. — Aos que amaram a carne, virão os demonios espedaçar-lha a cada instante com suas tenases. Aos que na terra se deleitaram com suas voluptuosidades sensuaes, e desprezando a sua alma fizeram do seu proprio amor o idolo das suas adorações, virão os demonios caldea-los em banhos de fogo e de metaes fundidos, para que experimentem então quanto eram frivolas as esperanças que punham nos prazeres e deleites da terra. — Por cada vez que esqueceram a Deus em sua

vida, os demonios infinitas vezes se lembrarão de suas almas e de seus corpos, para lhe retribuirem com milhões de supplicios uma só offensa, uma só infracção do respeito e do amor para com Deus.

Attente pois a alma christã, quanto é pavorosa a perspectiva que se lhe offerece com a expiação de seus peccados ; e considere tambem, quanto lhe seria facil com o auxilio da graça divina sanctificar a sua vida no mundo e evitar pela misericórdia infinita do Salvador as penas infernaes, que o Senhor só destina aos peccadores impenitentes, aos que não quizeram cumprir a sua lei, aos que não quizeram imitar os seus exemplos, aos que dobraram o joelho diante das tentações do demonio, aos que tendo servido sempre o espirito maligno é bem que vão ser no inferno as suas victimas. — Considere o peccador, que por mais arido, espinhoso e difficil que seja o caminho da virtude e da sanctidade, todos os sacrificios são escassos, todos os esforços são poucos para eximir-se ás punições eternas. — Mas a estrada que conduz á eterna bemaventurança, não é, como se afigura aos peccadores inveterados e reprobos, tão estreita e tão impracticavel, que a pretexto de a não poderem trilhar hajam de condemnar-se sem remedio. — O Senhor que nos creou á sua imagem, e que nos destinou para o honrarmos na terra e o glorificarmos no céu, não poderia, sem faltar á justiça divina, impor-nos os deveres da vida christã e cerrar-nos ao mesmo tempo os caminhos da salvação. — Estão sempre abertas e patentes as sendas que levam ao céu. — É mais facil, do que se pensa, o meio de escapar ao fogo eterno: para isto basta que imitemos a humildade de Christo, e que nós,

que somos creaturas suas não queiramos levantar-nos, pela nossa soberba, muito acima da sua Divina Magestade. — É preciso que imitemos a sua mansidão; porque nós que somos mortaes e que tanto temos que temer do juizo final, como é que pretendemos tornar-nos arrogantes, contando falsamente com a duração do nosso poder, das nossas riquezas, da nossa sabedoria, da nossa nobresa, de todas as vaidades emfim com que os homens costumam perder a brandura do coração, e infringir as santas obrigações da caridade christã!

É preciso que a exemplo do Salvador nos desapeguemos sinceramente de todos os bens mundanos, e os consideremos como coisas ephemeras e de nenhum valor em comparação da riquissima herança, e do peculio eterno que nos espera no reino do céu. — É preciso que armemos o nosso espirito com aquellas mesmas armas bem temperadas, com que os santos mais exemplares rebateram em recontros successivos e teimosos os combates do demonio; que estejamos sempre vigilantes, espiando os movimentos e ciladas com que o inimigo commum, com pretexto de nos lisongear e recamar de flores o caminho da vida, nos está a encobrir debaixo das pompas do mundo os abrolhos, os espinhos de que está realmente semeado o caminho do inferno. — Quando o demonio nos tentar, para que pequemos, mostrando-nos as delicias que nascem do peccado, havemos de responder-lhe *não*, que por algumas horas de vida estragada mas delectavel não queremos comprar a eternidade das penas que nos trazes já aparelhadas. — Seja pois a lembrança frequente dos novissimos do homem e principalmente do inferno o

mais temeroso de todos elles, o argumento que opponhamos a cada instante á subtileza e argucia com que o demonio nos está aconselhando o peccado e a abominação.

---

## Do Paraiso celestial

### CAPITULO I

As delicias da bemaventurança não pódem ser comprehendidas nem imaginadas.— Vale muito a pena de padecer todos os tormentos terrenos, para um dia as alcançar e gosar.

Assim como é incomprehensivel ao homem a infinidade e a duresa dos supplicios que o esperam no inferno, se os seus peccados não poderem abrandar a justiça divina, assim tambem e com maior rasão excedem todos os limites da comprehensão humana os bens infinitos e as glorias immortaes de que o justo hade gosar na bemaventurança. — É mais facil adivinhar, por approximação, os tormentos do inferno, do que saber, ainda que remotamente, a que ponto de felicidade chega o homem, a quem Deus patenteou as portas do Paraiso. — Devemos ir no presupposto, diz Bernardes, de que a grandesa dos bens eternos que Deus tem preparados para os que o amam, é tal que nem os olhos viram, nem o coração humano acertou a desejar coisa semelhante. — É materia esta de que, como disse S. João Evangelista, só os que deram vista, podem dar testemunho; e assim por muito que meditem e desejem, e encareçam e disputem todos os santos padres, todos os varões espirituaes, e todos os teologos, quando muito chegarão, diz S. Agostinho, a referir os males que no ceo não ha, porém nunca poderão explicar os bens que alli se encerram. — Ó creatura humana,

continua o mesmo autor, para quanta felicidade foste creada : quando tu estavas no abysmo do teu nada, quem dissera que este nada havia de vir a parar em participares tão alta e copiosamente do ser de Deus !

Se os tres Novissimos que temos ponderado, incitam pelo terror que infundem, ao temor de Deus e á practica das virtudes christãs, o quarto novissimo, o Paraiso, está-nos a cada momento aconselhando pela esperança d'uma felicidade sem fim, a que a compremos n'este mundo com o preço de nossas boas obras.— E não será facil preço, aquelle por que havemos d'alcançar o maximo bem a que pôde aspirar a alma humana?— Não serão pequenos todos os sacrificios, faceis de levar todos os padecimentos, ligeiros todos os esforços, suaves todas as provações, com que na vida temporal hajamos de habilitar-nos a alcançar a eterna bemaventurança?— Que comparação pôde haver entre os bens da terra sempre annuviados de receios, enganos, desillusões e perfidias da fortuna, e os bens da vida immortal que uma vez alcançados se não poderão jamais perder ?

---

## CAPITULO II

Não ha comparação alguma entre as venturas da terra  
e a gloria celestial

Que parallelo poderá instituir-se entre as que se chamam felicidades terrenas, e a ventura sem fim e a gloria sem termo e a luz sem sombras de que iremos a participar para todo o sempre quando nos seja favoravel o juizo de Deus ? — E não vemos nós aos homens todos os dias, a cada instante, fazerem esforços ás vezes sobrehumanos para assegurarem

a posse d'estes bens, que de um momento para o outro se podem esvaecer? — Não vemos nós o operario padecendo resignadamente todas as contrariedades da fortuna, applicado incessantemente ao seu lavor, curvado sobre a forja, cançando o seu tear, suando copiosamente sobre a terra que rasga com seus instrumentos aratorios, para extrair do trabalho o modesto salario, com que hade tornar menos aspera a sua condição? — Não vemos o homem que aspira a possuir grossos haveres, perder os dias em suas especulações mercantis ou industriaes, ralado de cuidados, trabalhado de pensamentos importunos, mal dormir as noites desasocegadas de esperanças e receios, e trabalhar e padecer, e esforçar-se, e tirar de cada obstaculo nova e mais energica resolução, só porque espera ao cabo de suas lidas accumular alguns punhados de ouro em suas arcas.

Não vemos nós o que milita nos campos, expôr a cada instante a sua vida e passar trabalhos infinitos e padecer a fome, o frio, o desconforto, a nudez mesmo com a esperança de alcançar um posto, uma fita com que contentar sua vaidade, sua ambição, ou a sua gloria? — Não vemos nós todos os dias os que navegam os mares, estarem a cada passo apostando a vida para trazerem de longes terras as mercadorias com que hãode enriquecer, ou aventural-a nas batalhas a troco d'esta vaidade ephemera, que se chama a gloria militar? — E porque trabalham todos elles, porque padecem, porque suam, porque se afadigam sem cessar? Por bens imaginarios, transitorios, que não terão mais duração que a da vida temporal, se a fortuna não vier antes revolver a sua roda, e arrojar os que subiram ás eminencias da

felicidade terrestre, até aos abysmos do ultimo infortunio.

— E pois se os homens são incançaveis em conquistar os bens terrenos, a troco dos mais penosos sacrificios e das mais dolorosas privações, como é que havemos de julgar mal empregados os esforços que fizermos, para alcançar um bem que é infinito e que não terá termo em sua duração!

— Pois se para conquistar alguns palmos de terra, a que se chama um reino ou um imperio, tanto padecem ás vezes os ambiciosos, e tem por faceis de levar todos os trabalhos e fadigas, como é que para obter um reino eterno como é o do céo, não serão faceis todas as fadigas e todos os trabalhos, pequeno o preço de uma conquista immortal e de uma bemaventurança que não tem fim? — Todos os reinos e imperios da terra os deveriamos abdicar para obter a herança celeste; todo o ouro d'este mundo, o deveriamos arrojar de nós para alcançar a verdadeira riqueza do paraíso: toda a gloria com que os homens da terra se julgam immortaes, a devemos ter em nada em comparação das infinitas glorias, que na bemaventurança hãode gosar para sempre os justos e os eleitos do Senhor.

---

## MEDITAÇÕES

---

### ADVERTENCIA

O caminho do céo é muito mais tranquillo e livre de tribulações,  
que a estrada do inferno

Tenho provado quão melhor seja espiritualmente para o christão servir a Deus do que fazer-se servo do demonio, e quão tenues e faceis de levar sejam todos os maiores e mais

custosos sacrificios, quando se comparam com a summa bem-aventurança que o Senhor tem destinado aos que o teem amado e temido, e observado em espirito e verdade os divinos preceitos que nós deixou.

É o reino dos céos o maior morgado em que o homem póde succeder, e se por alcançar as apparentes e enganosas grandesas e opulencias d'este mundo tanto porfiam e se affadigam os mundanos, e a tantos riscos e lances aventureiros se expõem em demanda d'estas sonhadas e mentirosas felicidades, quão lucrativa não é a negociação espiritual, em que se grangêa o céu? Pois que renunciando ao mundo, à carne e ao diabo, se conquista um bem infinito e eterno, e que dos bens terrenos se differença tanto, quanto da imagem a realidade, da sombra o corpo, das trevas a luz, e da vida ephemera e attribulada a gloriosa e bemaventurada eternidade.

Mas não basta que saiba o christão quanto lhe interessa á alma, no empenho de sua salvação, o amar e temer a Deus e o practicar sinceramente as virtudes christãs.—Quero ainda, por afeiar-lhe mais a gravesas do peccado, patentear-lhe quanto mesmo cá na terra se faz mais segura e tranquillamente a curta peregrinação da vida, quando seguimos a lei de Christo, e quantos desasócegos, tribulações, infortunios e enfermidades de espirito e de corpo tem Deus aparelhado como expiação na terra aos que desprezam os seus divinos preceitos, se arremeçam sem medida aos abysmos do peccado, e se deixam enleiar incautamente nas astutas e malignas tentações do demonio.

Que a practica das virtudes christãs seja o mais seguro, o unico e mais breve e mais facil caminho para a eterna vida celestial, não ha christão que-o possa já negar. — Que este caminho seja o mais breve, o mais seguro, e que sem atalhos, nem circuitos leve em direitura á celestial Jerusalem, bem o creio eu, dirá o christão arrependido e penitente, mas que seja o mais facil e o mais amplo coisa é por certo mui ardua de conceber. — O mais amplo, porque Jesu Christo d'elle affirmou litteralmente, que era estreito. — O mais facil, porque eu pézo todos os dias os esforços e fadigas e penitencias e sacrificios, que requer esta laboriosissima conquista do céu. — Pois christãos, eu vos assevero e demonstro, que é larga e facil a estrada que podeis seguir até o céu.

---

CAPITULO I

A senda do céu é ampla para os justos, e estreita para os vaidosos peccadores.—Notavel testemunho que nos deixou Jacob d'esta verdade

É verdade que Jesu Christo affirmou ser apertado o caminho da bemaventurança, mas apertado para quem? Larga e ampla a estrada do inferno, para quem e porque? — É estreito o caminho do céu para os que se dispõem a transitar por elle não sómente em espirito, que por ser immaterial não occupa espaço, e cabe folgadoamente em toda a parte, mas levando tambem comsigo o corpo, a carne, o mundo, como sequito e cortejo vaidoso de sua jornada. — E que estrada haverá que seja larga, para quem leva comsigo o corpo inchado de vaidades, repleto de appetites, avolumado por quantas mundanas satisfações inspira a sensualidade? — Que

estrada haverá que seja larga, para que por ella caminhe des-assombrada a alma, o corpo e mais o mundo? — E que será se o viajante quizer levar tambem de pagem e escudeiro n'esta luzida cavalgada ao proprio demonio, a cuja ambiciosa arrogancia não bastou a infinita aptidão do céu? — Que estrada poderá ser larga para quem jornadaea como principe em vez de transitar como peregrino? Para quem muda a que deve ser humilde romagem, em triumphos do capitolio?

Desenganam-se pois os illudidos, que a estrada é estreita para os que vão acompanhados de vaidades, de ambições, de faustos, de pompas, de magestades, e de soberbas. — É larga porém, para os que vão caminhando romeiros obscuros e penitentes, arrimados ao bordão da fé, levando por seu viatico o pão celestial. — Saiu Jacob da casa paterna como peregrino, e passou o Jordão levando por toda companhia o seu cajado. A solidão de Jacob afigura a representação da alma desapegada de todos os laços do mundo. — O acompanhamento de Jacob é a allegoria da alma, porque pretende levar pelos caminhos estreitos ao céu as coisas que só podem caber nas sendas d'este mundo. — Assim como Jacob saiu a correr terras desde a casa de seu pae, assim a alma voou a peregrinar na terra, saindo da casa do eterno pae. — A alma, que saiu sósinha, porque intenta voltar pelo caminho de Deus, levando consigo o pesado sequito das paixões e mundanidades do seu passageiro desterro? Sósinha saiu. — Volte tambem sósinha. E verá como se lhe faz amenissima a jornada, como o itinerario se lhe abrevia, como os anjos lhe vão tapetando o chão de palmas e espadanas, e como de sósinha e humilde que era no prin-

cipio, ao cabo da romagem sairão a recebel-a ás portas da Jerusalem celeste os coros dos anjos e dos santos, e a conduzirão com maiores pompas, cortejos e alegrias até apresental-a perante o throno deslumbrante do Senhor.

Voltou Jacob ao tecto patriarchal e de tão sósinho que fôra, foi o seu regresso como triumphal; tão luzido e numeroso era o cortejo que trazia. — Tão crescido era o acompanhamento que o seguia, que os filhos, creados, carros, cavallos e rebanhos em duas grossas turmas repartidos, vinham enchendo os campos dilatados. — E nota um nosso portuguez eloquente e piedoso parenetico, que da vez que Jacob foi só, viu a escada; e que a não viu, quando regressou tão lustrosamente acompanhado. — Quando Jacob vae sósinho, todos os caminhos para elle são amplos e facillimos. Quando volta com os seus carros, cavallos e rebanhos, todas as estradas lhe hãode parecer impervias. — Quando vae só, vê a escada, que bem se póde tomar como symbolo e figura da que leva ao ceu. — Quando traz consigo ao mundo e a suas grandezas e opulencias, as vias mais dilatadas lhe parecem apertados trilhos, e não chega a avistar a escada mysteriosa.

---

## CAPITULO II

É mais facil observar na terra os preceitos do Senhor, que seguir as tentações do demonio.— Enganos em que vivem os mundanos

Assentado, que não ha contradicção em que o caminho do ceu seja ao mesmo tempo largo e apertado, largo para os homens espirituaes, apertado para os mundanos, vejamos

agora, christãos, quanto é mais facil e mais commodo na terra o seguir a Deus, do que servir ao demonio, o cumprir religiosamente as obrigações de christão, do que ir demandar os laços e prisões que enleiam a carne. — Illudem-se os peccadores quando se lhes afigura ser mais facil, mais ameno, mais deleitavel o peccado do que a virtude, e mais pesados os grilhões de Deus, do que as redes mimosas com que os seduz e attrahe o demônio.

Pois dirá o peccador afferrado em suas iniquidades, buscando n'uma sombra de argumento a justificação das suas acções, pois não é mais doce a satisfação dos appetites carnaes, do que a repressão dos seus atrevimentos e a mortificação dos seus desejos? — Não é mais grato aspirar ás grandezas, batalhar por ellas e conseguil-as, do que fazer profissão de humildade. — Não é mais delicioso levantar-se acima dos seus proximos, do que jazer na obscuridade? — Não é mais doce a mesa opipara do rico, do que a refeição grosseira do pobre? — Não é mil vezes mais feliz na terra o opulento, o grande, o poderoso com as suas baixellas, os crystaes, as suas porcellanas, os mil objectos sumptuosos que adornam o seu festim, do que o pastor, o humilde, o pobresinho com a sua escudella de pau e seu tarro de cortiça? — Não é mais gentil o opulento com as suas alfaias e vestido de veludo e de brocado, do que o pobre com a sua samarra e o seu surrão?

Não é mais para desejar a fortuna do general, que entra em som de guerra e de triumpho na cidade conquistada, entre jubilosas e festivas acclamações, do que o humilde

agricultor que na solidão dos seus campos vae conduzindo elle proprio o carro do seu triumpho, na singeleza do seu arado entre hymnos da natureza e benções do Creador? — Não é mais feliz o grande, que por entre mil peccados feiisimos abriu o caminho do mando e do poder, do que o humilde que tendo a alma pelo unico seu thesouro, a foi conduzindo pelas asperezas do mundo com o mesmo cuidado e precaução que se leva uma joia preciosissima por caminhos infestados de malfeitos? — Parece pois que o mesmo é n'este mundo o peccado e a felicidade. — Ouçamos um mundano a commentar e explanar esta doutrina.

---

### PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Falsas razões do peccador para se desculpar dos peccados  
mortaes que commette

---

#### **Do peccado da Soberba**

Estultas vozes do orgulhoso em abono de sua mentirosa  
felicidade

Venha a *Soberba* como primeira figura d'este auto, em que hãode sair a terreiro todos os peccados capitaes, e peça para si o primeiro logar entre as felicidades d'este mundo. — Quem ha na terra mais feliz do que os soberbos? Ser ou julgar ser maior e melhor que os outros homens? — Subjugar á sua as alheias vontades? Acreditar que o mundo se move a um aceno de suas cabeças e a um gesto de suas mãos? — Receber cortejos e adorações dos que Deus creou

para eguaes? Póde haver maior ventura n'este mundo? — Póde o homem sonhar nem commetter mais delicioso peccado que o da soberba? É a soberba que faz os poderosos dominadores e os que por sua hierarchia se levantam acima do nivel ordinario. — Reine pois a soberba, e seja ella o primeiro nume tutelar dos que desejam ser felizes n'este mundo.

---

### **Do peccado da Avareza**

Razões que apresenta o avarento de seu torpe vicio

Saia agora a *Avareza*, com o seu triste sequito de suspeições, de terrores trazendo os seus cofres chapeados de baixo da capa remendada, e venha litigar as suas preeminencias. — Que ha n'este mundo mais para se querer e adorar do que as riquezas? Por ellas trafegam os ambiciosos noite e dia. — Por ellas se aventuram a ser tragados das ondas impetuosas em suas ousadas navegações os mareantes. — Por ellas se afadigam os mercadores sempre sedentos de chegarem um dia a esta suspirada Chanaan. — Por ellas se tornam os homens servis, falsarios, mentirosos, perjuros, homicidas. — Mais; com ellas se escavam os alicerces, se alisam os marmores, e se douram as cupulas das faustosas habitações. — Com ellas se compram os melhores logares n'este largo amphitheatro, onde os eleitos da fortuna vão gozar o ephemero espectaculo das felicidades mundanas e carnaes. — Reine pois a avareza, e seja ella a segunda padroeira dos que se engolfam nos prazeres terrenos e mundanaes.

### **Do peccado da Ira**

Razões em que se funda o vingativo para cohonestar a crueldade de seu coração

Dê agora entrada a *Ira*, e com o seu flagello de serpentes vivas e a sua espada de dois fios, venha já flammejando odios e vinganças, assentar-se no tribunal dos peccadores. — Que sentimento mais suave para o coração, do que a ira do homem contra o homem! — Que maior ventura, que tirar vingança dos nossos inimigos! — Que mais deleitavel satisfação, do que a de desaffrontar o que se chama honra offendida no vocabulario das paixões humanas, ainda que seja com a morte do nosso proximo, do nosso amigo, do nosso irmão! — Que mais racionavel coisa do que supplantar pelo ferro se tanto é necessario, aquelles que se oppõem ás nossas mundanidades, como o agricultor abrindo o sulco ás suas promettedoros sementeiras curva e decepa a flôr sylvestre, que brotava innocente sobre a gleba! — Viva, pois e reine a ira na terra e dem-se desde o principio do mundo á ira de Caim os louvores que não merece a mansuetude angelica de Abel.

---

### **Do peccado da Gula**

Argumentação dos golosos contra a sobriedade, e louvores que tecem á intemperança

Compareça agora a *Gula*, e diga quão poderosamente contribue para a humana felicidade. — Sem a gula, quem entenderia e alastraria de acepipes e iguarias as lautas mesas dos festins e dos banquetes? — Quem estaria multiplicando invenções para variar infinitamente os deleites do paladar?

— Quem convidaria os homens a passarem largas horas em salas sumptuosas entre deslumbrantes candelabros e magnificas baixellas, entre vinhos preciosos e espumantes, e manjares diversamente comdimentados, esquecendo em mil prazeres a incerteza e brevidade d'esta vida e a maior incerteza e eternidade da futura? — Não é a gula que distingue mais profundamente o homem do animal, o homem civilizado do homem selvagem e primitivo? — Poderá por ventura ser mais difficil e aspero o caminho esplendido da gula, do que o estreito passo por onde se arrasta a sobriedade dos temperantes ou o jejum prolongado dos asceticos?

Querem os homens festejar a pessoa a quem mais que-rem, e o que fazem? Invocam a gula, e a gula lhes apparelha um banquete onde achem repasto aos seus appetites e ás suas alegrias. — Querem ao homem celebrar um fausto acontecimento? — Venha a gula, e povõe de guisados a sua mesa opipara e opulenta. — E peccado que como a gula, é fonte de gratissimos prazeres e socia fiel de todas as felicidades mundanas e terrenas, peccado será embora, mas peccado aureo, peccado muito para se querer e seguir em toda a vida. — Rendam-se pois cultos á gula, e a exemplo da gentildade, sagrem-se-lhe altares e votem-se-lhe copiosos e perpetuos sacrificios.

### **Do peccado da Luxuria**

Mentirosas doçuras da sensualidade. — Culto que prestaram sempre os homens á lascivia

E o que não prégará aos sensuaes a *Luxuria* com os seus encantos e seducções? Tão antiga é no mundo a dominação

d'este peccado, que em todas as gentes, desalumiadas do clarão da fé e entranhadas nas trevas do paganismo se inventou diabolico e nefando nume, que sob a apparencia de todas as perfeições e formosuras da carne e do peccado, prezidisse ás suas maiores abominações. — É a luxuria entre todos os peccados, aquelle que para enganar e perder os homens se enfeita e arreia com as mais irresistiveis seducções. — Brincam nos seus labios os risos mais suaves. — Resplandece em seus olhos o mais affectuoso lume. — Recende nos seus cabellos e suas vestiduras o aroma da ambrosia. — Respira nas suas palavras o perfume da seducção. Desenham-se nos seus gestos e attitudes os contornos graciosos da mais formosa esculptura. — Não ha peccado cuja taça seja mais primorosamente cinzelada e que aos labios sedentos de gozar offereça melhor dissimulado o seu venenoso absyntho nas enganosas apparencias do innocente mel.

Não ha peccado, cujas cadeias mais prendam para o inferno, e melhor simulem encerrar os corações no paraíso. — Não ha peccado que, como serpente cavillosa, melhor esconda a sua peçonha em affectos, em dedicações, em enthusiasmos e sacrificios. — São os sentidos, a vida externa, a vida do homem que está voltado para a carne e para o mundo. — É a luxuria a serva humilde dos sentidos, e que lhes inventa deleites; a que lhes apparelha satisfações, a que lhes cêva e renova perennemente os appetites. — É famula assim, incansavel na obediencia, inventiva na vaidade, officiosa no praser; quem não ha de acclamal-a a mais solícita e melhor amiga dos homens? — É curta a vida? Venha a luxuria fazer que os sensuaes vivam seculos n'um dia. — É aspero o

caminho da terra? Venha a luxuria entapizar de flores odoríferas, e juncar de palmas festivas a marcha triumphal da sensualidade.— Dista pouco do berço ao tumulo?— Pois esses dois passos que separam o nascimento e a morte, venha a luxuria concentrar n'elles todas as voluptuosidades, todos os jubilos, todas as satisfações da carne.— Com a luxuria, a vida terrena não será já peregrinação, mas triumpho. O homem endireitará a prôa d'esta fragil barquinha da existencia até ás margens já proximas do inferno, mas irá ao naufragio certo, levado entre córos de serêas ephemeras, de risos enganosos, de amores passageiros e carnaes.— Mantenha-se pois aceso e vivo na terra o fogo da luxuria com tão escrupulosa diligencia, como a com que os antigos conservavam inextincto o fogo symbolico de Vesta.

---

### **Do peccado da Inveja**

Sophismas de que se prevalece o invejoso para honrar  
seu mesquinho vicio

Saia agora a *Inveja* a allegar os titulos, com que anda n'este mundo, e as rasões porque a trazem tão mimosa os mundanos e peccadores.— Que dirá a inveja que possa ser persuasivo? A inveja, que não póde como os peccados antecedentes dourar ainda que de ouropel a existencia dos seus predilectos; a inveja que é um peccado mais para affligir e remover os seus proprios cultores, do que para lhes conceder alegrias e deleitações; a inveja, que não é peccado expansivo, senão concentrado e misanthropico.— A inveja com ser peccado negro e sombrio, allega ser ella o movel prin-

cipal de grandes prosperidades e accrescentamentos no peccador. — É o homem tão inclinado por sua indole a subir, que a todos as eminencias da terra deseja galgar, e só as azas se lhe quebram para subir e voar ao ceu, porque quanto mais o fumo da inveja lhe vae dilatando o balão de suas vaidades e o homem vai ascendendo no ar de suas ambições, mais a alma vai descendo e afundando-se até cahir no inferno. — Não consente o homem, que sejam as felicidades de seus proximos de melhor quilate e valia que as suas. — E se não póde empecer que os outros sejam mais formosos, mais opulentos, mais poderosos; hade ao menos assestar contra elles a arma certa da inveja, com que se estimule a egualal-os e sobrelevar-lhes se é possivel em suas fabuladas prosperidades e fortunas. Que sentimento mais grato do que a inveja para os peccadores?

Se não fôra a inveja como poderia eu, dirá o peccador, esforçar-me por hobrear com os que a fortuna tem por seus filhos mais mimosos? — Como poderia eu consentir que o meu visinho haja de levar mais galas e vaidades mundanas, do que eu proprio? Que seja mais esplendido em sua habitação? Que se levante a maiores e mais eminentes cargos, a mais altas dignidades, a officios de maior poder e valia? Que tenha mais fama e maior gloria? Como heide consolar-me n'esta desigualdade? Invejando. — Como heide vingar-me d'esta parcialidade da fortuna? Invejando. — Como heide a mim proprio esporear-me para achar traça e artificio, com que vencer aos meus eguaes ou superiores na hierarchia das terrenas felicidades? Invejando. — Será pois a inveja a fonte e origem de todas as grandes acções, com

que me illustrar e fazer temido, forte, poderoso, opulento e glorioso. — Seja pois a inveja reverenciada no mundo como um peccado, sem o qual todos os outros me não poderão dar a mim renitente peccador, a felicidade que eu desejo realisar na terra.

### **Do peccado da Preguiça**

Elogio que o peccador faz d'este vicio.— Pintura do paraizo terreal, aonde yvia Adão em doce ocio

Appareça agora a *Preguiça*, e diga quaes são os seus encantos, e como ella contribue para a felicidade humana. — Que mais suave estado para o homem do que é aquelle, em que livre e desimpedido de cuidados e trabalhos, pôde gosar em paz e liberdade a vida que Deus lhe concedeu. — O que é o trabalho n'este mundo, senão a pena que o Senhor impoz ao primeiro homem, por sua desobediencia e rebeldia, e que d'elle se transmittiu depois a seus herdeiros e descendentes? — Estava Adão no paraizo terreal, principe de todas as creaturas, soberano de toda a terra, vivendo entre delicias ineffaveis, respirando a pulmões desaffogados o ar purissimo d'aquella estancia privilegiada, que era como o transumpto fiel da bemaventurança e a propria miniatura do ceu. — Desde que o sol se levantava, dourando os montes, até que se escondia, tingindo os ceus com o saudoso colorido do crepusculo, era para Adão um descuidado vaguear por aquelles vergeis fragrantés do Edem, um repousar na espessura de umbrosas e serradas florestas, uma perpetua beatitude, que nenhuma penas humanas tinham poder para quebrantar. — Erguia-se Adão, e servia-lhe a natureza a

saudavel collação da manhã com seus fructos saborosos e diversissimos n'aquella região, onde o torrão se desentranha fecundo em opulentos productos vegetaes.

Dessedentava-o o arroio crystalino, que a dous passos deslisava, murmurando em seus meandros graciosos. A terra não era como agora uma avarenta madrasta, cujos thesouros se patenteam a poder de esforços e de fadigas, senão mãe carinhosa e liberal, que em seu regaço patente e amplo offerecia ao primeiro homem todas as riquezas naturaes.— As arvores, vergando ao pezo dos pomos sasonados, arqueavam as vergontes sobre a cabeça do ente afortunado, que estendendo a mão quasi indolente, achava com um meneio mais thesouros da natureza, do que hoje encontra com mil trabalhos a industria mais diligente e mais audaz.— As grutas com suas alfombras de viridente e fresquissima relva, em suas veias d'agua limpida a transudarem do tecto rustico, com seus porticos naturaes adornados de trepadeiras entrelaçadas e protectoras contra os raios indiscretos do sol estivo, eram o paço real d'este primitivo rei da terra, que nem precisava de exercitos para sua defensão, nem de cortesãos para o seu sequito, nem de famulos para o serviço de sua casa.— A vida do primeiro homem tecia-se toda de harmonias e delicias, ignaro ainda de todas as penas, de todas as adversidades e infortunios.— Peccou Adão, e logo alli tiveram fim tantas felicidades.— Poz Deus um anjo á porta do paraizo com ordem formal que mais não consentisse a entrada ao malaventurado peccador, e deu-lhe por sentença que d'alli em diante haveria de trabalhar para viver, e que essa mesma vida, esteada no trabalho rude e

incessante, a não houvesse de lograr por muito tempo, porque com a pena de trabalho veio de companhia a pena capital, porque ao cabo de suas fadigas a Adão e a seus descendentes viria a morte pedir inexoravel a divida irremissivel do peccado original.

Com que a Adão por peccador condemna-o Deus a trabalho e a seus herdeiros com elle, e nós sobre cujos hombros pesa o fardo d'aquella condemnação, não havemos de forcejar por alijar a carga?—O que mais distinguia da vida actual a do paraiso, era a ausencia do trabalho. Logo será a preguiça quem de novo nos desaferralhe as portas do Eden, senão já para que entremos no lugar vedado, ao menos para que pelas frinchas possamos entrever as delicias, de que por seu peccado nos desherdou nosso primeiro pae.—Ao forçado que anda nas galês, que pensamento o traz dia e noite preocupado? Limar os ferros e soltar-se dos grilhões. Ao que vive clausurado nos carcerees? Quebrar as prisões e sair á luz do sol.—Pois que o trabalho é pena durissima, qual deve ser o principal desejo do homem? Emancipar-se d'esta servidão, e reconquistar pela preguiça a sua liberdade—Reconstruir pois, quando seja factivel, o paraiso terreal eis a obra que o homem traz em mente.—É qual é o architecto que ha de chamar para esta restauração d'um edificio, cujas pedras soltas e desconjunctas é já hoje tão difficultoso cimentar? A preguiça. — Oh! deliciosa preguiça! Ó inimiga dos trabalhos e penas dos homens! Ó vingadora dos seus fóros! Ó promotora de suas felicidades?—És tu que afôfas os coxins, onde a si proprios se embalam os ociosos e descuidados.—És tu que de mãos dadas com a

gula e com a luxuria, as tres graças do peccado, apagas da memoria dos teus filhos dilectos a lembrança das penas terrestres e ainda mais das eternas, que na outra vida lhes estão apparelhadas. — Viva pois e reine a preguiça, e seja acclamada como a mais dôce companheira da triste humanidade.

---

## SEGUNDA MEDITAÇÃO

Refutação das falsas razões que allegaram os peccadores

---

### Da Preguiça

#### CAPITULO I

Funestos resultados da preguiça, quanto ao estado temporal

Agora que todos os peccados acabaram de passar em seu cortejo diante dos nossos olhos e de allegar em sua defesa e panegyrico razões que o argucioso demonio lhes está soprando aos ouvidos, e com que lhes torna as linguas tão desenvoltas e petulantes, ouçamos a fé e a razão contrariar o libello dos peccadores.

Vem cá, Preguiça, peccado feio e abominoso, e amosta a face, que escondeste para mais facilmente enganar os peccadores. Descobriste apenas o rosto do lado, que parecia formoso e seductor. Arrancar-te-hemos agora o véo, para que á luz do sol appareçam as tuas deformidades.—Es tu, que dás motivo a grande parte dos males com que se affligem e amarguram os homens, que demasiado confiam em ti.—Na ordem temporal tu convidaste os homens, quando eram mo-

ços a preferir ao trabalho a ociosidade, e por algumas horas de enganoso descanso que lhes deste, os condemnaste á pobreza, á penuria, á miseria, á fome, á desnudez.— Por ti deixaram os livros, com que podiam aperfeiçoar e enriquecer o seu entendimento.— Por ti se enervaram e effeminaram os corpos na mollesza, com o que depois se tornaram menos proprios a affrontar as asperezas, e contradicções d'esta vida mortal, cujos trabalhos e tribulações nem a ociosidade, nem a riqueza, nem todas as fortunas d'este mundo são bastantes para destruir no minimo ponto.— És tu, que ensinas os homens a dissiparem n'um dia, o que poderia ser patrimonio por muitos annos.— És tu, que degradas o homem desde a alta dignidade do soberano até a brutal condição dos animaes, que vivem pelos antros, pelas selvas e pelos montes, inexpertos do trabalho e só cuidadosos de satisfazer seus appetites.

Tu dizes que o trabalho é pena do peccado original, e como tal te esforças por subtrair o homem ao peso do trabalho. E não vês que essa deleitação ephemera e sensual da ociosidade é taça de veneno com as bordas untadas de mel.— Compara os cuidados, os aborrecimentos, as tristezas, os dissabores do preguiçoso que vive desdenhando o trabalho, com a paz, a tranquillidade interior, as alegrias intimas, a vida uniforme e regrada do homem que nos campos madrugava antes da alvorada, e ouve de pé os hymnos matinaes do gallo despertado.— Em quanto tu, preguiçoso, te revolves inquieto e mal-dormido entre olandas, vedando a tua alcova aos raios de sol meridiano, o homem trabalhador que está fabricando nos campos o pão do teu sustento e o li-

nho das tuas vestes, canta alegre as suas toadas ruraes, e robustece o corpo nas proprias intemperies da natureza e affasta as enfermidades, que tu estás apparelhando, e relega a velhice, que tu alcanças quasi ao sair da adolescencia por teus peccados e devassidões.— Vê como é reparador o repouso d'aquelles homens que trabalham, em quanto os teus ocios continuados te são maior peso e aborrecimento, que descanso e satisfação.— Os que detestam a preguiça, lá vão em suas lidas ganhando com que aligeirar ao depois as importunidades da idade propecta, e em sua honesta mediania não conhecem a miseria nem a fome.— Tu preguiçoso, ou o que herdaste desbaratas, ou o que precisas não procuras grangear, e por um modo ou por outro vem a ser a tua preguiça maior castigo, do que o trabalho se te afigurára.

## CAPITULO II

Consequencias fataes da accidia ou preguiça do espirito,  
pelas quaes caminha o peccador á sua perdição

Agora no que respeita ao bem espirital e á felicidade da vida futura.— É a preguiça que nos cerra os olhos e nos entupe os ouvidos para que não attentemos nos caminhos que levam á salvação eterna.— A preguiça nos impede de attendermos ás nossas obrigações espirituaes, de praticarmos as virtudes christãs e de nos fortalecermos com os salutaes confortos da vida piedosa e contemplativa.— Quantos christãos ha, a quem a preguiça não deixa que volvam um instante sequer os olhos para Deus, despregando-os d'estas vaidades e delicias humanas, que são sempre o portico do

inferno, aberto sobre a terra aos peccadores! — Diz o prologo vulgar que é a ociosidade, isto é a preguiça, a mãe commum de todos os vicios e peccados. — O melhor e mais seguro meio para não peccar, é ter sempre o espirito voltado para Deus e as mãos sempre dispostas para o trabalho. — O espirito que vive em Deus, não póde peccar por pensamentos, nem o corpo que a si proprio se disciplina no trabalho, não lhe restará tempo para peccar nem por palavras nem por obras.

Mas vêde agora o preguiçoso, e dir-me-heis se não está sempre diligente para o vicio e sempre em vespervas de algum peccado. — Está o ocioso estendido em seus coxins, folgado de fadigas em suas companhias, em seus passeios, em seus faustosos espectaculos? Buscará matar o tempo, murmurando de seus proximos, com o que além do mal eterno lhe advirão intrigas, malquerenças e rixas, que lhe hão de trazer muitos dias de amargura por algumas horas em que a lingua voou solta, cortando reputações e desparzindo a esmo falsos testemunhos. — Está o ocioso saciado de ociosidade, cansado de preguiças? Irá ás tavolagens jogar a alma e perder o patrimonio. Irá aos festins e ás orgias, toldar o espirito e debilitar o corpo. Irá aos logares infames, d'onde o poder e a castidade refogem espavoridos. — Entrará nas familias a perturbar com discordias o lar domestico, e a macular o thalamo nupcial com adulterios. — Navegará o alheio, e será ladrão. E com estes peccados, que todos nasceram do tronco infesto da preguiça, alhanará a estrada da perdição eterna, e tornará mais aspero e escabroso o proprio caminho da sua peregrinação terrena.

Assim como a terra que se não desbrava com a industria e tráfego do diligente agricultor, brota de siervas maninhas, triste e estéril vestidura das gandaras e charnecas, assim a alma humana, deixada á sua preguiça, se desentranha em peccados e iniquidades. — N'este ermo germinam estas plantas ruins que se chamam as más paixões; e assim como o torrão endurecido por muitos annos de incultura, se faz mais difficil de arrotear, assim tambem no animo do preguiçoso jubilado em suas ociosidades é depois trabalhosissimo o estirpar as inveteradas abominações. — Mais segura está pois a propria felicidade temporal na equitativa repartição do tempo pelo trabalho e pelo repouso, que na perpetua sujeição á preguiça e ociosidade. — No reino dos céos é sabido que não entram as almas preguiçosas, as quaes segundo a parábola chamadas a assistir com suas lampadas ás bodas do esposo, chegam tardias e acham fechadas as portas, justissima pena de sua pouca diligencia e actividade.

---

## Da Inveja

### CAPITULO I

Para gozar tranquillidade na vida, contente-se cada um com o que Deus lhe dá. — Da causa que levou Adão a peccar

Que diremos agora da *Inveja*, senão que é tão feio e tão abominavel peccado que nem ao proprio invejoso é origem de prazer, ainda que momentaneo, delectavel. — A preguiça é peccado, mas peccado, que delicia o espirito e o corpo do peccador. — A gula é peccado, mas tem encanto para os mundanos as suas iguarias, acepipes, salsas e condimen-

tos. — A luxuria é grande, enormissimo peccado, mas peccado que seduz o peccador pela doçura enganosa. — Só a inveja é ao mesmo tempo peccado e amargura. — Dos outros peccados pôde dizer-se que entram e tentam o peccador com gesto alegre, rosto prazenteiro, sorriso ledo, corôa de myrthos e de rosas na cabeça, e nastrados os cabellos de graciosas capellas de flôres ainda que venenosas, perfumadas. — Mas a inveja apparece com desaprazivel e fera catadura, toucada de serpentes, flagello durissimo nas mãos, e como as harpias da mythologia grega, tudo o que vae tocando, macûla, e quando assenta seu throno na alma do invejoso, primeiro que exerça suas cruezas no proximo, as vae practicando acerbamente no proprio peccador.

Para viver tranquillo e feliz no mundo não ha melhor nem mais prompto e facil remedio, que contentar-se cada um com a condição que a Providencia lhe despartiu, e não invejar o que os outros são e o que possuem. — Bem dizia o philospho pagão, a quem na falta da luz da graça allumiava o clarão do entendimento, que tudo possuia, porque nada invejava nem desejava no mundo. — Que importam as riquezas, a quem as não cobiça? As grandezas terrestres, a quem vê n'ellas a pompa vã de uma comedia de um dia? — O poder, o mando, a dominação, a quem não aspira a reger os homens e os estados, contentando-se com domar este leão feroso, que se chama a propria alma do peccador? — A gloria, a quem para depois da vida terrenal, não está já sonhando cippos grandiosos, cenotaphios magnificos, obeliscos monumentaes, e inscrições hyperbolicas, em que o seu nome seja mandado a uma remota posteridade; antes busca só-

mente comprar por virtudes christãs o seu logar no reino dos céos ; a quem não cura de perpetuar na terra a memoria do pó que hade ser, senão a preparar na bemaventurança a eterna felicidade da alma que viverá para sempre no Senhor? — Comparae a doce beatitude e quieta mediania do que nada invéja, com a turbulenta agitação do que não cabe no mundo, aguilhoado por incessantes desejos e recrescentes ambições.

O que nada invéja não tem, como o invejoso, as noites cortadas por insomnias, meditando torpezas, concertando perfidias, machinando indignidades, volvendo e revolvendo o pensamento em continuas e dolorosas cogitações. — Vêde agora o invejoso do que os outro possuem, ou cubiçoso do que elle proprio não tem. — Acha pouco ser homem, e quer ser mais do que elles. Subiu? Razão para querer voar. Voou? Razão para tentar uma nova empresa e pretender egualar-se com Deus. — Vem ao intento citar o que o nosso insigne Vieira dizia de Adão, primeiro homem e primeiro peccador. — Nem Adão nem sua mulher, diz o eloquentissimo orador, ficaram contentes, ainda pretendiam. E que? Não menos que ser como Deus. — Ha tal ambição de subir? Ha tal desatino de crescer? Ante hontem nada, hontem barro, hoje homem, amanhã Deus? — Não se lembrará Adão do que era hontem, e muito mais do que era ante hontem? — Quem hontem era barro, não se contentará com ser hoje homem, e o primeiro homem? — Quem ante hontem era nada, não se contentará com ser hoje tudo e mandar tudo?

CAPITULO II

O invejoso é sempre infelicissimo. — Supplicios a que na vida se condemna por seu peccado

Assim como Adão, são infelizes os invejosos. Adão invejou a Deus, e perdeu-se a si e á sua descendencia. O invejoso inveja os homens, e mais se perde a si do que a elles. — Ainda que a inveja não fôra peccado contra Deus, havia sempre de ser grandissimo damno para quem a nutre na sua alma. — Invejar é anhelar, é suspirar, é estender os olhos para o que está distante; é ver sempre fóra de nós a felicidade, é ser infeliz por toda a vida. — Figuraram os antigos na fabula de Tantalo os supplicios crueis do invejoso. Dava a agua a Tantalo quasi pela altura da bocca, e quando se esforçava por sorver um trago, logo a agua fugia e o deixava mais sedento do que d'antes. — Cuida o invejoso que já está chegando aos labios a taça dourada das suas suppostas felicidades, e vê que mão invisivel lh'a vem arrebatár. — Pôz Deus castigo á inveja cá no mundo o ser insaciavel. É peccado tão negro e tão voraz, que nunca dá ferias ao peccador; peccado que é sempre dôr e amargura, bem claro se demonstra ser grande inimigo do homem. — Assopra a inveja o homem para que suba. Mas as quedas estrondosas dos Icaros da ambição enchem as paginas da historia do mundo.

O maior invejoso de que ha memoria, foi Alexandre o Magno. Não lhe bastou a terra inteira para cevar-lhe a inveja e a cobiça; e ao cabo de poucos annos morreu miseravelmente, não invejando na hora extrema achar além da

India novos territorios para subjugar, mas lastimando por ventura não haver nascido n'alguma aldéa ignota da Macedonia e andar áquellas horas, feliz na obscuridade, sulcando a terra com o seu arado.— Rimbombam ainda no mundo os ecos das batalhas sanguinolentas, com que a insacivel ambição de um homem ensanguentou a Europa inteira. E o grande conquistador morria poucos annos depois atado a um rochedo d'Africa como o Prometheu da Fabula, estendendo olhos saudosos para o berço natal, d'onde saíra a caminhar por entre conquistas e triumphos até dar comsigo no mais miseravel captiveiro.— Quiz o demonio debuxar na terra uma imagem e semelhança dos tormentos infernaes. E o que fez! Inventou a inveja.— Aos que tenta com este peccado está seguro o demonio de que hão de antegustar no mundo os supplicios da eterna condemnação.— Tenhamos pois como preceito, que mesmo para a felicidade terrena é bom não invejar, e contenha-se cada um com sua honesta mediocridade.

---

## Da Luxuria

### CAPITULO I

É o peccado mais seductor e perigoso.— Ha mais felicidade terrena na castidade, que na sensualidade.— Tristes resultados d'este vicio

Compareça agora a *Luxuria* no tribunal da pureza e da castidade, e ouça os damnos mil vezes irreparaveis, com que perde os homens e o mundo por suas devassidões, torpezas e iniquidades.— De todos os peccados é a luxuria o mais

especioso em inventar dissimulações e sair-se com as apparencias de innocencia.— De todas as formas de que o demonio se veste para tentar os homens, nenhuma vem armada para tão rijos e temerosos combates como a impureza.— Em nenhum outro peccado encontra a carne tão seductoras delicias. Por isso os maiores santos tiveram sempre pela maxima das suas victorias aquella em que haviam triumphado do demonio, quando por mil maneiras lhes buscava fazer brecha na santa cidadella da castidade.— Que a luxuria cerra ao homem as portas da celestial Jerusalem, que a alma peccadora ao deleitar-se nas abominações da carne está celebrando na terra as suas nupcias sacrilegas com satanaz, é verdade patente a todos os christãos.— Mas que o ser casto é melhor seguro para a felicidade da vida terrena do que o ser obediente as tentações da sensualidade, é o que tambem se torna manifesto á luz de todo o recto entendimento.

É caracter essencial da verdadeira felicidade o ser perpetua, sem intermissão nem quebrantamento.— E o que vemos nós realisado na sensualidade? Que a deleitação de hoje é fastio amanhã; que aquillo que hoje buscamos com suprema ventura, amanhã o havemos de desprezar com intractavel aborrecimento.— Ponderemos antes de tudo os gravissimos danos espirituaes. que nos attrahе a impureza, e cairemos na conta de quanto a vida casta e continente é mais acomodada á propria felicidade terrenal. — Que horas e que dias passados em terriveis preoccupações e em pungentissimos cuidados! Que lidas e trabalhos por alcançar aquillo que depois de ser passageira deleitação deixa como fezes no fundo da taça do peccado o fastio inevitavel! — Que noites

mal dormidas, que poderiam ter sido tranquillias e fecundas em somno reparador ou aproveitadas em fortificar o espirito e em illuminar o entendimento! — Que de negocios graves descurados, porque a alma assoberbada por uma paixão infrene e desordenada nos não deixou vagar para que d'elles nos occupassemos! — Que esperanças, que sobresaltos, que receios, que desillusões, que ciumes nos vem dilacerar o coração e exacerbar o animo! — Que sacrificios e tormentos mil vezes mais custosos de padecer não custa aos mundanos a lascivia do que aos continentes a castidade!

A que peccados, a que delictos nos não está a cada instante convidando a sensualidade! Por ella offendem os homens muitas vezes o respeito de si mesmos, o amor de seus proximos, a paz das suas e alheias familias, a lealdade para com os amigos, a sagrada religião do juramento! — Por ella caem os homens nas mais feias abominações para alcançarem os meios com que satisfazer seus impurissimos desejos! Em nome d'ella perdem os escrupulos pela fazenda alheia e se fazem ladrões! — Por ella atraçoam a amisade que parecia mais sincera, e retribuem villamente a mais franca hospitalidade, levando aos estranhos thalamos a macula dos adulterios! — Por elle vae levedando no lar domestico o fermento das discordias e a anarchia e desordem nas familias!

CAPITULO II

O lascivo é ainda mais desenfreado animal que os proprios irracionaes.  
— A verdadeira felicidade é só a do espirito.— Ventura terrenal do homem casto.

O que distingue principalmente os homens dos brutos irracionaes, é que n'estes vive o corpo desalumiado de toda a luz espirital, em quanto que nos homens o fragil barro de que se formam é apenas a redoma, dentro da qual brilha e resplandece durante a peregrinação mundana, a vivissima e eterna luz de uma alma intelligente e immortal.— Como é pois que o homem que é essencialmente espirito, e corpo e carne só por temporario accidente e provação, ha de moldar antes a vida para a carne do que para o espirito, para as impurezas da materia do que para os resplendores da sua immortal essencia, antes para as brutezas do animal que para as perfeições espirituaes do homem, que Deus creou para ser imagem e miniatura da Divindade?— Que os brutos se inclinem a seus naturaes appetites, nada ha que possa reprehender-se, porque tão regrada e providente se mostra a natureza, que os proprios amores dos animaes lh'os prescreve por necessidade do universo e não por deleitação e sensualidade.— E que o homem que foi creado para outros destinos infinita e incomparavelmente superiores, que o homem, que nasceu para espirito vestido passageiramente de carne, e não para carne alumiada por espirito, exaggerando a lascivia dos animaes, se faça a elles superior nos deleites e impurezas da carne! — E quantos homens passam a vida, como se não tivessem nascido mais que para cevar desejos insaciaveis, entenebrecendo o espirito, e cegando

por tal fôrma o entendimento, que só no aspecto e no fallar se differença dos mais rudes animaes das selvas e dos campos!

Se o homem é espirito, bem é que viva como tal. E nada enlôda mais fundamente a alma, nada affrouxa e annuvia mais torpemente o clarão do espirito do que viver o homem sepultado perennemente na lascívia e sensualidade. — Pois que somos almas para a eternidade, e o corpo é apenas a bagagem importuna de uma viagem curta mas trabalhosa, como fazemos antes por tornar mais pesada a carga, do que por alliviar o espirito do que lhe torna mais difficil a jornada? — Que se havia de dizer do homem, que voltando do exilio a pé por atalhos e sendas escabrosas até á herdade do seu patrimonio, ao solar da sua familia, ao tecto amigo da sua infancia, fosse tomando mil cuidados na bagagem com o risco de se despenhar pelos precipicios do caminho nos abysmos das serranias? — Quanto mais tranquillo e feliz não vive o homem, desprendido da carne e da impureza, do que o peccador impenitente, jubilado em suas lascivias? — A felicidade d'este mundo não pode ser senão toda interior, e mystica. — Felicidades do mundo, quem as vio jamais ou perfeitas ou consistentes? — Todas ellas são, mesmo perante o mundo enganosas, apparentes e ephemeras. É uma nuvem que toma por instantes as formas especiosas, que deleitam a imaginação e que o vento dissipa quando parecia mais duravel. É a miragem que representa jardins e formosuras na aridez e solidão d'este deserto, que se chama a vida. — Para gosar da verdadeira felicidade, a felicidade da alma, é necessaria a tranquillidade do animo

a par da consciencia, a pureza do coração, a ausencia do remorso. — É como querem os sensuaes e luxuriosos realisar este verdadeiro paraizo terreal?

Que alegrias, que jubilos, que prazeres do homem lascivo, mundano, carnal e concupiscente se poderá comparar aos jubilos, aos prazeres e alegrias do cenobita que vive no seu ermo, que se deleita com as scenas magnificas da natureza, que não conhece outros amores senão os de Deus e das suas obras, que se levanta saudado pelos proprios clarões da madrugada, pelos tonilhos e cantares dos passarinhos, pelo perfume dos campos, pela frescura e limpidez dos ceus, e que na terra, longe das tentações da carne, está ja antegustando as delicias da bemaventurança? — Nem o perseguem as sombrias vigílias do amor profano, nem o affligem as cogitações da paixão ardente e insoffrida, nem o amarguram ciumes, nem o envenenam desejos de vingança, nem o atormentam remorsos de haver sacrificado mil vezes o proximo á satisfação dos seus appetites sensuaes. — Não vem em sonhos a que elle seduzio virgem, pedir-lhe contas de a haver levado desde o honesto ninho da casa paterna até a derribar na ultima perdição; não vem a esposa que elle enganou, a cujas fraquezas elle deo incentivo, a cuja fragilidade elle pôz o ultimo remate com seus perfidos requiebros e sollicitações aclarar-lhe a gravesa da sua culpa, a affronta do esposo, a desventura dos filhos, a desordem do lar domestico, os odios irreconciliaveis entre os conjuges, a dissolução dos vinculos nupciaes.

Oh? quantas dores não irão pungir a alma na velhice

por cada momento de criminosos praseres na adolescencia! — Quantas vezes o homem não desejaria então renascer e recommear a sua existencia para que, escarmentado pelas tentações da carne, pudesse transitar no mundo pela estrada florida, que leva as almas ao ceo!

—

### CAPITULO III

Estragos profundos que este vicio abre no corpo do peccador—Embrutece tambem o espirito. — A castidade é poderoso instrumento para aguçar e illuminar a intelligencia

E se a feissima culpa da sensualidade causa tão graves damnos á paz do espirito, á concordia das familias e á ordem de sociedade, o que diremos dos profundos estragos, que d'ella redundam para o corpo? — Foi de certo disposição da Providencia que o peccado, que mais torpes abominações encerra nãs suas mimosas e deleitaveis apparencias, fosse tambem o que mais promptamente punissem as proprias penas corporaes durante a peregrinação terrena.

É a lascivia um desnatural abuso do organismo e uma infracção peccaminosa das leis da vida. O peccado n'este ponto não sómente é crime contra Deus, affronta da pureza, injuria da castidade, offensa dos deveres moraes, e esquecimento da vida eterna, senão tambem muitas vezes suicidio lento e doloroso. — Nada corrompe mais fundamente a seiva da existencia, do que o peccado que se commette contra a innocencia e castidade. — Vêdes aquelle mancebo que na primavera de seus annos, parece já crestado pelo vento do outomno, ou pela gelida brisa do inverno? — Vêdes como a sua ca-

beça se touca de prematuras cans? Como a sua fronte se povôa de rugas precoces? — Como nos seus olhos se eclipsou a luz esplendida da juventude? Como o seu dorso alquebrado lhe tirou o garbo senhoril e a nativa gentileza? — O que foi que operou aquella singular metamorphose? Foram os jejuns e abstinencia? Não. Foram as lascivias.—Foram as vigalias da oração mental? Não. Foram as vigalias da dissipação e da orgia.—Foram os cilicios e disciplinas, que refreiam os impetos da carne? Não. Foram as complacencias criminosas, com que a carne se fez soberba e indomavel e subio aos ultimos atrevimentos para depois, como um corsel fogoso e espumante, corrido o estadio a toda a brida, cair prostrado e sem alento ao pêso das suas proprias iniquidades. — Aquelle é o retrato vivo da lascivia. Aquella é a imagem de libidinoso, que não soube enfrear os seus appetites com o freio da continencia, castigar os seus desejos com a espora da castidade.

Tão honrada e mimosa andou sempre esta virtude, como companheira inseparavel da perfeição espirital, que ainda nas trevas da gentildade, tiveram muitos philosophos para si o ser ella o penhor mais seguro de uma vida exemplar e immaculada. — Que mais formosa e excellente prerogativa pôde o homem gosar n'este mundo, que não seja a claridade e agudeza do entendimento? — Se o homem é principalmente espirito, quem não vê que o cultival-o e o mantel-o na sua maxima virtude e illustração, deve ser o seu primeiro empenho e a mais nobre entre todas as suas empresas? Pois o maior inimigo do entendimento é a sensualidade. — Por ella o espirito se entenebrece, se debilita e perde a perspi-

cacia e a actividade. — N'esta lucta incessante entre os dois elementos, que constituem a natureza humana, quando a carne triumphar, o espirito descêe; quando a carne se engolfa em seus deleites, o espirito preguiçoso e inerte, tornado instrumento inutil para quem é todo da materia e da sensualidade, vae pouco e pouco perdendo a sua energia até chegar a obscurecer-se inteiramente com as trevas da imbecillidade.

Por que é que foi tão luminoso o entendimento de Agostinho, de Jeronymo, de S. Bernardo? Por que primaram entre os mais peregrinos engenhos os Vieiras e os Bernardes? Por que voou aguia excelsa muito acima da escuridão do seu seculo o angelico doutor S. Thomaz de Aquino? Foi principalmente, á parte o dom sobrenatural da divina graça, porque n'aquellas almas, jardins fragrantissimos de castidade, nunca as flores da pureza viram o seu logar usurpado pelos abrolhos da incontinencia e da lubricidade. — Do maior espirito que reverenceiam ainda hoje os doutos, d'aquelle que levantou vistas mais prescrutadoras para decifrar os mysterios da natureza, do sapientissimo Newton se conta que em mais de oitenta annos de vida nunca afeiou, se quer com um libidinoso desejo, a formosura e esplendor do seu entendimento. — As armas pois, que defendem a castidade contra os golpes da incontinencia, protegem ao mesmo tempo a alma e o corpo; a cidadella, que defende a pureza contra os assaltos da sensualidade, é ao mesmo tempo entrencheramento fortissimo da terra e inexpugnavel baluarte do céu.

## Da Gula

### CAPITULO I

Este vicio faz descer o homem abaixo dos outros animaes. — A sobriedade produz a robustez do corpo e a claridade do entendimento

Se a luxuria é o peccado que rebaixa o homem até o animal, a *Gula* ainda mais o precipita e o colloca muito inferior aos proprios brutos. — Os animaes das florestas e dos campos, os passarinhos do ar, os peixes dos mares e dos rios, os insectos da terra buscam todos seu alimento accommodado ás necessidades de sua organisação, e n'este banquete universal da natureza, a todos ella reparte o seu quinhão. — N'este festim incessante a nenhuma creatura falta a sua ração providencial, e nenhuma pede mais que o necessario. — Só o homem nos seus banquetes come a sua parte e devora tambem o quinhão dos outros. Só elle come o que exige a sabia natureza, e devora o que reclama a gula insaciavel. — Só elle come a terra, e devora o céu. Come a terra, porque toda ella é pouca para crear animaes e brotar plantas de que se farte, ou antes de que nunca possa saciar-se. — Devora o céu, porque na soffreguidão dos seus convívios, vende, não como Esau por um prato de lentilhas, mas por mil cobertas de acepipes, o seu logar no banquete celestial. — Ainda que não fôra a gula peccado contra Deus, sel-o-hia seguramente contra a natureza e contra nós mesmos. — Contra a natureza, porque ella só nos permite, que tomemos o alimento necessario á nossa conservação. — Contra nós mesmos, porque da intemperança resultam para nós

os temerosos effeitos das enfermidades e achaques do corpo e do espirito.

Os peccados que deleitam principalmente a carne, tem de singular que logo trazem consigo a punição e escarmento do peccador. — Não só na outra vida se castigam, senão que n'este mundo começam em duras expiações o supplicio de quem por elles peccou. — E entre estes peccados, que são ao mesmo tempo deleitação de hoje e amargura de amanhã, um dos primeiros é certamente a gula. — Para que reconheça o peccador que a Divina Providencia tem já apparelhado na vida terrena os principios da sua justiça e que mais seguro é para a propria felicidade temporal o caminho das virtudes christãs, do que a practica dos peccados e o exercicio das abominações. — Os homens que fazem da temperança escudo impenetravel contra as tentações da gula, são aquelles cujo espirito vive mais quieto e repousado e cujo corpo, menos sujeito a enfermidades, alcança ordinariamente uma velhice mais provecta e mais feliz.

Quão venturoso não é mil vezes mais o homem singelo, o rude camponez, que com o lidar incessante nem conhece a preguiça, nem tem ocios para vagar ás seducções da sensualidade, nem anhela por mezas opiparas, nem por festins e cêas sumptuosas! — Como o repouso breve á sombra da faia, por horas de sesta, ao sol meridiano, lhe é incomparavelmente prazer mais intenso e mais precioso, do que o somno interrompido e desinquietao do cortesão e do opulento, que repartiu o dia entre os appetites immoderados da carne, as insaciaveis exigencias da gula, e as vergonho-

sas satisfações da preguiça habitual! — Como é mil vezes mais saboroso ao colono apoz o trafegar dos seus campos, o tarro de leite, a escudella de suas grosseiras iguarias, do que ao opulento das cidades o variado arsenal, onde a gula escolhe as suas armas para o combate em que hade vencer o espirito e desbaratar o corpo do peccador! — Como o entendimento se adelgaça e illumina com a temperança, e se embota e embrutece com o abuso habitual da nutrição! — Como a alma parece como que oppressa, quando a gula a pretende afogar em acepipes e toldar com o fumo dos festins!

È a alma um captivo que tem por seu ergastulo e prisão a carne. — A vida não é senão a lucta, em que o prisioneiro forceja por emancipar-se e voar á etherea região, d'onde baixou para fazer sua provação e merecer por suas obras a eterna bemaventurança.

---

## CAPITULO II

O goloso agrava o captiveiro da alma. — A gula, desde que appareceu no mundo, causou fomes

Já se viu que o proprio encarcerado tornasse espontaneamente mais duras as cadeias que o immobilizam junto do cepo, mais estreitas as frestas que lhe dão escassa luz, mais rebaixadas as abobadas do seu carcere, mais intractaveis os rigores do carcereiro e mais prompta a diligencia do seu algoz? — Pois é justamente o que practica o homem que está a cada passo condescendendo com as torpezas da carne e inventando occasiões e maneiras de tornar mais fundo e mais pestifero o triste calabouço, em que a alma está penando a

sua primeira e dolorosa expiação. — Com a preguiça entaipa as aberturas, por onde a luz celestial penetrava no espirito, porque é a preguiça a lethargia da alma e a somnolencia habitual do corpo. — Com a luxuria torna mais pesada a carne, para que mais facilmente abafe o espirito e o não deixe volver um instante os olhos para o céu. — Com a gula engrossa os grilhões da carne para que a alma seja captiva, serva, tributaria da que fôra destinada para servir humildemente o espirito.

Antes que se inventasse a gula no mundo, era mais difficil haver penuria, miseria e fome. Os homens tinham como as aves do céu o sobrio convite da natureza. Pouco desejavam, possuíam muito. — Realisava-se o dito sentencioso do nosso facundo Vieira: ... *Não é mais pobre o que tem menos, senão o que mais deseja.* — Entre os selvagens desalumiados de toda a luz evangelica e muitas vezes de quasi todo o lume intellectual, não faz a gula grandes estragos, porque ao vaguearem em suas florestas, muito pouca é a sua cubiça e mui facil a sua satisfação. — Começou a gula a ter altares, a merecer cultos, a multiplicar os seus sacerdotes, a recrutar os seus fieis, a tornar cada dia mais pomposo o seu ritual. — Subiu a arte primitiva de condimentar singelamente as iguarias, até ser difficillima sciencia; prosperaram-se os tarros de cortiça, as escudellas dos pastores, as refeições frugaes á sombra dos arvoredos; estenderam-se as toalhas e manteis de olanda preciosa, povoaram-se as mesas de crystaes, de bronzes, de porcellanas, de baixellas de ouro e prata, de candelabros deslumbrantes de luz; fez-se desfilar durante largas horas o cortejo esplendido de mil

manjares, de salsas, de viandas custosamente preparadas; reunirem-se no congresso da gula as producções das cinco partes do mundo.—Principia o guloso o seu officio e senão quando, começa a miseria e a fome a devastar os humildes e os pobres em quanto a gula desenfreada anda cavando entre brutaes deleitações a sepultura dos opulentos e poderosos.

E dizei, christãos, não vos pejaes de consumir n'um só dos vossos banquetes o que poderia alimentar durante um anno a dez familias de vossos irmãos perante Jesu Christo e perante a caridade? — Não se vos atravessa na garganta o mais precioso de vossos bocados, quando vos assoma ao pensamento a lembrança de que n'aquella mesma hora, milhares de mães não tem um pedaço de pão, com que enganem a fome dos filhinhos, macilentos e quasi nús? — Oh? Como as vossas prodigalidades, com que estaes peitando o demonio pela vossa gula, poderiam ganhar-vos os juros usurarios do ceo, se os pozesseis a render nas mãos da caridade christã! — E quem sabe se podeis engolfar-vos assim quotidianamente na gula, sem arruinar a vossa fazenda e sem devorar n'um dia a substancia com que devieis sustentar-vos a vós, e aos vossos durante um anno?

Assim a gula será implacavel inimiga contra a vossa alma, contra a vossa saude, contra a vossa fazenda, e contra a vossa caridade. — Contra a vossa alma, que andarã esmagada pelas vossas viandas, e afogada nos vossos vinhos preciosos. — Contra a vossa saude, porque o abuso das forças da natureza, a propria naturoza vol-o fará expiar bem cruamente

com precoces e afflictivas enfermidades. — Contra a vossa fazenda, porque ireis dilapidando em bachanaes o vosso ou o patrimonio de vossos filhos. — Contra a vossa caridade, porque gastareis em luxuosos banquetes a subsistencia de muitas familias necessitadas, e trocareis o pão dos pobres em veneno que disfarçado em sumptuosas iguarias vos dará mesmo na terra o premio digno da vossa brutalidade.

---

**Da Ira**

CAPITULO 1

E indesculpavel peccado ; nem por si tem os deleites sensuaes.

— Felicidade de que gosa a creatura d'animo tranquillo.

É a *Ira* um peccado tão indesculpavel, que nem ao menos tem por si a deleitação. — Os lascivos ainda poderão defender-se com dizer que com suas devassidões compram o inferno a preço de seus ephemeros prazeres. — O guloso pôde ainda oppôr ás reprehensões moraes o sabor que julga delicioso das suas viandas e manjares. — Mas o iroso como hade justificar os impetos em que se arrebatá contra o proximo e tantas vezes contra si mesmo ? — Ha por ventura suavidade n'este peccar ? Ha satisfação, ainda que peccaminosa, grata ao espirito ou á carne n'esta abominação que traz após si e comsigo o tormento e flagello do iroso, e que por cada golpe com que açouta os proximos, deixa tambem retalhada a carne e amargurado o animo do peccador ? — Que mais impagavel thesouro pôde haver n'este mundo que a tranquillidade e a paz do espirito, a mansuetude do character e a doçura do coração ? Disse Jesu Christo.. *Bemaventurados os que são doces e brandos de coração, por*

*que d'elles é o reino dos ceus.* — E este reino dos ceos tem para os misericordiosos e para os pacíficos o seu esplendido portal aberto para a terra; porque na vida carnal e terrena antigostam já as celestiaes consolações os que não cedem aos arrebatamentos da ira, e os que imitando a Jesu Christo só cultivam no coração as fragrantissimas flores da caridade.

É a ira um movimento desordenado, uma tempestade violenta em que padecem ao mesmo tempo os órgãos do corpo e as faculdades da alma. — E quem haverá que por satisfazer um odio queira sujeitar-se a este tormento? — Tem havido muitos homens justos, que em obsequio ao amor divino e á caridade evangelica, dobraram o collo no cepo do supplicio, e por entrarem mais promptamente no ceo tomaram a palma viridente e a gloriosa corôa do martyrio. — E que haja homens que se façam martyres do peccado para terem em vida os supplicios infernaes! — Vêde como é radiante de doce e santa resignação o rosto do justo, que acceta sem irar-se as vicissitudes da fortuna, as injustiças dos homens, e as perseguições dos seus proprios inimigos. — Vêde como a sua alma é um sanctuarie espiritual, onde se queima o purissimo incenso das virtudes christãs, e onde não entram as borrascas d'este mundo. — Contemplae como a mansidão é para o homem um paraizo terreal, onde se prelibam os suaves perfumes do céo. — O homem brando cuja lenidade sabe refrear todos os arremessos da ira, tem mais prazer intimo na doçura do seu coração, do que o irroso e violento na satisfação das suas coleras e vinganças.

CAPITULO II

Esta paixão desordenada não produz senão calamidades e desastres ao peccador. — Imitemos a Jesu Christo em sua mansidão.

A vida é entrecortada de contratempos e adversidades. — Como havemos pois de nos irar, de perder a paciencia, a resignação e a candura contra os obstaculos e difficuldades, que desde o berço nos estão diariamente accommettendo n'esta vida? — Com a ira melhoramos por ventura os homens? Abrandamos o coração dos nossos inimigos? Desarmamos o braço dos nossos perseguidores? Não — Pois porque não trocamos a ira pela persuasão, quando é possível convencer os que erram; pela correcção fraterna, quando os nossos proximos erraram contra nós; pela paciencia, quando a providencia nos envia as suas provações; pela mansidão, quando é esta a unica armadura que nos resta para embotar os tiros da má fortuna? — Uma só vez que Pedro cedeu aos impetos da ira, logo Jesu Christo acudio a domar o furor do apostolo. — Por tantas calamidades e infortunios com que o senhor experimentou a longanimidade de Job, nunca o santo varão deixou uma só vez de entoar os hymnos e os louvores á eterna sabedoria. — Imitemos pois a Christo, e aos santos, que mais resplandeceram pelo amor fervoroso do proximo, pela mansuetude, pela resignação e conformidade nos mais apertados lances. — Á injustiça respondamos com o amor, á perseguição com a paz, ao peccado dos nossos proximos com o ardente desejo de os encaminhar e corrigir paternalmente. — Obedeçamos ao Senhor, que nos mandou offerecer uma face áquelle que na outra nos houver esbofeteado; que nos ordenou que

cortemos resolutamente aquelles de nossos membros, d'onde possa resultar escandalo. — Deixemos na bainha a espada das nossas iras contra os homens, e não acceitemos o combate com elles na arena das nossas ruins paixões. — Antes quando nos assalte a ira, tiremos da fortissima espada da virtude christã para arremetter briosos contra o demonio, que nos tem tomado o passo do céu, e com o patrocínio da divina graça e sob as victoriosas bandeiras de Christo abramos, pela paciencia e mansidão, a nossa marcha triumphal até á celeste Jerusalem.

## Da Avareza

### CAPITULO I

Pintura do covil onde vive o avaro ; descripção de sua vida e costumes

Peccado merecedor de grave condemnação é sem duvida a *Avareza*, pela qual buscamos enthesourar n'este mundo, como se houvera de ser eterno para nós, as nossas ephemeras riquezas, sem nos lembrarmos de practicar virtudes que nos conquistem o incomparavel thesouro do ceo. — Feio e maldito peccado é este da avareza para o christão, para quem milita ou deseja pelejar sob os estandartes d'aquelle senhor que nos disse... *Vendei os vossos bens e reparti o producto com os pobres*; que nos affirmou com singular encarecimento ser mais facil passar um camello pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino do céu; que na parabola do rico avarento quiz manifestamente significar, quanto hade ser infinitamente mais feliz o destino futuro do pobre, que o d'aquelle que passou a vida na terra a accumular thesouros, sem se lastimar e condoer da neces-

sidade e pobreza do proximo. — Entre a prodigalidade, que desbarata sem medida o seu patrimonio em peccaminosas satisfações da carne e em vãos ostentações da vaidade pessoal, e a avareza que a si mesma se nega o necessario para a existencia, deve o christão seguir o rasoavel meio termo, que consiste em applicar discretamente o que possui ás modestas necessidades do corpo e do espirito e aos actos de caridade, com que se lucra na terra o prazer intimo e ineffavel de fazer o bem, e no ceo se compra a eterna bem-aventurança.

Até entre os homens é notado como reprobado o avarento! Que será pois o avarento aos olhos de Deus! Até entre os homens é apontado e escarnecido como creatura inutil e danosa, e exposto aos motejos e dicterios da multidão! — Que será quando o avarento, deixados na terra os seus idolos de ouro, apparecer com as mãos vasias diante do throno de Deus, e o Supremo Juiz lhe expobar o mau uso que fez de suas riquezas, e lhe perguntar quantas lagrimas enxugou aos que choravam, quantos famintos confortou com o pão da caridade, quantos nús vestiu, quantas donzellas amparou, quantos orphãos protegeu, quantas viuvvas remediou, a quantos amigos acudiu com o seu generoso auxilio quando os viu em trances afflictivos, quantas vezes fraudou o proximo na sua fazenda para accrescentar a propria, quantas comeu o fructo do trabalho alheio para não dispender um real do seu peculio, quantas faltou criminosamente á sua propria sustentação, ao seu vestido, ás suas honestas precisões para não desfalcar de algumas mealhas os seus opulentissimos haveres?

Está o avarento na sua casa, no seu covil, ou antes no sacrilego templo, onde rende culto á sua unica divindade, o ouro. A sua vida é mais que mesquinha, sordida; mais que abstinentemente, miseravel. A sua alcova, o seu catre, toda a sua habitação recende não a esta alegre e festiva pobreza dos cenobitas, mas a esta repugnante e hedionda asquerosidade dos mendigos astuciosos e falsarios. — Nunca o seu lar está fumegando para um d'estes convívios da abundante mediania. — Á sua mesa nunca se sentou um amigo, um pobre, um peregrino; jámais aquella porta se descerrou para que se cumprisse a santa e doce lei da hospitalidade. A miseria entenebrece lugubrememente aquelles aposentos: terieis quasi desejo de soccorrer o dono d'elles, tão necessitado parece ser, com a minguada esmola que daes aos pobresinhos mais infelizes ás orlas do vosso caminho.

Pois contemplae agora o avarento. Vêde-o como surge pela manhã d'entre os farrapos do seu leito. Eil-o que busca soffrego os escondrijos, onde tem postas como em sacratio mysterioso as suas riquezas. — Como olha para todos os lados, como espia anhelante, como escuta diligente, quasi suspensa a respiração, como cerra as portas, como se assegura de que ninguem o vê, como entorna as rimas collosaes das suas peças de ouro, como os olhos encovados e amortecidos saem improvisamente das suas orbitas, como a cobiça os illumina, como a avareza os torna fulgurantes, como elle se extasia diante das suas riquezas, como elle sorri complacente áquelle acervo de preciosidades, como de repente o seu rosto se annuveia, porque lhe passou pela mente uma idéa sinistra e exclama consigo mesmo... E

se eu perdesse agora todos os meus thesouros! — Eil-o que encerra de novo o seu idolo. Eil-o que enclausura cauteloso mais alguma peça que lucrou na vespera n'uma negociação criminosa, em que arruinou para sempre uma familia. — Agora vae tomar a sua refeição. Agora vae enganar a fome, se não é possível ir cevar-se gratuitamente na mesa alheia. Jejua por vicio e avareza, e dirá que é por piedade e devoção. — Abstem-se das iguarias mais vulgares, d'aquellas que constituem o repasto do monge mais observante, e diz que é por mortificar a carne e castigar os seus impuros appetites. — Reduz a sua nutrição á dieta, e exagera a dieta até raiar na fome e tem sempre á mão a sentença de algum sabio ou o testemunho de algum varão edificante para encarecer as excellencias da sobriedade, como se a sobriedade, que é uma virtude social e christã, pudesse ter merito, quando é apenas o instrumento de tão repugnante peccado qual é a avareza.

---

## CAPITULO II

É a usura um peccado que o Senhor não desculpa. — Grande prazer gosa o homem caritativo

Miseraveis, duas vezes miseraveis os avarentos! miseraveis na terra e miseraveis no juizo final. Miseraveis na terra, porque como egoistas, e inimigos do proximo caminham n'este mundo entre incessantes imprecações. Miseraveis no juizo de Deus, porque não acharão misericordia diante do divino julgador. — Entre tantos peccadores que a Jesu Christo se chegaram durante a sua prégação, havia-os que tinham

commettido acções reprehensíveis e criminosas. — Á Magdalena, que peccara pela sensualidade, perdoou o Senhor, porque a sua alma podéra sair radiante d'entre o lodo da lascivia. Aos que lhe pediam a condemnação da mulher adultera respondeu o Senhor com aquelle piedoso dito... O que está isento de culpa, esse que atire a primeira pedra. — Porém contra os ricos e avarentos é o Senhor inexorável nas suas exprobrações. N'uma das parabolás do evangelho Jesu Christo diz: *Ninguem póde servir a dois senhores*: isto é, a Deus e a riqueza. — Ao publicano Zaccheo, o qual com suas malversações e avarezas chegara a juntar copiosas riquezas, perdôa Jesus os seus peccados, e faz-lhe a singular fineza de ir repousar em sua casa. — Alvorçado Zaccheo d'aquella inapreciável honra exclama... Eis-aqui darei eu metade do que possuo aos pobres, e restituirei no quadruplo o que tirei aos outros. E Jesu Christo, ao ouvir que o rico se queria fazer pobre e desaccumular os seus thesouros para os repartir com os necessitados, responde ao publicano: *Hoje entrou a salvação n'esta casa*. — De maneira que a salvação entra em casa dos ricos, quando elles começam a distribuir o seu superfluo pelos que não possuem nem o stricto necessario. — Zaccheo era publicano e como tal havia commettido muitos peccados contra os seus proximos pelas suas exacções e violencias. Zaccheo era rico. Zaccheo tinha nos seus cofres o que havia em parte furtado. — Pois este grande peccador, declara-o Jesu Christo cidadão do reino de Deus, quando se determina a despojar-se de suas opulencias.

E que doce e gratissima consolação não é para o chris-

tão, o repartir os seus haveres com os que teem menos beneficios da fortuna! Que satisfação intima não experimenta o homem, que a troco de algumas moedas, que haveria de enthesourar sem precisão, acudiu á penuria do desvalido, á miseria do faminto, á desnudez do pobresinho, ao achaque do enfermo, ao desamparo do encarcerado! — Costumam os ricos, desejando accrescentar desmedidamente os seus cabedaes, pôr seus dinheiros a render em bancos e companhias! Oh! que melhores e mais rendosas negociações não são as que fazem estes banqueiros do céu, que por ali andam a excitar a piedade e a commiseração dos opulentos! — Dizem as divinas escripturas, que é capital posto a bom juro o que se dá aos pobres e desamparados. — E que haja homens que podendo ter de suas riquezas uma usura eterna, um juro infinito na bemaventurança, escondam na terra os seus haveres, sem se lembrarem que terminada a vida ficarão sem as riquezas d'este mundo e sem os thesouros da vida celestial!

### **Da Soberba**

Venha agora a *Soberba*, e vejam os christãos, que se prezam de o ser nas obras e não apenas na opinião, se não é para se correrem de pejo o prestarem culto a tão estulto quão abominavel peccado. — Contra os soberbos, arrogantes e presumptuosos estão cheias as escripturas de palavras de grave exprobação.

CAPITULO I

**Antiguidade d'este peccado.** — Foi o primeiro que entrou no mundo ;  
d'elle procederam os mais peccados

É a soberba o peccado por ventura o mais adverso ao espirito de caridade e de amor que Jesu Christo imprimiu em toda a sua doutrina. — É tambem a soberba um peccado, que mesmo socialmente considerado, torna os homens mal vistos e odiados d'aquelles com quem vivem e a quem frequentam. — E depois, é de todos os peccados aquelle que tem mais falsos e lastimosos fundamentos. — Pela soberba pretende o homem levantar-se tanto acima do commum das gentes, que chegue a entestar quasi com a divindade. — Pela soberba assopra o homem a tristissima vaidade da sua sabedoria. — Pela soberba imagina o homem as suas perfeições ao ponto de figurar-se isento de defeitos e deformidades. — Pela soberba, intenta o homem dominar e tyrannisar os seus eguaes.

É tão antiga a soberba no mundo, que primeiro que ella não entrou n'elle outro peccado. — Estava Adão no paraíso e tinha a Eva por companheira. Ainda a turba dos peccados não viéra infestar a santa habitação do Eden. — Não sorrira ainda as suas seducções a lascivia. Não podia haver lugar á avareza, que a terra toda com os seus fructos, os seus arroyos, ás seus vergeis e as suas florestas era indiviso morgado do primeiro homem. — Não pompeava nos seus triclinios dourados a insaciavel gula, por que toda a terra era um continuo festim da saudavel frugalidade. — Não estalára em suas explosões a ira, por que era candida a alma dos

dois felizes consortes.— Não havia que reprehender á preguiça, por que ainda a natureza não declarára a sua liberalidade como preço do trabalho e da fadiga humana.— Não despontára a inveja, por que não havia visinhos no paraiso.— Vem o demonio tentar a Eva e por ella a Adão. E que faz? Por onde hadè principiar a apagar as luzes da pureza e santidade, que allumiavam o quieto e beatifico remanso do paraiso terreal?— Começou pela soberba. Assentou sua cathedra para prégar antes de todos este nefando peccado, contando que aberta a primeira brecha seria facil e prompta a reddição da cidadella.— Sentem-se mal Adão e Eva por que não eram tanto como presumiam de si. Infringiram a prohibição. Inchou-os a vaidade, assoprou-os a soberba. Cai-ram no laço, e foram expulsos do Paraiso.— Aqui temos a soberba a abrir no mundo o prestito dos peccados.— Por que foram os anjos máos degradados da sua primitiva condição? Pela soberba. Os outros peccados são peccados dos homens. Mas a soberba é peccado de satanaz.— E repare o christão, quaes devem ser os quilates de maldade em peccado que teve o demonio por inventor.

---

CAPITULO II

Felicidade da creatura humilde.— Vaidade estulta do orgulhoso.— O homem é pó

Quanto mais feliz não é o humilde do que o soberbo! O affavel que o arrogante! Que tempestades não evita aquelle que sempre inspirado pelo santo lume da caridade, espera tranquillo o cumprimento das promessas de Christo quando

asseverou que os *primeiros haviam de ser os ultimos, e os ultimos os primeiros*; quando exalçou a humildade, como a primeira das virtudes christãs, e sentenceou com palavras de grave condemnação os que se deixam arrastar pela soberba? E de que são os homens soberbos? De seu nascimento? Porque vieram ao mundo em camarins esplendidos? Porque descenderam de principes e de senhores?— E onde nasceu o Redemptor senão no mais humilde presepe, para mostrar nas proprias circumstancias do seu nascimento, que havia de ser a humildade a pedra fundamental de todo o edificio christão.— E tu, homem vão e desasisado que te ensoberbeces pelo teu nascimento, não sabes que mais te valeria ter nascido n'um estabulo entre palhas para subir um dia entre palmas á gloria celestial, do que nascer em sumptuosos paços entre mil esplendores para vires habitar para todo o sempre as trevas de satanaz?

Enche a soberba o homem pela sabedoria? Mas o que é a sciencia humana? A ignorancia disfarçada nas pompas da vaidade. Vaidade das vaidades; tudo no mundo é vaidade! — Pensas por ventura, ó soberbo, que voando atraz do que tu chamas a gloria, terás conseguido uma grande felicidade? E por este pó te ensoberbeces, por este fumo te exaltas, por este nada te queres egualar a Deus?— Domina-te a soberba pelo poder, pela auctoridade, pelo imperio que exercitas? E não vês que o teu poder é um atomo, um lampejo, um phantasma diante da infinita omnipotencia de Deus?— Estás soberbo com o teu nascimento e ascendencia fidalga, com o teu manto e a tua purpura? Com a tua gloria de guerreiro? Com o teu nome de sabio? Com os teus thesouros de opu-

lento?— Ah! como estarás amanhã peão humilde, pobre, obscuro, quando no sepulchro não tiveres já aduladores, nem cortesãos, nem vassallos, nem dependentes, nem hymnos, nem acclamações; quando ao pomposo epitaphio dos teus nomes, titulos e prosapias responder na sua laconica expressão a dura lei da humanidade: *aqui jaz um pouco de pó*.— Pois para vir a parar n'um punhado de cinza, hade o homem estar a dourar-se tanto com a soberba? Para ser a final tão pouco, hade passar a existencia a julgar-se muito?— Não tem rasão o homem para ser soberbo. Procreva pois o christão este negro peccado, e imitando a Jesu-Christo queira antes surgir humilde e pequenino no céu, do que entrar soberbo e altivo nas penas infernaes.

---

### CAPITULO III

Os peccados mortaes atormentam em vida, e são depois castigados eternamente.—Embustes de que se serve o demonio para apanhar em seus laços aos peccadores.

Temos visto até agora qual é a enormidade dos peccados e quaes são os justissimos castigos que elles proprios infligem ao peccador, pedindo-lhe por cada momento de suas enganosas deleitações muitas horas, muitos dias e muitos annos de dolorosas amarguras e de cruelissimas expiações.— Considerámos o peccado como inimigo do homem na terra.— Ponderemos agora como elle é tambem o poderoso, mas não invencivel instrumento com que o demonio nos anda obstruindo os caminhos do céu e abrindo de par em par as portas do inferno.— Justissimo é que os peccados, que tão contrarios são ao dever e à virtude na terra, fossem tambem.

e com penas ainda mais severas punidos depois desta vida terrena e transitoria.— Se um lobo nos apparecesse a saltear-nos, disfarçado e escondido na pelle de um cordeiro, e refreasse a principio os seus feros instinctos para fingir mimos e blandicias, com que attrahir-nos ao seu covil, e se nós pelas gárras mal dissimuladas sob o vélo emprestado, e pelos dentes mal occultos, percebessemos logo a burla, e ños desenganassemos de que era verdadeiramente carniceiro e bravissimo animal o que se nos affigurava mansa e inoffensiva creatura, cahiriamos por ventura em nos approximar do inimigo, e não buscaríamos recatar-nos de seus perfidos assaltos ou fazer-lhe com armas efficazes implacavel montaria, até que vencido sem quartel, o levassemos como despojo e tropheo de nossa victoria ?

Pois o que é o peccado quando nos seduz e nos apparelha as suas insidias e ciladas, senão um lobo voracissimo que nos anda a querer abocar a alma para a levar até ao eterno covil da perdição eterna?— Vem a *soberba* a disfarçar-se nas apparencias da dignidade. Caímos no laço. Adormecemos nos seus braços e amanhecemos nas garras de satanaz. — Vem a *luxuria*, e offerece-nos os seus thalamos enflorados de myrthos, recendentes de perfumes, circundados de esplendores e diz-nos : Eis-aqui a suprema ventura d'este mundo.— Repousamos indolentes na sensualidade, e acordamos na eternidade a revolver-nos em leitos de ardentissimo fogo, atizado pelos demonios.— Apparece a *ira*, e convida-nos para as vinças, para os odios, para as malquerenças, para todas as abominações contra a caridade. Obedecemos a este demonio, e achamo-nos a poucos passos no mais profundo dos abys-

mos infernaes.—Comparece a *gula*, e leva-nos pela mão aos seus fenstins e bacchanaes. Offerecê-nos a taça de ouro e n'ella o que parece licor suavissimo e delicioso nectar do peccado. Esquecemo-nos da mesa. Esfregamos os olhos toldados pelos vapores da orgia e reconhecemos entre mil tormentos, que o faustoso convivio principiou na terra com o peccado e findou no inferno com o castigo para todo sempre.— Incita-nos a *preguiça* a desdenhar o trabalho por inutil, a descurar a caridade por importuna, a deslembrar-nos da salvação por incerta, e a adormecer sem cuidados no coxim da sensualidade. Transforma-se a preguiça em demonio, e a repellões nos faz andar ligeiros até dar connosco nas suas fogueiras, onde não haverá logar para preguiças, por que tudo serão dores, angustias e tormentos temerosos e indisiveis.

Chama-nos a *inveja* e desenrola-nos o painel das suas delicias. Mostra-nos as opulencias do rei, as grandezas do poderoso, as glorias do sabio, as prosperidades do feliz, e incita-nos a que desejemos para nós o que possuem os outros.—Passamos a vida a invejar. Se alcançamos o fructo de nossas invejas, é para o gosar entre mil sobresaltos e angustias durante este dia brevissimo e attribulado, que se chama a vida. Se o não obtemos, fabricamos para nós mesmos na terra uma triste miniatura do inferno.—Acabam-se as invejas da terra e por ellas somos punidos para sempre, invejando inutilmente, sob o poder do demonio, as glorias da bemaventurança, que não soubemos conquistar.— Tentamos a *avareza*, mostrando-nos como o demonio a Jesu Christo o espectaculo de todos os reinos da terra, e clama-nos... todas estas coisas te darei, se pondo o joelho em terra me

renderes adoração. Accede a alma á tentação. Entrega-se ao culto das riquezas.— Julga eterna a vida, eternos os thesouros. E quando o demonio a pilha bem aferrada áquelle lodo luzente, que se chama ouro, quando vê que o peccador por quatro pedaços de metal grosseiro trocou e vendeu como vilissima escrava a alma, thesouro sem preço, diamante mystico de infinito valor, reclama o cumprimento da escriptura, arrebatá o impio, o qual deixadas na terra as suas preciosidades tão queridas, se vae ao inferno, para ficar privado eternamente dos abjectos thesouros do mundo e dos ineffaveis thesouros do céo.— Quando estes lobos sedentos nos sairem ao caminho, estejamos de atalaia para lhes fazer, ao menor rebate, uma guerra cruelissima e sem quartel.

---

#### CAPITULO IV

Remedio para combater a soberba.— Amor de Jesu Christo aos humildes de coração

Quando nos seduzir a *Soberba*, ponhamos os olhos em Christo, porque será o mesmo que fital-os na humildade; lembre-se o peccador dos exemplos edificantes com que Jesu Christo prégou esta virtude desde a humildade do seu berço até á humilhação da sua crucificação no calvario.— Traga á memoria as graves palavras de santo Agostinho, o qual dizia em um de seus sermões: *Observe e conserve o christão a humildade, porque ella de per si é o resumo de toda a doutrina christã*. E n'outro sermão: *A doutrina christã cifra-se toda no preceito e na recommendação da humildade*. —Lembre-se sempre o christão de que Jesu Christo amou



e exaltou sempre os humildes, e execrou sempre os soberbos.—Pondere que Jesu Christo disse: *Bemaventurados os que são brandos de coração. E tambem, os primeiros serão os ultimos, e os ultimos os primeiros.*

Combatamos pois a soberba com a reflexão de que somos eguaes a todos os homens perante Deus.—Que todos nós somos pó, e em pó nos havemos de volver.—Que a soberba com que hoje tratamos os proximos, nos não hade valer, para que fuçamos ao divino tribunal e para que possamos escapar ás garras do demonio.

—  
CAPITULO V

Antidoto contra o veneno da avareza.—Excellentes resultados da caridade christã

Para combater efficazmente a *Avareza*, que nos tenta com os seus enganos, fazendo-nos quasi acreditar que serão eternas as riquezas que temos accumuladas e estereis, e a vida, que toda inteira lhes votamos, consideremos quanto este peccado é contraposto á virtude da caridade, sem a qual o christão não merece este nome, nem é digno das eternas recompensas.—Lembre-se o christão de que, recebendo de Deus tantos e tão assignalados beneficios, não é licito que elle só do que é seu não reparta com os que necessitam.—Recorde-se de que estas riquezas, que tanto presa o avaro, são apenas carga passageira, com que elle anda onerado o curtissimo tempo da vida, e que nada valem em comparação das ineffaveis riquezas do céu.—Pondere aquellas palavras do Senhor no evangelho de S. Lucas: *Se vós não fostes*

*feis nas riquezas injustas, isto é nas riquezas da terra, que só merecem ser apreciadas e queridas dos homens injustos e peccadores, quem ha de confiar-vos as verdadeiras?—*Pondere o christão a estreita responsabilidade em que necessariamente incorre, quando tendo mais do que o necessario, nem do superfluo tira alguma coisa com que provêr ás necessidades do pobre, aos males do enfermo, ás angustias do encarcerado.— Lembre-se o peccador de que da pobreza fez edificativa e santa profissão o nosso divino Redemptor, e que foi elle que disse: *Tem as raposas os seus covis e as aves do céu os seus ninhos; só o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça.*— Lembre-se o christão, principalmente se é opulento, das significativas palavras de Christo, quando comparou a exigua offerta das viuvas pobres com as ricas oblatas que os abastados depunham no gazophylacio do templo... *Em verdade vos digo que esta pobre viuva deu mais que todos os ricos.*— Considere o christão, se é pobre, que deve resignar-se com a sua condição, porque melhor será o seu quinhão no reino dos ceos, segundo aquellas divinas palavras de Christo... *Bemaventurados os pobres, porque d'elles é o reino de Deus.*

Prefira o christão aos enganos da opulencia a humildade da pobreza evangelica, confiado n'aquella promessa de Christo. *Bemaventurados os que ora padeceis fome, porque sereis saciados; Ai de vós os que sois agora saciados, porque vireis a padecer fome.*— Recorde sempre o christão as palavras do Salvador áquelle rico poderoso que lhe perguntou o que fazer para alcançar a vida eterna. *Vende tudo o que tens e dá aos pobres, e possuirás thesouros no céu. Vem, e*

*segue-me.*— Quão difficil coisa é entrar o rico no reino de Deus! Porque mais facil é passar uma corda pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.— Faça pois o rico por escapar ás tremendas ameaças de Christo, satisfazendo aos seus divinos preceitos.— Considere as suas riquezas, como um deposito que Deus lhe confiou para acudir aos pobres e necessitados.— Se não póde vender o que tem segundo o concelho de Jesu Christo, dê frequentes esmolas e d'este modo se desfaça do superfluo, lembrando-se de que para tão curta e incerta jornada como é a da vida temporal, não é bem que leve tão pesado e copioso viatico.— Pondere quanto melhor lhe será purificar a sua alma em vida pela esmola, segundo o preceito de Christo... *Dae esmola, e todos os vossos peccados vos serão remettidos;* do que deixar as riquezas accumuladas e estereis, e ir-se ao inferno, onde só haverá pobreza de graças, e copia infinita de tormentos indisiveis.

---

#### CRPITULO VI

##### Meios de vencer o vicio da gula. — Efficacia do sacramento da communhão

Para resistir ás tentações da *Gula* deve o christão lembrar-se de que não póde haver peccado tão contranatural como o de passar a vida a abusar da alimentação, com o que alcançará embrutecer o espirito, enfraquecer a carne e predispol-a a inclinar-se com maior docilidade e deleitação aos peccados da sensualidade.— Considere quanto é injurioso á propria dignidade humana, que o peccador exceda na bruteza das suas refeições aos proprios animaes, que não tem

uma alma que alimentar e que assim mesmo não tomam mais nutrimento do que exige a natureza, nem inventam acepipes, nem iguarias ruinosas, nem distillam bebidas e licores para ficarem prostrados depois dos seus banquetes. — Leiam com attenção as palavras com que o apóstolo das gentes condemna os excessos da gula... Caminhemos como de dia honestamente; não em golotoneiras e bebedeiras: porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça e paz e goso no Espirito Santo: os manjares são para o ventre e o ventre para os manjares, mas Deus destruirá tanto aquelle como estes: e não vos deis com excesso ao vinho, donde nasce a luxuria. — Tome exemplo o christão na sobriedade e temperança de que nos deixaram documentos os mais virtuosos e espirituaes varões, luz e esplendor do christianismo.

Attente em que Jesu Christo sempre nos ensinou a odiar a gula, e contentar-nos com parcas e frugalissimas refeições. Mais de uma vez referem as sagradas lettras, que Jesu Christo dêra de comer ás turbas que o seguiam, e se sentára á mesa com seus discipulos. — E pensaes que eram banquetes os que celebrava o Senhor? Que eram luxuosos convites os que sanctificava com a sua divina presença? Não. Eram os humildes festins do pobre, para nos ensinar que á natureza humana são bastantes os alimentos moderados e simples, e que foi o demonio quem inventou a gula e por ella perdeu o genero humano com o funesto pomo cubiçado pela nossa primeira mãe. Considerae que Jesu Christo dizia... *Não só de pão vive o homem, senão de espirito e de verdade.* — Deixae, ó christãos, as vossas mesas sumptuosas, os vossos convivios peccaminosos, os vossos banquetes opiparos; arena vasta,

onde se exercitam, como athletas incançaveis, todos os peccados da luxuria, para entrarem depois em suas abominaveis luctas.—Tendes fome? Que melhor alimento, que o pão espiritual e divino, que o Redemptor nos deixou no augusto sacramento da Eucharistia? Tendes sede? Que mais delicioso nectar do que o sangue de Jesu Christo? Não disse nosso divino mestre... *Este é o meu sangue, esta é a minha carne?* — *Eu sou o pão da vida*, disse Jesu Christo. *Este é o pão que desceu do ceu. Quem comer d'este pão, viverá eternamente. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, terá a vida eterna, e eu, resuscitarei no dia do juizo: porque a minha carne é verdadeiro alimento, e o meu sangue verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanecerá em mim, e eu permanecerei n'elle.*

Vêde, christãos, que differença entre os vossos banquetes profanos e abominaveis, e o celestial convivio a que vos chama Jesu Christo na santissima Eucharistia. — Com os banquetes do mundo peccaes agora, e preparaes-vos para o peccado de ao depois. — Com o banquete divino agora vos sanctificaes na terra e asseguraes o vosso logar no ceu. — Com os banquetes do mundo a perdição é certa. — Com o banquete de Christo é segura a divina misericordia. — Nos banquetes do mundo dá-vos o demonio o veneno da eterna condemnação.—Nos banquetes de Christo dá-vos o Senhor a ineffavel prerogativa de serdes o tabernaculo do seu corpo e do seu sangue, e o Senhor habitará em vós e vós no Senhor.—A gula incita-vos aos peccados mais nefandos; a communhão frequente defende-vos das tentações e fortalece-vos para combaterdes contra o peccado e contra o inferno.

CAPITULO VII

Armas com que o peccador hade extinguir em si o peccado da inveja, que é o mais louco dos vicios

Fujamos da *Inveja*, entrincheirando-nos para lhe resistir no verdadeiro espirito da humildade christã, na abnegação dos bens e prosperidades do mundo, na simplicidade do nosso viver, na modicidade dos nossos desejos.— Consideremos em primeiro logar que é a inveja o peccado favorito do demonio.— Com ella nos assemelhamos a satanaz, que por invejar o que não era e o que não podia ser, veiu dos ceus abaixo precipitado até ás profundezas do infernal abysmo. *Pela inveja do demonio*, diz a divina sabedoria, *entrou a morte no mundo. Na inveja imitam ao demonio, os que seguem o seu partido.*—E haverá christão que se atreva, não já a ceder a um peccado feio, mas a retratar com elle na sua propria alma as negras feições de satanaz? Os homens que invejam, são demonios. E quererão os homens, illuminados pela fé christã, macular a sua alma com a horrenda miniatura do tentador?

E depois, que invejaes vós, peccadores? Invejaes os reis? E não vêdes que são falsas as apparencias de sua felicidade? Invejaes os poderosos? E não vêdes que o seu poder é uma illusão? Invejaes os ricos? E não vêdes tantos que no meio dos seus faustosos esplendores não teem a suprema ventura do espirito tranquillo, da paz da consciencia, da ausencia do remorso? Invejaes a gloria? E não vêdes que perdeis as vossas almas correndo atrás de um fumo, que nunca podeis apanhar?— O que invejaes pois? O pó dourado pela ma-

gestade dos reis, o pó dourado pela dignidade nos grandes officios ecclesiasticos e civis, o pó dourado pela riqueza nos opulentos, o pó dourado pela gloria nos ambiciosos, mas sempre pó! — Não vêdes que para naufragar no sepulchro, onde afinal vem a parar a tormentosa navegação da vida, não vale a pena engolfar-se nos procellosos mares da vaidade, da soberba, e da cobiça humana? — E para que vos serve invejar? Se vos contentaes com invejar, tiraes por ventura aos outros o que possuem? Não vos cancaes, afadigaes, e excruciaes e atormentaes a vós proprios, buscando fazer mal aos vossos proximos?

E se pondes por obra as vossas invejas, que peccados enormes não ides commetter? Da inveja nascerá a ira, a maledicencia, a calumnia, a blasphemia, a perseguição, as discordias, as rixas, as vinganças, os homicidios. — Reparae no que diz o apostolo Santiago na sua epistola catholica... *Onde reside a inveja e a discordia, ahi existe a inconstancia e todo o genero de iniquidade.* — Oicamos o grande S. João Chrysostomo: A inveja, mal pestifero e pernicioso, ao homem degradado dos fóros da humanidade converte n'um tetrico demonio. — A inveja trouxe o primeiro homicidio á terra. A inveja inflammou o irmão contra o irmão, e o impelliu a desprezar a fraterna caridade. — A inveja aspergiu e maculou a terra com o sangue innocente do inculpado Abel.

CAPITULO VIII

Maneira de sopear e destruir os impetos da ira. — Resultados de tão desenfreada paixão

Contra os incitamentos desordenados da *Ira* deve o christão premunir-se com todas as armas espirituaes, porque é peccado tanto mais para ser temido, quanto é facil em produzir outros peccados. — A ira é uma terrivel e desasisada explosão da mente encandecida contra o proximo. É pois uma flagrante e violenta contradicção á caridade, e ao mesmo tempo uma protestação manifesta contra a humildade. — Ora se a humildade e o amor do proximo são os dois fundamentos em que assenta todo o bello edificio da moral christã, veja o peccador que enormissimo attentado não commette, quando se ira contra o seu proximo, quando arde em colera contra seus irmãos, quando concebe odio contra aquelles proprios, que o Senhor lhe ordenou de amar, e se colloca em occasião proxima de perpetrar ainda mais nefandos peccados, quaes são as blasphemias e homicidios, com o que o peccador mais ensancha o caminho do inferno, sem conseguir tornar mais plano e seguro o caminho do céu, por entre as contrariedades e infortunios de que se entretece a vida, e contra os quaes só ha resistir com as armas invenciveis da resignação, da paciencia e da humildade. — *Todo o que se ira contra seu irmão*, diz o Senhor por bocca do evangelista S. Matheus, *será réo no Juizo; e o que disser a seu irmão, Raca, será réo no Conselho; o que lhe disser, és um nescio, será réo do fogo do inferno.* — Christão que accede facilmente á ira, não é christão senão no nome. Não sabes, que Jesu Christo recommendou sempre não sómente

o amor para com os que nos amam, senão tambem para com aquelles que nos affigem, injuriam e perseguem? *Em verdade vos digo que ameis os vossos inimigos, que façaes bem áquelles que vos odeiam, e oreis pelos proprios que vos perseguem e calumniam.*

Pondere o christão as fervorosas e persuasivas palavras do apostolo das gentes... Nenhuma palavra má sáia da vossa bocca, senão só a que seja boa para edificação da fé, de maneira que dê graça aos que a ouvem. Toda a amargura, e ira e indignação e clamor e blasphemia com toda a malicia, seja desterrada d'entre vós. Antes sêde uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos mutuamente, como tambem Deus pelos merecimentos de Christo vos perdoou. — Sejam pois pacientes, resignados, humildes, misericordiosos e brandos de coração. O Senhor disse... *Bemaventurados os pacificos, porque serão chamados filhos de Deus.* Escutae o apostolo Santiago... Far-se-ha juizo sem misericordia áquelle que não usou de misericordia. — *Atentae*, pois, christãos, em que com as vossas iras, rixas, contenções, injurias, calumnias e malevolencias de todo o genero contra o vosso proximo, estaes preparando o vosso processo perante o divino tribunal, e que quanto mais desabridos, duros e odientos tiverdes sido na terra contra os vossos proximos, tanto mais severa e menos misericordiosa hade ser a justiça de Deus.

CAPITULO IX

Contraveneno da preguiça. Estimulo para debellar a accidia.—  
Consequencias d'este duplo vicio

Contra a *Preguiça* e *Accidia* não ha melhor contraveneno do que são as piedosas occupaões do espirito e os trabalhos regrados do corpo. — Quer a preguiça tornar-nos descuidosos das nossas obrigaões na terra e dos nossos destinos no céo. Quer a preguiça distrair-nos das boas e caritativas acções, com que podemos negociar para nós o céo.—Pois armemo-nos com os fortissimos auxilios da oração e da piedade, e consideremos quanto é degradante para o homem um peccado que tanto o enerva, o corrompe e o torna incapaz de satisfazer as suas obrigaões na familia, na sociedade civil, e na sociedade espiritual da igreja. — Nascem da preguiça tão desastrosas consequencias, quaes, no sentir de S. Gregorio, a malicia, o rancor, a pusillaniedade, a desesperação, o torpor e a podridão do espirito. — Com a preguiça vem a maledicencia, com a preguiça a inveja, com a preguiça o amor a todas as torpes deleitaões, com a preguiça a indifferença pelos males do proximo e a tibiesa da caridade, com a preguiça o esquecimento de Deus, o desprezo da sua lei: abre, emfim, a preguiça a porta a todos os peccados. — Assim como o operario hade recolher o fructo proporcional ao seu trabalho, assim o homem só poderá ceifar nas messes eternas, quando não houver preferido á fecunda actividade o repouso inerte e a preguiça habitual.

Diz o apostolo das gentes... Aquillo que o homem semear,

isso mesmo ceifará. Por quanto, o que semêa na sua carne, da carne tambem segará corrupção; mas o que semêa no espirito, do espirito colherá a vida eterna. — Não nos cançemos pois de fazer bem, porque a seu tempo segaremos, não desfallecendo. Logo em quanto temos tempo, façamos todo o bem. — São os preguiçosos os operarios que adormeceram no trabalho, sem pensar que fructos dourados e copiosos perdiam assim na colheita celestial. — A sentença inexoravel dos preguiçosos está escripta nas divinas letras pela mão do evangelista... *Já o machado está posto á raiz das arvores: toda a arvore pois que não dá bom fructo, será cortada e lançada ao fogo.* — Compara-se o preguiçoso ao servo inutil e ocioso. E como tal, fulmina-lhe o evangelho outra sentença não menos peremptoria n'aquella notavel parabola do Senhor, que confiára os talentos aos seus servidores... *E ao servo inutil lança-o nas trevas externas; ali haverá choro e ranger de dentes.*

Fortifique-se pois o christão com a fé viva e ardente para combater a preguiça espiritual, o desconforto e desesperança de alcançar os bens do céu. — Recorra frequentes vezes á oração e aos exercicios de piedade, por que Jesu Christo disse... *Vigiae e orae, para que não entreis em tentação. O espirito na verdade está prompto, mas a carne é fraca.* — Pois que o Senhor vos deu, como se lê na parabola do evangelho, o talento da vossa eterna salvação para o grangeardes, não consintaes que a preguiça vol-o enterre para que não produza lucro. — E pois que sois arvore espiritual, forcejae por fazer boas acções e por dar tão copiosos e sasonados fructos, que em vez de vos cortar as raizes o ma-

chado da justiça divina, sejaes transplantado para o jardim celestial, onde possaes florescer eternamente.

CAPITULO X

Enorme fealdade da luxuria. — Remedios para a empecer e domar.

— Efficacia da oração á Virgem Maria. — Supplica a Jesu Christo.

— Admoestação final.

Chegamos ao ponto mais difficil da minha empresa, qual é o de rebater o mais torpe e especioso de todos os peccados, aquelle contra o qual são poucas todas as cautelas, escassas todas as prevenções, frageis todas as armas defensivas da castidade, e mal afiadas todas as offensivas com que o justo se propoem desbaratar a satanaz. — Não pôde haver mais feio peccado, que a *Incontinencia*, nem pôde uma alma ser mais pura e resplandecente de graça divina, do que quando ao exercicio das outras virtudes christãs reune a practica salutar da castidade. — É o christão o templo sancto de Deus, que n'elle começa a habitar, depois que as aguas sagradas do baptismo lustráram a sua alma e apagáram a mancha do peccado original. — Exclama o apostolo... Não sabeis vós que sois templo de Deus, e que o espirito de Deus mora em vós? Se alguem pois violar o templo de Deus, Deus o destruirá; por que o templo de Deus, que sois vós, é sancto. — E que maior sacrilegio do que afeiar e polluir o proprio templo de Deus com os vossos maus pensamentos, palavras e obras de incontinencia e impureza? — Pois se alguem profâna com as torpezas da carne o Sanctuario do Senhor, é reo do maior crime contra a Divina Magestade, como quereis vós ser christãos e não ser culpados de atro-

cissimo peccado, maculando com libidinosas abominações, não o templo de pedra, senão o templo espiritual, em que o Senhor habita em cada um de vós? — Não sabeis, acrescenta S. Paulo, que os vossos corpos são membros de Christo? Tomarei eu os membros de Christo, e falos-hei membros de uma prostituta? Não por certo.

Como é pois, que vos atreveis, ó christãos desmemoriados do que deveis a Deus, como é que ousais profanar vossos corpos que são membros do vosso Redemptor, e por vos engolfar em prazeres tão ephemeros, quanto damnosos á vossa propria felicidade temporal, vos ides subvertendo mais e mais até que deis convosco no inferno, onde com penas cruelissimas expiareis as vossas incontinencias, os vossos adulterios, os vossos incestos, e as vossas torpesas com que estivestes offendendo a lei da natureza e a lei de Deus? — Para combater os impetos maliciosos da carne e os arremessos licenciosos do espirito, inclinado a lascivos pensamentos e desejos, lide o christão com todas as suas forças e com todas as suas armas. — Attente em que o inimigo é poderoso, persistente, incansavel, bem apercebido para a lucta. — Repáre em que os assaltos são repetidos e frequentes. — A principio fuja o christão de dar de rosto com o peccado, que o hade incitar com mil insidias e ciladas. Fuja das sociedades e companhias em que costuma lisonjear-se a carne, á custa do espirito, e opulentar-se o demonio a preço da nossa salvação. — Odeie a preguiça e a gula, que são sempre a vanguarda da incontinencia. Se apezar da prudente fuga e retirada, o inimigo ainda amiúda as suas arremettidas e abaixando a viseira vem desafiar a alma ao seu

proprio campo, cumpre então entrincheirar-se vigorosamente no seu espirital acampamento. — Resista o christão com o fervoroso amor da sua pureza, com a lembrança das tremendas obrigações contrahidas ao alistar-se pelo baptismo nos exercitos de Christo, com a idéa de que é templo vivo de Deus, e sacrario de seu corpo pela sagrada Eucharistia, com o terror das penas infernaes, com o exemplo dos mais sanctos e piedosos ornamentos da christandade, os quaes antes quizeram o martyrio do que a impureza, ou o sacrificio dos enganosos prazeres mundanos do que a perda da eterna e celestial herança.

Se quasi vencido no campo, ainda lhe sobrar alento para escapar á furia do invasor, que o vae levando quasi na ponta da sua lança, refugie-se na oração fervorosa, no jejum, na penitencia, na maceração da carne, e invocando o auxilio da graça divina e a intercessão d'aquella Virgem Santissima que é flor de castidade e de pureza, fórme o proposito firme de não peccar, e Deus que assistiu n'estas batalhas terriveis aos sanctos e justos que pelejavam contra a impudicicia, premiará com a eterna palma aquelles que tudo preferiram a polluir a sua alma com as torpes condescendencias em obsequio da carne, do mundo e do demonio.

Nos mais apertados lances contra a carne impetuosa diga o christão comsigo mesmo, pondo os olhos em Jesu-Christo crucificado: *Sou christão, sou pelo baptismo o templo vivo de Deus e do Espirito Santo. Sou corpo e membros de Jesu Christo: alimento-me pela sagrada Eucharistia com o pão celestial dos anjos. Bebo o proprio sangue de Christo. E*

*heide deshonrar com torpissimos actos o templo de Deus e do Espirito Sancto? E heide por obedecer aos cegos desejos da carne, pisar aos pés o corpo e o sangue de Christo a quem recebo na communhão? Eu que venero os soberanos do mundo e observo as leis que elles decretam, sendo mil vezes injustas, heide assim levantar-me por minhas iniquidades contra o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, a Magestade das magestades! Pecco por gosar os bens terrestres, que todos se resolvem em amargura, em dor, em miseria, e em pó, e não deixarei de peccar para merecer aquelles bens que são infinitos e depois de conquistados não se podem mais perder?*

Convençam-se pois todos, de que é mais facil, mais seguro, mais tranquillo para si o practicar a vida christã do que a vida peccaminosa, e de que dos espinhos e abrolhos que n'este caminho da terra lhe difficultam a peregrinação, hãode brotar no ceo as adoríferas e mimosas flores da eterna bemaventurança.

---

### TERCEIRA MEDITAÇÃO

#### **Do peccado da Murmuração**

Alem dos sete peccados mortaes de que réza a doutrina christã, ha mais cinco, egualmente graves e capitaes

Sabiram ja os sete peccados mortaes a mostrar as suas miserias, a sua lepra, as suas ulceras á vista dos peccadores e a exhorta-los com a sua propria fealdade a seguirem os caminhos do céo. — Porque até os peccados podem fazer officio de prégadores, quando do seu aspecto repugnante

aprendemos a evita-los e fugi-los. — Mas, dirá o peccador, com abominar os peccados já descriptos seguro estou de alcançar, pelos merecimentos de Jesu-Christo, a suspirada palma da eterna beatitude. — Com que eu nem seja soberbo, nem incontinente, nem irado, nem me avasalle a preguiça, a gula, a avareza, nem a inveja, terei cumprido as obrigações de bom christão e satisfeito liberalmente aos preceitos da caridade e do amor divino.

Appareceram em batalha os sete peccados capitaes. Investistes contra elles, que vinham arrancando furiosos contra vós. Esgrimistes com as armas espirituas e alcançastes desbarata-los. — Mas attentae em que ainda a segunda linha do inimigo se apercebe para irromper desesperadamente contra vós, buscando frustrar-vos os loiros e tropheos da primeira victoria. — Ainda o principe das trevas anda correndo os seus formidaveis esquadrões que são outros peccados e malicias, e animando-os e adhortando-os a que arremettam despedidos contra vós. Porque é satanaz como um general de exercito, tem por legiões a turba dos peccados. — A alma de cada um de nós é o inimigo a quem dá a todos os instantes incançavel e rija bateria. — Tem os peccados mortaes os seus pagens e ministros, que lhes são ajuda e instrumento para levar a cabo suas abominações e iniquidades. São a Murmuração, a Mentira, a Hypocrisia, a Calumnia e a Traição. — Vejamos pois agora as feições e a figura de cada um d'estes servidores e cortesãos de satanaz, estudemos as traças que buscam por nos prender, os tiros ervados com que nos apontam ao coração, e as armas defensivas que havemos de oppôr a seus golpes e arremeços.

CAPITULO I

A murmuração é filha da inveja; e tambem do ocio.— Só vemos os defeitos dos outros; e não queremos vêr os nossos.— Para se fazer acreditar, emprega muitas vezes o gracejo e o riso.— É peccado damnoso ao proximo.

Principiemos pela Murmuração, acepipe tão gostado por almas ociosas, e tantas vezes temperado com o mel da fingida caridade. Do ocio e da inveja procede sempre a murmuração. Espiritos occupados em piedosas e santas meditações, em cogitações de caridade, em obras que redundem em glorificação do Creador e em proveito dos nossos proximos, nunca os vereis macularem-se com vãos discursos, com os conceitos descaridosos, com as reprehensões importunas das alheias imperfeições.— É a murmuração um artificio do demonio, pelo qual engrandecemos e avultamos os defeitos dos nossos proximos, e nos esquecemos dos nossos vicios e peccados; com que armamos microscopios para descortinar as mais pequeninas maculas da vida alheia, em quanto nos damos a nós por immaculados e exemplares; com que sahimos a combater com armas curtas e desleaes os vicios dos outros; deixando abertas e patentes as portas da nossa alma, para que o inimigo commum nos saltêe a cidadella da nossa consciencia e ponha tudo a ferro; vindo nós a parecer-nos cabalmente com o capitão que estando apertado de duro cerco e cumprindo-lhe vigiar os assaltos do sitiador, sahe a talar os campos circumvisinhos em quanto o inimigo entra na fortaleza mal guardada.

É a murmuração uma balança em que sahimos a pesar e almotaçar os mais tenues vicios dos outros, em quanto sa-

tanaz nos está estragando a fazenda da nossa salvação, desamparada por nós e deixada sem grangêo. — Somos, pela murmuração, como um mercador descuidado de seus proprios cabedaes, o qual anda inquirindo curiosamente os ganhos e perdas de seus visinhos, e lançando-os e annotando em seus livros de contas, em quanto o ladrão, que é para nós o demonio, lhe está no contador sacando sobre elle as lettras, que serão talvez pagas á vista n'aquelle terrivel dia do juizo universal. — Somos pela murmuração zeladores enganosos da virtude, defensores officiosos do que julgamos a verdade, reprehensores inexoraveis das faltas alheias, espelhos onde se reflectem os peccados estranhos, e onde não vemos a fealdade e negrura dos proprios. — Prestes na lingua para fazermos d'ella espada contra o proximo, peccadores de coração, para acrescentarmos aos nossos peccados, que encobrimos, o da maledicencia com que nos deliciamos.

Assim como o fumo ainda que ligeiro e tenue denuncia com evidencia que allí onde elle se enovela ou sahe a prumo, ha por força um lar ou uma fogueira, assim tambem a murmuração é o correio infallivel que nos annuncia estar dentro da alma o fogo dos peccados, ainda que as chamas se não patenteem a nossos olhos. — Nunca haveis de vêr que a murmuração inquina os labios, quando é puro e intemerato o coração. — O primeiro empenho dos que buscam o céu, foi sempre o enfrear a lingua e reprimir os colloquios e discursos ociosos. — Entre os que, nas proprias trevas da gentildade, tiveram vislumbres de virtudes, foi sempre a loquacidade, occasião de todas as nossas murmurações, havida por escandalo, o silencio recommendado como

perfeição. Chegaram os Spartanos a tal parcimonia em sua linguagem, que muitos antigos por isso os tiveram por intrataveis e insensíveis ás deleitações e graças da palavra. — Mas sabiam aquelles homens, para quem a temperança era em tudo lei e condição, que é a lingua a mais copiosa fonte de vicios humanos e principio funesto de mil discordias e contencções.

Era o silencio a sciencia predilecta dos primitivos anachoretas, e vimol-o depois recommendado em muitos institutos, que buscavam longe dos enganos e seducções do mundo, o mais breve caminho do céo. — Tanto é o perigo da palavra, quando é larga nas suas prodigalidades e intemperanças. — Por este respiradouro da murmuração desaffogam os bafejos de quasi todos os peccadores. Transpira na murmuração mil vezes a soberba. Ressombra sempre a inveja. Esbraceja a ira. Deleita-se a preguiça. Augmenta-se a gula, achando frequentemente na maledicencia a sua melhor salsa e condimento. Nem a avareza que pareceria mais casada com o silencio ou recato da palavra, nem a volupia, que mais enlodada em seus deleites julgáramos esquecida facilmente do que passa em volta d'ella, deixam muitas vezes de achar na murmuração, ou instrumentos das suas obras, ou queixumes e desabafos das suas empresas mallogradas. — De diversos trajés e maneiras se veste a murmuração, para que sendo tão feio e reprehensivel peccado pareça benevolencia e caridade. — É a murmuração uma arma vedada, e quem os que a empregam que ella seja instrumento da cirurgia espiritual destinado a pôr no são o que lhes parece corrupto e gangrenado. É veneno, e insinua os maledicos

e murmuradores que é poção e medicina, com que sarar as enfermidades de nossos proximos. — Pretendemos com ella metter no céu os que em nosso conceito andam transviados, e em quanto nos parece que alhanamos a estrada espirital com que os guiemos á vida perfeita, alargamos a estrada por onde vamos á propria perdição.

A murmuração reveste ás vezes as formas innocentes de um exercicio ameno da palavra, onde luzam os conceitos, os chistes, os donaires e as graças do dizer. — Discursamos ácerca das imperfeições e defeitos de nossos proximos, para encher os intervallos de ocio em que melhor fôra para nós aproveitar o tempo ou em exercicios expirituaes, ou em honestas recreações. — Juntam-se muitas pessoas no passeio, na sala, nas reuniões particulares ou publicas. — Cuidaes que dirá cada um os seus vicios, confessará os seus erros, taxará os seus ridiculos, para que n'este alardo voluntario encontre a primeira expiação dos seus peccados? Pensaes que haverá alli Agostinhos, que façam confissão solemne e publica das suas mesmas iniquidades? Não. Os seus defeitos cerra-os cada um a sete sellos. Os alheios estende os ao soalheiro, para que magnificados pelo encarecimento fiquem mais reprehensiveis ou ridiculos aos olhos de todo o mundo. — Ha uma certa maneira de ociosos que, em suas conversações, fazem dos seus proximos a pélla dos seus jogos e folgares, provocando o riso dos circumstantes com descreverem em tom comico e burlesco as boas e más acções, não somente dos inimigos e indifferentes, senão dos proprios a quem devem respeito de benevolencia e officios de amizade. — Olhae, vós, ó graciosos da comedia do mundo,

que em quanto julgaes recrear-vos honestamente em vossos frivolos colloquios, cahis em murmuração e por cada risada com que o auditorio applaude os vossos sainetes e trocadilhos, tambem o demonio desarruga a sua fronte, pensando em como estareis não somente triste, senão desesperado, quando elle vos tiver em seu palacio, onde nem sequer escapareis ás penas infernaes com offerecer-vos para seu comediante ou seu truão. — Estes murmuradores não arremedão ao menos a compostura dos prégadores, nem abrem na cabeça a tonsura das misericordias. São do mundo, e não mostram falsas credenciaes do ceo.

---

## CAPITULO II

Este peccado veste-se, ás vezes de apparencias de gravidade e compaixão, para mais fundamente ferir a victima. — É vicio opposto á caridade e amor do proximo

Outra especie ha porém de murmuradores, que affectam austera gravidade e inteireza, e parece que vieram a este mundo para andarem em correcção, abrindo devassa janeirinha a todas as consciencias, pesando em sua balança todas as acções alheias, medindo com inexoravel severidade os passos dos outros, e aquilatando o valor das boas e más obras dos seus proximos. — Marejam-lhes os olhos com lagrimas ao parecer sentidas, quando minudeam e reprehendem os defeitos estranhos. — Simulam a compunção do juiz integro, mas piedoso, a quem a mão treme e o coração se confrange, em quanto assigna a sentença do ultimo supplicio d'aquelle, que por delinquente, não perdeu o direito á compaixão e á caridade. — Vereis estes murmura-

dores persignarem-se e benzerem-se devotamente, quando narram um feito que tal homem commeteo, lastimando muitas vezes com grandes encarecimentos o erro alheio, em quanto a consciencia dos narradores se sente leve e desafoçada com o pezo de maiores peccados. — Às vezes a murmuração é á escuridade, nas trevas, no recato, com repetidas, mas pouco sinceras instancias de que o ouvinte hade guardar segredo, por não dar escandalo, e a poucos passos está divulgada a nova, como se o telegrapho a annunciara e cem gazetas a diffundissem por toda a parte, *urbi et orbi*.

E o peor é que estes murmuradores, que se propõem a correccão dos erros estranhos, andam muitas vezes denunciando-os nos amigos, a quem deviam não somente votar mostras de affecto mas testemunhos de gratidão por beneficios recebidos. — São estes, verdadeiros propinadores de peçonha, segundo o disse santo Agostinho... *Não ha maior veneno para a amizade, que a detracção do amigo*. — Não fôra melhor que os sermões e pareneses com que na ausencia censuras e exhortas, os fizesses com o amavel tom de correccão paterna aos proprios contra quem é a tua queixa? Não te seria melhor a gloria de uma conversão alheia do que a infamia de uma delação? — Não fizeras maior honra a Deus, melhor serviço ao proximo, com a franqueza e lealdade chan que exprobra em face os vicios verdadeiros do que com a officiosidade hypocrita e malevolente que ao longe os exaggéra, ou falsamente os imputa a seus irmãos? — Mas, dirão os murmuradores e maledicos, se nós exercemos a lingua n'estas palestras que offendem o proximo, tambem elle nos dá a materia a estes discursos, e emende-se

elle de suas imperfeições, e logo nós cessaremos de á cerca d'elle detrahir. — E quem vos deo, murmuradores, a alçada e jurisdicção que vos arrogaes ? Sois prégadores ? Reprehendei em publico, mas com verdade e caridade, que estes são os signaes que distinguem o que censura por zelo e o que reprehende por inveja, por inimizade, por despeito, por vã e peccaminosa murmuração. — Sois confessores ? Taxae os peccados no sigillo da penitencia, e não desconjuncteis as reputações alheias no potro onde padece, sob a sevcia d'estes sacrificulos, a virtude e o vicio, o justo e o peccador, e onde a verdade é mutilada e o erro punido sem processo. — Mas ninguem vos deo commissão de prégadores, nem de confessores. Logo, se quereis passar discreteando as horas em que vagas das vossas occupações, buscae assumptos aprasiveis, instructivos e innocentes, se os não quereis piedosos, espirituaes ; e se não podeis naquellas horas trabalhar pela vossa perfeição com orações e devoções e praticas exemplares e christãs, não esqueçaes de todo os vossos peccados certos e verdadeiros por corrigir e castigar os duvidosos e suppostos do vosso proximo.

É a murmuração o escarneo da caridade. Com que jus se póde chamar christão aquelle que murmura por officio ? Com que jus, o que vendo as manchas do seu proximo busca avival-as com a publicidade em vez de as dissimular e destingir ? — Como poderá ser grata aos olhos de Deus a acção d'aquelles, que procedem como o filho amaldiçoado por Noé ? Tinha este sancto patriarcha plantado a vinha, e traçado na terra os primeiros lineamentos da agricultura. Bebeu do vinho de sua colheita, e caiu toldado na sua tenda, com as

vestes descompostas e o corpo meio nú.—Veiu Cham. Viu o espectáculo que devera lastimar a sua piedade filial, e em vez de acudir a ajuntar a tunica de Noé, escarnecendo saiu fóra a levar a nova a seus irmãos.—Entraram Sem e Japhet, e movidos do amor e respeito de filhos, cobriram a nudez do pae, que dormia turbado pelo vinho.—Acorda Noé, e gratifica aos dois filhos piedosos com a sua benção; ao filho motejador e desnaturado com a sua perpetua maldição.—É cada murmurador um Cham, o qual vendo as vestes descompostas, ainda que seja na minima parte de seus proximos, sae a terreiro a zombetear ou reprehender em vez de lançar como Sem e Japhet o manto da caridade sobre a desnudez alheia.—Com razão foi maldito Cham. E com razão merecem ser *malditos* aquelles cujo officio n'este mundo é *maldizer*.—Chegada por conjuncto parentesco á murmuração, segue-se logo a mentira no cortejo d'estes peccados que o mundo tem ou por menos que veniaes ou muitas vezes por obras meritorias e virtuosas; e que Deus e os que fallam segundo o seu espirito reprovam como offensas á divina magestade.

---

## A Mentira

### CAPITULO I

Das differentes especies de mentira.—Em todas se offende mais ou menos ao proximo.—É vicio muito generalizado, e por isso mais perigoso.—Argumentos que usam os mentirosos para cohonestar este peccado

Ha tres especies de Mentira.—A primeira é a que se diz por gracejo e desenfado, por divertir os circumstantes, os-

tentar a agudeza do engenho e exercitar a palavra n'um que parece jogo innocentissimo.—É a segunda a que deliberadamente e de industria se profere, com um intento de penetrar a verdade, grangear um proveito proprio e procurar o damno de nossos proximos.—Finalmente é a terceira aquella, que com intenção sincera, piedosa e benevolente usamos, quer seja para escusar as nossas proprias faltas, e tendo o proposito de as emendar, ou para livrar a outrem de algum mal, que em nosso conceito viria a padecer se dissessemos a verdade lisamente.—Anda tão acceita e com taes fóros naturalisada no mundo a mentira, que o exemplo geral entendem muitos que lhe dissimula a gravidade, lhe justifica os atrevimentos, e a põem quasi hombro com hombro com a verdade.—Incansavel deve ser pois a bateria contra esta lastimosa maneira de peccar, em que ao mesmo tempo se offende a Deus, a verdade, a nossa consciencia, e afinal o nosso proximo, sobre quem vão recair os venenosos fructos d'este peccado.—É a mentira insinuada no mundo pelo exemplo dos grandes e poderosos, que a sabem menear como uma das armas principaes e mais efficazes da sua peleja, por satisfazer ambições, contentar avarezas, ganhar valias, supplantar emulos e exalçar-se a si mesmo sobre os seus adversarios ou rivaes.—O que é o cortesão, senão o mentiroso vestido de galas e brocados? Que mais recata e que mais liberalisa n'este mundo o ambicioso, do que a verdade ou do que a mentira?

Por onde subiram tantos aos mais eminentes officios e dignidades, senão arrimados ao bordão da mentira, e estendendo no chão a verdade para a pisarem no seu caminho?

Mente o aulico na côrte, e chama cortesia e respeito á sua mentira. — Mente o estadista no governo, e chama-lhe razão de estado. — Mente o general, e chama-lhe ardil e estratagemas. — Mente o sophista, e chama-lhe argucia dialectica. — Mente o advogado, e chama-lhe subtileza. — Mente o mercador, e chama-lhe sagacidade. — Mente o rustico, e chama-lhe prevenção; o jornaleiro e o mesteiral, e chamam-lhe necessidade. — Todos estes conjurados estão com as linguas afiadas de dois gumes apontados a quem dará mais golpes na verdade; todos a affastal-a como inimiga de seus intentos, e cada um segundo a traça que tem em sua vida; uns porque aspiram a dominar; outros a conculcar a justiça; outros a exaggerar a ganancia dos seus traficos; outros a accrescentar a sua fazenda com os tristes despojos da jactura alheia. — E anda a verdade tão mesquinha e tão maltractada, que parece que ha tantos seculos a andar por este mundo, ainda não pôde achar agasalho seguro, guarida certa e culto sincero e universal. — Grande segredo deve ser pois este que attribue tamanhas excellencias á mentira, tantos desproveitos á verdade.

Parece que se a verdade reinára, houvera de acabar a fortuna para os cortesãos, o poder para os potentados, a victoria para os grandes capitães, a fama para os sabios, o lucro para os mercantes, o salario para os que exercem o trabalho. — Bem andaram os antigos em figurar a verdade ou nua andando pela terra, ou soterrada no fundo de um poço abaixo d'ella. — Nua, entendem os mundanos que lhes cumpre vestil-a e revestil-a com as roupas talaes, os adornos e os enfeites da mentira, para que nem uma nesga do

rosto lhe transpareça. — No poço a escondemos bem funda e ignorada, para que não perturbe a paz d'esta republica de mentirosos, onde ninguem se houvera de entender, se a verdade pudera reconquistar o throno e dictar novamente as suas leis ao genero humano. — Mentí por desenfado, diz o mentiroso avesado a chanças e anedotas, e que mal vem d'ahi aos nossos proximos? A verdade por severa e carrancuda, não é para alegrar colloquios festivaes. — Mentí, diz o mentiroso interesseiro, porque d'ahi me adviria entrar nas boas graças do principe ou do poderoso, allegando serviços que não fiz, e predicados que não tenho; porque d'ahi me resultaria encher melhor as minhas arcas ou as minhas tullhas e governar a vida com mais proveito e regalo; porque me cumpria esconder vicios e avultar perfeições proprias. — Mentí, confesso-o, diz o officioso; mas foi com o fim piedoso de salvar de um grave perigo o innocente, de defender o fraco e desvalido contra a prepotencia do forte; para escusar a um peccador a occasião de novo peccado, para attrahir ao bom caminho a quem com a verdade houvera talvez fugido de o seguir. Será vicioso e reprehensivel o instrumento com que se faz bem ao proximo?

Não é o cauterio um mal, e hesita em empregal-o o cirurgião? Não é sanguinosa a amputação, e não a practica para salvar o paciente? — Dirá alguém que não é veneno o que a medicina prescreve tantas vezes, na fórmula de remedio salutar e efficaç? E hade o medico deixar o enfermo ao desamparo, só para não usar venenos na cura dos achaques humanos! — É a mentira peçonha, convenio, mas peçonha que em doses prudentes e em crises opportunas pôde gua-

recer muitas enfermidades, e precaver contra perigos e damnos temerosos. — Eis como se defendem e justificam os mentirosos. — Ouvimos a allegação. Vejamos como se ha de sentenciar o pleito. — Dêmos vista primeiramente a Deus nas suas divinas escripturas, e depois ouçamos o informe dos padres e doutores.

---

CAPITULO II

É vicio muito censurado pelos apóstolos. — Deus pune com a morte os mentirosos. — Os santos padres não permitem especie alguma de mentira. — Os martyres christãos morreram, porque preferiram á vida a verdade.

Sem buscar no Velho Testamento os logares em que a mentira é condemnada, venhamos á Lei da Graça e ouçamos o que Jesu Christo disse pela bocca dos apóstolos. *Renovae-vos pois, diz S. Paulo, no espirito do vosso entendimento, e vesti-vos do homem novo, que foi creado segundo Deus em justiça e em santidade de verdade. Pelo que, renunciando a mentira falle cada um a seu proximo a verdade; pois somos membros uns dos outros.* — Aconselha o apóstolo das gentes aos novos christãos que *vistam o homem novo*, isto é, que deponham e dispam o homem pagão e gentilico, para resplandecerem na virtude e santidade, pela graça de Jesu Christo. E que parte do homem antigo, logo lhes prescreve que de si demittam? A mentira. — Tão alheia e inimiga é pois a mentira do espirito verdadeiramente christão! Tão contraria é a mentira ao exercicio das virtudes evangelicas! Tanto é o desgredo em que incorrem perante Deus os que, dizendo-se christãos, tem a men-

tira por costume e necessidade. — Não queiraes mentir, diz S. Paulo, e despojae-vos do homem antigo com os seus actos. — Para ser christãos não haveis pois de mentir, e para não mentir haveis de depôr a vossa natureza de homem antigo, isto é, de pagão e de gentio. Propria é a mentira de gente desalumiada da fê. Quando pois mentis, obraes como pagãos, não como honradores de Christo, que de si mesmo disse... *Eu sou a verdade*. — E se Jesu Christo é a verdade, como ousareis aspirar ao nome de fieis e de christãos, tendo por vosso idolo a mentira?

De tamanha gravidade é o peccado da mentira, que não menos que com a ultima pena o vemos ás vezes punido pelo Senhor. Tal foi o caso de Ananias e de sua mulher Saphira, que por faltarem á verdade a S. Pedro, caíram mortos e fulminados pela ira de Deus. — É pois de preceito divino o não mentir. — E fica manifesto, que para a mentira que se diz por gracejo e desenfado, e para a que se commette com animo deliberado de peccar, não póde haver desculpa, antes é terminante e peremptoria a condemnação. — Mas será escusavel a mentira, quando é dita por fazer bem ao proximo, por acudir-lhe em suas necessidades e amarguras, por livrá-lo de males imminentes, que seriam infalliveis com a verdade? — É licito mentir, quando nos inspira o amor de nossos proximos? Parecêra que n'este caso se devêra absolver a infracção, de que nasce tão bom e sazonado fructo espirital, qual é o de exercer a caridade.

Mas ainda n'este ponto decidem os mais autorisados e venerandos padres da egreja, que não é permittido fazer o

bem com o sacrificio da verdade. — Santo Agostinho, que devemos ter por luzeiro resplandecente e guia segurissimo, resolve no tratado que compôz ácerca da mentira, que não é licito usal-a, ainda mesmo que sejá para defender e glorificar a religião. E se para tão santa e grande empreza não é licito a christãos empregar esta arma gentilica e reprovada, que será por alcançar triumpho de menor luzimento? — Que nos dizem as historias e lendas registradas no gloriosissimo e largo martyrologio, desde os primeiros seculos da egreja até os dias em que vivemos? — Porque está a historia dos martyres resplendente de luz celestial, e por que é ella hoje o mais eloquente commentario á verdade da nossa fé? — Porque todos os martyres e immensos confessores que não lograram, apezar do seu empenho e esforço christão, alcançar a viridente palma do martyrio, quizeram antes ser martyres com a verdade, que christãos dissimulados com a mentira.

Quando os fieis dos primeiros tempos eram delatados aos magistrados imperiaes e levados á sua presença para responderem á accusação, vemo-los confessarem solemne-mente a fé que professavam, affrontarem os tormentos, zombarem do equuleo, despresarem as fogueiras, animarem os sacrificadores e verdugos a tornar mais dolorosas e mais crueis as atrocidades do martyrio, e entoarem os hymnos e os louyores de Deus verdadeiro, em quanto entre angustias que seriam incomportaveis para outros homens, lhes não voava o espirito radioso e triumphante para as regiões do premio eterno. — Quem opéra estes prodigios? A verdade. Pela verdade espargem os martyres o sangue, e pela men-

tira poderiam facilmente salvar-se. — Mas seria opprobrio e fraqueza condemnavel que estes soldados esforçadissimos, que vestiam deliberadamente as armas evangelicas para sairem ás batalhas da fé, assim armados e luzidos, retrahissem da peleja, entrincheirando-se por detraz da mentira. — Quizeram antes morrer no campo combatendo ao sol esplendido e meridiano da verdade, que fugir acobertados com as sombras nocturnas da mentira.

---

CAPITULO III

Razões para provar que se vive bem sem mentir. — Comparação entre o homem verdadeiro e o mentiroso. — Por melhor que se disfarce a mentira, sempre se vê que o é.

Se allegam os mentirosos que a mentira é necessaria no mundo, havemos de responder-lhes com os seguintes *item*, que são de incontestavel ponderação. — Primeiro: que o peccado não é necessario ao homem, antes o desvia do seu verdadeiro caminho espirital. É a vida terrena uma peregrinação em que o homem cursa a terra para ir aportar no seu desterro eterno. — Quereis surgir um dia com o vosso baixel no porto de salvamento, que é a eterna bemaventurança, claro está que não haveis de tomar por piloto o erro, por companha a turba dos peccados. Se o porto a que singraes é a verdade, é crível que hajaes de eleger os caminhos da mentira? — Se quereis endireitar a proa ao rumo do inferno, e se ides em busca do demonio, então é bem que a vossa bussola seja a negação da verdade, porque é satanaz o pae da mentira. Dispôz o Senhor em sua misericordia providenciar que nunca o peccado seja necessario ao

homem na sua curta peregrinação mortal. E se peccamos e offendemos a Deus, é porque n'esta viagem mais nos sobressalta e traz em continuos cuidados a carne e o mundo, que a alma, a cuja eterna bemaventurança devemos immolar os nossos appetites e carnaes deleitações. — Respondermos em segundo logar com o exemplo de tantos varões, singulares e insignes por suas virtudes e santidade, os quaes nos lances mais apertados da sua vida, antes quizeram padecer paciente e resignadamente todas as provações com que o Senhor os visitára, do que manchar seu coração e inquinari seus labios com a sombra fugitiva da mais pequena mentira.

Em terceiro logar: é o amor da verdade o predicado, que mais aproxima o homem de Deus. — Vêde quanto não é respeitavel e veneranda aos proprios olhos dos mundanos a austeridade d'estes varões íntegros e severos, de cuja bocca não saiu jámais um só halito que embaciasse o brilho da verdade! — Vêde como os proprios mentirosos se humilham e encolhem, quando um homem espiritual e verídico se levanta diante d'elles para os exprobrar e lhes lançar em rosto as suas mentiras! — Vêde como todos suspeitam do que mente, e confiam no que tem nos labios o mesmo sentimento que lhe brota no coração! — Vêde como a final o mentiroso inveterado no seu vicio é olhado pelos outros como tocado de uma lepra moral, e como todos se affastam d'elle e o desprezam como infecto! — Vêde como é amarga a vida do mentiroso, serena e limpida a existencia do homem verdadeiro. — O mentiroso, sempre occupado em soterrar a verdade, mal cuida havê-la desterrado, já ella

por outra parte lhe apparece para o confundir. Semelhante a um homem insensato, que levasse a vida a affundir nas agoas com esforços redobrados uma boia de cortiça, que o mesmo é crê-la sepultada, que vê-la de novo resurgir e fluctuar.

É o homem verdadeiro semelhante a uma corrente limpa e espelhada, que vae sempre a descoberto espraçando por alveo pouco fundo as suas aguas, e fecundando com a sua frescura e suavidade os campos convisinhos. — É ao contrario o mentiroso uma torrente, que desce das montanhas despenhando-se agora em fraguedos e alcantis, logo desatando-se em catadupas inesperadas; agora escondendo-se subterranea; a alguns passos afflorando de sob o solo; temerosa aos campos, impervia á navegação, enganosa, assoladora, infesta aos homens, inimiga das culturas. — Oh! como o homem que não mente, se deita á noite contente de si e de suas obras! Como o mentiroso se recosta, aguilhoado pelo remorso de haver enganado a todos e em tudo! — Um é como o viandante que tendo durante o dia jornadeado por estradas reaes, largas, espaçosas, povoadas, ensombradas a um e outro lado, bem acolhido pelos que no caminho encontrou, chega á noite ao diversorio em povoado, e não teme embustes nem ciladas. — O segundo é como o malfeitor que evitando as povoaes e aldêas do caminho, se embrenha pelos matos e espessuras, se perde em mil atalhos, e avistando ao longe a estrada real, refoge espavorido, para se entruhar nos silvedos e matagaes, e pernoitando cansado e moido de suas inuteis excursões, no casal do ermo, sonha a cada instante insidias e traições e acorda sobresaltado ao minimo

rumor. — Se queremos a tranquillidade e paz d'esta vida, tenhamos a verdade por timbre nas nossas palavras, assim como para ser felizes devemos eleger a virtude por norma exclusiva de todas as nossas acções.

---

### A Hypocrisia

É facil a passagem da mentira á hypocrisia. Mas se a mentira é reprehensivel, é a hypocrisia por extremo abominavel. — A mentira é a palavra, disfarçando e transvestindo o pensamento e a verdade. — A hypocrisia é a palavra ou a obra, tomando prestadas as galas da virtude para cobrir a nudez asquerosa do vicio e do peccado.

---

#### CAPITULO I

É peccado abominavel, e tão encoberto que leva ao inferno ao peccador, parecendo que o encaminhava para o céu. — Quanto mais se enfeita, mais se afeia. — Será por Deus asperamente punido.

É a Hypocrisia como uma illusão optica, de tal sorte disposta e aparelhada. que engana o mundo no conceito que fórma a respeito do hypocríta. — É, segundo a letra do evangelho, o sepulcho branqueado e luzido por fóra, e por dentro podridão. E que maior e mais lastimoso peccado póde haver do que esse que leva direito ao inferno, parecendo que direito se encaminha até ir desembocar na porta do céu ! — Os outros peccados levam ao inferno pela estrada patente e aberta do inferno. A hypocrisia conduz á perdição com o passaporte falso tirado para o reino de Deus. — O soberbo

quer ir ao inferno, e sabe todo o mundo que para alli em-prôa o seu baixel. — O lascivo quer dar comsigo a final nos lugubres festins do inferno e a ninguem engana, inculcando que anda grangeando a santa cultura do céu. — Assim do guloso, do irado, do preguiçoso, do avaro, do invejoso. — Mas o o hypocrita andarâ por dentro nos braços da volupia, e por fóra no regaço da falsa continencia e castidade. — O hypocrita esforçar-se-ha por enthesourar, e fará crer que segundo o conselho evangellico repartirá com os pobres todo o seu haver, por seguir a Christo e fugir do mundo. — O idolatra da gula fingirá abstinencias e jejuns, e irá no recato da sua recamara erguer altares ao *deos ventre*, segundo a phrase do padre M. Bernardes, e desaffogar em glutone-rias as estreitas apparencias da sua temperança. — O hypocrita persignar-se-ha, escrupulisando de ouvir o mais innocente gracejo ácerca do seu proximo, e irá nas trevas urdir a têa, com que lhe traga damno e perdição. — O hypocrita julgará, perante o mundo, arriscar o reino do céu se com-metter a menor venialidade, e irá d'alli exercer a mais he-dicnda malfectoria, com tanto que lhe possa deitar por cima o candido véo da virtude e caridade. — A mentira é muitas vezes unicamente a nevoa passageira da verdade; mas a hypocrisia é a mentira do coração, é o eclipse total que não consente á virtude irradiar o minimo vislumbre.

Para o hypocrita, a virtude é facil, porque é apenas lettra primorosa de sobrescripto em carta traiçoeira; pintura amena sobre fundo repugnante; miragem de povoado, arvoredos, e fontes copiosas e crystallinas em areal esteril do deserto; scena ostentosa em theatro de viciosa realidade; veste can-

dida encobrendo chagas de leproso ; vello innocente de cordeiro em tronco espadaudo de leão deitado. — Não admira pois, que o hypocrita seja facil em reprehender as minimas imperfeições alheias, em condemnar peccados, em anathemisar com desusada austeridade os desvios do seu proximo. — Não é de estranhar, que elle ache ainda espaçosa para os outros a senda da mais apertada penitencia, porque elle lá sabe ir por atalhos, onde a vida lhe seja folgada, embora pareça passada entre silvas e espinhos. — A quem tem o mundo todo por seu, parecendo abjural-o sinceramente, não é muito que pareçam ainda poucas as provações alheias. — Para quem quer comprar o céu por um preço facil e vilissimo, simulando ganhar-o por enormes sacrificios, é facil a censura dos caminhos alheios.

Não pôde haver peccado mais abominando que a hypocrisia. Que um homem seja máu e o pareça, caso é para lastimar. Mas que seja máu e queira parecer bom, e que ande o engano junto do peccado, ahí está a maior das abominações. — Coisa singular e que podéra raiar em paradoxo... Todas as coisas feias, se as enfeitam e disfarçam com vestiduras decorosas e enfeites accommodados, se tornam mais gratas e toleraveis á vista. Só o peccado, é ainda mais asqueroso, quando lhe ajustam alheias composturas. — É como ao estatuas antigas, que se lhes encobrem a nudez, se tornam sobre repugnantes, ridiculas. — Adoraes a esttua do vicio, e forcejaes por infloral-a com os festões da virgude. Mais feia a fareis ainda enfeitada do que nua. — Tendes por idolo a Venus. Lançaes-lhe aos hombros o burel hypocrita da castidade. Mais hedionda resultará a vossa ido-

latria. — Tendes por orago das vossas festas ao torpissimo Baccho da gentildade. Cobris-lhe a desnudez com o sayal emprestado da abstinencia; pondes-lhe em vez do thyrsos a cabaça do peregrino, e cuidaes que podereis depois passar aos olhos do mundo per temperante. Engano sobre engano.

É a hypocrisia uma moeda falsa com que muitos julgam poder comprar o reino do céo, sem fazerem reparo em que só a moeda alealdada da virtude e boas obras em Jesu Christo nosso Redemptor, póde assegurar-nos a eterna bemaventurança. — Chamavam os gregos *hypocritas* aos farsantes e actores que representavam no tablado os papeis que haviam estudado e que a bocca repetia e o gesto augmentava, sem que n'aquellas simulações fosse no minimo ponto a vaidade participante. — Julgaes, hypocritas, que contrafazendo e simulando a virtude, os triumphos que alcancaes no theatro do mundo onde sois comediantes, vos serão confirmados perante o throno de Deus? — Eram aquelles *hypocritas* ou comediantes gregos, umas vezes reis, outras heroes e grandes personagens, e sahidos d'aquella scena onde era tudo apparente e fabulado, volviam á condição vulgar em que viviam na cidade. — E julgaes vós, hypocritas, que disfarçando-vos na peripecia da virtude e cobrindo-vos com a armadura da heroicidade, se alcancaes enganar aos homens, conseguireis tambem illudir o Senhor, que tudo vê e que aprofunda a sua vista perscrutadora nas dobras mais reconditas da vossa consciencia e nas fibras mais miudas do vosso coração?

CAPITULO II

O hypocrita é todo elle virtude fingida. — Descrição do hypocrita.  
— E peccado mui censurado por Jesu Christo no evangelho. —  
As esmolas devem ser dadas em segredo, e não por ostentação  
como faz o hypocrita.

Vejamos se pode haver mais feia imagem que a do hypocrita, occupado em fingir o que não é, e em cortejar a cada passo ao demonio, parecendo que está a cada instante requestando o céu. — O hypocrita apegando-se supersticiosamente ás exterioridades, pensa que na sua exacta observancia está cifrada toda a lei e os prophetas. — Ouvirá missa com affectada unção e piedade, ostentando perante o mundo a sua devoção, e não terá duvida de deixar o sacrosanto sacrificio do Cordeiro immaculado para ir com a murmuração disfarçada em commiserção, com o falso testemunho colorido com as tintas da imparcialidade, apparelhar o sacrificio da reputação e muitas vezes da vida de seus proximos. — O hypocrita circumda em toda a parte a sua devoção de um mundano apparatus, com que a oração, em vez de dirigir-se com humildade a Deus, se converte antes á attenção dos homens. — Vereis o hypocrita espiar o momento em que os circumstantes são mais numerosos, para elevar as suas supplicas ao Senhor, ora elevando e abrindo os braços, ora fingindo-se arrebatado em moções e estasis sobrenaturaes, ora batendo nos peitos com affectada contrição, ora beijando o chão nos templos, com tantas mostras de humilhação e piedade, que lhe bastaram a conquistar o céu, se fossem verdadeiro amor de Deus, e não falso espectaculo para os homens. — E tão peccaminosa é a hy-

pocrisia e pompa mundana nas orações e nos exercicios de devoção, que Jesu Christo a reprehendeu e condemnou nos phariseos, e n'aquelles que os imitam perpetuando ainda no meio da christandade os lastimosos vestigios d'aquella seita falsaria e ruim. — *Quando orardes*, diz o divino Redemptor no texto do evangelho, *não o façaes á similhaça dos hypocritas, que gostam de exercitar suas devoções nas synagogas e nas praças, para que sejam vistos de todo o mundo.*

Sae o hypocrita dos templos, onde não buscou a mais escondida capellinha para esconder do mundo a sua devoção, senão a nave mais espaçosa, para fazer da sua oração um espectáculo; sae o hypocrita e vêl-o-eis agora principiar exercendo a falsa caridade, repartindo a esmola para que a vejam todos luzir na sua passagem da mão do esmoler para a do pedinte. — Se deu uma esmola de cobre, quizera que todos a tomassem por dinheiro de prata. A sua esmola tem sempre testemunhas e registros. — E não vêdes, hypocritas, que estes registros das vossas boas obras na terra não tem valor, quando quizerdes pedir o vosso salario no céu? — Não sabeis que basta que Deus conheça a esmola, para que vol-a restitua no céu centuplicada? — Porque não seguis logo o preceito divino de fazer a esmola, sem mandar adiante uma trombeta a annuncia-l'a como fazem os hypocritas nas synagogas e nos lugares publicos, para que sejam glorificados pelos homens? — Porque não seguis o preceito evangelico, recatando da propria mão esquerda o beneficio que liberalisaes com a direita? — Porque não fazes a esmola em segredo, para que o Eterno Pae, que vê as coisas mais reconditas, te restitua com enormes juros o

que dêste?— Sahe o hypocrita do templo, onde antes encommendou a sua vaidade ao mundo do que a sua alma a Deus, e vem reprehender os que não fazem ostentação de suas orações e boas obras. — Imputará ao seu proximo como peccado enorme o ter deixado de assistir uma ou outra vez aos officios divinos, e não escrupulará de faltar á caridade com os seus irmãos. — Terá sido devoto na oração publica, e ao sair do templo sacudirá com desordem os seus vestidos, porque um mendigo lhe roçou por elles com os andrajos.

Jacta-se o hypocrita de que é justo, temente a Deus, e puro de coração e condoe-se fingidamente d'aquelles que julga peccadores, e que por conhecerem e confessarem o seu peccado mais valia tem para com o Senhor. — Entraram, diz a divina parabola, dois homens a orar no templo; um era phariseo, o outro publicano. — O phariseo conservando-se em pé, dizia entre si, orando, estas palavras... Graças vos dou, meu Deus, porque não sou como os outros homens ladrões, injustos, adulteros, como é aquelle publicano. Eu jejuo duas vezes na semana, pago os dizimos de tudo o que possuo. — E o publicano, longe do phariseo, nem sequer ousava levantar os olhos para o céu: antes batia nos peitos e dizia... Meu Deus, sede-me propicio a mim peccador. *Digo-vos em verdade*, são palavras de Jesu Christo, *que este voltará justificado para a sua casa, por que o que se exalta será humilhado, e todo o que se humilha será exaltado.* — N'esta parabola quiz Jesu Christo significar quanto a jactanciosa hypocrisia era aborrecivel a Deus, e quanto o Senhor mais se agrada da verdadeira hu-

mildade e contricção dos que conhecem e reprehendem os seus peccados. — Tão feia e abominavel é a hypocrisia, principalmente quando affecta e simúla a piedade, a justiça, a devoção, a caridade.

O hypocrita que finge a virtude que não tem, exulta se a si proprio como homem exempto de imperfeições e de peccados. — Por isso o Senhor o humilbará no dia da sua divina justiça, em quanto os homens sinceros, que confessam os seus peccados e encarecem a mesquinhez e vileza de sua natureza e condição, hãode ser exaltados por Deus, n'aquelle temeroso tribunal onde a mascara da hypocrisia, propria do theatro do mundo, cairá do rosto aos fingidos, para que appareçam perante o divino com as feições verdadeiras que tiverem. — Sae o hypocrita ou o phariseo do templo, onde fez peccaminosa e mundana ostentação e pompa das suas devoções, e continúa a obra do seu dia, avaliando com severa justiça as acções dos seus proximos, prestes em reprehender alheias faltas, remisso em descobrir peccados proprios. — Enão ouvides, hypocritas, o que vos está bradando o Senhor pela bocca do seu evangelista? *Não queiraes julgar, para que não sejaes julgados. Pois com o juizo com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que medirdes, vos medirão tambem a vós.*

CAPITULO III

O hypocrita não vê senão os defeitos alheios, por imperceptiveis que sejam.—Finge não perceber os proprios, ainda que os tenha enormes.—Finge-se sancto, sendo demonio. — É peccado mui espalhado no mundo a hypocrisia.

É o hypocrita lynce para descobrir os mais pequeninos peccados do proximo ; toupeira para não vêr os maiores peccados nas trevas subterraneas da sua vaidade e jactancia. *Porque vês tu pois, diz o evangelista, a aresta no olho de teu irmão, e não vês a trave no teu olho?* — Pensas que se subverte o mundo, e que Deus vae mandar todos os castigos e flagellos á terra, porque a vista do teu proximo anda apenas conturbada por um argueiro, e não attentas em que o madeiro que tens nos teus proprios olhos, te deixa na cegueira? — Tens nos olhos a trave da concupiscencia, e pensas que só é peccado a incontinencia do teu proximo. — Tens a trave da avareza que te obstrue os caminhos da caridade, e reprehendes nos outros que não sigam litteralmente o preceito de Christo, vendendo tudo e repartindo o preço pelos pobres.— Tens a trave da ambição e são para ti expeditos e decorosos todos os meios para te exalçares ás honras e dignidades, e censuras a vaidade alheia no requestar e grangear estas falsas grandezas, que são hoje esplendor e amanhã mortalha. — Tens a trave da inveja, com que dás olhado ás prosperidades do teu proximo, e acoimas nos outros por invejosa a minima censura com que estranhem as tuas arrogancias e ambições. — Tens a trave da soberba, e vês nos olhos alheios a pequena aresta do amor proprio. — Tira primeiro, ó hypocrita, a trave do teu olho,

e depois verás como hasde expellir o argueiro do olho de teu irmão.

Começa o hypocrita a applicar-se a seu tracto e occupação de cada dia, e ahi é o desfazer com os seus peccados a obra que pretendeu edificar com a sua interesseira piedade e oração. — Armado com os exercicios de oração, que praticou, não receia o peso da consciencia pelos enganos, pelas fraudes, e latrocinios, com que está fazendo render o seu officio ou exaggerando a ganancia do seu trafico. — Se é juiz, vende a justiça e condemna muitas vezes ao desamparo e à miseria a viuva e o orphão infeliz. — Ai! de vós, escribas e phariseus hypocritas; porque devoraes as casas das viuvias, fazendo largas orações. — Se é mercador, anda escogitando traças com que trocar o seu lucro illicito pelo damno e perda dos que se confiaram á sua boa fé; e é ladrão occulto e domestico, e que com palavras e gestos de piedade desterra as suspeitas de que seja elle o auctor de tantas depredações. — Vereis o hypocrita affectar o maximo rigorismo na observancia das leis civis e religiosas, e fazer a vista grossa sobre o que mais importa á salvação propria e ao bem do proximo.

Ve-l'o-heis prompto e apressado em pagar os dizimos da hortelã, do endro, e do cominho, e esquecer o cumprimento das coisas mais importantes da lei, a justiça, a misericordia e a fé. — Ve-l'o-heis lançar os olhos pudibundo, corar e affrontar-se com o minimo gracejo que em sua presença se profere, havendo-o á conta de incitamento á concupiscencia, e não o vereis depois, por que elle se esconde quando

vae no recato cevar brutaemente as suas paixões. — Ve-l'o-heis recommendar os jejuns e abstinencias, em gestos mais humildes e com rosto mais macerado que um solitario da Thebaida; e não o vereis depois, por se occultar, quando se delicia nos excessos da gula e da intemperança. — Ve-l'o-heis encarecer a humildade e a simplesa do coração; e pouco depois inchar-se com a vaidade de todas as distincções humanas, contender por frivalidade de etiqueta nas ceremonias publicas, ser o primeiro entre os cortezãos pelos respeitos aos poderosos, o primeiro entre os soberbos pelo desprezo dos humildes. — Ve-l'o-heis disputar ácerca do tratamento que lhe compete segundo as pragmaticas mundanas, á semelhança dos phariseus que desejavam nas synagogas as primeiras cathedras, e folgavam de ser chamados com o nome de mestres e de que os cortejasse a turba no caminho.

Vereis o hypocrita fazer escrupulo sobre as coisas minimas e abalançar-se confiadamente aos maiores peccados, coando, segundo diz o evangelho, coando um mosquito e engulindo facilmente um camello. — Ve-l'o-heis ter a consciencia estreita para accomodar o peso de um ceutil mal adquirido, e achar praça dilatada para guardar na consciencia o peso inteiro da fazenda avultadissima, adquirida por culpaveis e criminosos caminhos, disputada injustamente ao pobre, arrebatada ao orphão, conquistada á viuva, roubada ao desvalido. — Vereis o hypocrita persignar-se horrorizado de que se viole o respeito devido ao dia sanctificado fazendo n'elle ainda que seja alguma boa obra, imitando n'este ponto os phariseus que reprehendiam a Jesu Christo por não guar-

dar rigorosamente o sabbado, quando sarava a mulher, que havia dezoito annos estava possessa de um espirito, ou quando despedia são o hydropico em dia de sabbado, ou quando curava ao sabbado aquelle homem que tinha resicada uma das mãos. — E guardando escrupulosamente o dia do Senhor, e abstando-se n'elle de toda a obra, ainda que seja por fazer officio de caridade, irá o hypocrita offender sem pejo a Deos, infringindo os seus preceitos em coisas que mais importam á salvação de sua alma. — Ai de vós, escribas e phariseus hypocritas; porque alimpaes o que está por fóra do copo e do prato, e por dentro estaes cheios de rapinas e immundicias.

D'estes christãos falsos, que sómente curam de alimpar e brunir e alindar o exterior do copo e do prato, e deixam o interior escabroso e incrustrado de impurezas, está o mundo cheio, e bom seria que o não estivesse. São numerosos estes hypocritas e falsarios, que trazem por fóra o aroma delicioso do céo, e por dentro o cheiro pestilento do inferno. Que resplandecem por fóra com a laureola dos anjos, e por dentro se afoguem com as chammas de Satanaz. Que por fóra parecem templos vivos, erigidos em honra de Deos, e tem dentro em vez de altar christão, onde offereçam a Deos o sacrificio de todos os appetites e mundanidades, ara gentilica, onde a caridade, a virtude e o amor do Deos verdadeiro, são as hostias immoladas todos os dias aos idolos abominaveis da concupiscencia, da mentira, da falsidade, da calumnia, da avareza, da gula, da soberba, da ira, da inveja, e da impiedade.

CAPITULO IV

O hypocrita o que deseja, é viver muito bem á custa do proximo. — Está sempre disposto a fazer mal, donde lhe resulte bem. — Será condemnado ao inferno. — Acolhimento que alli lhe hade fazer o demonio

O hypocrita, aquillo que parece fazer em honra de Deos, o practica em proveito do seu corpo e de suas paixões, em damno irremediavel de sua alma. — O que n'elle parece amor do proximo, é amor exaggerado de si próprio. — O que n'elle cheira a humildade, é artimanha ; o que n'elle se afigura escrupulo, é cilada ; o que simula a devoção pelos amigos, é ou traição premeditada ou intento occulto de aproveitar d'elles quanto poder, para os esquecer e desprezar quando lhe são já desnecessarios. — O que toma as apparencias de temperança e castidade, é preparação para a gula e incontinencia.

É o hypocrita a mais hedionda ressurreição da serpente do paraizo terreal. — Ai dos que cedem ás suas blandicias, confiam nas suas promessas, e se deixam cahir nos seus laços e armadilhas. — O egoismo é o seu culto intimo, a adoração de si mesmo a sua paixão. — Para elle não ha justiça, com tanto que o mundo não suspeite as transgressões com que elle a offende. — Não ha preceitos divinos, com tanto que o proximo o não convença de sua violação. — Não ha amigos, que não engane, que não explore, que não ultraje depois de passada a necessidade. — Ó serpentes, ó hypocritas, raça de viboras, como haveis de escapar á condemnação do inferno?—Como haveis de entrar no ceo, vós que por ampliardes a vossa dominação na terra e por dilatardes

o imperio das vossas paixões, sacrificastes a verdade, idolatrastes a mentira e a falsidade, fizestes da religião divina um trafico mundano, da caridade uma especulação, da virtude uma apparencia, da esmola um spectaculo, da humilidade uma astucia, do engano uma arte, da falsa temperança e continencia o apparatus scenico da sacrilega comedia, que andastes representando n'este mundo, ó histriõens insensatos e malevolòs ?

Lá virá o dia em que satanaz vos dirá a todos vós... Tiraes a mascara, máos comediantes ; fóra essas roupagens emprestadas, falsarios ; deixae os europeis da virtude fingida, hypocritas. — Aqui tendes agora as vossas galas e purpuras, no fogo eterno que vos hade atormentar ; aqui tendes a palma da vossa pureza mentida. — Já vos não hão de valer os gestos piedosos, a compostura recatada, as palavras graves e austeras, os falsos escrupulos das vossas consciencias depravadas. — Aqui nas fogueiras infernaes se volatilizará a douradura tenue da vossa piedade mundana, para apparecer sem disfarce o metal vilissimo das vossas acções. Agora aqui sois reprobos. — Aqui vos págo á vista a lettra que estivestes largos annos sacando sobre o inferno, parecendo ao mundo que andaveis negociando santamente o reino do céu.

---

### **A Calumnia**

É a mentira um grande peccado ; a hypocrisia peccado ainda maior e mais hediondo. — E o que diremos agora da calumnia ? Se são poucas as expressões contra a hypocrisia

e a mentira, onde haverá penas que bastem punir tão grande e tão feia abominação qual é a da calúnia ?

---

CAPITULO I

É peccado mais grave que a mentira.— É inteiramente opposto á caridade. —As sagradas lettras fulminam este peccado.— A calúnia é uma especie de assassinio. —Anda sempre associada a outros peccados. — Offende gravissimamente os proximos

É a calúnia uma mentira, mas uma mentira aggravada com o damnò ou temporal ou espirital do nosso proximo. — Dois peccados pois commetemos calumniando ; o primeiro, da mentira, inventando e affirmando o que não existe senão na nossa propria malicia e iniquidade ; o segundo, da diffamação, imputando ao nosso proximo ou acções, ou pensamentos ou palavras, que sabemos não practicou, nem concebeu, nem proferiu. — Se o preceito divino da caridade tantas maneiras ha de o infringir, e se todas ellas são reprehensiveis e peccaminosas, nenhuma de certo sobreleva á detracção e á calúnia. — Pois se a propria murmuração, quando patentea defeitos e vicios e fraquezas e peccados alheios, é tão grave transgressão das leis da caridade, que será a calúnia, que inventa a accusação e dissimula e enreda a apologia ?

Se o descobrir os peccados e vicios estranhos é já de si grande testemunho de desamor e de espirito nada christão, o que será o publicar erros imaginarios ? — Se nos é defeso pela caridade descrever ao nosso proximo qual é em realidade, e nos ensina o evangelho, não o escarnecer como o

filho de Noé da nudez e da ebriedade, mas a concertar as vestes e a encobrir os vícios de nossos irmãos, que repugnantissimo peccado não será, entornar o fel de nossa maledicencia calumniosa sobre as vestes candidas da innocencia, apresentar ao mundo como criminosos os que sabemos puros de peccado, e ennodoar perfidamente a reputação alheia, com tamanho risco do proximo como perigo para a nossa propria salvação? — É tão grave attentado a calumnia, que ainda entre a gentilidade, entre povos desalumia-dos do mais tenue raio de fé, foi sempre havida não sómente por infracção odiosa da moral, senão como crime punivel pelas leis positivas da sociedade. — N'um dos capitulos do Levitico se conteem varios preceitos de moral e de justiça, que deviam ser observados pelo povo de Deus, não sómente em vista da vida futura e eterna, senão da presente e passageira. — N'um verso desse capitulo ordena Deus, que ninguem calumnie, nem faça violencia ao seu proximo. E é coisa digna de reparo, que andem ligadas no mesmo verso a calumnia e a violencia. — E que outra coisa é, de feito, a calumnia senão a violencia feita contra a reputação, e d'alli não raro reflectida contra a fazenda e a vida do nosso proximo? — O que é a calumnia, senão um instrumento de homicidio; senão uma frecha ervada, que primeiro deixa o veneno na reputação, e o inocúla depois com tamanha força que mil vezes tem conduzido o calumniado á perdição e á ruina?

Que maior violencia podemos fazer ao nosso proximo do que inventar e publicar taes acções d'elle, que sobre a sua cabeça attraiam a suspeição, o desdem, a indignação, e muitas vezes a extrema deshonra e o ultimo supplicio? — Com

razão pois equiparam muitos o calumniador e o assassino, a calúnia e o punhal; ora ferindo a occultas, ora salteando publicamente; ora acertando o tiro e fugindo, ora redobrando os golpes e permanecendo. — Com razão também anda no conceito publico avaliado por medida quasi igual o que accomette a alguém para o ferir no corpo, e o que o affronta para o ferir na alma. — Mas assim como o que anda armando cilada ao seu adversario para o offender em secreto, nas sombras, nos desvios, nas encruzilhadas solitarias, de modo que despedido o golpe lhe seja dado fugir, sem deixar vestigio do seu crime; assim como dissemos, o assassino traiçoeiro é mais execravel que o homicida, que a rosto descoberto e com lances eguaes matou ou feriu o seu contrario; assim também a todos os calumniadores excede em malicia e ruindade o que nas trevas se esconde para d'alli soprar a calúnia, por tal arte que vôle e se divulgue sem levar comsigo o nome do inventor.

Esta calúnia que se exerce a occultas, mostrando o ferro e escondendo cautelosamente a mão, compara-a o texto divino á serpente que morde em silencio. — E assim como a vibora que se insinúa perfidamente, sem dar aviso nem signal de que vae morder, é mais temerosa do que a serpente que de longe vem colleando e mostrando já a farpa peçonhenta, assim também a calúnia mansa, rasteira, occulta, recatada, é mil vezes mais damnosa e perfida do que se fôra exercida á luz e na presença de todo o mundo. — Esta calúnia é triplamente odiosa porque é ao mesmo tempo calúnia, mentira e hypocrisia. — São os calumniadores d'esta especie pelo *commum* homens, que se presam de grandes virtudes e

austeridade, e pelos recantos andam segredando aos ouvidos dos seus intimos algum defeito, ou vicio ou peccado de outrem com recommendação que não revelem o segredo; mas elegendo sempre por depositarios a homens, que elles sabem de antemão não hão de guardar um minuto a calumnia, antes a irão apregoar e diffundir com cem trombetas.

O homem, diz Salomão, que alevanta ao seu proximo falsos testemunhos é dardo, espada e setta aguda. — Repare-se que não compara unicamente á espada e á arma de arremesso, senão que em ambas o figura juntamente. Fere a espada de perto; dê longe a frecha e o venablo. É porque ha falsos testemunhos e calumnias com que se acutila a reputação de nossos proximos; e calumnia e falsos testemunhos com que de longe se trespassa. — Ao que esgrime a espada, força é que lhe veja o rosto o seu adversario. — O que arremessa o dardo, ou despede a setta, não se dá a conhecer ao que offende. — São os pessimos de todos estes calumniadores de settas, tantas vezes ervadas que deixam no inimigo feridas incuraveis. — Tenbamos pois em grande execração a todos os que calumniam, mas sobre todos, aos que fazem da lingua dardo peçonhento, para ultrajarem, encobertos, a boa fama do seu proximo. — Se foste porém victima da calumnia, não respondas com ella aos que de tal arte vos offenderam.

CAPITULO II

Este peccado é inteiramente contrario ao preceito de Jesu Christo, que manda amar aos proprios inimigos.—Deus prohibe expressamente a calumnia.—O calumniador é de todos detestado.—Causa grandes damnos na sociedade

Arma tão vil e traiçoeira, ainda mesmo em defesa propria não a deve usar o soldado que milita sob o estandarte de Jesu Christo.—Na guerra mundana, é justo que o soldado responda ao inimigo com armas semelhantes ás do contendor.—Na milicia de Christo, ainda aos mais offendidos e esbombardeados pela calumnia, lhes não é licito com ella retorquir aos que nos perseguem e diffamam.—*Em verdade vos digo*, refere de Jesu Christo o evangelista, *que ameis os vossos inimigos, que façaes bem aos que vos odeiam, e oreis por aquelles mesmos que vos perseguem e calumniam.*—De modo que ao christão só é licito reparar-se dos golpes da calumnia, com o escudo divino da caridade. Ferem-n'o com a lingua? Defenda-se com o coração.—Asseteam-n'o com o falso testemunho? Vista as armas defensivas da paciencia e do amor do proximo.—Perseguem-n'o? Ame.—Odeiam-n'o?—Redobre no fervor de beneficiar os inimigos.—Calumniam-n'o? Ore a Deus pelos seus proprios offensores.—Esta é a maneira de combate, em que nos adestramos nos exercicios de Jesu Christo.—Ó admiravel escudo e armadura, que o Artifice divino deixou forjada e cinzellada para que podessemos sair incolumes da peleja com os nossos contendores!—Não ha armas da mais fina tempera que não as possa romper um talho de espada, um bote de lança, um pelouro de arcabuz: e se não bastam estas armas, fará

o que ellas não poderam, um tiro de bombarda. Mas só é impenetravel o arnez e o broquel da caridade.

Ó religião divina, que tão santa e infallivel segredo nos ensinaste para sair com a victoria nos recontros mais perigosos e nos lances mais arriscados ! — Ó sacrosancta medicina, que saraes e guareceis as feridas mais rasgadas, as da calumnia, com só derramar-lhe em torno o balsamo suavissimo da paciencia e da caridade ! — A maior e mais nefanda calumnia que houve no mundo, foi a com que os perseguidores de Jesu Christo passando de blasphemia a blasphemia, o levaram a final a ser crucificado no cimo do calvario. — E o maior exemplo de resignação e de caridade nos ensinou Christo, padecendo por amor do genero humano todos aquelles falsos testemunhos a blasphemias, e pedindo a seu eterno Pae que perdoasse aos autores do tão execraveis attentados. — Perdoados porém os calumniadores pelos proprios que offenderam, ainda lhes fica tribunal em que hãode responder e ser julgados. Porque é tamanha a enormidade d'este peccado que não poderia ter em branco o seu logar no codigo da justiça divina. — Leis ha positivas, dictadas por Jesu Christo, nas quaes se prohibe a maledicencia e a calumnia. — Diz o apostolo S. Thiago... Não vos calumnieis uns aos outros, irmãos : o que detrahe de seu irmão, ou julga seu irmão, detrahe da lei e julga a lei. — Reservadas estão pois pela divina justiça as penas, com que ha de expiar-se na vida futura o peccado enormissimo da calumnia. — Mas antes que a espada de Deus vos caia sobre a cabeça, ó miseros calumniadores, tambem em vossa vida tereis na invencivel repugnancia que inspiram á sociedade as torpezas da vossa

lingua, tereis uma primeira antecipação dos castigos severos que mereceis.

É o homem propenso á calúnia ou jubilado n'esta perversa faculdade, aborrecido e detestado pelos que conhecem ou experimentam os fios d'esta espada, o ferro d'este dardo, a erva d'esta setta prompta sempre a despedir-se contra as mais immaculadas reputações. — Quantos danos tem causado o calumniador em seus ferinos aleives e detracções ! Quantas vezes tem turbado a paz das familias ! Quantos amigos desunido ! Quantas almas pungido acerbamente. Quantos innocentes levado á ultima ruina ! Quantos maus tem exaltado e engradecido, tomando-os a seu soldo para envenenar a honra alheia ! E quanto não será olhado com horror este leproso, que tem a lepra do peccado na propria lingua, e procura com ella contagiar a reputação e fama do seu proximo ! — Guardemo-nos, pois, d'este pessimo peccado. Refreemos a lingua para que dos colloquios ociosos não descaiamos nos gracejos maledicentes, d'elles na declarada murmuração, e da murmuração na calúnia, que só ás vezes dista a grossura de um cabello. — E pois que a lingua é quasi sempre a precursora e mensageira de todos os peccados, saibamos contel-a nos seus desconcertos e abominações.

Reprimamos pois a loquacidade, origem funesta de todos os peccados que na lingua tem seu nascimento. — Guardemos quanto possa accommodar-se com o tracto de nossa vida temporal, o silencio e o recato, que preparam para a oração. — E assim como para que a fonte não brote agua, havemo

de estancar ou desviar a nascente, assim tambem para que á flor dos labios nos não borbulhe a dicacidade, a maledicencia e a calumnia, tractemos de affastar da alma os maos pensamentos, pondo em seu logar os que se encaminham a Deus e á virtude.— Sigamos emfim o preceito de S. Bernardo que diz... Calemos perante os homens, para que melhor possamos fallar com Deus. Com os homens silencio, para que sejam largos os colloquios com o Creador.

---

### Traição

#### CONSIDERAÇÕES MORAES

Da razão porque este peccado é o mais abominavel de todos os peccados.— Comparação entre os falsos e os verdadeiros amigos

Murmuração, mentira, hypocrisia e calumnia, peccados são que todos vem a final a resumir-se em falsidade mais ou menos aggravada e abominavel.— É falso o que murmúra, porque á volta de sua mordacidade mistura a verdade que devia encobrir por caridade, com os embustes e mentiras que inventou para desconceituar o proximo.— É falso o mentiroso, porque o seu officio todo consiste em andar em curso contra a verdade, movendo-lhe guerra incessante e implacavel. — É ainda mais falso o hypocrita, porque aparentando as exterioridades da verdade, só vive e cresce com a mentira em summo grau, com a qual vae grangeando entre os credulos e incautos a reputação de justo, de austero e observante, em quanto a occultas se vae enlodando em tremedaes de iniquidade.— É falsissimo o calumniador, por que não sómente faz da mentira arma para se perder a si,

mas instrumento com que faça o maximo damno ao proximo. — Remata a toda esta graduacão de mentiras, malicias e peccados, um que em si resume a todos esses e que mais nefando entre todos mais excita a execracão do mundo, e mais levanta contra si a ira do Senhor. E a traição! — Falsissimo sobre todos os falsos é o traidor, compendio e epilogo de todas as iniquidades; porque fingindo a amisade e a honra, mente a Deus, ao proximo e a si mesmo; entregando os que se abonaram com a sua fé, mente ás promessas de sua fidelidade; trahindo o justo, sob pretextos falsos, calumnía aquelles proprios em cuja sociedade e convivencia se insinuou para depois os vender mais a seu salvo; e cingindo as vestes candidas da amizade para sob ellas esconder o ferro da traição, toca os extremos limites da hypocrisia.

Assim como a amizade verdadeira e christã é a ultima perfeição da caridade, assim tambem a traição é o maior atrevimento a que contra o amor do proximo se póde abalançar o coração pervertido pelo peccado.— Foi a sincera, leal, e purissima amisade, sempre havida por joia tão preciosa, que os mesmos ethnicos celebraram com grandes encarecimentos e eternisaram com a fama de seus louvores a estreita e fraternal união de alguns corações, a quem prendeu com mais apertados vinculos a amizade. Nas historias antigas ficaram memoradas as amizades affectuosas de Achilles e Patroclo, de Pylades e Orestes, de Damão e Pythias, e Niso e Euryalo, de David e Jonathas, de S. Basilio e S. Gregorio Nazianzeno e outros tantos, com que o mundo ainda hoje symbolisa a união desinteressada de dois homens, a quem vincula o affecto e em quem a troca das finezas,

extremos e sacrificios imprimiu o sello da mais indissolúvel fraternidade.— Considere-se agora se poderá haver mais feio attentado contra a fé, contra a amizade, do que a traição, a qual simula por tanto tempo os attributos da amizade e da fé, quanto lhe é necessario para urdir sua trama, enlear os seus embustes, escrever as suas delações e torcer a corda com que hade atar os pulsos áquelles que se confiaram á sua fingida lealdade!

É reprehensivel e digna de severa abominação a amizade fingida, que se desata em obsequios, em lisonjas, em requebros e em extremos por sair com algum intento egoista.—É assim a amizade do cortezão, que vive humilhado pelas antecamaras dos principaes e poderosos, para abrir o seu caminho a poder de rastejar, como reptil, perante os grandes e potentados.—É assim a amizade do que diligencia a privança e convivencia dos ricos para aproveitar de suas liberalidades.—É assim a amizade dos que se ligam para o peccado, e parecendo que fazem pacto e alliança para sómente se ajudarem em obras meritorias.—É assim a amizade dos parasitos que só acodem ás mesas bem providas e aos festins esplendidos; os quaes sendo passados, e cahido em desgraça o que os pagava com sua bolsa, logo a turba dos amigos se dispersa voando, á maneira de moscas a quem se acabou o torrão de assucar, que as tivera congregadas como socias. — São amigos socios na mesa, diz o Ecclesiastico, que desaparecem logo que empobrece quem os banquetava.— Ha amigos que somente o são da mesa, e estes contaes que os não achareis no dia da necessidade.— Amigos ha pois falsos, e estes já são muito para temer. Mas os

amigos falsarios esses são sem duvida os mais nefandos inimigos.— Assim como o amigo verdadeiro e fiel é thesouro que não tem preço, assim tambem o amigo falso, fementido e traidor, é veneno que não tem antidoto.— Nada é comparavel ao amigo fiel, e não ha peso de ouro ou de prata, diz o Ecclesiastico, que seja bastante preço de sua fidelidade.— Nada ha ao contrario mais negro no coração do homem do que a perfidia e traição, principalmente se é feita contra o amigo. Grandissimo peccado é este, e sobreleva a todos os outros que o homem pode commetter, pela falsidade do coração ou pela mentira na palavra.

---

ARTIGO I

**Da traição de Judas Iscariotes**

CAPITULO I

Foi Judas Iscariotes, discipulo de Jesu Christo, quem trahio a seu divino Mestre, e o maior dos traidores que tem havido. E o peccado da traição o mais abominavel de quantos ha no mundo

O maior traidor que houve no mundo, foi Judas Iscariotes. — Maior porque trahio a Deus feito Homem. — Maior porque traiu a mais honorifica amizade que podia haver, qual era do divino Mestre para o discipulo.— Maior ainda pela vilesa do preço, porque vendeo ao mesmo tempo a seu Mestre, a seu amigo, a seu Redemptor ; porque vendeo a alma ao inferno, e o nome á execração da posteridade.— Vêde, se pôde haver mais sacrilega abominação e mais nefanda iniquidade do que o peccado de Judas.— E contemplae o mysterio que ha n'este passo do evangelho.— Viera o Filho do Homem

a encarnar e morrer para remir o genero humano.— Havia de resgatal-o com o seu sangue, e antes de expirar na cruz no alto do calvario havia de padecer as maiores affrontas e ultrajes para que se cumprissem as prophcias.— Se Jesu Christo hade ser delatado e entregue aos que o hãode sentenciar, parece de razão que sejam seus accusadores os que são seus inimigos, os que não creem na sua palavra, os que a não seguem como discipulos, os que elle não elege por apóstolos, os que não entraram na sua valia, os que não teem logar com elle á mesa no seu banquete espiritual.— Pois para que seja maior a affronta, mais odiosa a ingratidão, mais patente a ruindade da condição humana, seja um de seus discipulos o que o hade trair e entregar. *Em verdade vos digo*, se lê em S. Matheus, *que será um de vós quem me hade entregar.*

Seja a traição o primeiro instrumento do supplicio do Redemptor, para que fique assignalada para sempre no mundo a negrura e fealdade d'este gravissimo peccado, e para que á crucifixão no lenho material se accrescente a crucifixão ainda mais dolorosa de ver-se trahido pelo discipulo e pelo amigo ; ao supplicio, infligido pela iniquidade dos juizes, se ajunte o que foi predisposto pela traição dos commensaes.— Tão atroz, tão infame, tão acima de todas as abominações é a traição, que para abrir a lastimosa tragedia da paixão de Jesu Christo havia de ser o primeiro mobil a traição, e não qualquer traição, mas a traição do que mettia com o Senhor a mão no mesmo prato.— Era de razão que a espantosa scena, que havia de terminar no Golgotha com a morte na cruz, principiasse pela traição, para que aprendes-

sem os homens a detestar este horrivel peccado, e ficasse assim exemplificada a sua hediondez.

## CAPITULO II

Narração da traição de Judas ao Senhor. — Foi precedida e até certo ponto acompanhada de hypocrisia.

Vêde como a hypocrisia precede a traição no caso infamissimo de Judas Iscariotes. Estava o Senhor celebrando a santissima cêa com seus doze discipulos. — Annuncia o Senhor que o havia de trair um d'aquelles doze, que pareciam eleitos para o céu, e que eram como se dissessemos a côrte de Jesu Christo na terra, a quem o Senhor contemplava com as suas mais honradas graças, admitindo-os á sua presença e amizade, e firmando na sua fé a diffusão da doutrina que ensinava. — Diz o evangelho que se entristeceram os apóstolos e principiaram a perguntar... Por ventura, Senhor, serei eu quem vos ha de trair? — E não era o passo menos que para grande tristeza e turbação. Porque n'aquella mesma noite fazia o Senhor aos seus discipulos a graça mais insigne, dando-lhes a comer a sua carne e o seu sangue, e instituindo o augustissimo Sacramento da Eucharistia. *Tomae e comei,* lhes disse Jesu Christo. *Este é o meu corpo. Bebei todos vós d'este calix. Porque este é o meu sangue do novo testamento, o qual ha de ser derramado em prol de muitos para remissão dos seus peccados.* — Turbado Judas com as palavras do Senhor, pergunta com os demais apóstolos... Sou por ventura eu, Mestre? E o Senhor responde-lhe em continente... Tu o disseste. — Pois não sabia o malvado, que fôra já ter com os principes dos sacerdotes e lhes

proposera entregar-lhes Christo, se lhe quizessem remunerar a traição? — O que é que me quereis dar, perguntára o traidor, para que eu vol-o entregue?

— Não sabia Judas, que já estava pactuado o preço d'aquella venda? Não sabia que já lhe estavam disonjeando a cobiça aquelles trinta dinheiros, porque elle vendia a Christo? — Porque é pois que Judas pergunta se ha de ser elle o que haja de entregar ao Redemptor? Não o accusa a memoria, e não o condemna já a consciencia? — Logo porque é a sua interrogação e a sua dúvida? — Para que a traição anteceda a hypocrisia, e para que até o momento de poder desfechar o tiro, esconda a arma que já tem engatilhada. — Sahio Judas a avisar os principes dos sacerdotes, e quando veiu o praso de consummar sua traição, eil-o que chega seguido de turba numerosa, armada de espadas e varas, enviada pelos principes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. — E como diz o divino texto, que deu Judas signal de quem era ao que haviam de prender? Pensaes que foi apontando com o dedo, ou indicando abertamente o Senhor a quem trahia? Não; porque não seria completa a perfidia e traição de Judas Iscariotes, se até o ultimo instante se não enfeitasse com os atavios da confiança e não buscasse esconder-se nas vestes candidas da amizade. — O modo porque Judas deu signal aos que haviam de prender ao Senhor, foi dizendo-lhes que lançassem as mãos sacrilegas áquelle a quem Judas imprimisse o simulado beijo de paz e fraternidade.

Vêde se póde haver peccado mais atroz do que o de Judas, ingratição mais abominavel, perfidia, por mais infame-

tervia mais cruel, coração mais duro entre os humanos. — Attentae nos passos que levou aquella traição premeditada e coberta até a seu desenlace, e reparae se póde haver para um christão iniquidade mais execravel do que a traição e a perfidia que responde aos affectos com enganos, ás finezas com ciladas, aos obsequios com delações. Tem Judas já disposta e aparelhada a sua traição, e ainda comparece e tem logar na cêa do Senhor. — Declara Jesu Christo que um de seus discipulos o hade atraiçoar, e pergunta Judas affectando sensibilidade e compunção, se por ventura se entendem com elle as palavras do Senhor. — Convencido de traidor, quando o divino Mestre lhe replica... *Tu o dissestes* sae a buscar os que hão de prender a Jesu Christo, e não se peja de apparecer de novo na presença do Redemptor para fazer do osculo fraterno o signal convencionado para que a traição se consummasse. — Vêde se ha maior aleivosia, e se um crime que até os derradeiros momentos se doura com os reflexos da paz e da virtude, mereceria menor expiação do que o desastrado fim do discipulo traidor e a abominação em que ficou para todo o sempre a memoria nefasta do Iscariotes.

---

### CAPITULO III

Ha no mundo muitos Judas que trahem a seus proximos. — Das diversas formas de traição. — Por mais que se encubram os traidores, não se escondem de Deus, que lhes não hade perdoar tão negro peccado.

Deixemos agora a Judas que atraiçoára por trinta dinheiros, e entremos a examinar os seus successores, que fazem

da hypocrisia e da traição o pensamento exclusivo e o trafico habitual da sua vida. — Vimos o Judas que vendeu a Christo. — Vejamos os Judas que vendem a Christo e mais aos proximos, e ainda em cima vendem ao demonio as proprias almas, damnadas pelo peccado. — Oh! quantos Judas tem havido e ha hoje na terra, prestes a insinuar-se na amizade e confiança dos seus proximos para depois lhes retribuirem com a traição os extremos e os favores! Quantos Judas da hospitalidade! Quantos Judas da meza! Quantos Judas da confiança intima! Quantos Judas do segredo que devêra ser inviolavel! — Vêde aqui a este lado um homem que entrou desvalido na casa, onde o acolheram hospedeiros e caridosos. — Vêde como lhe adoçaram os infortunios, como lhe mitigaram os padecimentos do corpo e do espirito, como o assentaram á mesa domestica, como o receberam quasi membro da familia. — E vêde como o favorecido pagou os obsequios e finezas, trahindo quanto ha de mais santo e veneravel, para arrecadar alguns miseraveis trinta dinheiros com que se dá por bemaventurado.

Vêde acolá outro Judas, que a pretexto de grandes amizades e bons serviços se introduziu na casa da familia honrada, e tendo grangeado a confiança pela apparencia de suas virtudes, ou foi delatar o pae de familias e reduzir a pobreza e orphandade os seus proprios bemfeitores; ou maculou com suas impurezas a castidade da donzella. — Vêde a outra parte o Judas, que trahiou o amigo, para alcançar officio rendoso ou honorifico; o Judas que trahiou o amigo para accrescentar os cabedaes proprios; vêde os Judas da sensualidade, os Judas da avareza, os Judas da soberba e ambição; os Judas da

gula, da intemperança, e até os da preguiça, os quaes por se forrarem ao trabalho, com que governariam honestamente a sua vida, buscam a traição como officio e mister, com que acudir a suas necessidades. Vêde as mil figuras execraveis, hediondas que toma este multiforme Proteo de traição. — Traições para cevar vinganças; traições para acariciar a sensualidade; traições para nutrir a avareza; traições para lisongear a soberba; traições para obedecer á inveja; traições com que se paga hoje o beneficio recebido hontem; traições em que a mão que vibra o golpe, deixou ha pouco de apertar a mão da victima; traições onde se resumem como em compendio do proprio inferno a ingratição, a falsidade, a hypocrisia e a perfidia.

Vêde, se nos mesmos demonios não seria atrocissima esta união de tantos crimes. E quanto mais o não será em homens, por cuja salvação derramou Jesu Christo com preço infinito o seu sangue precioso. — Esperaes, por acaso, ó homens, que fazeis da traição a arma predilecta das vossas iniquidades, esperaes que depois da vida temporal vos será remettido tão enorme peccado? — Pensaes que a justiça divina será surda para não ouvir o depoimento de vossos proprios peccados? Oh! quanto vos enganaes, se entendeis que por serem encobertas e dissimuladas as vossas traições e perfidias, não as está vendo o Senhor nas dobras mais reconditas de vossos corações.

CAPITULO IV

Temeroso castigo de Judas pelo attentado de trahir a seu divino Mestre.

— Remorsos, desesperação e suicidio de Judas traidor

Entregou Judas a Christo, e consummou a mais nefanda maldade de que pôde entre homens haver memoria. E qual pensaes que foi a punição d'este sacrilegio? — Não podia o Senhor infligir a Judas a mesma pena que summariamente impoz a tantos outros, feridos pela espada da justiça divina no mesmo ponto, em que acabavam de commetter o seu peccado? Só porque Ananias mentiu, cahio fulminado pela ira ceeste. — E porque não padece Judas o mesmo supplicio, elle, que não sómente mentio, senão que mentio e traiçou? Mentio na pergunta; mentio no osculo; e trahio finalmente na entrega. — Porque razão não desfecha o Senhor improvisamente a sua ira contra Judas? — Porque tem Jesu Christo mão no que d'entre os seus tirára da espada para ferir o servo do principe dos sacerdotes? — Porque não faz promptos instrumentos e ministros da sua divina justiça as legiões dos anjos? — Pois hade sair Judas incolume de d'aquella refrega e impune de tamanho crime? Não: mas a tão atroz peccado, é bem que responda mesmo na terra exemplarissimo castigo. — Aos que faltam á verdade, como Ananias, castiga-os Deus. Os que infringem a lealdade, como Judas, suppliciam-se a si proprios. — Porém Judas sahio com o intento da sua traição, para que sentisse por mais tempo o incomportavel peso do seu peccado.

Dos que por seus crimes condemna a justiça a trabalhos perpetuos, uns andam muitos annos ou com a vida remando nas galés, outros sopesando aos hombros cargas avultadas,

os outros expiando em penosissimos e humillimos trabalhos as suas culpas. — Pois ande Judas pela terra com o peso da traição na consciencia, arraste a braga do peccado, e não ache em vida nem logar nem momento, onde por entre as trevas do seu peccado cõe e transpareça um raio tenue de consolação e de alegria. — E depois de ser elle ao mesmo tempo o seu proprio accusador, a sua testemunha e o seu juiz, seja afinal tambem o seu executor, o seu verdugo. — Vendo então Judas, refere o Evangelista, aquelle que trahio o Senhor, vendo que por isso havia de ser condemnado, induzido pelo arrependimento tornou a levar os trinta dinheiros aos principes dos sacerdotes e aos anciãos, e arrojando os trinta dinheiros ao chão do templo, sahio; e indo d'alli, se enforcou em um laço.

Eis ahi o desenlace d'esta horrenda tragedia, que principiou pela hypocrisia, se adiantou á perfidia, e acabou na desesperação e morte do peccador. — Para que acabem de entender os traidores qual é o termo das grandezas, a que intentam levantar-se pela traição, e que na sua propria consciencia armam o patibulo, onde hãode padecer o seu supplicio. — Quem visse Judas seguindo com mostras de affecto e devoção ao divino Mestre, quem o visse diligente em afastar de si a minima suspeita de deslealdade; quem o visse depois concertar com os phariseus a entrega do Salvador, e pôr no osculo fementido o sello da sua perversidade, havia de cuidar que eram grandes os thesouros e invejaveis as dignidades com que haviam de galardoar a sua traição.

CAPITULO V

Os trinta dinheiros da traição de Judas serviram para comprar um campo, que se converteo em cemiterio de peregrinos. — Os fructos da traição são sempre amargosissimos

Vende Judas do reino de Deus a parte que lhe cabe, e quinhão tão avultado qual haveria de cair em partilha a cada um dos apóstolos, que eram os magnates e principes d'aquella côrte de Christo. — Será por uma corôa? Por um sceptro? Por um estado copioso de terras, de vassallos e de tributos? Será por todo o ouro de Ophir? Será por aquelle mesmo preço, que satanaz prometteu ao Senhor quando o tentou no pinaculo da montanha? Nada d'isto, se não por uns miseraveis trinta dinheiros de prata, que vistos pelo vidro da traição, a Judas pareceram mais avultada quantia que todas as opulencias de Salomão; e depois examinados com os olhos da penitencia se lhe afiguraram, pelo que eram, preço vilissimo do sangue do Justo. — E diz o evangelho, que os principes dos sacerdotes e anciãos não quizeram que entrasse aquella somma de novo no thesouro, por ser preço de sangue, e determinaram de comprar com ella um campo, para n'elle se dar sepultura aos peregrinos: o qual campo, por memoria do dinheiro da compra, se ficou chamando campo de sangue, que isto quer dizer o nome hebraico de *aceldama*.

É digno de reparo, que fosse comprado o campo a um oleiro, e que destinassem aquella terra a servir de enterro aos peregrinos. — Fabrica o oleiro vasos de barro, que por sua natureza são frageis e ainda quando preciosos pela arte, pela fôrma e pelo ornato, não perdem o seu predicado ge-

ral da extrema fragilidade. — Serviu o dinheiro da traição para comprar terra, e compral-a a um oleiro. — Para comprar terra como para patentear d'esta maneira, que o preço da traição na terra hade ficar, e que por mais que porfiem os traidores em alcançar com elle as maiores alturas, só conseguirão que elle seja dispendido em terra, clara significação do pó de suas vaidades. — Para a comprar a um oleiro, porque d'este modo fique associada a memoria da traição em a idéa de sua inevitavel fragilidade. — E serviram os trinta dinheiros para comprar terra, que havia de converter-se em cemiterio, para que ainda por outro modo se significasse que o fructo da traição, por mais que o lancem á terra, não conseguirá reproduzir-se e crear vida. Porque sendo a terra, geralmente aproveitada pelos homens, para que arroteada por seu trabalho brote searas, d'onde tire seu nutrimento e mil diversas utilidades, só os campos que se consagram a cemiterios, em vez de serem seminarios alegres e fecundissimos da vida, são os desertos incultos e lóbregos da morte. — Mas não foi para sepultura dos incolas e natuaes que se fundou o cemiterio, comprado com o premio da traição, antes o dedicaram os principes dos sacerdotes para ser jazida de peregrinos. — Não ha maior infortunio na morte do que deixar os ossos em terra estranha, longe do torrão natal, sob um céu differente do céu da patria, á sombra de outras arvores que não sejam as que o peregrino contemplava na sua povoação nos dias da sua infancia; nada ha mais lastimoso do que morrer, ouvindo linguagem alheia áquella que bebeu com o leite maternal. — Parece que ainda é mais triste o cemiterio dos peregrinos, do que o campo sagrado d'aquelles que morreram na propria terra do seu

berço. Pois se o preço da traição é de servir para fundar um cemiterio, seja este de estrangeiros, que morreram com a saudade da sua patria a opprimir-lhes o coração e com a lastima de não havrem saído com o intento que levavam, voltando prosperamente ao lar domestico, depois de suas jornadas e navegações aventureosas.

Vejam agora os traidores que fructos hade render a sua traição.— Atraiçoam para fundar venturas proprias, e afinal trabalharam e condemnaram-se para fundar cemiterios de gente estranha.— Que o fructo de seu infernal trabalho revertesse em proveito alheio, já era punição ardua certamente de soffrer. Mas que sejam os mortos e não os vivos, que recebam afinal os juros d'esta infame negociação! — Esforçaram-se para lisongear a vida com as suas paixões e fadtuidades; e só alcançaram servir a morte com os seus desenganos e terrores. — Julgavam que plantavam seara; e apenas delimitaram cemiterio. — Pensavam que surribavam leiras, e não fizeram mais do que escavar sepulchros. — Esperavam que a traição se lhes havia de resolver em ouro e gemmas, e ella para os confundir desata-se no pó e na cinza das ossadas. — Contavam com que a traição respigaria palmas triumphaes, e ella finalmente desentranhou-se em cyprestes mortuários!

#### CAPITULO VI

Os peccadores já em vida principiam a padecer o castigo de suas culp<sup>as</sup>

Crêem os homens pervertidos que todos os meios são licitos, ainda que não sejam honestos, para contentarem o seu

egoismo, e conforta-os a esperança de que na terra não hãode expiar os seus peccados, e que o tribunal divino ainda está longe, e sempre haverá tempo para arrependimentos e penitencias, com que se frustre a justiça eterna. — Oh! quão illudidos andam esses taes, que peccam por contentar a carne e para perder a alma! — Oh! Quanto é mal seguro o chão em que edificam suas traições, porque ou as mais das vezes não logram o preço de sua iniquidade, ou se chegam a gosá-lo, é peçonha encoberta, que os vae lentamente envenenando. — Por subir a falsas honras e dignidades, atraiçoa o perfido ao que n'elle punha inteira e sincera confiança. E toda aquella fabrica de traições vem finalmente a acabar em sepultura de peregrinos, como a traição do Iscariotes.

Por alcançar thesouros e opulencias, atraiçoa o homem os seus mais santos deveres. E toda aquella grangearia de riquezas vem a dar em sepulchros e em ossadas. E o que é a vida, senão uma breve peregrinação? E o que somos nós no mundo, senão viandantes e peregrinos? O que são as diversas phases da existencia, senão diversorios e albergues e estalagens, onde vamos estanceando a espaços com breve detença e enganado repouso, para de novo tomarmos o bordão e ferirmos os pés nas sarças e abrolhos do caminho? O que é o termo final de todas as vaidades, de todas as ambições, de todos os sonhos, de todas as phantasias, de todos os nossos desenhos e projectos, senão o cemiterio dos peregrinos? Tão peregrinos que nem os ossos tem descanso, nem a terra mortuaria é seu morgado e propriedade. — Se um homem que vae journadeando e entra a descansar na primeira pousada do caminho, julgasse que era sua aquella casa e

que havia alli de estabelecer de assento a sua morada, e principiasse a planear traças, como se tivesse por seu todo o tempo e por segura a vida durante eternidades, todos o haveriam por insensato. — Pois é isto mesmo que faz o homem com seus peccados, com o culto fervoroso do mundo, da carne e do demonio, em que é mais ardente e incansavel do que em honrar a Deus, curar da sua alma e seguir á risca os preceitos e conselhos do Redemptor.

Tu homem traidor, porque faltas á fé do teu amigo? Para fundar cemiterio de peregrinos. Tu que beijas o teu amigo na face para o entregar aos seus inimigos, para que te sujeitas á infamia da traição? Para fundar cemiterio de peregrinos. Tu que fêres a propria mão que te soccorreu na necessidade e pagas com desaforada ingratição o beneficio recebido? Para fundar cemiterio de peregrinos. — E é para isto que lidas, que mentes, que perjuras, que calumnias, que atraiçoas, que vendes, que entregas o teu proximo, e que macúlas a tua reputação entre os homens, e condemnas a tua alma perante o divino tribunal? — Melhor fôra, que nunca houveras nascido.

---

## ARTIGO II

Da traição feita a Joseph por seus irmãos.

---

## CAPITULO I

Narração da traição feita a Joseph por seus irmãos. —

Foi motivada pela inveja que lhe tinham.

Um dos mais espantosos e nefandos casos que de traição narram as divinas letras, é aquelle que passou entre Joseph

e seus irmãos, quando o venderam aos mercadores Madianitas. Foi esta miseravel traição o fructo da soberba e da inveja, e reservou Deus ao seu eleito propicia occasião, em que podesse confundir os que com tamanho desamor e tão deshumana cilada o haviam entregado. — Conta a sagrada pagina que Jacob amava a Joseph entre todos os seus filhos, porque o havia gerado em sua velhice; e accrescenta que vendo os irmãos esta preferencia, o odiavam e lhe não podiam fallar em boa paz e fraternidade. — Teve Joseph em sonhos a revelação de que havia de ser levantado a eminentes dignidades. — E os irmãos, já inimigos por causa da preferencia, se atreveram ás extremas hostilidades com a que julgavam demasiada jactancia de Joseph.

— Chegando Joseph a Sichem, para cumprir as ordens de seu pae, e examinar como estavam os rebanhos que alli andavam no pascigo, determinaram os irmãos de aproveitar a opportunidade e o ermo para cevarem com a traição a sua vingança e lhe darem morte no deserto. — Celebraram os perfidos irmãos seu conciliabulo, dizendo uns a outros... Ahi vem o que sonha para si prosperidades e grandesas. Accorrei e matemol-o. Lancemol-o depois n'aquella cisterna antiga, e diremos que uma fera o devorou, e então se verá de que proveito lhe foram os seus sonhos. — Apenas Joseph chegou proximo de seus irmãos, despojaram-n'o de suas vestiduras e o lançaram n'uma cisterna, em que não havia agua. — Quando estavam sentados em volta da cisterna, comendo sua parca refeição, viram uma caravana de Ismaelitas, que vinham de Galaad com sua recua de camelos, em que traziam carga de aromas e especiarias, que levavam

para seu trafico a terras de Egypto. — Toma Judas a mão, tão antigo é que onde hade haver uma traição apparece logo um Judas, e querendo conciliar a traição com os sophismas da consciencia, aconselha que em vez de matarem Joseph o vendam por escravo aos mercadores, para que assim se consummasse o feito da vingança, sem que o sangue poluisse as mãos dos traidores, addusindo como razão que emfim Joseph sempre era irmão e carne dos que o haviam de entregar. — E seguido o conselho de Judas que quando não é executor, é conselheiro de traições venderam os irmãos a Joseph por vinte dinheiros de prata aos negociantes Madianitas que o levaram comsigo para o Egypto.

Voltando Ruben, que desejava livrar a seu irmão da crueza dos outros, o não encontrou a Joseph na cisterna, donde contava tiral-o, prorompeu em sentidas exclamações. — Então os perfidos irmãos tingindo a tunica de Joseph no sangue de um cabrito, a levaram a Jacob, dizendo-lhe... Achámos estas vestiduras. Vêde se são ou não de vosso filho. E Jacob enganado pelos mãos filhos, acreditou que o seu predilecto fôra pasto de feras. — Eis ahi representado o primeiro acto d'esta nefastissima traição. Vejamos agora quem lucrou com ella, se o trahido, se os traidores.

## CAPITULO II

A traição recae ao depois sobre o traidor. — Aproveita muitas vezes ao trahido. — Deus faz sempre pagar na vida o crime da traição, ao menos com os remorsos.

Invejavam os irmãos de Joseph a preeminencia que elle tinha na casa e affecto de seu pae. — Roia-os a soberba, e

offendia-os a lembrança de que Joseph pudesse um dia levantar-se a maiores alturas. — Matem a Joseph os que com elle se geravam do mesmo pae. Ou mais cautelosos e menos crueis, vendam Joseph aos Ismaelitas. — Levaram-n'o consigo os mercadores. Será escravo no Egypto. — Andará abatido, humilhado e servo em casa alheia e de senhor desapiedado, o que andava d'antes amado, querido e agasalhado na casa propria e de pae extremosissimo. — Trabalhará como escravo, o que vivia feliz no lar domestico. — Morrerá como peregrino, o que parecia valido na habitação paterna. Isto é o que deseja e diz a traição dos homens. — Mas o contrario apparelha e executa a Providencia de Deus. — O escravo de Putiphar, é agora o ministro de Pharaó. Quiseram os irmãos impedir que Joseph fosse o dilecto de seu pae, e eil-o agora o favorito de um monarcha poderosissimo. — Quiseram obviar a que elle tivesse mais tres ovelhas na partilha da herança domestica, e eil-o agora dominando milhões de homens. — Pela tunica de que o despojaram em Sichem, vestio-lhe Deus pela mão de Pharaó a chlamyde purpurea dos potentados. — A que nos aproveitará a nós? Perguntava Judas. A vós nada, porque a vossa traição aproveitou sómente a vosso irmão. — Tão certo é que sempre as traições de Judas se resolvem em damno d'elle, e em gloria e regeneração de seus irmãos. — Quando Judas vende a Joseph, fica Judas com o peccado e Joseph com a benção de Deus. — Quando Judas vende a Christo, perde-se Judas e redime-se o genero humano. — Joseph vendido hoje, é Joseph poderoso amanhã. Christo vendido agora, é Christo resuscitado ao terceiro dia.

Vejam agora os traidores se vale a pena o cuidado da

venda e o remorso da traição. — Vejam os filhos de Jacob, iníquos e peccadores, se por vinte dinheiros hãode vender a alma e a consciencia, para que, quando menos o pensarem, se levante Joseph da cisterna de Sichem para o honroso estrado onde se levanta o solio esplendido de Pharaó. — Pensaes, traidores, que podeis vender a Joseph, que é o vosso proximo, porque o invejaes predilecto na casa de Jacob; e julgaes que bastará tingir no sangue do cabrito as vestes de vosso irmão? — E esperaes que com este fingimento saireis incolumes com o vosso intento? — Tingistes de sangue a tunica de quem trahistes, e tingiram-se depois de purpura quasi real as vestimentas de vosso irmão. — Pensaes que as vossas traições se não descobrem na terra? E que se alcancaes occultal-as ao mundo, não as prescruta e não as registra a justiça do Senhor?

Nos casos que referi do velho e do novo testamento, começaram os traidores a expiar na terra a sua iniquidade. — E permite Deus innumeradas vezes que no mundo se principie a executar justiça contra os perfidos. — Mas se após a traição parece que tudo corre á maravilha e tudo se proporciona á vontade do traidor, lá virá o dia, em que todos os peccados se paguem e em que depois das fingidas prosperidades d'este mundo, venham os verdadeiros supplicios da eternidade. — Ha traidores que logram os vinte ou os trinta dinheiros da traição, ou nas riquezas que obtiveram atraiçoando e vendendo os seus amigos, ou nas dignidades e grandezas, a que se levantaram com suas perfidias, nas mundanidades e torpezas a que a traição lhes abriu caminho. — Mas não pensem os traidores que é facil carga o preço da

traição. — Eram trinta apenas os dinheiros de Judas, e tão pesados os achou que a poucos passos depois da venda, andou a arrojá-los ao chão do templo, como fardo que excedia as forças da sua propria iniquidade.

Assim como na balança romana um pequeno peso equilibra um peso incomparavelmente maior, sómente porque é maior que o primeiro o braço da alavanca, assim tambem o preço da traição, ainda que tenue, carrega com força incomportavel na consciencia do peccador, porque tem o remorso por alavanca. — E que alma haverá tão desnaturada, que após os grandes crimes não padeça as tristezas e amarguras do remorso? — É o peccado doce, mas é amargo o remorso. É a traição leve, mas é o remorso pesadissimo. — É saboroso manjar o contentar o egoismo, sacrificando a fé, a lealdade, o amor e a caridade que devemos a nossos irmãos e a nossos proximos; mas é veneno corrosivo, o remorso, com que a justiça divina levanta em nossa consciencia patibulo onde expiemos em vida a nossa culpa. — Se não houvera remorso, já todos folgariam de peccar, deslembrados das penas eternas.

---

### CAPITULO III

As penas que já n'este mundo soffre o traidor, são o peso da consciencia, e a execração publica. — O maior dos castigos para o traidor é receber da sua victima beneficios em paga da traição.

É o peccado, semelhante a uma flor mimosa e perfumada que deleita a vista e embriaga o olfacto dos peccadores; e o mundo, amplissimo vergel onde são copiosas e varias es-

tas flores, cuidadas e cultivadas por satanaz, solertissimo jardineiro d'estes enganosos paraizos.— Mas ai do peccador, que cegar uma d'estas flores diabolicas que tem as apparencias da amenidade; porque o espinho que trazem comsigo, ficará cravado na consciencia, como memoria dolorosa da fealdade e infamia do peccado.— O remorso abriu a mão de Judas, para que fosse mais poderoso o arrependimento que aborrecia os trinta dinheiros, do que a avaresa que os havia cobiçado.— Aprendam pois os traidores, que antes das penas eternas e como seu correio e percursor, virá o remorso accusal-os com voz perpetua e inexoravel, pela iniquidade commettida.— Pensaes que são invejaveis os thesouros, alcançados com a traição? Pois são peso intoleravel que vos não consentirá felicidade verdadeira.— Cuidaes que são tranquillias as grandezas, honras e dignidades, obtidas pela traição? Pois acabaes de entender, que são carga afflictiva que vos tornará ainda mais arduas as asperezas do caminho.

Duas vezes ha sempre clamando contra o traidor no discurso da sua vida; uma interior, a outra externa.— É a primeira o remorso, que é a reprehensão do peccado pelo mesmo peccador: a segunda a infamia, que é o desprezo votado pelo mundo aos que trahiram a fé e a lealdade.— Foge o traidor do mundo para escapar á reprovação dos homêns, e encontra dentro em si a reprovação da propria consciencia. Foge de si para fóra do mundo, e topa irremissivelmente com a reprovação de Deus.— Aonde hade depois refugir o peccador para esconder a sua traição e calar as vozes que o reprehendem sem descanso? Onde achará

paz o traidor? — Em si? Não, porque o remorso o está picando. — No mundo? Não, porque os homens o estão aborrecendo. — Em Deus? Também não, porque Deus está sentenciando. — E se o desprezo votado pelos homens já é de si grave pena imposta aos traidores, qual não deverá ser a sua humilhação e a sua vergonha, quando elles tem de comparecer perante os mesmos que atraçoaram e venderam, e tem de receber como segundo preço da sua traição, um generoso beneficio, que é, sob fórma aprazível, a exprobração mais efficaz das suas malfeitorias.

Meditemos no que succedeu aos irmãos de Joseph, quando depois de o terem vendido, tiveram de ir ao Egypto em demanda de trigo, de que padeciam grande necessidade. — Dizem as sagradas lettras que havia então fome nas terras de Chanaan. — Vêde como depois da traição veio a fome, e como apesar de ficar de vóluto o logar de Joseph na casa paterna, nem por isso foi mais abundante o pão, nem maior o quinhão dos que ficavam. — E continúa o Genesis narrando que Joseph era n'esse tempo principe no Egypto, e que a seu arbitrio se vendia aos estranhos o trigo que vinham buscar. Tinham-n'o os irmãos vendido para lhe tirarem o pão e a primasia na casa de seu pae. E depois da venda, não sómente Joseph é principe na casa de Pharaó, mas reparte o pão aos que vem de fóra. — Singular exemplo de que são muitas vezes acrescentados os trahidos, e os traidores pelo contrario os desmedrados. — Ordena Jacob aos filhos, que vão ao Egypto a comprar trigo. — E quem é o seu bemfeitor? Quem é o que nos saccos manda esconder o dinheiro porque haviam comprado o trigo? Quem é

o que com piedosas insidias os obriga a voltar a Chanaan para trazerem consigo a Bemjamin? Quem é que os chama ao Egypto para que todos na companhia de seu pae Jacob desfrutem as prosperidades alcançadas pelo que seus irmãos deshumanamente tinham desamparado e vendido? É Joseph, o traído, que paga a traição com o beneficio, e recebe como satisfação de sua injuria o ver que seus irmãos estremeceem na sua presença e caem diante d'elle em adoração.— Póde haver mais exemplar castigo aos peccados dos que atraícoaram a Joseph? Aggravava-se a soberba d'elles só com os sonhos que vaticinavam as grandezas do irmão.— E agora são obrigados não só a soffrer os sonhos, senão a reverenciar as realidades. Affrontava-os a preeminencia de Joseph no affecto e estimação paterna.— E agora é a valia de Joseph na côrte de Pharaó, a que elles são obrigados a acatar.— Grande exemplo! Eloquentes lição! Infallivel testemunho da Providencia!

---

ARTIGO III

Da traição commettida pelo rei David

---

CAPITULO I

Narração da traição de David feita a Urias.— Este horrendo peccado foi precedido de adulterio, e motivado pelo vicio da lascivia

Porque este assumpto das traições anda no mundo mais seguido do que ponderado, mais practicado que entendido, d'elle não havemos de largar mão, sem que citeemos e me-

ditemos outro grande exemplo que de traição e seus effeitos nos contam as sagradas escripturas. — Exemplo tanto mais digno de graves reparos, quanto foi seu protagonista um personagem biblico de tão altos predicados, qual foi o rei David; exemplo em que vemos realizados os funestissimos effeitos da traição, quando tem por socia e conselheira a lascivia e a cubiça de mulher alheia.

Estava Israel em guerra com os Ammonitas e tinham os seus exercitos posto rijissimo cerco á cidade de Rabbah. — Governava Joab as armas de David n'aquella empresa, em quanto o rei propheta se ficava em Jerusalem para saltear, não castellos nem cidades, senão para assediar e vencer a castidade. — Succedeu que, andando o rei David passeando, por se desfadar, no terreiro de seus paços, viu defronte d'elle uma mulher, que foi o mesmo vél-a que ficar logo rendido aos seus encantos, por ser em extremo formosa. — Mandou o rei inquirir quem era aquella mulher e disseram-lhe ser Bethsabee, filha de Elias e esposa de Urias Hetheu, o qual andava na guerra ao serviço de David.

Era David rei e poderoso e de vontade incontrastavel. Era Bethsabee mulher ao que parece fragil. Cederam os encantos feminis á magia do diadema real. E David peccou e commetteu adulterio com a mulher de Urias. — Desejou porém David de levar mais longe o primeiro peccado porque é sempre um peccado o motor de muitos outros; entrou a planear traças, com que fizesse morrer a Urias, parecendo que por accidente casual da guerra e não por violencia do soberano acontecesse a morte do guerreiro. — Obedecendo

Joab aos preceitos de David, enviou-lhe a Urias para que informasse o rei ácerca da guerra, que então se pelejava diante dos muros de Rabbah. — E para melhor córar a traição, que lhe tinha já apparelhada, convidou-o a um festim, e com demonstrações de sua real benevolencia e agrado, o regalou magnificamente até o ponto de ficar Urias inebriado. — Escreveu David uma carta a Joab em que lhe dizia... Mandae a Urias pelejar, onde for mais aceso e formidavel o combate e desamparae-o, para que pereça sob os tiros dos inimigos. — E deu a carta a Urias, para que, sem o suspeitar, fosse o portador de sua propria sentença de morte e o instrumento innocente da traição, que contra elle armava o rei.

Joab, como cortesão complacente com os caprichos do seu principe, ainda quando se encaminhavam a tamanha iniquidade, obedeceu aos preceitos de David e distribuiu a Urias um posto, onde o perigo era maior. — Sahiu então da cidade um tropel de sitiados, os quaes dando rijo na gente de Joab, fizeram n'ella grande estrago e mataram a Urias. — Enviou Joab um mensageiro a David a annunciar-lhe o destroço que padecêra, no qual Urias caíra morto aos golpes inimigos. — E David, affectando grande longanimidade pelo revez, com que interiormente se alegrava, disse ao mensageiro... Dirás estas palavras a Joab, que se não afflija com aquelle desbarato, porque são varios os successos da guerra, e o ferro consome ora a este ora áquelle, que anime e esforce os seus soldados para que possa, com o auxilio d'elles, tomar e destruir a cidade. — Quando a mulher de Urias, teve nova de que seu marido era morto, entrou em

grandes prantos e lamentos. Singulares demonstrações de pezar, em quem não hesitára em macular o thalamo nupcial, cedendo aos lascivos desejos de David. — Passado o tempo do lucto, mandou David chamar Bethsabee, aposentando-a em seus proprios paços e tomando-a por mulher. E ella deu á luz um filho.

Até aqui a historia da negra traição de David, da levianidade de Bethsabee e da morte de Urias. — A Escriptura remata n'este ponto a narração, oppondo ás satisfações e contentamentos de David o desagrado de Deus, pela grande iniquidade commettida pelo rei-psalmista.

---

CAPITULO II

Foi tambem o ocio de David que causou o seu nefando peccado. —  
E por cima de tudo, o seu poder de rei

Ponderemos agora as circumstancias d'este nefandissimo peccado commettido por David. Entremos a considerar o principio e mobil d'esta grande iniquidade. — Viu David ocioso, uma mulher formosa. E no mesmo ponto em que a viu, formou tenção de peccar. — Tão sujeita é a ociosidade a estas tentações. — Se David, quando enviou Joab a expugnar a cidade dos Ammonitas, tivesse elle hido como capitão d'aquella empresa, mais longe ficaria dos perigos e tentações da sua corte. — Mas David manda Joab e fica em Jerusalem. — Se David andasse com Urias na guerra, não andaria agora em tracto peccaminoso com Bethsabee. Se David estivesse á frente dos seus soldados, espiano o momento

de commetter e derocar a cidade, não estaria agora na corte espiando occasiões para saltar e destruir a honra alheia. Se David fôra soldado, não estivera agora peccador. — Quem é esta mulher formosissima que vi, andando eu a passear no meu terreiro? pergunta David. É a mulher de Urias, respondem-lhe os mensageiros. Pois embora, diz entre si o rei propheta. Será Bethsabee primeiro minha concubina, depois minha mulher.

Mas olhae, David, que a mulher, que tanto cubiçaes, é esposa de soldado, que anda na guerra contra vossos inimigos, expondo animosamente a vida por vos servir, em quanto vós estaes folgando e remansando na vossa Jerusalem. — Olhae, que não é justo que em vez de fazerdes mercê e honra aos que vos guardam com sua espada e vos accrescentam a vossa gloria e poderio, lhes façaes affrontas, com tomardes suas mulheres. — Reparae, ó rei, que o serdes poderoso vos impõe a obrigação de proteger as esposas dos que andam na guerra; e que pois não participaes dos perigos d'ella, não mancheis os vossos ocios com tamanha traição e vilania. — Não lhe disse esta ou semelhantes palavras nenhum conselheiro, nenhum valido, nenhum amigo. Nenhum amigo, porque os não costumam ter os reis. Nenhum valido, porque estes esforçam-se sempre porque o rei lhes valha a elles, e não elles em valer ao rei, quando já quasi preso nos laços do peccado. Nenhum conselheiro, porque já n'aquelles tempos raros eram os que se arriscavam a dar conselho, quando o premio podia ser o desagrado. — Mas ha um amigo, um valido, um conselheiro que nos acompanha sem cessar e que, como amigo nos quer, como valido nos defende, como

conselheiro nos vae á mão em nossos appetites e paixões. É a consciencia. — E fallou a consciencia certamente ao rei propheta. — Mas elle desprezou as primeiras objecções d'este severo interlocutor. — E vejam qual é a força do peccado, quando funda as suas raizes no coração do peccador. Não ha extirpal-o, nem ceifal-o. — Parece que ás vezes com as resistencias e difficuldades se torna mais soberbo e assoldador, se não é que o peccador é finalmente ajudado pela graça de Deus. — Fez David tenção de tomar para si a mulher de Urias e consegue-o, porque elle era rei e poderoso, ella fragil e deslumbrada pelos esplendores da magestade.

---

### CAPITULO III

Um peccado chama outros peccados. — O adulterio incita David a commetter um homicidio, acompanhado de hypocrisia e traição

Pois que David não soube levar de vencida as primeiras arremettidas do peccado, demos-lhe de barato a primeira culpa, mas não proceda no caminho, apparelhando-se para novas iniquidades. — Mas como é que elle responde ás arguições da consciencia, que lhe está achacando o primeiro peccado? Com um segundo e feiissimo peccado. — Porque ha peccadores que julgam achar um segredo para calar os clamores da consciencia, atroando-a com os rumores e alaridos de novas acções reprehensiveis e culposas. — Voltando Bethsabee de trair a Urias, e satisfeita a concupiscencia de David, manda-lhe a adultera participar, que tem no seu seio o fructo da sua impudicia. — Concebeu ella um filho. E no mesmo ponto concebe David nova traição. — Para escon-

der um crime lança-lhe por cima como véo um crime mais nefando. — Não se contenta com invejar a mulher a Urias e usurpar-lh'a; adianta-se agora a invejar-lhe a morte, e a dar traça com que elle a venha a perder. — Manda-me depressa a Urias, porque se me serviu ausente para o começo das minhas iniquidades, agora presente o quero, para que seja instrumento de sua propria ruina. Envia mensageiros a Bethsabee para que lh'a tragam, e mensageiros a Joab para que lhe entregue a Urias.

Estava o descuidado e innocente Urias no seu arraial diante dos muros de Rabbah, esforçado como soldado, leal como vassallo, arando com o ferro da sua espada e disposto a regar mais do que com o suor, com o sangue proprio, esta lugubre seara dos campos de batalha, onde se grangeam messes de gloria ou poderio para a vaidade e ambição dos potentados; devotado obreiro, cujo salario poderia ser de um momento para outro algum venabulo ou algum tiro de ballista, arrojado de sobre as ameias e torres da cidade. Chama-o o seu rei. — Embainha a espada; obedece, alegra-se talvez pela honra que recebe; põe-se a caminho, aperta o passo, abrevia as jornadas, chega aos passos de David. — Recebe-o o monarcha com mostras de gracioso acolhimento. Trava-se a practica sobre os successos da guerra; se Joab entendia como devia nas coisas militares, se o exercito procedia com valor e galhardia; se o cerco de Rabbah promettia pouco dilatada reddição. — Responde Urias sem cuidar que n'aquellas interrogações e n'aquelles colloquios estava o principio da sua ultima ruina. — Despede David a seu servo Urias, dizendo-lhe que vá em sua propria

casa repousar das fadigas da jornada, e manda-lhe de sua mesa as mais delicadas e custosas iguarias. — E em que vieram a parar todas estas regias graciosidades e mimos hospitaleiros? Em ser Urias o mensageiro que leva a Joab as ordens para a traição contra Urias disposta pelo rei. — E o que dizia a refalsada missiva do rei ao seu general? Que puzesse Urias aonde fosse mais rijo o impeto dos inimigos, mais inevitavel o perigo, mais certos os tiros, mais infallivel a morte do desprecavido servidor.

Attentae n'estas negras insidias, com que David busca descartar-se do marido de Bethsabee. — Por que não manda o rei matar a Urias por algum de seus sicarios? Porque o deixa voltar á guerra? — É por que se não diga ter sido a morte de Urias, homicidio, e não acaso da guerra, traição e não adversa fortuna em leal batalha. — Colha David os proveitos do homicidio, e fique a fortuna com as culpas d'aquelle crime. — Vêde a hypocrisia a enlaçar-se com a cilada, e quando estes tres peccados se consociam e se germanam, hypocrisia, traição e sensualidade, só quasi por milagre manifesto não acabará em tragedia o fingimento, o amor, e a perfidia. — Ponde-o no lugar do perigo, ou antes no lugar onde a chuva dos tiros e o furor do ferro não dava esperança de salvamento, e depois desamparae-o, para que venha a cahir traspassado de golpes inimigos.

CAPITULO IV

Dos crimes ou peccados que commetteo David, quando deshonrou ao seu capitão Urias e o matou á traição

Ha maior desamor de um rei, que está seguro e ocioso em seu palacio para com o soldado, que pelo servir com brio e lealdade anda exposto ás inclemencias, ás feridas, e á morte nos sitios e nas batalhas? — Que rei disse nunca aos seus capitães, que levassem os soldados ao lugar do perigo, só para que achassem alli a morte, por castigo e não por gloria? — Pois a obrigação do rei e do general não é por ventura, não é velar pela vida e saude dos seus soldados, amando-os como filhos e honrando-os como irmãos, e expondo-os, em nome da honra e da patria, aos mesmos perigos, de que participa o rei e o general? Como homem pecca David, trahindo : como rei, desamparando. — E não repara David que o golpe a que succumbe Urias, parecendo partir das muralhas de Rabba, vem dos paços de Jerusalem, impellido pela traição? — Os proprios capitães da gentilidade primaram sempre em sacrificar-se pelo bem dos seus soldados; e vós, David, quereis apenas a preeminencia de os sacrificar?

De Pelopidas, general grego, se refere que partindo para a guerra e aconselhando-lhe a mulher que se resguardasse dos perigos, respondeo... Aconselha-se a outros esta precaução, ao general não, por que o seu dever, não é guardar-se a si, mas defender os cidadãos. — E hade Pelopidas envergonhar David? — Hade o pagão dar lições ao servo do Senhor? — Hade Pelopidas recatar, quanto possa, a vida dos

soldados, repartindo com elles os perigos e os trabalhos, e David pelo contrario hade não somente ficar-se nos seus paços em quanto os seus pelesam, mas armar-lhes traições com que pereçam? — Oh! desatinada acção! Oh! nefandissima iniquidade! — E veja-se como David tem o papel da sua hypocrisia e traição tão bem estudado, que até ao fim não desmente n'um só ponto o engano, que traçára. Consummada a traição, de que Joab fôra o instrumento, despachou correios a David para que lhe levassem novas dos successos da guerra. E deu Joab instrucções ao mensageiro, em que lhe ordenou que, referidos os ultimos casos do cerco de Rabbah, se visse dar o rei grandes mostras de indignação e proferir palavras de aspera censura, lhe dissesse por ultimo... Tambem n'esta peleja morreu o seu servo Urias. O que tudo executou pontualmente o mensageiro. — Ao que David retorquiu, dizendo palavras de consolação e ponderando serem varios e incertos os successos da guerra, e incitando Joab a que esforçasse os seus soldados para novas empresas militares.

Concluindo e recapitulando este libello em que se patenteam os peccados de David, achamo-lo réo de tantas culpas, que quasi não ha peccado grave em que não cahisse em todo o discurso d'esta historia, que reconto. — Foi primeiro David, máo capitão, porque mandando os seus soldados a brigar em empresa de tanto momento, se deixou ficar em Jerusalem, e em quanto elles dormem pelos campos, repousa elle em alfombras e coxins — Foi em segundo lugar, libidinoso, quando poz os olhos com intenção adultera na mulher de Urias. — Foi em terceiro lugar, máo rei,

quando o primeiro galardão que deu a quem o servia na guerra, foi seduzir-lhe a esposa. — Em quarto caso foi David, dissimulado quando planeando traça com que fazer morrer a Urias, ordena a Joab que lh'o envie á corte, sob color de que deseja saber de viva voz os casos e circumstancias da campanha. — Em quinto lugar, foi David hypocrita, quando com falsas apparencias de magnificencia mandou a Urias manjares delicados da sua mesa real, e o hõnra com um convite em seus proprios paços. — Em sexto lugar foi David, traidor, quando despede a Urias, portador da carta, em que manda o rei a Joab que faça morrer a Urias aos golpes dos Ammonitas. — Em septimo lugar finalmente foi David, novamente dissimulado e hypocrita, quando affectou longanimidade ao ouvir os desastres da guerra, e attribuiu á fortuna o que sómente a sua propria traição havia apparelhado.

Está concluida a grande tragedia. David amoroso e triumphante, Bethsabee senhora e rainha, Urias trahido e morto no campo de batalha, Rabbah rendida e assolada. — Está completo o crime e satisfeitos os desejos de David. — Resta agora ver, se Deus deixa a culpa sem castigo e se a ira do Senhor não acompanha os gaudios de David. Até aqui succedeu á maravilha o intento do rei. Agora vejamos em que punições terriveis se desatou a ira de Deus.

CAPITULO V

Tremendos castigos que o Senhor dá a David pelo seu peccado. — Incesto de sua filha: fraticidio n'um de seus filhos : revolta d'outro á mão armada : fuga do rei de Jerusalem

Se não fôra o terrivel desagrado que Deus sente pelos peccados do homem, não haveria medida nem limite ás satisfações do egoismo, aos ímpetos da carne, ás instancias do peccado. — Sem este desagrado de Deus, podéra David agradar-se a seu salvo dos attractivos de Bethsabee. — Se não fôra este desagrado, podéra David impunemente mostrar o seu odio a Urias, por modo tão cruel, como lh'o fez sentir.— Mas Ah! peccadores, lembrae-vos de que este desagrado da Divina Magestade segue as vossas más acções; lembrae-vos, ó traidores, de que a vossa traição, se não a reprehende a vossa propria consciencia, se não a lastima o remorso, se não a castigam leis humanas, lá terá no temeroso, no inexoravel desagrado de Deus a sua pesada expiação.

Tudo vae excellentemente para David. A mulher que coibou alheia, agora se assenta no solio regio e está prestes a dar-lhe successor. — A sombra de Urias não vem perturbar as delicias e folgares do real propheta. — É tempo de que a medalha das apparentes felicidades, conquistadas com o ferro da traição, volte o reverso para David, e que se cumpra a tremenda ameaça do Senhor lançada a David... *Não se affastará a minha espada da tua casa e familia por todos os seculos dos seculos.* — E cumprio Deus a sua terribilissima promessa. E principiou por affligir a David com

merecidas amarguras e infortunios. — Vejamos. Depois que David perpetrou o seu grande attentado, mandou-lhe Deus Nattan para que lhe reprehendesse o seu peccado, o que elle fez, propondo-lhe a parabola do rico e do pobre... Havia n'uma cidade dois homens, um rico e outro pobre. Tinha o rico muitas ovelhas e muitos bois. O pobre, pelo contrario, possuia apenas uma ovelha que comprára e nutria, com muito affecto e diligencia. — Chegou um peregrino a visitar o rico e elle, querendo regalar o peregrino e mostrar-se para com elle hospitaleiro, e desejando poupar os seus bois e as suas ovelhas, usurpou a unica ovelha que possuia o pobre, e preparou com ella o festim ao forasteiro. — Entrou David em grande colera contra o rico, dizendo a Nattan que quem tal feito commettera, era homem perverso e amaldiçoado. Restituirá quadruplicado o preço da ovelha.

Tinha David condemnado d'esta maneira o rico usurpador, quando Nattan, vendo-o colhido na rêde, exclamou... Pois aquelle homem rico, de que falla esta parabola, outro não é senão tu mesmo. — E queres saber, ó David, porque fundamento isto assim passa na verdade, escuta o que pela minha bocca o Senhor te envia a dizer, para que saibas como pagastes os grandes beneficios e prosperidades com que Deus te accrescentou. — Eis aqui a lista e resenha dos favores que te fiz, diz o Senhor... Ungi-te rei, para que dominasses em Israel, e tirei-te incolume das mãos de Saul. E dei-te a casa do teu Senhor, e dei-te as mulheres do teu Senhor, e dei-te a casa de Israel, e de Judá, e se achas que ainda são escassas estas mostras da minha munificencia, ac-

crescentarei outras maiores e novas doações. Depois d'isto, porque razão despresaste a palavra do Senhor e commetteste peccado na sua presença? Fizeste morrer a Urias Hetheu e tomaste por tua a mulher d'elle, e mataste-o com a espada dos filhos de Ammon. Taes culpas e peccados estão pedindo a vozes exemplar castigo. Por isso a minha espada estará impendente sobre a tua casa até á consummação dos seculos. E queres saber, David, quaes são as penas que enviarei sobre a tua cabeça? Eil-as... Farei que de tua propria casa te procedam grandes magoas e afflicções e tirar-te-hei as tuas mulheres na tua presença, e as darei a quem seja teu conjuncto pelo sangue e parentes. Que tu mesmo assistas á tua deshonra. — Commetteste o teu peccado a occultas; e eu farei que a punição te seja infligida á luz do sol e na presença de todo o povo de Israel.

Ao ouvir a sentença, que Deus lhe annunciava pela bocca de Natton, David cahiu na conta da traição e homicidio e adulterio, com que tinha manchado o seu coração, e exclamou constricto... Pequei contra o Senhor. — E Nattan lhe prophetisou, que o filho que Bethsabee havia pouco dera á luz, havia brevemente de morrer. — O gladio do Senhor feriu o filho de Bethsabee, concebido em adulterio. — Começou David a fazer preces e jejuns para alcançar de Deus misericordia em favor do menino, e a mostrar com grandes extremos a sua angustia, ora deitando-se no chão, ora recusando tomar alimento algum, ainda que com grandes diligencias buscassem confortal-o os seus magnates cortesãos. São porém baldados os empenhos de David. — O anjo da morte sacode as azas sobre o infante. E cumpre-se a pri-

meira expiação do peccado commettido pelo rei. — Eis ahí como foi inexoravel, mas justissimo o castigo de Deus. — O primeiro peccado de David foi o adulterio. Pois morra para desaggravar a justiça divina, o fructo nascido do primeiro peccado de David. — Amava o rei a Bethsabee, e tinha mil extremos pelo filho que d'ella lhe nascêra. Pois comecem as expiações de David pela perda d'este seu enlevo, e pelas lagrimas e saudades que a adúltera sente pela morte do menino.

Continuam porém as abominações e as discordias na casa do David. — O sangue de Urias cahiu no thalamo adultero do monarcha e espadanou sobre as cabeças de seus filhos. Amnon, tomado de violento e desenfreado amor por sua propria irmã Tamar, excede pelo incesto, o peccado de seu pae pelo adulterio. — Absalon, outro filho de David, por vingar a affronta de sua irmã e punir a protervia de Amnon, convidando-o a um festim quasi regio em suas herdades, commette em sua pessoa execrando fratricidio. — Entra David em grande dor e desesperação, e despedaçando as vestimentas, chora a morte de Amnon, a quem, apesar de seu gravissimo attentado, estremecia como primogenito. — Absalão é expulso da casa paterna, e refugia-se em Gessur na corte do rei Thamai. — Usa Joab de uma engenhosa traça para restituir Absalão á graça paterna, e David remittendo a sua indignação contra o filho fratricida, o admite em Jerusalem, primeiro com severa prohibição de apparecer na sua presença, e depois permittindo-lhe que lhe venha fazer seus rendimentos e saudações. — Não está ainda cheia e acogulada, como o exige a expiação, a medida das

provações e amarguras de David.— Foi grande o seu peccado. Exemplar deve ser tambem a punição.

Amava David a Absalão com extremo desproporcionado aos pungentes desgostos que lhe causára. Vencido do affecto paternal consentiu em esquecer e perdoar as enormidade de Absalão, e o restituíra finalmente á sua côrte e familia.— E como julgaes vós que retribue o filho desnaturado a indulgencia, a absolvição, a magnanimidade de seu pae e de seu rei? Desobedecendo ao pae e rebellando-se abertamente contra o rei.— Concilia Absalon o favor do povo, sempre facil em aceitar novidades e em patrocinar alterações.— Congrega em Hebron os parciaes de sua facção, com o pretexto de solver o voto com que empenhára a Deus a sua palavra de lhe fazer solemne sacrificio, se fosse restaurado na graça de seu pae.— O culto que Absalão vae render ao Deus de Israel, o sacrificio com que vae propicial-o, é o desacato sacrilego contra David, é a revolta que proclama contra elle, é a guerra que se adianta a mover-lhe, para o privar do throno e da existencia.— Attentae agora, em qual seria a angustia e a dor do rei propheta ao saber que o filho querido se levantára com o reino e senhorio, e marchava com exercito numeroso a desthronar o proprio pae, seguindo os perfidos conselhos de Architophel.— Vêde como está agora abatido e humilhado o que ha pouco dominava em Israel, obedecido e venerado como senhor. Vêde como David, ha pouco radiante de todas as pompas da magestade, caminha peregrino e atribulado, com os pés descalços, a cabeça descoberta, chorando e lastimando a sua mesquinha sorte, e mais que tudo o desamor e rebeldia de seu filho.

CAPITULO VI

Continuam os castigos do Senhor sobre David. — Indo fugitivo, e deshonrado por Absalão, e affrontado por Semei. — Morre, na pejeja entre pae e filho, o seu querido Absalão.

Estava David soberbo e esquecido de Deus, quando coibiçava a mulher de Urias; quando se manchava com o adulterio; quando chamava traiçoeiramente Urias aos seus paços; quando o banqueteava com grandes mostras de honra e agasalho real; quando lhe apparelhava a morte no cerco de Rabbah. — Vêde agora como a soberba é punida pela humilhação a que David desceu. — Vêde como o potentado de Israel, cujas vontades eram até ha pouco leis, cujos caprichos eram decretos inviolaveis, cuja traição parecia succeder-lhe ao sabor de seu desejo e concupiscencia, é agora amaldiçoado no seu caminho pelos que lhe sahem ao encontro para o maldizer e lapidar. Chega David á serra de Bahurim, e eis que d'alli sahe um homem, que era da prosapia e familia de Saul. — Era Semei, filho de Gera, e caminhava para o rei, lançando contra elle temerosas imprecações, e arrojava pedras contra David e contra todos os que vinham na sua comitiva e no seu exercito escoltando-o a um e a outro lado. — E Semei exclamava, lançando maldições contra David... Sahe, adianta-te, ó homem maculado pelo sangue, ó filho de Belial. O Senhor dá-te a punição do que fizeste a Saul, porque invadiste o seu reino. Poz agora o Senhor o reino nas mãos de Absalão teu filho, e grandes males te opprimirão, porque te maculaste de sangue. — Entra Absalão em Jerusalem e cumpre-se o que o Senhor tinha ameaçado, para vergonha e castigo de David... *Tirar-te-hei as tuas mulheres á tua propria vista e as da-*

*rei a um teu parente proximo.* — Ah! David peccaste, coibçando e usurpando a mulher de teu servidor, a quem eras obrigado a guardar paz e lealdade. Agora o teu proprio filho te usurpára tambem as tuas mulheres, na presença de todo o povo de Israel. — Buscaste o segredo e o recato para consummares a tua feissima traição. E agora é justo que seja publico o seu castigo pelo sangue derramado.

Senhor de Jerusalem, saudado rei em Israel, ameaça Absalão a seu pae David com a ultima ruina. — Tem por conselheiro a Achitophel, que incendiado pelo espirito de rebellião, propõe a Absalão sair com doze mil homens escolhidos ao encontro de David, dar improvisamente sobre o seu exercito, e pondo-o em fuga e desbarato matar o rei-propheta, desamparado pelos seus. — E dizem as sagradas lettras que este conselho agradou a Absalão e a todos os anciãos e proceres de Israel. — Vêde como vão crescendo os castigos de David. Não lhe basta a mágoa de vêr o incesto deshonar a sua familia. — Não lhe basta vêr o fratricídio inquinando de sangue as mãos de Absalão, o filho querido. — Não lhe basta a dôr pungente de vêr o mesmo filho levantado com o reino e senhorio de Israel. — Não lhe bastam os improperios, os convicios e as maldições proferidas por Semei. — Não lhe basta o opprobrio de vêr as suas proprias mulheres affrontadas pela torpeza e concupiscencia de Absalão, e a vergonha de que a sua deshonra tenha por testemunhas a todo o povo de Israel. — Falta ainda para pôr o ultimo remate á ignominia e á amargura de David, que Absalão se abalance aos ultimos atrevimentos, fazendo-se parricida, com approvar o projecto de Achitophel.

Inspirou Deus a Chusai para que se oppozesse aos conselhos de Achitophel, e evitasse d'esta sorte o extremo damno de David, propondo traça, com que sob apparencias de servir ao filho desnaturado, se valesse ao pae acossado e perseguido de tamanhas adversidades. — Preferiu Absalão o conselho de Chusai ao de Achitophel; e assim por disposição de Deus se desvaneceu o concelho de Achitophel, que era util a Absalão, e se facilitou ao filho desobediente o desbarato e a morte, ao pae o salvamento e a victoria. — Está salva por industria de Chusai a causa de David. — Levanta o arraial. Passa o Jordão sem que fique além d'elle um só dos seus soldados. — Encontram-se os exercitos contrarios no bosque de Ephraim. — Está o exercito de David repartido em tres corpos, capitaneado por Ethai, Joab e Abissai. — Está imminente a peleja. E o coração de David estremece com o receio de que o filho rebelde sim, mas filho ainda seu tão querido, seja morto na refrega. Recomenda com vivas instancias a seus generaes que lhe poupem a vida de Absalão. — Empenha-se o recontro. É rijo o conflicto. O exercito de Israel é desbaratado pelo de David, e ficam mortos no campo vinte mil soldados. — Desconcertado pelo desbarato da sua gente, entra Absalão levado em sua mula, onde era mais densa a mata de carvalhos, que com seus ramos entrelaçados faziam abobada espessa e viridente. — Fica Absalão suspenso pelos cabellos, que trazia bastos e compridos, á ramada de um carvalho. — Chega Joab e traspassa o misero Absalão, ainda pendente na arvore funesta. — Accorrem soldados de Joab e acabam de matar o principe infeliz.

CAPITULO VII

Continuam os justos castigos do Senhor sobre o rei-propheta. —  
Intensissimos lamentos e dôr pela morte do seu caro Absalão

Agora são os lamentos, os prantos, as lastimas de David, ao saber a morte de Absalão. Dissera a Joab que lhe trouxesse vivo e incolume a Absalão. — E é Joab quem, desobedecendo, o fere tres vezes. — Oh! pae desventurado! Quão fecunda foi a semente do peccado, que lançaste á terra do teu coração! — Agora clamas por teu filho, e elle é mudo. — Agora te lastimas, e já não tem remedio a sua perdição. Agora por elle bradas, e elle te não responde. — Agora desejaras morrer em lugar d'elle, e já o teu voto não pôde ser ouvido. Ah! filho meu Absalão, Absalão filho meu! — Quem podéra ter morrido em teu logar! Oh! Absalão, meu filho, oh! meu filho Absalão. — Ah! como David podéra dizer com melhor razão e consciencia... Oh! David peccador, quem não tivera peccado! — Oh! David peccador, quem se lembrára de que Deus havia de punir o teu peccado! — Oh! David adultero, quem te advirtira de que as delicias de tua concupiscencia eram o veneno da tua vida! — Oh! David enganador e homicida, quem te dêra rebate na consciencia quando apparelhavas a morte de teu servidor Urias! — Oh! Absalão, meu filho, bem é que eu te chore agora morto, depois de te lastimar rebelde e fraticida, porque o meu peccado concitou sobre mim e sobre a minha casa a espada do Senhor! — Oh! Absalão como foste justamente o instrumento das minhas humilhações, e agora o objecto das minhas penas e amarguras! — Oh! Absalão! Como tu és agora a mais severa e cruel reprehensão á enormidade dos meus

peccados.— Como posso eu agora exclamar... *O meu peccado está sempre contra mim apparelhado!*

Este é o lastimoso espectaculo que nos offerece a pessoa e casa de David, perseguido e affrontado de tantos infortunios.— Este é o exemplo temeroso, com que o Senhor quiz demonstrar n'um varão tão seu favorecido, a que extremos chega a justiça divina, quando é mister pôr bem de manifesto a fealdade do peccado e castigar severamente as suas abominações.— Porque vieram a David tantas e tamanhas calamidades? O Senhor lh'o disse pela bocca de Nathan, quando lhe fez a terrivel ameaça dos seus futuros males.— Mataste a Urias com o ferro, e tomaste-lhe a mulher. E por isso a espada da minha justiça pesará sobre a tua casa até á consummação dos seculos.— E como é que David tomou a mulher alheia e dispoz a morte de Urias no cerco de Rabbah? Pela deslealdade e pela traição.— Pois David depois de receber tantos favores da Providencia, depois de coroado e ungido rei em Israel, depois de receber a casa e estado de Saul, o agradecimento que dá ao Senhor é offender-o com tão reprehensiveis iniquidades?— Pois não se lembra David de que Deus o tirou do meio das ovelhas, que regia como humilde pegureiro, para o sublimar ao throno de Israel a governar o povo eleito?— Não se recorda já de que o Senhor o livrou das mãos de Saul, que intentava traças para o matar?— E é assim que os grandes beneficios da divina providencia os paga David, não fazendo sacrificios em honra do Senhor, senão immolando victimas humanas aos seus appetites sensuaes?— Pague pois David, com a usura que merece, os grandes peccados commettidos.

CAPITULO VIII

Abunda o mundo em traições.— Quanto mais poderoso é o traidor, mais fortemente o castiga Deus.— Nem os reis escapam á divina punição.— A verdadeira corôa é a corôa real da virtude

Dois grandes e memoraveis exemplos de traição nos deparam as sagradas paginas ; um no antigo, outro em o novo testamento. E em ambos elles a pena acompanha a culpa sem detença.— Para que vejam os que practicam a traição, que antes dos castigos eternos, apparelha a Providencia outros cujos golpes vibra a divina justiça contra o peccador antes de deixar o valle de lagrimas.— Quantos Davids não ha por esse mundo, dispondo traições e homicidios para cevarem seus appetites e paixões ! — Quantas Bethsabees cubiçadas pelos que se julgam poderosos na terra e como taes escudados seguramente contra as penas da justiça humana ! — Quantos Urias sacrificados ao furor da concupiscencia ! Quantos Absalões revoltados contra seus paes, cujo peccado foi exemplo e documento ás malfetorias dos filhos ! — Quantas traições e quantos castigos ! — Judas era um homem humilde de condição. Trahiu. Pagou.— David era um potentado, um monarcha, um unguido do Senhor. Trahiu. Pague tambem.— A traição não é menos asquerosa depois de coberta pela purpura, do que encoberta na pobreza do saial.— Os reflexos da magestade não absolvem mais as traições dos principes, do que a humildade da samarra as traições dos pegureiros.— Diante do throno de Deus, todos os thronos da terra são razos e miseraveis.

Perante a grandeza do Senhor os maiores imperadores são barro, as corôas mais radiantes são cinza, as mais au-



gustas magestades d'este mundo são apenas o atavio de comediantes no enganoso theatro das nossas mundanidades.— Só ha uma corôa, que resplandece no céu, é a da virtude ! — Uma só magestade, a do amor de Deus e do nosso proximo.— Se Deus vê as corôas e as purpuras da terra, sabeis para que é? É para pedir mais estreitas contas aos que, tendo officio de governar, o transmudaram em officio de opprimir; tendo cargo de defender, o trocaram pelo de offender os seus vassallos; tendo magistratura de justiça imperial, fazem d'ella a iniqua magistratura das suas ambições e das suas vinganças pessoases.— Por isso o Senhor, quando reprehende pela bocca de Nathan os peccados de David, começa por lhe revocar á memoria a grandeza dos beneficios, com que o honrou, mudando-lhe em regias vestiduras o pobre surrão do pastorinho. *Ungi-te rei*, diz o Senhor; *e tu peccaste. Dei-te a casa e reino de Saul; e tu peccaste.*— Eis-ahi, ó rei propheta, as circumstancias aggravantes do teu crime. A pena hade ser proporcionada não sómente ao peccado mas ao rei, que transgrediu as obrigações do seu officio.— Porque o peccado no rei é como nodoa na alvura da tela finissima e transparente, tanto mais visivel e repugnante quanto é mais pura e deslumbrante a candidez do tecido.— E a iniquidade que no pastor seria peccado, no rei é ao mesmo tempo peccado, exemplo, e escandalo.— E se o homem sobre ser rei, é rei escolhido por Deus, favorecido de seus dons, opulento de seus beneficios, é o peccado, além de tudo isto, ainda ingratição imperdoavel.

Ungi-te rei em Israel, diz o Senhor a David. Dei-te a casa e senhorio de Saul; dei-te quanto podias cobiçar. Dei-te a

casa de Israel e de Judá. E se não estavas ainda contente e saciado, muito maiores mercês e benefícios te podera conferir. E tu, havendo em pouco preço os inestimaveis dons que te fizera, atreves-te a peccar e a peccar por hypocrisia, traição e adulterio? Se eu te fiz rei, e tu te fizeste peccador, como não hade a divina justica acrescentar á pena do peccador o castigo do rei desagradecido e oppressor? — Pois o Senhor fez rei a David para que elle imperasse com justiça em Israel, ou para que este povo fosse o docil instrumento dos seus appetites e paixões? De pastor de ovelhas, humilde e ignorado, o levantou Deus á honrosa, mas temivel dignidade de pastor de homens, para que elle seja em vez do defensor, o lobo carniceiro da sua propria grey? — Pois para que fosses mais a teu sabor adultero, ó David, te deu o Senhor a purpura e o diadema? — Pois para que podeses abusando da tua real autoridade, ferir os que podem empecer á satisfação dos teus appetites sensuaes, te constituiu o Senhor sobre o seu povo? — Pois para que roubes a mulher e a vida a teu servidor Urias, te ungiu Deus monarcha em Israel? Não. — E porque tu deslembrando não somente os deveres de justo, mas as obrigações de rei, usaste de traição e violencia contra os que desprezados e leaes serviam com verdadeiro affecto de vassallos, expia o teu peccado em ti e na tua casa. — Porque a espada que tu apontaste ao peito de Urias, essa mesma volve contra ti e a tua familia a mão invisivel da justiça eterna.

CAPITULO IX

A traição é sempre punida pelo Senhor com castigo de igual natureza.—O maior flagello que pode cair sobre uma nação, é o máo rei.

Nos infortunios e calamidades que affligiram a David, como funebre cortejo de seus peccados, quiz o Senhor deixar documento indelevel e eloquente de quanto é rigorosa a medida porque afêre o peccado da traição, e de quanto sobreexcede á responsabilidade dos outros homens a dos que estão investidos em officio de reinar. — Entendei, ó reis, qual é o vosso officio, e aprendei vós os que tendes encargo de julgar, disse o Senhor pela bocca de David.— O maior flagello que pode açoutar a face da terra, a mais espantosa peste que pode ferir os homens, é um máo rei, que julgando-se no mundo igual a Deus no poder e na auctoridade, não conhece limites á sua vontade, nem temperança nos seus appetites e paixões. — Se aos reis fôra licito quanto desejam, se os reis poderam quanto querem, e os triumphos e as glorias houvessem de seguir sempre as suas mais desasisadas ou peccaminosas resoluções, a poucos passos seria a terra o anteprológo do inferno, e os reis que foram instituidos para a paz e fraternidade das republicas, viriam a ser o fermento das suas desuniões. — Mas sobre os reis que se abalançam a cobrir com a corôa os seus peccados, e a transformar o sceptro em clava contra os seus povos e vassallos, lá está Deus vigiando e apparelhando terriblissimos castigos para que na hora em que menos o suspeitem, sintam no coração a ponta d'esta espada, que não perdoa aos opulentos e aos poderosos. — Inveje o rei o mulher do proximo, como David. Mande

mensageiros a attrail-a ao seu amor, como o rei propheta. Atraição Urias, como o psalmista. E exulte como elle, ao ver coroados todos os seus designios, tendo Bethsabee por sua esposa depois de a ter em seu thalamo como adúltera. — Pois bem ! Agora veja David o reverso da medalha, cuja terrivel inscripção é a colera de Deus.

Veja agora o filho cortado em flor e passando tristemente do berço para o sepulchro. — Veja o incesto de Amnon e de Thamar. — Veja o fratricidio perpetrado por Absalão. — Veja em Absalão a revolta e o desacato á autoridade paterna. — Sáia fugitivo de Jerusalem, para que n'ella entre ovante o filho rebelde e desnaturado. — Presencie todo o povo de Israel a affronta de David. — Veja finalmente a Absalão pendente pelos cabellos e traspassado pelo ferro de Joab. — Oh ! como o peccado é doce, e como é amarga a expiação ! Oh ! como eram mimosas as caricias de Bethsabee, e como são terriveis os sobrecechos da adversidade ! — Oh ! como era aprasivel o matar Urias, e como é pungente o ver morto a Absalão ! — Oh ! como era delicioso o adulterio com Betsabee, e como é cruel para David o incesto de Thamar ! — Oh ! como a traição era melliflua para o coração de David, e como agora lh'o dilacera a deslealdade e perfidia de Absalão ! — Porque n'este ponto vem a rematar sempre os apparentes agradados da traição.

O traidor acha sempre outro traidor, que é nas mãos da providencia o instrumento da vindicta. — David attrahe Urias á sua côrte, agasalha-o e conforta-o, para o despachar depois mensageiro e portador da sua propria ruina. — Absa-

lão empenha-se por se restituir á graça e familia de seu pae, com grandes mostras de piedade filial e propositos de salutar emenda, e pouco depois está alçando em Hébron o estandarte da rebellião contra seu senhor e pae. — Á hypocrisia responde a hypocrisia, á deslealdade a deslealdade, á perfidia a perfidia, á traição a traição, á cobiça da mulher em David a cobiça do throno em Absalão; á morte realisada de Urias por David, a morte planeada de David por Absalão e Architophel!

---

CAPITULO X

A traição nos reis é peccado ainda mais nefando que nos vassallos.  
— Os lucros da traição são sempre miseraveis

Ha na perfidia e traição dos reis o mesmo fundo de maldade que na traição e perfidia do artifice e do ceifeiro; accrescentado porém com a quebra do officio de reinar. — Quando David usurpa a mulher de Urias, o peccado é do homem, os meios de o commetter são porém de potentado e de monarcha. — Quando David attrahe Urias para o fazer morrer, o peccado é de falso amigo, os meios de o commetter são de tyranno, que abusou da magestade. — Para punir o peccado do homem, bastavam as asperrimas censuras de Nathan, e a morte d'aquelle filho que nascêra a Bethsabee; e bastavam os incestos e fraticidios da casa de David. — Mas para punir o peccado do rei, era necessaria a rebellião para o desthronar, e não qualquer rebellião senão a que tivesse por autor o proprio Absalão, o filho querido de David. — E já que David não perde o throno, perca ao menos a Absalão, a quem desejára salvar, a preço da propria corôa.

Recordámos dois grandes e temerosos exemplos do que deve esperar, a traição, ou refohada nas dobras do manto real, ou escondida nas prégas de uma tunica pleblêa. — Vimos Judas, trahindo e pagando. Vimos a David atraçoando e padecendo. — Cada um segundo a medida do seu peccado, e proporcionada a pena á infinita distancia que separa o trahir a Jesu Christo do trahir a um capitão israelita.

Acabemos pois de nos convencer de que ha mesmo na terra e na vida temporal exemplar punição para os traidores. — E supposto que não houvesse no codigo penal da Providencia nenhuma expiação para tão nefando peccado, ainda restaria o remorso para roer e corroer a consciencia do traidor; ainda restaria a execração publica para tornar-lhe ainda mais pesados e incomportaveis os infames grillhões do seu peccado. — A Judas ninguem lhe pediu contas da traição. Mas acudiu elle a pedil-as a si mesmo. — Desde o momento em que trahiu a seu divino Mestre, nunca mais pôde achar repouso e quietação. O preço do sangue queimava-lhe as mãos; o fogo do peccado incendia-lhe em chammas ardentissimas a consciencia. Pequei, dizia Judas. Eis ahí o peso do peccado. Não quero, ó phariseus, o vosso dinheiro. Eis ahí o peso dos trinta dinheiros. — Contemplae agora David. Vêde-o jornadeando humilhado e triste pelos campos. — Vêde-o affrontado e apedrejado pelos que lhe saem ao encontro, lançando-lhe em rosto a fealdade de sua traição. — E dizei agora se Bethsabee para David, e os trinta dinheiros para o apostolo infiel, valeram a pena de tantos remorsos e tribulações.

Ha na terra uns Davids, a que Deus prospêra e accrescenta com mão liberal e generosa, e que não se julgam de todo o ponto felizes sem tomarem Betsabee. — Ha uns Judas inquietos e sacrilegos, a quem não bastam as maiores honras e dignidades, porque os está perpetuamente atiçando o amor de sordidas ganancias, para que espesinhem a lealdade, a fé, a caridade em busca de mais algum ouro ou prata, ou riquezas e thesouros tão enganosos como o peccado, tão fugitivos como o mundo, tão impuros como a carne, tão perfidos como o demonio.

Todos os traidores maculam a alma a troco de que preço? Todos paccionam com Satanaz fazendo-lhe escriptura em que arriscam a sua salvação, para alcançar o que? — O avarento para conseguir mais um pouco de metal, com que fábrica as proprias cadêas, que o hãode atar ao cepo do demonio. — O sensual para contar triumphos sobre a fragilidade ou indecoro de uma mulher, cuja formosura terá em mais ou menos annos por ironia do seu imperio as rugas da annosidade ou a hediondez de uma caveira. — O ambicioso por pompear na côrte dos principes e obter o triste privilegio de dobrar o joelho, antes de ninguem, junto de um throno que são quatro pranchas carunchosas, cobertas com uma tela de brocado. — O soberbo por vingar uma offensa, mil vezes imaginaria. — E por uma vaidade louca, por um capricho pueril, por alguns vilissimos lucros, por algum torpissimo appetite, afeia o peccador a alma com a traição, faltando á fé ao parente, ao amigo, ao conhecido, ao visinho, ao forasteiro, pagando a confiança com a deslealdade, e trocando o seguro da hospitalidade christã

pelas armadilhas da hypocrisia, da perfidia, e da traição.

CAPITULO XI

Pungentes gritos do remorso na consciencia do traidor. — Amarguras em que vive sepultado por seu peccado

Quando nos saltê o pensamento, embora ainda remoto, da minima traição, ponhamos os olhos nos exemplos em que Deus nos assignalou as consequencias infalliveis do nosso peccado. — Pois se havemos de dizer com Judas... Pequei; façamos antes firmissimo propósito de não peccar. — Pois se havemos padecer os trabalhos de David, fujamos cautelosamente de Betsabee. — Pois se havemos de deitar fóra os trinta dinheiros de Judas, não tomemos o trabalho nem commettamos o peccado de os ganhar no infamissimo trafico da traição. — Pois não é melhor ser obscuro, pobre, humilde, despresado do mundo e dos homens, do que ser havido entre elles em grande conta e dar alegria a satanaz? — Se para cevar carnalidades heide cubiçar as Betsabees alheias, não é melhor que refreie a tempo os rebates impetuozos de paixões crimosissimas?

Se para ser poderoso e magnate, heide mentir, e perjurar e trahir, não me vae melhor veste ainda que seja rota, do que a mais esplendida chlamyde imperial, onde o ouro e as pedrarias escondem as maculas do sangue? — Se para ser opulento heide entregar o inimigo, heide enganar o irmão, heide trahir o peregrino, não me é mais grata a pobreza de uma choça do que a magnificencia de uns paços sumptuosos, sob cujas arcarias vaguêem como espectros os re-

morsos dos peccados que delineeí e commetti? — Oh! como não hade ser afflictivo e cruelissimo o tormento, que a alma padece no remorso ou na lembrança de haver commettido traição ou deslealdade? — Comó hãode ser turbados pela sombra do peccado os dias mais bonançosos do peccador? — Como a consciencia armada do seu latego implacavel estará sempre flagellando o homem que foi réo de perfidia e de traição! Como os dias lhe hãode correr sombrios, as noites pesadas e medonhas!

Pois, dirá comsigo o traidor arrependido, ou lh'o exprobrará severamente a consciencia que não desampara os mais endurecidos e desnaturados corações; pois ao proximo, ao amigo, ao servidor que em mim fez inteira e sincera confiança, respondi com sorrisos enganosos, com agasalhos fementidos, com osculos sacrilegos, com amplexos traiçoeiros, em quanto urdia a cilada, em que lhe havia de saltar a honra, a fazenda, a propria vida, para meu accrescentamento e prosperidade! — E posso eu alegrar-me com estes augmentos e grandezas, que alcancei com o vilissimo instrumento da traição! — A quem me confiou á puridade o seu segredo, respondi com divulgal-o, ou o que ainda é peor, delatando-o, para que d'ahi lhe viesse gravissimo damno, tantas vezes irreparavel. — A quem fiou de mim a sua honra, correspondi com a traição, em que lh'a offendi e roubei infamemente! — A quem me votou dedicação e amizade, paguei não com a moeda falsa da ingratição, que tão amplo curso tem no mundo, mas com o veneno da traição! — E espero por ventura ser feliz, depois de haver buscado a felicidade em tão ruins principios? — Fundei em terra salgada

e maldita, e será para estranhar que não logre fortuna este edificio que tem por alicerces a traição?

---

CAPITULO XII

A practica das virtudes e a tranquillidade da consciencia são bens infinitamente melhores e maiores, que os interesses que do peccado podem provir. — O homem é pó

Por grandes e avantajadas que sejam as mercês com que pareça embalar-nos a fortuna a troco do peccado, quanto não é mais invejavel, mesmo na terra, a paz e a felicidade singeia e innocente, com que Deus nos galardôa, quando cumprimos a sua lei e evitamos o peccado! — Que sceptro ou que magestade, maculada com a traição, se póde comparar a esta dourada obscuridade em que vive, ignota para o mundo conhecida e favorecida de Deus, a consciencia do justo! — Oh! se os que teem a alma sempre affogueada pela chamma das ambições terrenas, dos desejos impuros, dos peccados e abominações, commettidas para lisongear a carne podessem imaginar o que é ter um homem a consciencia limpa, a dizer-lhe em voz affectuosa que não tema nem os infortunios, nem as calamidades, nem as afrontas, nem os doestos d'este mundo, com tanto que busque seguir os caminhos do Senhor! — Se elles soubessem que thesouro é a pobreza dourada pela vida exemplar! Que joia a mansidão! Que inapreciavel mina a caridade! Que bemaventurança o amor de Deus e a observancia dos seus preceitos!

Ora dizei, mesquinhos peccadores, que fructo vos saso-  
nam os vossos peccados? — Que alegrias verdadeiras achaes

nas vossas iniquidades? — Que luz vos está coando a vossa malicia atravez da alma, quando peccaes? — Não vedes que isso que vos parece luz e resplendor de jubilo e felicidade, não é luz, mas labaredas que o demonio vos está sopeando? — Não vêdes que todas as venturas do mundo são como vistas phantasticas e vanissimas que o demonio vos amostra, a troco da vossa alma, que é o preço usurario da vossa admissão a este miseravel espectáculo? — Parece-vos que com o peccado grangeaes todas as grandezas, todos os bens, todas as satisfações a que podem aspirar a alma, os sentidos e as vaidades humanas, e achaes que por tão facil sacrificio, qual é o de peccar, compraes a vossa bemaventurança n'este mundo?

Oh! desgraçados peccadores! Que grandeza, que ventura, que opulencia, que magestade ha n'este mundo, que não se haja de esvaecer tão breve como as formas caprichosas da branca nuvensinha, com que brincam ao crepusculo as brisas vespertinas? — A grandeza vem a parar no limitado de um sepulchro, a opulencia na miseria de uma ossada, a purpura na humildade da mortalha, a ventura da terra n'um punhado de cinza, ultimas reliquias de todas as venturas, grandezas, opulencias e magestades d'este mundo.

E para que vos obstinaes em peccar? Para dar perpetuidade a esta cinza, para dourar este pó humillimo, para cevar esta carne miseravel, para cortejar este mundo de abominações, para entrar finalmente no sequito de satanaz! — Trahistes, para crescer, para prosperar, para vencer, para vos alteardes ás maximas honras e dignidades, ou para dar

o seu pasto de sensualidade ao dragão faminto da carne e do peccado ! — Pois sabeis que trahistes e peccastes para torcer o caminho da vossa vida ; mas por mais que o entorteis, lá irá a parar na terra, na cinza e no pó. — E se por mais desvios e atalhos que seguísseis, por este ou aquelle rumo sempre o fragil baixel da vossa vida iria a dar no ultimo e inevitavel naufragio, não lucrareis mais em chegar ao tumulo, com a consciencia limpa, do que alcançá-lo vendo já d'alli a sinistra perspectiva do inferno ?

---

CAPITULO XIII

Quem cumpre a lei de Deus, ainda que viva na pobreza, é já sobre a terra muito mais feliz, que o rico ou o poderoso que vive no peccado. — A bemaventurança eterna é sómente para os servos de Deus

Qual vos fôra melhor ter o sepulcro como por pousada de peregrino que á noite descança de suas fadigas, para seguir ao amanhecer a estrada real da bemaventurança ; ou encontral-o por carcere como malfeitor, para d'alli ser levado ao patibulo da eterna perdição ? — Havei pois por melhor teor de vida, a virtude que o peccado. Reparae em que a existencia, que julgaes tornar mais risonha com a iniquidade das vossas culpas é caduca e mortal, em quanto é permanente e eterna a vida futura, que será feliz ou desgraçada segundo a medida de vossas obras. — Quereis ter na terra o prologo e como que o peristylo do céu ? Quereis viver com Deus cá n'este mundo, antever alguns raios da luz celestial, antegostar as alegrias da bemaventurança, sêde justos e piedosos, amae a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a vós mesmos ; por que n'isto se resume toda

a lei e os prophetas, como o diz o evangelho; e na observancia d'estes preceitos se cifra a paz e felicidade interior, unica verdadeira que o homem póde gosar na terra.

O justo tem na sua alma e na sua consciencia simultaneamente templo de Deus, e paraizo terreal da propria felicidade. — Se a alma é templo de Deus, cuidae em que seja tersa, immaculada, pura, adornada de todas as galas e pompas tão pouco dispendiosas quaes são as do amor de Deus, da fé e boas obras. — E se a alma tem de ser tambem o vosso paraizo, em vez das sombras do peccado, dourae-a com os reflexos da virtude, exornae-a com as flôres das boas obras, extirpae as plantas ruins, que são as tentações e os peccados, desterrae as tempestades dos maus pensamentos e das más acções, para que na vossa atmosphaera espiritual reinem apenas as brisas consoladoras da boa e repousada consciencia.

Que importa que sejaes humilde e obscuro? — Que throno da terra poderá valer o throno que para vós tendes levantado na vossa propria alma? — Que importa que sejaes pobre? Que riquezas podem luzir seductoras aos olhos de quem tem por maximo de seus thesouros a santa paz espiritual? — Que importa que vos provem e açoutem as calamidades terrestres, se vós como o navegante batido das tormentas, á vista do porto de salvamento, sabeis que apezar das borrascas, ireis ancorar no vosso suspirado surgidouro? — Que importa que vos desconheçam ou maltratem os homens, se vós tendes a vossa consciencia a applaudir-vos, e Deus a coroar-vos por sua mão como triumphadores após a grande batalha da vida terreal?

Quereis pois honrar ao mesmo tempo a Deus, fazer jus ao eterno premio, vingar-vos do demonio, e fazer negação ao mundo, que vos persegue e attribula? — Sêde virtuosos, sêde christãos; mas christãos verdadeiros, christãos na fé, nas obras, no espirito de caridade e de humildade e de doçura, e de paciencia e de abnegação e de fortaleza nos trabalhos e adversidades. — Porque assim conseguireis que em vós se realise o que o Senhor prometteo... *Bemaventurados os puros de coração, porque hãode ver a Deus.*

---

#### ARTIGO IV

Da traição permanente do povo hebreu contra o Senhor

---

#### CAPITULO I

A traição é ainda peccado mais abominavel, sendo acompanhada de ingratição.—O povo hebreu era o eleito do Senhor: e Deus o tirou do poder de Pharaó, e lhe fez passar o mar vermelho sob a direcção de Moysés.

Se a traição é abominavel em todos os casos, em nenhum é peccado tão enorme, como quando é aggravada pelo desconhecimento dos beneficios recebidos e pela ingratição contra os nossos bemfeitores. — Trahir o que nos não offendeu, mas tão pouco nos fez hem, já é de si feiissimo peccado. — O que será porém, quando a traição é a moeda vil com que retribuimos um favor, e as graças com que celebramos uma fineza? — E que será quando os favores,

que pagamos com a traição, são favores de Deus e obsequios da Providencia; quando nos levantamos contra o nosso Creador, e trahimos os nossos deveres para com elle?

D'esta ingrattissima traição temos lastimoso exemplo n'aquelle povo que o Senhor elegeu d'entre todos os da terra para instituir em seu proveito o morgado da sua graça, e o tornar predilecto da sua infinita benignidade. — N'aquelle povo rebelde e desagradecido temos depois tambem eloquente documento, de quão depressa se volve a clemencia em justiça, a graça em desagrado, em ira a misericordia do Senhor, e se trocam em castigos, tribulações e calamidades os bens que Deus liberalisa com mão larga, e lhe pagam os homens com sua idolatria, com suas blasphemias, com suas abominações, e com suas iniquidades. — O povo que devêra ter sido e ser ainda hoje o mais feliz da terra, é sem duvida o povo hebreu. Ao contar as graças e favores com que o Senhor o distinguiu, devêra ser o mais aventurado. — Ao ponderar as maldades, com que respondeu aos desvelos de Deus, facil é adivinhar que deveria expiar com rigorosas punições a sua desobediencia, traição e rebeldia.

Esmerou-se Deus em tornar o povo hebreu o primeiro entre todas as gentes. — Empenhou-se aquelle povo em ser, entre todas as nações, o mais odioso aos olhos de Deus. — O Senhor a cobrir de bençãos aquelle povo; e elle a deslustrar com peccados a sua gloria. — Envia o Senhor advertencias, ameaças, prophcias, correccões com que abra os olhos d'aquella gente e a veja volver sobre seus passos, para a restituir ao seu favor. Suscita-lhe provações, mas

acode-lhe com os remedios da sua misericordia. — E quanto mais se desentranha a divina clemencia em actos de amor pelo povo escolhido, mais elle se vae obstinando em seus erros e peccados, até que exauridos os thesouros da indulgencia divina, vibra a espada para ferir o ultimo golpe contra a casa de David. — E os judeus, avassallado o seu reino, destruida a sua cidade, dispersos pela terra, proscriptos, affrontados, perseguidos, não tem patria, nem lar, nem templo, nem republica, nem titulo e existencia de nação. — Tristes e lastimosas reliquias de um povo, que Deus beneficiou, e que Deus por justissima pena de seus peccados condemnou a exilio perpetuo, á peregrinação entre alheias gentes, á ignominia e aos baldões. — Para que a par d'aquelle painel onde o Senhor se comprazeu em debuxar os mais extremosos primores da sua benignidade, vejamos tambem o quadro temeroso do que é a justiça de Deus, quando o peccado excedendo os ultimos excessos, faz trasbordar o vaso da sua divina misericordia. — Era o povo de Israel o primogenito para os favores de Deus. Será depois aquelle sobre cuja cabeça se hão de descarregar as cóleras do Senhor.

Lancemos os olhos para a historia do povo hebreu desde os seus primeiros tempos, e aprendamos nas suas paginas quão infinitamente generosa é a bondade divina, e quão obstinada e impenitente a maldade de Israel. — Na vocação de Abrahão, elegeu o Senhor aquelle patriarcha para ser tronco e origem de um povo com que Deus tinha destinado repartir os seus mais mimosos favores. — E pelo experimentar na sua obediencia aos divinos mandados, impoz-lhe

o mais doloroso sacrificio em que um pae extremosissimo pôde mostrar a sua submissão ao Omnipotente. — Disse o Senhor a Abrahão pela voz do anjo... *Pela acção que fizeste em obsequio da minha vontade, dispondo-te a sacrificar-me teu proprio filho, e não valendo em teu animo para lhe perdoar o ser elle o teu unigenito, eu te abençoó, e multiplicarei a tua descendencia como as estrellas do céo, e as aréas que estão nas praias do mar ; e os teus descendentes possuirão as portas dos seus inimigos.* — Levado o póvo hebreu ou israelita á terra do Egypto, onde Joseph vira largamente compensada a perfidia de seus irmãos com as honras e mercês de Pharaó, foi tranquilla a sua vida, em quanto vivia Joseph, que com sua grandeza e auctoridade lhe servia de fiador. — Morto porém o santo patriarcha e levantado um novo rei ao solio do Egypto, começaram, com a prodigiosa multiplicação dos israelitas, as suspeitas e os temores de que este povo viesse algum dia a ser dominador na terra que lhe deu hospitalidade. — Odiavam pois os egypcios aos filhos de Israel, e affligiam-n'os ora com seus enganos e ciladas, ora dando-lhes trabalhos mais asperos do que comportavam a homens livres.

Ordena o rei que sejam mortos todos os filhos varões, que as mulheres de Israel dêsem á luz. E guarda-lhes Deus a vida contra as cruéis determinações de Pharaó. — É necessario que d'entre a gente israelita surja um homem predestinado a guiar o povo de Deus, na sua saída do Egypto e o conduza atravez do deserto até á terra da promissão. — Este homem é Moysés, a quem Deus por meio da filha de Pharaó salva da morte, por estar decretada a todos os

filhos varões, que nascessem da raça de Israel. — Foge Moysés do Egypto para frustrar a ira de Pharaó que o buscava e perseguia, e vae estabelecer-se na terra de Madian. — Chegam finalmente os clamores e queixumes de Israel até ao throno do Senhor, o qual lembrando-se da alliança que pactuára com Abrahão, Isaac e Jacob, se dignou de pôr n'elles os olhos de sua divina misericordia. — Andava Moysés em Madian pascendo as ovelhas de Jethro, cuja filha Sephora tomára por mulher. — Aparece-lhe o Senhor na çarça ardente e mostrando-lhe com tres prodigios ou milagres a sua omnipotencia, ordena-lhe que volva ao Egypto para que d'alli conduza os filhos de Israel á terra da promissão. Aparece Moysés na presença de Pharaó a supplicar-lhe, que deixe sair os hebreus do seu territorio. — Resiste o poderoso rei ás instancias de Moysés; mas o Senhor pune a obstinação de Pharaó, mandando successivamente contra o Egypto as dez pragas, que devastavam lastimosamente aquella terra. Á ultima, que foi o exterminio de todos os primogenitos do seu povo. cedeu o monarcha antes aos manifestos signaes da cólera divina do que ás petições dos israelitas. — Saida porém da terra do Egypto o povo de Israel, foi-lhe Pharaó no alcance com grande cópia de soldados, com o intento de os destruir com o poder de seu exercito. — Chegado que foi Pharaó ás praias do mar vermelho, fez o Senbor um dos mais espantosos milagres, abrindo as aguas do mar, para que os israelitas passassem a pé enxuto, em quanto os egypcios foram submersos pelas agoas, juntamente com os seus cavalloes e carros de guerra.

CAPITULO II

Murmuração do povo hebreu no deserto contra Moysés.—Benefícios que recebe de Deus.—Revolta-se, e presta culto a um idolo.—Castigo que soffre por mão de Moysés.—Faz penitencia; e o Senhor a rogo do seu chefe perdôa a este ruim povo.

Entrados os israelitas no deserto, esqueceram bem depressa as singulares finezas e generosos benefícios, com que o Senhor os distinguira, e só se lembraram das necessidades que padeciam.—Levantaram-se contra Moysés e Aarão, como que tornando-os responsaveis pelos males que experimentavam.—Era grande a murmuração entre os hebreus, os quaes diziam quasi abertamente revoltados... Melhor nos fôra ter perecido ás mãos do Senhor nas terras do Egypto, quando tínhamos boas olhas, e comiamos o nosso pão em abundancia. Para que nos conduzistes vós a este deserto para que n'elle hajamos de morrer todos de fome? —A esta rebelde impaciencia do povo israelita responde o Senhor multiplicando os dons e encarecendo os seus milagres. Chove o manná copioso no deserto. E o povo rebelde só acredita no divino poder quando lhe põem a mesa n'aquellas solidões.—Mal apasiguado o descontentamento d'aquelle povo, eis que ao acamparem em Rasphidim lhes falta a agua com que so dessadentarem após a sua jornada.—E logo aquelle povo indocil levanta queixas contra Moysés, dizendo-lhe com arrogancia... Dá-nos agua que bebamos. Era estranha a petição e desarrazoada a instancia! Pois se os hebreus não achavam agua, como poderia descobri-la Moysés? Porém elle responde ás murmurações do seu povo dizendo... Por que me abjurgaes a mim? Como ousaes tentar o Senhor?

Apesar de que a descrença e rebeldia dos israelitas não merecia os favores de Deus, quiz o Senhor dar-lhes agua que bebessem no deserto, fazendo que ella brotasse do rochedo, tocado pela vara de Moysés. Não sômente Deus provê ás necessidades dos israelitas no deserto, senão tambem lhes dá victoria contra seus inimigos. — Com o auxilio divino vencem aos Amalecitas, aos Chananeos e aos Amorreos. — Mas o maior signal com que o Senhor confirmou a eleição que dos israelitas havia feito para serem o seu povo, foi sem duvida o ser Deus o seu proprio legislador. — Aparece o Senhor a Moysés e dá-lhe nas taboas da lei os preceitos, porque deviam ajustar a sua vida. — E se Deus lhes déra primeiro o manná e a agua do deserto, com que acudissem a suas necessidades temporaes, agora lhes dava no Sinai o manná sacrosancto da sua doutrina, que lhe havia de ser nutrimento espiritual. — Vejamos agora como aquelle povo ingrato responde ás mercês do Senhor, e como retribue a nóva alliança, que Deus com elle celebrára por intermedio de Moysés.

Andava Moysés ausente do seu povo, porque estava no monte com o Senhor, o qual lhe dictava seus preceitos nas coisas concernentes ao seu culto, segundo a antiga lei. Durou quarenta dias a ausencia de Moysés. — Vendo porém o povo Israelita que o seu chefe não voltava, e perdida a confiança e fê em Deus, que tantas mostras lhe havia dado de sua providencia e misericordia, vae ter com Aarão e dirige-lhe a mais irracional e sacrilega petição de quantas ainda se lembrára de fazer. — Levanta-te, diz a Aarão aquelle povo de insensatos, e fabrica-nos uns deuses, que nos guiem no

deserto. Porque Moysés, aquelle homem que nos conduziu desde o Egypto, desapareceu d'entre nós outros, e não sabemos o que lhe terá acontecido. Prescreve Aarão aos Israelitas, que lhe tragam os brincos e arrecadas de suas filhas e mulheres. E executando-o elles fielmente, fabricou Aarão com aquelle metal precioso um bezerro, e os Israelitas começaram de clamar... Eis-ahi, ó Israel, os teus deuses que te conduziram desde o Egypto. — Póde haver maior loucura e mais atroz ingratição da parte dos hebreus? O Senhor lhes havia assistido no deserto, e os guiava de noite e de dia, velando porque lhes não faltasse o de que careciam para levar a bom termo a sua diuturna peregrinação.

Estão a cada passo manifestos os signaes da providencia e bondade divina em favor dos israelitas, e a maneira com que elles retribuem e agradecem os beneficios do Senhor, é pedindo a Aarão que lhes faça deuses falsos, que lhes fabrique idolos, e que postos sobre o altar os adorem ao mesmo tempo insensatos e sacrilegos. — Que muito pois que a ira do Senhor se desencadeasse sobre este povo, tantas vezes rebelde contra Deus, quantas por elle favorecido. — Vejo, diz o Senhor a Moysés, que este povo tem a cerviz indomita e o coração endurecido. Deixa, que eu solte contra elle a minha justa indignação e os destrúa. — Era Deus o bemfeitor, Moysés o intercessor incançavel do povo escolhido. — E tão feia, intractavel e obstinada era a dureza dos israelitas, que ao Senhor desacatam, adorando em lugar d'elle um deus ficticio, absurdo, fabricado de arrecadas e dices femjnis; e a Moysés desagradecem, tendo prompto

sempre o esquecimento dos beneficios, e viva a reprehensão pelos menores contratempos que lhes aconteçam no deserto !

Desce Moysés do monte, trazendo na sua mão as taboas do testemunho, nas quaes estava gravada a propria escripta de Deus. Chega aos arraiaes dos israelitas. Ouve os cantos de jubilo, com que aquelles idolatras estão honrando e glorificando o seu bezerro, pondo n'elle maiores esperanças do que no verdadeiro Deus, que lhes tem acudido sempre em suas tribulações e necessidades. — Arroja Moysés as taboas da lei, e as faz em pedaços contra a raiz do monte. Arrebata o vitello de ouro, lança-o no fogo, e esmigalha-o, e o reduz a cinzas, e deitando-as na agua faz uma poção de que dá a beber aos filhos de Israel. — Era tão atroz o attentado commettido pelos israelitas, que apezar da intercessão de Moysés, não pôde a justiça divina ceder inteiramente á divina misericordia. E quasi vinte e tres mil homens caíram n'aquelle dia immolados pelo ferro dos filhos de Levi. — Efeito este exemplo, severo, mas ainda não egual á fealdade do sacrilegio, vae Moysés buscar o Senhor para que se amercêe do seu povo, e lhe perdôe as suas abominações. Commettestes, diz Moysés ao povo de Israel, o maior, o mais feio de todos os peccados. Mas apezar d'isso, eu subirei até o Senhor e verei se posso fazer valer a minha intercessão para que Deus vos indulte por tão execrando attentado. — Admitte o Senhor o valimento do seu servo Moysés em favor de um povo, que tanto fizera por suas ingratições, rebeldias e sacrilegios por merecer o ultimo castigo. — E serenada a tempestade que a justissima colera de Deus ti-

nha suscitado sobre as cabeças de Israel, chora aquelle povo o seu peccado, e toma signaes de luto e expiação de suas enormidades.

—  
CAPITULO III

Narração dos beneficios que Deus fez ao povo hebreu, como seu povo escolhido. — Sua ingratitude, perfidia e idolatria

Volta Moysés a ouvir as palavras do Senhor, que lhe dá novamente no alto do Sinai as taboas da lei, para substituirem as que havia quebrado. E dicta-lhe o Senhor os preceitos porque havia de governar-se o povo eleito e a que se haviam de accommodar as coisas do culto divino. — Permanece Moysés em o Senhor quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão nem beber agua, e escreveu n'aquelle tempo nas taboas da lei as palavras da alliança do Senhor com o povo de Israel. — Eis-ahi summariados os beneficios de que Deus fez mercê aos israelitas, e eis-ahi tambem declarada a maneira porque os judeus agradeceram tamanhas finezas do amor divino. — Estava o povo judeu no Egypto, oppresso pela tyrannia dos Pharaós. Suscita Deus o seu servidor Moysés para que os arranque d'aquelle captiveiro. — Oppõe-se Pharaó, cujo coração endurecido não tinha logar para a piedade nem ao menos para a justiça. Obriga o Senhor a Pharaó com os dez pragas do Egyto a que deixe sair de suas terras os então malaventurados israelitas. — Guia Moysés aos judeus pelo deserto, e ainda bem não é acontecida a primeira contrariedade na jornada, já os impacientes e desagradecidos filhos de Israel se desatam em murmurações e em queixas insoffridas contra o seu chefe, como que increpando-o de os haver ido buscar

ás abundancias da terra povoada para os levar ás fomes e sêdes do deserto. — Defere o Senhor ás instancias de Moysés, que sem o divino adjutorio não poderia remediar as precisões do povo descontente. Chove o manná. Brota copiosa a fonte em pedra viva. Reina a fartura em Israel. — Mas este povo judeu, que primeiro se levantára contra Moysés, porque padecia fome e sêde, apenas as teve saciadas, se levanta contra Deus, esquecendo os recentes beneficios e renegando o seu nome e a sua fê. — Vejam se pôde haver sobre desaforada ingratição, maior loucura.

Teem os judeus a um Senhor misericordioso que os elege por seu povo dilecto, e a quem mostra por incessantes e amorosos signaes a sua providencia e a sua graça. — Pois estes corações empedernidos, estes homens arrogantes, que teem a cerviz dura para a curvarem reverentes perante Deus, desacatam ao verdadeiro Deus, que os mantêm e os guia no deserto e os vae encaminhando á terra da promissão, e pedem a Aarão que lhes falsifique deuses de metal, para que sejam os seus chefes e conductores na peregrinação que levam começada. — Vio-se jámais exemplo de maior e mais abominavel iniquidade? Viu-se mais execravel documento de ingratição? Viu-se alguma vez traição mais nefanda contra Deus, que por tantas provas de clemencia se revelára ao rebelde povo hebreu? — Que os homens embrutecidos na escuridão espirital da vida selvagem, ou os que vivendo em estado culto não tiveram jámais divina revelação, não sómente adorem e tomem por suas divindades ao sol, e aos planetas, as arvores, e ainda as mais asquerosas ou abjectas sevandijas, e affeiçoem na pedra, no metal ou

na madeira a effigie informe dos seus deuses fabulados, e crendo render culto e homenagem ao Creador, esculpam estatuas e levantem arás e templos a satanaz, bem se póde comprehender, ainda que nunca perdoar. — Mas que seja o proprio povo de Deus, o que negue a Deus! Que seja o povo de Deus, o que o esqueça vivo e omnipotente, para pedir aos sacerdotes que lhe fabriquem um deus falso, ou antes um demonio verdadeiro em figura de bezerro! Abominação é de certo aquella, que parece não dever esperar misericordia nem perdão aos olhos do Senhor, justamente irritado contra a idolatria do seu povo!

Que aquelles que não conhecem Deus, inventem e fabriquem um idolo para lhe render seu culto e hyperdulia, bem se póde entender sem grande difficuldade. Mas negar a Deus, e adorar um bezerro! — Trahir o Senhor que tira os judeus do Egypto e lhes dá o manná, e faz jorrar agua no deserto, e corôa com a victoria as armas dos judeus: trahir a Deus, que é providente e misericordioso, e adorar um vitello de ouro que é inerte, insensivel e surdissimo a todas as calamidades e clamores dos judeus! — Oh! Estupidez da maldade! Ó insania do peccado! Ó credulidade estolida, que não acredita no Deus que vos liberalisa graças, e crês no bezerro, que só sabe despojar-vos do vosso ouro! — Atraiçoar aos homens, feio peccado! Atraiçoar a Deus, peccado que nem tem nome, tal e tão nefanda é semelhante abominação! — Pois os judeus atrevem-se a ser traidores ao proprio Deus, que os tirára do poder e oppressão de Pharaó, que contra este rei e seus estados despedira nas dez pragas do Egypto os dardos da sua ira; que conduzira

os judeus em sua larga peregrinação; que lhesdér a milagrosas virtualhas no deserto, e que chamára Moysés para lhes assignar nas taboas da lei o pacto e alliança do Senhor com o seu povo !

Em quanto Moysés está presente, e está visivel a sua intercessão para com Deos em favor do povo judeu, sempre esta gente desagradecida e desleal vae contendo e soffrendo os seus impetos de infidelidade e rebeldia, por que ainda vivo e recente é o sabor delicioso do manná, e aos mais opilados corações e ás boccas mais maledicas é custoso renegar a mão que lhes dá com abastança o alimento. — Mas apenas Moysés volta costas para subir ao alto da montanha a entrar em colloquios com o Senhor, já os perfidos judeus esquecem os favores do seu Deos e os bons officios do seu chefe. — Ausente Moysés, está Deos não só ausente, mas o seu nome obliterado na memoria d'aquella gente maliciosa. — Quando não chove manná, nem brota a agua do rochedo, não ha Deos para os Israelitas, e quando a vara de Moysés não apparece para operar prodigios, é como se Deos não existira, nem a sua Providencia olhára pelo povo de Israel. — Fazei-nos pois uns deoses, que nos precedam e guiem no deserto. — Fazei-nos um bezerro, que nós adoremos, e que oiça nossas deprecações e nos acuda em nossas necessidades. — Tinhamos um Deos que nos escolheu por seu povo dilecto. Pois preferimos adorar um idolo, um quadrupede, um bezerro figurado. — Fabricae-nos um deos, porque gente que atraiçoa o Deos verdadeiro, só quer reverenciar um deos da sua feição. A nossa religião é o interesse, o egoismo, o lucro sordido. Que melhor deos para esta religião do que um bezerro d'oiro ?

Os judeus tinham até alli um Deos misericordioso, que os vigiava do alto do ceo. Um Deos que está acima do seu povo, não pode conter os insoffridos. Queremos deoses que vão adiante de nós, caminhando connosco no mesmo plano. — Foi este o empenho dos judeus de Moysés, é o dos judeus de todos os tempos, e é-o tambem infelizmente de innumerous christãos da nossa e das preteritas edades. — Deoses que vão adiante de nós, deoses de oiro, e deoses em forma de vitello, são as nossas paixões, os nossos interesses, os nossos receios, as nossas peccaminosas inclinações. — Estes deoses que vão adiante, como famulos, que nos abrem e allumiam o caminho são os deosès que nos convem. — Um Deos que vê desde o alto ceo, e prescruta de cima as mais intimas anfractuosidades do nosso coração, é um Deos que não condiz com a desenvoltura do peccado. — A nós os peccadores, que todos os dias fabricamos vitellos aureos, amoldam-se os deoses que vão adiante de nós; deoses que como os do paganismo, tenham por officio presidir a cada uma de nossas abominações e sensualidades; deoses que não pedem contas, nem infligem castigos, nem tem a espada exterminadora impendente sobre as nossas cabeças, quando nos veem obstinados e contumazes no peccado. — Deoses que vão adiante de nós são a gula, a soberba, a inveja, a avareza, a volupia, a preguiça, a ira, a mentira, a murmuração, a calumnia, a hypocrisia e a traição. E estes deoses são de ouro, por que é o ouro o mobil principal de todos os peccados do seculo, e o instrumento com que se facilita a perdição de nossas almas.

É singular a razão que os judeus allegam a Aarão para

que lhes fabrique o idolo. Vêde se nos fazeis uns deoses de encommenda, que caminhem adiante de nós. E a razão de nossa necessidade é por que a Moysés, a este homem que nos guia desde a nossa sahida do Egypto, não sabemos o que lhe acontece. Pois que Moysés nos deixou, venham uns deoses novos para o substituir. — E é digno de reparo, que Aarão, em vez de lhes exprobrar com termos de indignação tão insana idolatria, lhes manda que tragam o ouro, de que se hade fabricar o idolo. — Diz a sagrada pagina, que o ouro escolhido para o bezerro foi o das arrecadas que adornavam as orelhas das mulheres dos filhos e das filhas dos israelitas. — E parece singular que o bezerro de ouro, que hia tornar o povo israelita surdo aos preceitos, aos favores e aos prodigios do Senhor, fosse tirado das orelhas d'aquella gente infidelissima; e que das orelhas d'aquelle ingrato povo nascesse o idolo e a idolatria, contra a qual sahiria vencedora a justiça divina luctando com a sua misericordia. — Vêde que deos tão proprio de gente surda do que um idolo que sabe das orelhas! — Vêde que deos mais accommodado a povo tão leviano do que um deos, que antes de ser bezerro, foi brincos e arrecadas de mulher!

Oh! Nação desagradecida e obstinada na vossa voluntaria cegueira! — Aparece-vos o Senhor, com o seu terrivel cortejo de nuvens, de trovões, de relampagos. Fumegou o Sinai. Resplandece quasi aos vossos olhos a divina magestade. Ordena-vos pela bocca de Moysés, que nunca sacrifiqueis nem adoreis a deoses estranhos na presença do verdadeiro Deos. *Eu sou*, diz o Senhor, *eu sou o Senhor teu Deos, que te conduzi desde a terra do Egypto e da servidão,*

*em que vivias. Não fabriqueis ídolos de ouro nem de prata para os adorardes.* — E depois de todos estes preceitos, de todas estas manifestações divinas, é então e sem detença que os perfidos judeus ardem no desejo de imitar as idolatrias que haviam presenciado no Egypto; é então que também aspiram a ter no seu bezerro aureo uma representação do boi Apis, reverenciado pelos subditos de Pharaó. — E como a ingratição, a perfidia, a traição e a rebeldia não andam jámais desamparadas da mentira, que é o lictor obrigado d'aquelles nefandos principes do peccado, não se contentaram os israelitas em pedir a Aarão o fabrico do bezerro e a cahir perante elle no crime abominavel de idolatria, senão que soltando seus hymnos e louvores, attribuem a um grosseiro bezerro de ouro o havê-l'os conduzido ao seu exodo. — Estes são, clamavam aquelles não sei se mais estolidos se mais perversos israelitas, estes são os teus deoses, ó Israel, que te conduziram desde a terra do Egypto.

Ó irracionaes israelitas! Ó perfidos judeus! Ó mentirosos! Ó ingratos! Ó blasphemos! Pois esse bezerro vilissimo que ainda agora sabiu do fogo, foi o que vos guiou na vossa peregrinação e vos manteve no deserto com a sua providencia? — Foi elle que obrigou Pharaó a deixar-vos sabir dos seus dominios? Foi elle que lançou contra o Egypto as dez pragas memoraveis? — Foi elle que vos abriu segura e miraculosa passagem nas aguas do mar vermelho, e submergiu a Pharaó com o seu exercito? Foi o bezerro que vos saciou de manná delicioso? Que vos jorrou agua com que vos dessedentasseis, quando vos levantaveis contra Moysés? Que vos deu victoria contra os Amalecitas? Que vos deu o

testemunho da sua alliança no Sinai? Que vos elegeu para seu povo? E que ainda, dissimulando ou remittindo o futuro ás vossas ingratidões e rebeldias vos hade levar á terra promettida, e vos hade levantar a grande esplendor e magestade? — Pois não vêdes que mentis infamemente com attribuir a um bezerro, e a um bezerro de ouro, e a um bezerro insensivel, sahido agora mesmô da fernalha, acções que elle não podia exercitar, por ser bezerro, por ser bezerro sem vida, e por ser bezerro fabricado ha pouco por artificio puramente humano? — Com que então, a Deos que vos deu tudo e que possuis e vos soltou do captiveiro, não lhe daes graças nem lhe rendeis adorações; e ao bezerro agradeceis, por que em vossa obstinada idolatria referis a elle só todos os beneficios com que Deos, sem o merecerdes, vos honrou no Egypto e no deserto!

---

#### CAPITULO IV

Castigos que Deos inflige ao povo hebreu por sua incessante rebeldia. — Obstinação d'este povo impio no peccado

Expiada com a morte de muitos israelitas a sacrilega idolatria dos hebreus, não cessaram estes de suas quasi perpetuas rebeliões contra o Senhor. — Desce sobre elles muitas vezes a espada da divina justiça, mas logo d'elles se amercêa a clemencia de Deos, e n'estas alternativas de arrependimento e de peccado, de castigo e misericordia, se vão passando os tempos até que sôe o temeroso instante, em que já não possa haver remissão para as iniquidades de tão in-

grato povo, e advenha a total ruina e destruição do reino de Israel. — Apesar da maldade dos judeus, não descontinuem os favores de Deus áquelle povo infidelissimo, em quanto não está cogulada a medida das suas torpesas. — O Senhor suscita homens inspirados do seu espirito e fortalecidos pela sua graça, para que salvem o povo hebreu nas suas tribulações e agonias, e o tirem de suas oppressões e captiveiros, e alcancem victoria de seus numerosos inimigos. — Othoniel liberta os israelitas do jugo de Chusan; Aod livra a Israel do poder de Eglon, rei dos Moabitas; Gedeão, quebra as cadeias que ao povo judeu lançaram os Madianitas, em castigo dos peccados commettidos pelos israelitas. — Jephthé governa o povo eleito na guerra em que triumphou contra os Ammonitas. — Sansão emancipa a Israel do captivo em que os tinham posto os Philisteos, para que se cumprisse o castigo do Senhor contra os hebreos, que novamente haviam caído na idolatria.

Acabam os Juizes. — É ungido em Israel o primeiro rei na pessoa de Saul. A Saul succede David; e já vimos como o rei propheta prevaricou incitado pela concupiscencia, e como o Senhor o puniu com durissimas provações. — A David succede Salomão, herdeiro de seu pae ao mesmo tempo no poderio, na gloria, na sabedoria e no peccado. — Ao subir ao throno pede Salomão ao Senhor, humildemente que lhe conceda a sabedoria necessaria para governar aquelle povo innumeravel. — Exemplo digno de que o seguissem e venerassem os reis, em vez de se julgarem, pelo nascimento ou pela fortuna, capazes de reger as nações que o Senhor lhes confiou. — E Deus, porque Salomão só lhe pedira sabedoria,

e não vida larga, nem riquezas, nem victorias contra seus inimigos, não sómente lhe fez mercê da sapiencia, que pedia, senão tambem da gloria e das riquezas que elle não tinha sollicitado. — E fez-lhe Deos todas estas promessas, e lhe augurou dias longos e felizes, comtanto que andasse pelos caminhos do Senhor e guardasse os seus preceitos.

Edifica Salomão o sumptuoso templo de Jerusalem, em cuja fabrica despende quantias enormes, e emprega os mais preciosos materiaes. — E depois de honrar a Deus erigindo-lhe casa digna de Sua Divina Magestade, prevaricou Salomão e cahio n'aquella criminosissima idolatria, tão frequente e tão insita nos judeos, que nem a propria sabedoria do grande rei foi barreira sufficiente para a impedir. — Pelo amor de uma mulher commetteu David traição contra seu servo Urias. — Pelo amor de muitas mulheres practicou Salomão nefandissima traição contra o seu Deus, dobrando o joelho diante dos idolos estranhos, quando a edade provecta a que era chegado, o devia ter mais precavido contra as mulheres, que são os correios e os satellites do demonio na prompta perdição das almas. — Sendo Salomão já velho, conseguiram as mulheres depravar o seu coração para tão enorme peccado, qual era o de adorar a deuses alheios e reverenciados entre as nações da gentilidade, a que pertenciam aquellas mulheres, por serem umas Moabitas, outras Ammonitas, outras Idumeas, aquellas Sidonias, aquelloutras Hetheas. — E chegou a tal extremo o sacrilegio de Salomão, que publicamente rendia culto a Astarthé, torpissima deusa fabulosa dos Sidonios e Pheniceos, e a Moloch, o idolo dos Ammonitas, e a Chamos, o idolo dos Moabitas, levantando-lhe templo mesmo

defronte de Jerusalem, onde antes havia erigido o templo augusto e venerando do verdadeiro Deus!

Eis-ahi vemos como Salomão retribuiu com feia ingratição e escandalosa idolatria os dons que o Senhor lhe fizera, deferindo não sómente á sua petição de ser sabio, mas concedendo-lhe a riqueza e a gloria. — Irou-se justamente Deus contra as iniquidades de Salomão, e disse-lhe que o seu peccado havia de ser punido. — E qual havia de ser este castigo? Havia de ser a divisão do seu reino em dois Estados, o de Israel e o de Judá, separados um do outro logo depois da morte de Salomão. — Porque o Senhor, ainda misericordioso, quando irritado pelas abominações dos peccadores, ainda quíz exercer a sua clemencia, addiando a divisão do reino dos hebreos, para que Salomão não padecesse a amargura de vér com seus proprios olhos a decadencia e a ruina do Estado florescente e poderoso, que com tanta prosperidade regera até então. — Dividirei o teu reino e darei uma parte d'elle a teu servo. Não o farei porém, emquanto fôres vivo, em attenção aos meritos de David, teu pae. — Veja-se agora como Deus desempenhou a sua palavra, e como desde a morte de Salomão se succedem as calamidades e os crimes na casa de David, para que se cumprisse a divina ameaça de que a espada do Senhor desceria sobre a cabeça dos seus descendentes. — Roboam perde o throno por morte de Salomão. — O Estado dos hebreos divide-se em dois reinos. Joroboam governa em Israel. E para que o seu povo não fosse a Jerusalem a assistir ás solemnidades religiosas do templo de Salomão, impoem a idolatria a seus vassallos, e fabricando dois bezerros de ouro, estabelece o culto de

um em Bethel, o de outro em Dan, e lança pregão para que ninguém vá a Jerusalem a adorar o verdadeiro Deus, porque aquelles bezerros, são os deuses que trouxeram e guiaram Israel desde as terras do Egypto.

O Senhor manda executar as penas impostas pela sua justiça, e como flagellos enviados pela colera divina vem sobre Judá e Israel conquistadores que lhe fazem expiar acerbamente as suas repetidas iniquidades e traições contra o Senhor. — Lesai rei do Egypto invade Judá e mette a sacco o proprio templo de Jerusalem. — O reino de Israel, depois que os reis haviam maculado o throno com os exemplos dos uais nefandos crimes, depois das impiedades de Achab e de Jesabel, é invadido finalmente por Salmansar, governando então Oseas, e o conquistador Assyrio assóla o reino de Israel, e as dez tribus que haviam abjurado o culto do verdadeiro Deus, foram levadas a Ninive dispersas entre os pagãos, e condemnadas ao captiveiro donde nunca mais se poderam recobrar. — Sennacherib e Holophernes, que ameaçam em diversos tempos ao reino de Judá, não podem sahir com o seu intento, porque apezar dos grandes peccados do povo judeo, o Senhor se amercêa d'elles, e envia o anjo exterminador contra o exercito de Sennacherib, e a audacia de Judith a punir a arrogancia de Holophernes, general de Nabuchodonosor.

Surgem durante estes tempos os prophetas a reprehenderem os vicios e peccados do povo hebreu, a prégarem a emenda e correccção e a predizerem as grandes tribulações, captiveiros, e ruinas que Deus tem apparelhadas para punir

com ellas a impiedade daquelle povo. — Os peccados crescem, as abominações tocam o seu extremo. — Um novo conquistador, um novo flagello de Deus, estancêa em frente de Jerusalem. — A cidade é tomada por Nabuchodonosor. A Sedecias que então governava em Judá, que foi o seu ultimo rei, são arrancados os olhos. Jerusalem é inteiramente destruida. — Dos seus habitantes uns são mortos á espada pelo vencedor, outros são levados captivos a Babylonia onde permaneceram durante setenta annos, segundo o predisséra Jeremias em suas visões propheticas. — Parecia que o reino de Judá, deshonorado por tantos crimes e peccados, tinha acabado inteiramente, depois de levados os judeos por Nabuchodonosor o aaptiveiro de Babylonia. — Attente-se porém sobre quão inexauriveis são os thesouros da divina misericordia, a qual mesmo apoz as mais nefandas iniquidades dos judeos ainda procura caminhos para os chamar á conversão e lhes conservar a inestimavel prerogativa de povo eleito do Senhor. — É o povo israelita em sua historia, nas suas varias vicissitudes de peccador e de arrependido, e nas diversas alternativas em que sobre elle desceu a clemencia ou a justiça do Altissimo, a imagem perfeita do peccador, a quem a despeito da sua propria impenitencia, o Senhor não quer perder.

Pecca David; deshonra Salomão a sua idade provecta com o peccado da concupiscencia e da idolatria por lisongear as mulheres estranhas a quem amou. — Levantam-se em frente do templo do Deus verdadeiro os templos sacrilegos de Asstarté e de Moloch. Alevantam-se aos ultimos atrevimentos do peccado os corações endurecidos de Achar e Manassés.

—Desembainha o Senhor contra o povo rebelde a espada exterminadora do babilonio, e é o captiveiro a dura expiação de tantos peccados, que tem cogulado a medida da colera divina.— Pois ainda não está secca a fonte copiosa das misericordias celestiaes, e ainda o Senhor quer tentar a penitencia e a conversão d'aquelle povo callejado nos peccados, e rasgar as trevas d'aquelle gente com os raios beneficentissimos da sua luz.—No mesmo anno em que Cyro fundou o imperio dos persas sobre as ruinas das antigas monarchias da Asia, o elegeu o Senhor para que fosse o instrumento providencial, com que se restituísse de novo á sua patria o impenitente povo judeo, guiado por Zorobabel e Josuah.—Por ordem d'aquelle grande rei, foi Jerusalem reedificada e reconstruido o templo, ou antes de novo levantada aquella sumptuosa fabrica, de que não havia já senão ruinas.—Esdras e Nehemias entendem na reformação do povo judeo, e pela sua doutrina e pelo seu exemplo buscam reduzir-o á observancia rigorosa da lei de Moysés.

Já não existe para os Judeos a antiga liberdade e independencia, vivem na patria, adoram a Deus em Jerusalem, ma só pelo favor e benignidade dos reis da Persia, cuja dominação reconhecem, vivendo sujeitos ao satrapa da Persia. — A conquista devia ser daqui em diante a condição do povo judeo. Depois da morte de Alexandre o Grande, e da formação dos reinos, em que se desmembrou a monarchia macedonia, os judeos curvam a serviz sob o jugo de varios dominadores. Ptolomeo 1.º toma Jerusalem e despoja o templo dos seus vasos e alfaias preciosas. Sujeitam-se depois a Antigonos. — Os Ptolomeos e os Seleucidas disputam e alcançam alter-

nativamente a soberania da Judea.—Durante muitos annos o povo hebreo padece os vexames e oppressões do dominio estrangeiro. Antiocho Epiphanes ou o Illustre, rei da Syria, apoderou-se de Jerusalem; opprime os hebreos, forçando-os a adoptarem os usos e costumes da gentilidade grega, e levanta contra si a indignação e a revolta dos israelitas, capitaneados primeiro pelo summo sacerdote Mathatias, e depois pelos ultimos heroes d'aquelle povo, os famigerados Machabeos.—Judas Machabeo renova os triumphos e as glorias de Josué, de Gedeão e de David contra os inimigos do povo de Deus.—Seu irmão Jonathan e mais tarde Simão, seu irmão e successor, continuam ainda as tradições dos Machabeos, e esforçam-se em vão por impedir a ultima ruina do povo hebreo. As luctas intestinas dilaceram aquella nação, que se aproxima da sua extrema e irremediavel perdição. A ambição romana que já avassalava a maior parte da Asia, não poupou as reliquias miserandas do antigo reino de David. Os romanos a principio como protectores e alliados, e depois como senhores, governam a Judea, e as aguias da republica vencedora hasteiam-se em frente do templo de Jerusalem, n'aquelles dias em que Deus envia seu unigenito Filho, a comprar pelo infinito preço de seu sangue a redempção do genero humano.

---

CAPITULO V

Perfidias e traições dos judeus contra Jesu Christo

É a opinião de muitos padres e doutores que Moysés era figura de Jesu Christo, e a lei escripta a figura da lei da

graça.— Assim como Moysés foi suscitado por Deus para tirar o povo de Israel da sujeição e captiveiro do Egypto, assim tambem o divino Redemptor veio á terra para quebrar as cadeias que prendiam não sómente a Israel, mas toda a humanidade ao jugo do peccado, mil vezes mais infecto dominador que os Pharaós.— E assim como contra Moysés, que por sua intercessão alcançou tantas mercês para o povo hebreo, se atreueo a ingratição e a impiedade d'aquelle povo, assim tambem a Jesu Christo, o divino mediador, tractaram os judeus com tanta deshumanidade, crueza e sacrilega perfidia, como consta dos evangelhos.— Tão affeita andava desde largos seculos aquella gente desagradecida, enganadora e miseravel a pagar com maus tractos e traições a quem surgia no meio d'ella para lhe reprehender suas devassidões, censurar suas impiedades, e ensinar-lhe o caminho da terra promettida; verificando d'esta fórma o dito do Evangelho... Ah! Jerusalem, Jerusalem, que matas os prophetas e apedrejas os que te são enviados!— Era necessario que os judeus, sempre em revolta aberta contra os que lhes ensinavam o amor de Deus e o caminho da virtude, cogulassem a medida das suas iniquidades, segundo aquella sentença do Novo Testamento... Enchei a medida de vossos paes, isto é, accrescentae aos peccados e aos crimes por elles commettidos, a vossa impenitente imitação das mesmas culpas.— E encheram bem a medida os desnaturados judeus, até que ella trasbordasse com o sangue do Justo e se consummasse a redempção do genero humano e a total ruina do povo hebreo.

Apenas Jesu Christo principia a sua prégação, no mesmo

ponto começam os judeus a dispôr a perseguição contra o divino Mestre, a apparelhar-lhe ciladas e traições e a semear de abrolhos e de espinhos o caminho doloroso do calvario, por onde havia de fazer-se d'ahi em diante a sacrosancta communição da terra com o céu! — Prêga Jesu Christo, e os judeus duvidam, repugnam, revoltam-se, e raíam depois em cruelissima perseguição contra o Senhor. — Opéra Jesu Christo milagres taes e tantos, que foram bastantes a persuadir os mais crassos entendimentos e os mais obturados corações. Cura cegos e paralyticos, expulsa demonios do corpo dos obsessos, resuscita mortos, como aconteceu com o filho da viuva de Naim e com o Lazaro. — Á sancta maravilha dos seus milagres accrescenta-se a sancta consolação da sua doutrina, em que se communica aos homens a boa nova e se lhes promette e afiança o reino de Deus. — Houve já no mundo vida mais exemplar, mais pura, mais exempta da menor macula do que a vida de Jesu Christo em quanto homem? Onde resplandeceu na terra mais viva e mais ardente a caridade? Onde mais affectuoso o perdão das offensas? Onde mais austera a practica das virtudes? Onde mais inviolada a castidade? Onde mais invencivel a paciencia? Onde mais persuasiva a humildade? Onde mais fervoroso o animo de guiar os homens pela senda estreita, que leva direita ás portas do céu?

Ainda que Jesu Christo não fosse o filho unigenito de Deus, ainda que fosse apenas, como o ensinaram desde os primeiros seculos da igreja muitos herejes e o repetem ainda hoje alguns sectarios e racionalistas, simples homem, que venerações, que respeitos, que triumphos e que teste-

munhos de gratidão e de amor poderiam bastar ao homem para significar a Jesu Christo a admiração que excitava a santidade das suas virtudes e a divina excellencia da sua doutrina? — E que amor, que reverencia, que admiração e que fé ardentissima não deviam os judeus a Jesu Christo, sendo como era, não homem, senão Homem-Deus? — Que alegria ineffavel não deveriam sentir, porque em sua nação e raça viesse encarnar o Verbo Divino; porque d'aquelle povo, já então decahido de sua grandeza e avassallado pelos altos dominadores do mundo, irradiassem os lumes da fé, para illuminarem as sombras da gentilidade; e porque Jerusalem fosse principio para que se edificasse afinal sobre as ruinas do imperio universal dos Cesares o reinado da religião, e na antiga Roma pagan se erguesse Roma, a depositaria dos thesouros de Christo! — Pois em vez d'estas alegrias e d'estas glorias não teve o povo judeu senão invejas, odios, perseguições e afinal um supplicio ignominioso, com que testificar a rebeldia do seu animo e a dureza do seu coração!

Nasce o menino Jesus em Bethlem. Vêm os Magos de remotas regiões a adorar ao Redemptor, quando reclinado nas seccas palhas e mal abrigado no presepio ensinava a humildade, como a preparação essencial para a nova doutrina que vinha a ensinar aos homens. — Diziam os Magos buscando o Senhor... Onde está Aquelle que ha pouco nasceu para ser rei dos judeus? Lá no Oriente, d'onde procedemos, vimos a sua estrella e determinamos vir aqui para o adorar. — E o que pensaram e disseram logo Herodes e os judeus? Turbou-se, diz o texto, turbou-se o rei Herodes e com elle toda Jerusalem. — Os Magos, que eram reis da

gentilidade, entraram no tugurio de Jesu Christo, prostraram-se-lhe em adoração, e offereceram-lhe como oblata o ouro, o incenso e a myrrha. — Herodes e os judeos inquirerem, onde nasceu e onde está o divino infante para o terem ás mãos. — Chegados os tempos em que haviam de principiar as prêgações, os milagres e os trabalhos de Jesus, começa o Salvador a sua divina obra, jejuando quarenta dias no deserto, e vencendo as tentações com que o demonio o quiz experimentar, e em que sahiu confundida a sua malicia. — Indo Jesus a Capharnaum dá principio á sua prêdica persuadindo a penitencia, porque se approximam os tempos em que se abrirá para os homens o reino dos céos.

Elege o Senhor nas margens do mar da Galilea, aos dois irmãos Simão ou Pedro e André para que fossem os seus primeiros discipulos, e para que de pescadores de peixes se tornassem em pescadores de homens. — Admittidos na sagrada congregação de seus discipulos e apóstolos, mais dois irmãos, Thiago e João, filhos de Zebedeo, principia o Senhor os seus milagres, sarando todos os enfermos que vinham á sua presença e expellindo os demonios do corpo dos possessos. — Porque a fama das virtudes e santidade de Jesu-Christo chegára a toda a Syria e acudiam as turbas desde Galilea, de Decapolis, de Jerusalem e de Judea e das terras que ficam além do rio Jordão. — Ensina depois Jesu-Christo no sermão da montanha, ás turbas inumeraveis congregadas para o ouvir, os primeiros fundamentos da sua doutrina. — Multiplicam-se os milagres do Senhor, e edificam-se as multidões com os evidentes signaes do seu poder. — Na cura do paralytico, ao ponto em que Jesus lhe diz... *Cré,*

*filho, e ser-te-hão remittidos os teus peccados*, revelam os scribas a sua animadversão bradando que o Senhor blasphemava. — Completa Nosso Senhor Jesu-Christo o seu apostolado e lhes manda que annunciem estar proximo o reino dos ceus. Dá-lhes poder para operarem milagres, porque é este o primeiro e mais irrefragavel testemunho da divina missão do Redemptor.

Continuam os phariseus a exprobrar a Jesus e a seus discipulos o não guardarem supersticiosamente o sabbado, buscando n'estes escrupulos pretexto facil para reprehenderem a doutrina e as obras do Redemptor. — E até que se consumou no Calvario a divina tragedia da nossa redempção, jámais os phariseus e os scribas e a turba dos judeus encanecidos em suas impiedades e blasphemias deixaram de perseguir o Senhor, com suas questões artificiosas, com seus escrupulos hypocritas, com suas tentações malevolentes, com suas perfidas ciladas e com suas infames delações. — Doutrina mais santa, mais verdadeira, mais amavel, mais de Deus, do que era a doutrina de Jesu Christo, quem a podera prégar aos homens? Vida mais exemplar que a do Redemptor, não se póde comprehender que a houvesse em homens. — Milagres mais repetidos, mais assombrosos, mais publicamente operados na presença das turbas, nunca os vira o mundo até então. — Pois os phariseus, e os scribas e os judeus resistem á doutrina, ao exemplo e ao milagre, e perseveram na impenitencia, na hypocrisia, na maldade e vão seguindo seu caminho até levantarem no Calvario o lenho da Redempção para n'elle crucificarem o Senhor. — Ao menos os judeus de Moysés, apezar de rebeldes tantas vezes,

dobravam a cerviz e cahiam momentaneamente na obediencia e docilidade, quando viam o seu chefe e o seu guia operar alguns prodigios ou interceder para com Deus, para que em favor do povo hebreu testemunhasse por milagres o seu poder.—Mas os judeus do tempo de Jesu Christo nem á prégação se rendem, nem aos milagres se dobram, nem perante o mesmo Deus feito Homem se curvam reverentes e agradecidos para ouvirem a boa nova e o annuncio do reino dos ceus. Em vez d'este procedimento determinam em suas damnadas consciencias dispôr a morte do Salvador, e n'este empenho envidam a energia de todas as mais paixões e o nefando influxo de todos os peccados mais infames.

Houve entre os judeus inumeraveis seguidores de Christo. Congregavam-se as turbas para ouvir a sua palavra, para testemunhar os seus milagres, para participar de mais perto das santas effusões do seu entranhado amor pelos homens.— Quando o Senhor entrou triumphante em Jesusalem, as multidões rendiam-lhe preito e honra, e lançavam as suas vestimentas sobre a estrada para que sobre ellas, como sobre tapete, se adiantasse o filho de Deus, e juncavam de ramos e de palmas o caminho, para darem á entrada de Jesu Christo toda a solemnidade de uma festa triumphal. E hiam as turbas clamando adiante e atrás de Jesu Christo... Hosannah ao filho de David. Bemdito seja o que vem em nome do Senhor. Hosannah nas alturas.— E apezar de todas estas demonstrações da adoração do povo, apezar de que se hiam exactamente cumprindo as prophcias ácerca da vinda do Senhor, os phariseus, os scribas e os judeus desnaturados e impenitentes continuavam a tramar contra o Redemptor.

Depois que Jesu Christo fizera a sua entrada em Jerusaleem, e expulsara do atrio do templo os vendilhões e os nummularios, depois que havia curado a cegos e a mancos, entre mil aclamações com que os meninos bradavam em coro... Hosannah ao filho de David, os principes dos sacerdotes, os scribas, vendo as maravilhas que o Senhor fazia, se indignavam e roiam de inveja e odio contra o Divino Salvador.—E pouco depois, estando o Senhor no templo ensinando e exemplificando a sua doutrina, já os principes dos sacerdotes e os anciãos do povo e os phariseus são de novo com elle a manifestarem a sua inveja e a sua indignação, perguntando a Jesu Christo, quem lhe deu poder para operar os milagres que fazia.—E se os phariseus, os scribas, e todos os judeus dominados pela má vontade contra Jesu Christo não apressaram a sua prisão e morte, foi porque temiam ainda as turbas, que reverentes e fieis seguiam ao Senhor.

Lança o Senhor grandes e temerosas exprobrações contra os scribas e phariseus, reprehendendo a sua hypocrisia. Mais se exalta e recrudescer o odio dos phariseus contra Jesu Christo, e determinam então em seu conselho de haver ás mãos o Redemptor para o fazerem morrer no supplicio affrontoso da cruz. — Então principiam a mover-se contra o Filho do Homem as perfidias, as traições e as ciladas dos desalmados e infamissimos judeus. Então se conchavaram com Judas Iscariotes para que se deshonre com a mais negra deslealdade, entregando a seu Divino Mestre nas mãos dos seus já então implacaveis inimigos e cruelissimos perseguidores. — Então se consuma no Golgotha a redempção

do genero humano e se decreta ao mesmo tempo a indefectivel proscricção d'aquelle povo, que tendo tido o precioso privilegio de dar a patria ao Homem-Deus, longe de o honrar e servir, lhe machinou a morte no Calvario.—Desde então ficam abertas e patentes as portas do ceu, para que não sómente os justos d'entre o povo israelita, que ouviam penitentes a palavra de Deus, mas tambem os homens que viviam nas trevas da gentilidade, possam na terra confessar a Jesu Christo e padecer por elle na igreja militante, e subir á sua divina presença na eterna bemaventurança da igreja triumphante.—Desde então principia o Senhor a desamparar e a deixar entregue á sua obstinação e ao seu peccado o povo, que fôra eleito e predilecto seu, agora seu maior ofensor, por haver desattendido a sua palavra, desconhecido a missão de seu unigenito Filho e incorrido na maxima rebellião contra o Creador.

Agora se apertam as cadeas de seus pulsos. Agora acabam as ultimas reliquias da sua independencia e liberdade, assoberbados mais e mais pela arrogancia das aguias romanas.—Agora se acham os reinos de Israel e de Judá á mercê dos procuradores e proconsules romanos. Agora será a Judea uma provincia do imperio, sobre cujas terras outr'ora felizes e opulentas, passaram devastadoras as legiões de Roma.—Dahi a poucos annos virá Tito arrasar Jerusalem, dispersar os seus habitantes, e dar o signal do seu ultimo exilio, que durará até á consummação dos seculos.—Em breve perderão os judeos a patria, o Templo, e irão disseminados por toda a superficie da terra, lastimar em vão a ultima ruina da sua Sião, mil vezes mais culposa que Sodoma e

Gomorrha. — Seguil-os-ha no seu desterro a maldição divina. — Serão estrangeiros na sua terra, e estrangeiros na terra alheia. A hospitalidade sa encolhará para elles suspeitosa á porta de christãos e de infieis. — De povo eleito se tornarão agora em raça maldita. — Aos favores do céo e ao terror do seu nome assignalado por triumphos, succederá o desprezo dos outros homens e o opprobrio de uma quasi servidão. Viverão no meio das cidades e das republicas, vigiados como uma turba de traidores, segregados em *ghetos*, em *Judiarías*, em bairros separados, para que não contaminem com a sua communicação e frequencia os fieis com quem vivem dentro da mesma povoação.

Adoçados os costumes, prégada e diffundida a tolerancia civil, ainda nos seculos mais illuminados, como o presente, não está de todo apagada a nodoa que a sua iniquidade alastrou na tunica do hebreo, nem obliterada inteiramente a inscripção infamante, que a justiça divina estampou na fronte do israelita. — Virão ainda seculos, e o descente de Abrahão e de Jacob, para sempre expulso das terras do Jordão, errante e peregrino entre as nações christãs ou infieis, ouvirá na sua passagem, expresso em laconica sentença, o eterno juizo das suas iniquidades, e no meio das suas galas mais esplendidas o israelita sempre inquieto e infeliz no auge das suas prosperidades, ouvirá de toda a parte o echo sinistro... *É um judeo!* — E assim se cumprirão as prophecias annunciadas pela palavra de Deus. Emigrou Judá, disse Jeremias, por causa das suas amarguras, da sua angustia e por se tornar incomportavel a sua servidão. Habitou entre as nações sem

achar repouso. Todos os seus perseguidores a houveram ás mãos no meio das suas angustias. — Ás inauditas abominações, com que tinha desmerecido todos os favores e predilecção de Deus, ajuntou o povo judeo, na sua aleivosa perseguição contra Jesu Christo, exemplos de todos os peccados que os homens podem commetter. — O senhor, ex-hauridos os thesouros de sua immensa misericordia, patenteou ao mundo o temerosissimo signal de sua irrefragavel justiça, lançando a maldicção sobre este povo durissimo, que tem de viver desterrado e despresado até á consummação dos seculos!



## PARTE QUINTA

### ADVERTENCIA

---

#### CAPITULO I

Os bispos são successores dos apóstolos de Jesu Christo. — São obrigados a evangelisar os povos e a propagar a fé. — S. Paulo exige que tenham excellentes dotes para bem se desempenharem de sua missão. — Devem curar só dos assumptos espirituaes. — A jerarchia episcopal é mui elevada e ao mesmo tempo independente. — Os parochos tem obrigação de preencher dignamente o seu officio, porque lhes é tambem incumbido o cuidado das ovelhas christãs.

Refere a historia sagrada que os primeiros apóstolos, companheiros e discipulos de Jesu Christo, transmittiram aos bispos seus successores toda a auctoridade e poder espiritual, que sobre os homens receberam de seu divino Mestre para os attrahir e chamar á fé. — Por força d'esta nobilissima herança, ficaram os bispos obrigados não só a ensinar e a prégar o evangelho com o exemplo de suas obras e com exhortações e admoestações incessantes e energicas, senão tambem a diffundir a religião do Redemptor por todo o orbe, imitando os grandes feitos que practicaram seus intrepidos predecessores.

Ponderando quanto preciso era e indispensavel que os bispos cumprissem este duplo encargo, apresentou-se o

grande S. Paulo, vaso escolhido do Senhor, a explicar em suas famosas epistolas, quaes devem ser as qualidades e requisitos que no episcopado se exigem, para que preenham os deveres de seu espinhoso officio. — É a doutrina d'este eminente apostolo merecedora de sempre ficar na memoria. — Por certo difficil e pesada é a tarefa, e grandissima a responsabilidade que os bispos teem no governo das dioceses, se quizerem executar o que lhes prescreveu S. Paulo. — Ao seu cuidado e vigilancia está a salvação de todas as ovelhas; porque um bispo é aquelle pastor de que falla o evangelho, que tem a seu cargo guardar, conduzir e educar o seu rebanho de sorte, que nem se extravie do verdadeiro caminho, nem seja salteado dos lobos, nem pereça á mingoa de espiritual alimentação.

Para que ao depois não alleguem ignorancia, quando Jesu Christo no seu Juizo lhes tomar e pedir contas pela direcção dos fieis, apontarei com verdade e franqueza qual fôra a auctoridade que dos apóstolos receberam, e tambem quaes são suas regalias e prerogativas. — É bem que os bispos as conheçam, para pugnarem sempre por ellas, e não consentirem que alguém, sob qualquer pretexto que seja, lh'as roube. — D'este modo serão os bispos respeitados e acreditados d'aquelles que Deus confiára ao seu governo para a salvação da alma. — Assim; não fallarei da supremacia do summo pontifice sobre o episcopado catholico, mas sómente dos imprescriptiveis direitos e soberana jurisdicção dos prelados, como successores e herdeiros dos apóstolos de Christo. — Declaro ingenuamente, que não é meu intento collocar o pontifice de Roma em frente dos bispos christãos, para que

disputem e argumentem sobre a extensão de seus respectivos poderes; porque assumpto era esse em que não podia interessar a christandade. — O que devem querer os soldados de Jesu Christo, é que os bispos préguem e façam prégar o evangelho nos templos de suas dioceses, para que os fieis persistam na fé e obtenham o céo, que é o ultimo e o unico alvo a que devemos aspirar.

S. Pedro que era o principe dos apostolos, S. Paulo que foi de todos o maior, e tambem os mais apostolos, que desde então se espalharam pelo mundo a evangelisar os povos, nem um só d'elles curou jámais de coisas temporaes e mundanas; todos elles tinham sempre diante dos olhos as almas dos proximos, a fé catholica, os trabalhos e sacrificios, e a salvação dos povos. — Eram grandes despresadores das riquezas, humildes, pacientes e resignados, singelos no trato, sobrios, caritativos, magnanimos na adversidade, zelosos imitadores do divino Salvador.

Para que os christãos acatem com mais reverencia a seus prelados, e lhes dêem aquella obediencia sem a qual se tornam estereis as exhortações e os conselhos, e tambem para que suas consciencias sejam limpas de escrupulos e duvidas sobre os dogmas da religião christã, é mister que não só nos bispos se reunam aquellas altas virtudes do apostolado, senão tambem que seja bem patente a toda a christandade a suprema potestade espiritual, as immunidades e a independencia do episcopado dentro das dioceses.

É tambem conveniente saberem os fieis que na jerarquia

ecclesiastica ha sacerdotes de segunda ordem, que são os parochos e curas, que para se tornarem respeitados de suas ovelhas e poderem merecer o nome de pastores espirituaes precisam de reunir virtudes e sciencia, quasi em gráo tão subido como os proprios bispos, porque sua auctoridade e jurisdicção é em cada parochia semelhante á do prelado na sua diocese. — É bem sabido que a fé se affrouxa muito e corre o perigo de se perder, quando os pastores da egreja por desmoralizados, negligentes ou covardes não podem, não querem, ou não sabem manter intacta sua alta dignidade, e conservar illeso o respeito e veneração que os fieis estão sempre promptos a prestar aos dignos sacerdotes. — Por isso, ninguem me levará a mal, que aqui exponha circunstanciadamente, fortalecendo-me com o auctorisado nome do grande apostolo, as prerogativas e os deveres que a todas as jerarchias do sacerdocio incumbem e pertencem. — O meu unico fim é cercar do maior brilho e acatamento a religião christã e os seus ministros.

---

## CAPITULO II

A doutrina de Jesu Christo não se oppõe á civilização dos povos. — A religião catholica tem sómente em vista a salvação das almas. — Em todos os estados da vida podem os fieis servir a Deus. — O evangelho propaga-se por meio da paz e da caridade, e não violentando as consciencias. — Ao papa, aos bispos e aos parochos e curas de almas incumbe tratar, especialmente, das necessidades espirituaes do rebanho de Christo

Julgo necessario prevenir o leitor de que da minha humilde veneração para com a Egreja catholica, da minha fé ardentissima em tudo o que ella ensina e manda crer,

e do meu fervoroso desejo de cumprir quanto Jesu Christo determina em seus preceitos e mandamentos, não se segue que eu professe os erros lamentaveis, com que muitos falsos catholicos dos nossos dias, *catholicos de credo e hereges dos mandamentos*, como disse com extrema propriedade um espirito asisado, pretendem condemnar todo o progresso racional e sensato, associar a religião christã ás ambições desregradas da politica mundana, defender o reinado temporal da egreja, cujo divino Fundador affirmou que o seu reino não era d'este mundo e que era necessario dar a Cesar o que pertence a Cesar, e a Deus o que é de Deus.

Entendo e creio firmemente, que a Egreja catholica, communhão puramente espiritual, em que os fieis trabalham não por alcançar os transitorios bens, recompensas e commodidades d'este mundo, mas os premios eternos da bemaventurança, não pôde, sem offensa do espirito evangelico, aspirar a mesclar-se e a influir em negocios terrenos, porque seria macular a candidez de suas vestes virginaes e purissimas no lodo das coisas mundanas e passageiras.

Entendo e creio, que a Egreja, como exercito espiritual, não tem nem pôde ter outras armas senão as armas da fê, da caridade e da esperança, com as quaes pelejou e venceu as suas primeiras e gloriosissimas batalhas, e alcançou plantar e diffundir o seu credo entre as varias nações e gentes onde a bandeira da cruz se hasteia hoje triumphante; e que por consequencia é contraria ao espirito do evangelho e subversiva dos proprios fundamentos, em que assenta o divino edificio da egreja, toda a participação da hierarchia

ecclesiastica nos negocios mundanos; e por isso, não julgo de fé, antes considero damnosissima á egreja, offensiva de seu character espirital, e favorecedora dos combates, que contra ella dirigem os incredulos, racionalistas e hereges, toda e qualquer dominação, que não seja a espirital.

Entendo e julgo, que não são de fé, nem de instituição divina, nem podem filiar-se na tradição apostolica as congregações religiosas, que embora fossem em sua primitiva instituição de notavel vantagem para a propagação da fé christã, não são todavia indispensaveis para fazer ganhar os premios celestes pela practica de regras differentes d'aquellas porque, segundo os preceitos de Jesu Christo e de sua Egreja, póde qualquer fiel, sem fugir do povoado e sem deixar de pertencer á sociedade civil, não sómente conseguir a bemaventurança, mas ainda pelos infinitos merecimentos de Jesu Christo e pelo auxilio da divina graça, ser inscripto entre os santos, que a egreja em todos os tempos tem venerado em seus altares. — Porque sendo toda interior a vida do christão, em qualquer estado se póde servir a Deus, amar o proximo, detestar o peccado, combater victoriosamente com o adjutorio da graça, as tentações de satanaz, desprezar as vaidades e falsas grandezas d'este mundo, e elevar-se a Deus pela oração e pelas virtudes christãs.

Entendo, que a Egreja catholica não é incompativel com a liberdade civil e politica; antes o primeiro e mais salutar effeito temporal da fé christã foi a destruição dos erros sociaes, com que a antiguidade deslustrava a dignidade hu-

mana pela consagração da tyrannia e da escravidão. — Julgo outrosim que a Igreja considerando eguaes todos os homens deante de Deus, cujos filhos todos são, sem direito nem preeminencia da primogenitura, favoreceu a egualdade civil e politica em vez de as considerar como hostis á sua fé.

Entendo, que Jesu Christo instituiu para o governo espirital da sua Igreja e guarda de seu rebanho a sagrada ordem do episcopado, conferindo a todos os bispos os mesmos direitos, e que tambem instituiu como cabeça visivel da igreja ao papa ou pontifice, dando-lhe o primado de ordem e de jurisdicção.

Entendo, que se pôde ser ardentissimo catholico, fidelissimo observante de seus preceitos, e crente firmissimo nas eternas verdades reveladas ao mundo pelo nosso divino Redemptor, sem crer em todos os abusos, introduzidos na igreja pelas paixões humanas, pela ambição de muitos sacerdotes, indignos da sua divina missão.

Creio egualmente, que a Igreja catholica, congregação exclusivamente espirital, pacifica, toda de amor, de caridade, e destinada unicamente como barca mystica de Jesu Christo, a conduzir os fieis ao porto da bemaventurança, não pôde reconhecer como seus os meios violentos e offensivos da caridade, com que muitos dos falsos professores da fé christã intentam consolidar os seus alicerces e diffundir a sua espirital dominação.

Creio firmemente, que a Igreja catholica tem um chefe

visível, na pessoa do pontífice romano, successor de S. Pedro, assim como os bispos são successores dos apóstolos. — Que o romano pontífice, como chefe de uma communhão puramente espiritual não póde ser mais do que foi o príncipe dos apóstolos de Jesu Christo, porque da auctoridade mundana não procedem senão turbações na igreja universal. — Que os bispos não podem, nem devem esquecer a humildade e pobreza da vida evangelica, com cujo exemplo conquistam mais respeito e veneração das suas ovelhas, do que com os falsos esplendores da vida cortezan e politica.

Entendo finalmente, que os parochos, como pastores e curas d'almas e directores e guias spirituaes, devem pela santidade da sua vida, unccção da sua palavra, fervor da sua fé, abnegação de suas ambições, desprendimento dos bens terrenos, resignação e paciencia nas adversidades, por sua temperança e castidade, pela sua promptidão para o martyrio, edificar os seus fieis e ser piedosas miniaturas de Jesu Christo, em vez de servirem os interesses temporaes, as paixões terrenas, e os calculos e especulações da vida politica e civil.

#### ARTIGO I

Das qualidades moraes que nos bispos catholicos se requerem para bem desempenharem o seu cargo

#### CAPITULO I

Os bispos, por dignidade propria e bem do seu rebanho, precisam ser sobrios, modestos, concertados, sisudos, caritativos, de coração brando, e espirito contrario ás vaidades do mundo.

Para que estimem as ovelhas ao seu pastor e o venerem, importa e faz-se indispensavel que os bispos sejam varões

observadores da lei e sem crimes, sobrios e concertados, modestos, desprezadores de vaidades, não cobiçosos, nem soberbos, nem invejosos, contrarios a espedicios, a usuras, a turbulencias e disputas, inimigos da gula e do jogo, e incapazes de actos deshonestos,—São attributos que S. Paulo instantemente em suas epistolas recommenda aos discipulos Tito e Timotheo, aos quaes havia constituido no episcopado, para que regessem, com honra de Deus e proveito dos fieis, as dioceses que lhes tinha incumbido.— Posto que, zeloso como era pela evangelisação dos povos, nos deixasse explicado em grande parte o motivo porque taes qualidades requeria nos bispos, util é todavia explanar que não póde o episcopado vestir-se do devido esplendor e dignidade, se lhe faltarem aquelles dotes de sã moral, que tanto e com tal instancia recommendava.

*Observadores da lei, e sem crimes*, disse o apostolo; querendo n'isto significar varões, que não tenham peccados graves, porque possam ser accusados e condemnados em juizo, pois fazem perder a honra a quem os perpetra.— Nem julgueis ocioso este aviso de S. Paulo, porque prelados tem havido espancadores, escandalosos em deshonestidades, fraudulentos, que por seus desregramentos affrontaram a dignidade da mitra e a polluiram.— É contra estes que treveja o apostolo, por ver, sendo inspirado do Espirito Santo, que pelos crimes do bispo se perverte o rebanho e perde para Deus.— Na religião de Christo não se compadeçem a caridade e humildade evangelica com habitos depravados; e menos se podem soffrer no sacerdocio, cujo officio é a caridade e o amor das ovelhas que lhes foram confiadas.

— Em quanto ao respeito que lhes cumpre ter pelas leis, nem mister é apontar quão profunda obediencia aos preladados cumpre guardar em tudo quanto determina a legislação do paiz a que pertencem: sem essa respeitosa obediencia perdiam desde logo a consideração publica, nem mais podiam ser obedecidos. — Se ás leis não pôde, no regimen constitucional, resistir o mesmo rei, porque é a nação que as confecciona e prepara, e seria absurdo que o chefe supremo pretendesse hostilisar os seus proprios subditos, como permittir aos bispos, que são egualmente subditos, escudar-se em suas regalias espirituaes para se collocarem fóra do imperio das leis?

*Sobrios e concertados*, quer S. Paulo que sejam os bispos, porque entregando-se á glotonia e consumindo em vinhos e viandas aquillo que a religião lhes manda distribuir pelos necessitados, arruinam a reputação e a saude, de que tanto carecem para si e para o seu rebanho. — Nem poderiam imitar aos apóstolos de Christo na frugalidade e singeleza; nem o povo que observa seus feios vicios, os poderia jámais acatar. — Como hãode prêgar a modestia e a compostura de costumes, sendo elles os que se desconcertam, esquecidos do proprio decoro, fazendo-se ora negligentes, ora adamados nos vestidos, nas maneiras e nos gestos? — Se a temperança e a modestia são habitos tão apreciaveis na sociedade, com quanta mais razão se não requerem no prelado, para quem o povo tem sempre virados os olhos, e que por sua elevada jerarchia deve servir de exemplo a todo o rebanho?

Nem mesmo pôde comprehender-se, como tenham ousado

alguns bispos entregar-se aos excessos da gula, e a outras desordens nos costumes, e os tenham deixado estar incolumes em suas dioceses, com grande escandalo de Deus, da religião e do publico?— Os que se sentirem com irresistivel tendencia para taes vicios, quanto melhor lhes não fôra de-mittir-se do seu officio, e ir esconder-se em logar onde ninguem mais os visse. Embora ahi continuassem sua vida desregrada; ao menos não davam escandalo ao povo, nem tinham de dar tão severas contas, quando o Senhor os chamasse à sua presença.

*Desprezadores das vaidades.* E com justo motivo quer o apostolo, que os bispos fujam de quanto se parecer a coisas vãs; pois nada repugna tanto ao bom senso, como vêr a um pastor, cujo officio é prégar o desapego ás vanglorias da vida, e demonstrar o fumo das pompas mundanas, ostentando faustos e opulencias.— Que faziam os primitivos apostolos, que eram juntamente os bispos dos primeiros tempos da christandade? Esmeravam-se em clamar contra todas as coisas terrenas, e por seu exemplo de simplicidade e pobreza aconselhavam o desprezo das mundanas presumpções.— Como podem convencer-se os fieis, que Jesu Christo prescrevia e estimava a austeridade dos costumes, a humildade e continencia, a pobreza, se olhando para os bispos os vêem envolvidos em sedas e setins, ornados de ouro e pedrarias, pendurando no peito junto do symbolo da Redempção que é a cruz de Jesu Christo, as grã-cruzes e as cruzes de humana e mundana procedencia, que só significam loucura e vaidade, habitando vastos palacios, rodando as praças e ruas em lepidas carruagens, frequentando os banquetes, o jogo, os sa-

lões de baile, e até ingerindo-se e intervindo em questões de politica mundana?

Ah! Quão judiciosamente não dizia S. Paulo, que os sacerdotes não devem por modo algum embaraçar-se com negocios do seculo, porque são soldados alistados por juramento sob as bandeiras de Jesu Christo. — Em testemunho d'esta verdade são os sagrados canones e os escriptos dos doutores da igreja, aonde se prohibe expressamente ao sacerdocio servir officios ou occupar-se de assumptos civis. — E para que se azafamam tanto esses ruins prelados nas intrigas e negocios mundanos, senão por ganhar mais condecorações, riquezas e poderio? — Leiam qual era o grosseiro vestido dos apóstolos de Christo. Olhem a sua pobreza, as duras taboas em que descansavam o corpo extenuado de fadigas; olhem a vida que passavam, cheia de austeridades e trabalhos. — Mirem-se bem n'esse espelho, e digam se Deus e as creaturas virtuosas poderão approvar o desregado e vergonhoso procedimento que elles por ahi ostentam.

*Não cubiçosos, nem soberbos, nem orgulhosos.* Oh! quão bem quâdra o preceito de S. Paulo com a sagrada missão do episcopado? — Quem respeitará ao prelado e crerá em suas exhortações, conhecendo que elle se deixa dominar dos vicios, e que se ensoberbece com a supremacia de seu alto cargo, com honras e mercês mal havidas e opulencias torpemente accumuladas? — Quem ha ahi que o acate, sabendo que vae abater-se aos pés do ministro e supplicar-lhe distincções terrenas, quando devêra só pedir subsidios

e recursos para melhor valer aos pobres e poder dilatar a fé e restaurar os templos e os hospícios de piedade?— Se cubiçar aquillo que outrem possui é coisa tão reprehensivel nos homens, e se tanto descredito nos vem da philautia e orgulho, quanto mais censuraveis não são estes vicios no clero, e com mais razão ainda nos bispos, cuja obrigação é curar sómente de assumptos de religião, quaes são a boa ordem e policia da casa do Senhor, a prêgação do evangelho, o ensino da doutrina christã, a moralisação do povo?— Não será melhor para elles, que se façam contínuos e moderados, e que aconselhem e practiquem o amor da justiça, o desprezo de quanto seja mundano, o temor e o amor de Deus, e a caridade do proximo?

Ah! Que mal será apascentado o rebanho christão, quando o pastor menosprezando a propria fama se enfurece e brame contra os peccadores, sendo elle o primeiro a infringir os mandamentos de Deus e a fazer quanto nos outros condemna!— O que um bispo tem a cubiçar, é a santidade dos costumes e aquelles fructos espirituaes que no seu ministerio sabem colher os prelados zelosos do cumprimento de seus deveres. — O que deve ambicionar é o bem merecido credito que na christandade gosam os santos doutores da igreja, a quem devêram imitar e tomar por exemplo.— Ufane-se, mas seja de boas obras e das grandes vantagens que para a salvação dos fieis haja colhido com a boa evangelisação do povo.— Esta ufania, que certo não é peccaminosa, senão estímulo que a graça de Deus infunde nos bons bispos, é esta ufania que lhe cumpre ter e grangear porque será mésinha com que se adocem as tribulações de seu es-

pinhoso cargo. — Appetecer vaidades e ostentar soberbas a modo dos mundanos, isso é improprio como adverte S. Paulo, de um prelado, que sobre os hombros traz ou deve trazer as almas de suas ovelhas, e que de todas tem de dar apertada conta a Deus.

*Adversos a desperdicios e usuras.* Qual é o que se demove dos vicios da prodigalidade ou da avareza, ainda que contra elle troyeje o bispo com o maior azedume e aspereza, sabendo que elle se acha eivado da mesma lepra, despendendo desregradamente aquillo que devêra dar aos orfãos, viúvas e paes de familias desvalidos, ou enthesourando as demasias de suas rendas, que pertencem aos pobres e não a elle? — Na verdade, qual póde ser a applicação justa dos rendimentos do episcopado, senão na hospitalidade e caridade a que são obrigados os prelados, na sua decente sustentação, no devido esplendor dos templos, e na manutenção do decoro de que deve revestir-se sua dignidade! — Leia-se o que fizeram os santos padres d'outras eras; alli se verá que consumiam avultadas sommas, uns na magnificencia das cazas de Deus, nas vestimentas e utensilios do sacerdocio, nas alaias attinentes ao divino culto, outros em acodir às necessidades corporaes de seus rebanhos, em fazer dilatar a fé por terras longinquas; sollicitando todos elles dos soberanos e poderosos da terra quantos meios e recursos podiam obter para tão louvaveis fins. — Sigam os bispos esse louvavel exemplo; gastem com os pobres e não despendam em appetites; enthesourem no ceo, não guardem na terra os dinheiros que lhes sobrarem, porque não são seus. Significava isto o apostolo, quando ful-

minava as avarezas e as prodigalidades no episcopado : chamando aos bispos despenseiros de Jesu Christo, era o seu intuito persuadil-os, a que detestassem as sordidas ganancias, porque o Redemptor foi sempre o symbolo da franqueza e caridade.

*Não disputadores, nem turbulentos.* Coisa intoleravel é que os prelados vivam em questões continuas com o clero e com os fieis em contendias incessantes, quando ao contrario lhes cumpre, como a pastores que devem ser benignos com todo o seu rebanho, a paciencia e a commiseracão por faltas e erros d'entendimento. — Por isso tanto insistia S. Paulo em os admoestar, que fossem de coração placido e soffrido, que evitassem altercações estereis e disputas vãs, e que por sua autoridade servissem de medianeiros para socegar os animos do povo e os conciliar. — Se tanto custa a soffrer cidadãos de character violento e impaciente, por que tudo inquietam e perturbam, como poderá ser bem acolhido na diocese o bispo de temperamento atrabiliario que devendo trazer á paz os discolos do rebanho, os exacerba e irrita com seus destemperados arrebatamentos e prepotencias? — Sempre em lucta comsigo mesmo, guereado do clero e desattendido do povo, como pode grangear das suas ovelhas veneração e respeito? — Desenganem-se os prelados, diz um celebre theologo, que assim como é indispensavel a paz na republica para o bem estar dos cidadãos, se torna igualmente precisa a tranquillidade das consciencias para a felicidade do coração, e que não podem jamais vir a cabo de aquietar os bispos as desavenças, os escrupulos, as inquietações d'espírito de suas ovelhas, se-

não tratando-as com aquella suavissima caridade que, na phrase do apostolo, é o vinculo das virtudes christãs. — É por esta dulcissima caridade do proximo, que devem resplandecer os bispos, como brilhára no nascimento do Salvador a estrella que alumiava os reis magos, alumiando os entendimentos e encaminhando-os branda e compassivamente para o céo. — Entenda-se pois com o grande apostolo, que no episcopado se requer aquelle espirito de mansidão e tolerancia e resignação, que em subido gráo caracterisava os primitivos evangelisadores dos povos.

*Inimigos da gula, do jogo e da deshonestidade.* — Que? Póde haver procedimento mais anti-christão que o de um bispo, que se assenta á meza do jogo a estragar o precioso tempo que os apostolos empregavam em suas ferventes homilias na propagação da fé, e em jornadas perigosas por provincias remotas a ensinar os divinos preceitos, e nas suas orações em favor das almas e da christandade? — Como pode fazer respeitar a cruz da Redempção que traz sobre o peito, se quantos com elle traficam nos dinheiros do jogo, não sabem adorar outro Deos e outro symbolo que não seja o lucro e a ganancia? — Que sobresaltos d'espirito, que desmedidas alegrias, que irritadas iras, que tristissimas agonias se não passam alli, aonde se dispúta e mercadeja e calcula sobre quem ganhará mais ouro, e sabe Deus ás vezes por que meios e tramas? — Oh! vergonha! E que haja prelados de si proprios e de sua jerarchia tão esquecidos, que se arrojem a repetir em presença da Cruz do Salvador aquella abominavel scena de avareza que os judeos practicaram no Calvario sobre as pobres vestiduras de Jesu Christo, quando lh'as

jogaram aos dados!! Que responderão elles ao Senhor, quando d'isso lhes pedir e tomar contas na hora de seu julgamento ?

Fulmina S. Paulo com justo azedume aos bispos que se entregam á gula e a luxuria, porque se tornam réos para com Deos e os homens dos mais feios de todos os delictos. — E na verdade, que vergonhosissima figura não fazem, deixando-se arrastar das torpezas da carne, tornando-se o alvo dos publicos clamores ? Como ficam manchadas suas sacras vestes, em que devêra sempre transluzir a alvura da castidade, o azul da virtude e da continencia, e a candura da fé e da sobriedade ? — Ainda lassos das destemperanças da vespera, com que rosto se hão-de apresentar ao seguinte dia na caza do Senhor a offerecer-lhe por si e pelos fieis o incruento sacrificio da missa, ou a prégar o evangelho ? — Não cessava Jesu Christo de admoestar seus discipulos, que guardassem a continencia e a sobriedade e que fossem recatados nos costumes e aproveitadores do tempo, pois deviam mostrar por boas obras ao mundo, quão zelosos cumpridores eram da lei divina. Se não fossem tão abundantes em virtudes e se não guardassem á risca o preceito do divino Mestre, ter-se-hiam convertido tantos pagãos e judeos á fé ? — De certo que não : porque o povo, ou por falta d'intelligencia ou por obstinação no peccado não entende nem comprehende, que um sacerdote de mãos costumes e eivado de vicios possa conscienciosamente aconselhar virtudes que não professa ; por isso não crê n'elle, nem se move por suas prédicas.

Fôra grande e inaudito escandalo para a Egreja, que fi-

cassem impunes os prelados que caem em deshonestidades e em excessos de intemperança. — Mas para a mór parte dos males apparece remedio, quando ha vontade firme de os combater. — Saibam pois os máos bispos, que se continuarem, quando tenham sido admoestados e censurados pelo governo, no caminho dos vicios, ha um meio simples de impedir os estragos que no rebanho causam, e vêm a ser, segundo exige a divina e a humana justiça, a sua formal deposição pela qual cessa desde logo toda a auctoridade episcopal. — É remedio forte, mas neste caso indispensavel; por que a mitra deve ser o symbolo da virtude e não a cúpula do vicio, e o baculo é para apascentar e não para espancar e afugentar as ovelhas christãs. — Que é o que faz uma nação composta de cidadãos valerosos e conscios de seus direitos, quando se vê assoberbada por um soberano que entregando-se a paixões desenfreadas não respeita nem a Deus nem aos homens, nem a divina nem a humana justiça? — Substitue-o, ou deve-o substituir por outro que lhe proporcione e assegure liberdade, paz, religião e justiça. — Ora se o espinhoso officio de rei é promover o bem estar temporal do povo, não será o dever dos bispos chamar sobre os seus rebanhos as bençãos do céu e guial-os para a bemaventurança? Se com um máo rei a nação perde a sua preciosa segurança e liberdade, e póde até perder sua independencia, pergunto se não poderá perder ainda mais com máos bispos? — Parece-me que sim, porque perdendo-se a salvação da alma, perde-se o mais que é possivel perder-se, sendo todas as temporaes felicidades fumo e ar em vista da felicidade eterna. — Sendo isto assim, pertence e incumbe ao imperante esforçar-se, que é essa a sua obrigação mesmo

nos governos constitucionaes, para que o bispo escandalosamente vicioso seja deposto e exonerado do cargo, de que se tornára indigno. — Quando por temor da curia Romana não ouse o rei lançar mão d'este meio, pertence então aos diocesanos desauthorar e desautorisar o máo pastor, negando-lhe formalmente obediencia, e appellando do susto do rei e da impericia do governo para Deus, que é Juiz de indefectivel e irrefragavel justiça.

---

CAPITULO II

Os bispos devem ser justos, piedosos, benignos e soffredores; de coração puro e consciencioso; prudentes, verdadeiros, sinceros na crença catholica, caritativos; esforçados nos combates contra a impiedade.

Ainda que nos pareçam bastantes quantos dotes já se mencionaram, para com elles poder um bispo cumprir dignamente sua alta missão, não pensava assim S. Paulo, para quem o episcopado era um dos mais difficeis officios que os homens podiam ter, visto ser o seu fim e alvo não menos que a salvação do rebanho christão. — Aponta pois o apostolo outros quisitos que nos bispos se requerem, e os lembra com grande empenho e instancia a Tito e Timotheo: são... Lealdade e prudencia, paciencia e resignação, benignidade e piedade, mansidão e caridade, tolerancia e justiça, coragem nos combates da fé, obras de sã doutrina, de inteireza e gravidade, palavras sãs e irreprehensiveis, pureza na consciencia e no coração, fidelidade na guarda dos mysterios em toda a sua pureza, amor de Deus, finalmente santidade.

Talvez direis, que se não contentava S. Paulo senão com a

summa perfeição no episcopado, e que tamanho grão de virtudes é nos homens impossivel, mesmo quando tenham obrigação de ser os representantes de Christo sobre a terra. —Mas não é assim. Se olharmos para o immenso encargo a que se sujeitam como successores que são dos apóstolos, chegaremos a convencer-nos que tudo quanto exige o apóstolo é justissimo, e que até n'elles se faz indispensavel o dom da santidade; porque a não se santificarem por obras de virtude, não poderão desempenhar-se cabalmente do alto ministerio de pastores do rebanho de Jesu Christo. —Houve e ha santos que a igreja e os fieis veneram, por terem abraçado e seguido a mais pontual observancia da lei de Deus. Sejam pois tambem egualmente santos os bispos: e os sacerdotes que não confiam em si, não aspirem á dignidade episcopal. — Os que são bispos hoje, se conhecerem em sua consciencia que não teem costumes puros, apressem-se a largar um cargo, cuja sevêra responsabilidade os póde precipitar, sem recurso, no inferno.

*Prudentes e leaes*, diz S. Paulo, que devem ser os bispos; e o requer com grande fundamento, porque, se tão grave peccado é o crime de aleivosia, por partir da refinada falsidade do coração, e se tão alheia é do bom senso a imprudencia que arrasta e concita ás maiores desgraças, como se não tornarão odiosissimos estes defeitos n'um prelado, cujos actos e intenções precisam ser sempre guiadas pela providencia e fidelidade?—O bispo imprudente e desleal semeará indubitavelmente entre os fieis, em vez de concordia e paz, asperrimas turbações e discordias. — Haverá coisa mais aprazivel na sociedade, do que a correspondencia de

affabilidade e franqueza entre pessoas amigas que mutuamente se amparam na adversidade, e entre si tratam sincera lealdade? — E poderá haver mais evidente testemunho de bom juizo, do que é viver cada um com a necessaria prudencia, pela qual pôde prever as eventualidades da fortuna, e acautelar-se dos perigos que a vida quasi sempre nos offerece, preparando-se para attenuar os effeitos da desgraça, quando ella subitamente lhe cae sobre a cabeça? — Como é pois que se poderá consentir imprudencias e infidelidades nos bispos, se elles são dispenseiros de Jesu Christo, isto é, sagrados medianeiros por onde as mercês e graças do Senhor se hão de espargir sobre os fieis? — O apóstolo expressamente requeria nos bispos estes predicados, por saber e conhecer, de propria observação, quão cheio de prudencia e lealdade fôra sempre o Redemptor em todos os actos de sua vida; pois nunca soltou uma só palavra, nem fez uma unica acção, que não fosse do maior comedimento e brandura, e da mais acrisolada lealdade não só com os seus discipulos e apóstolos, senão até com os seus proprios inimigos. — E reconhecendo S. Paulo que Jesu Christo, fôra o primeiro bispo do povo christão, com razão queria que todos os mais bispos imitassem ao divino Mestre e Salvador.

*Pacientes, benignos e piedosos.* Na verdade, S. Paulo que tão valentemente padecêra as maiores injurias e perseguições, quando evangelisava povos tão obstinados no judaismo e na idolatria, supportando-os e amando-os com a paciencia e resignação de verdadeiro apóstolo de Christo, como não exigiria elle as duas virtudes da piedade e beni-

gnidade? Bem via por experiencia que dos homens tinha, que não podia ser bom pastor de ovelhas christãs aquelle bispo, que tivesse character insoffrido, deshumano e violento. — Sé ha condição em que se precise benevolencia para as fraquezas e erros dos homens, e commiseração para seus infortunios e dôres, e tolerancia para os involuntarios desacertos, é seguramente a do episcopado, porque tem de sua propria incumbencia o encaminhar com brandura e persuasão as ovelhas de Christo para o céu. E não se consegue isto empregando maneiras escandalosas, palavras e acções de aspereza e violencia. — Tão certo e comprovado é, que os homens que por indole forem dados a actos de arrebatamento e a impetos de cólera, se passam promptamente para os arraiaes do atheismo ou da indifferença, se são maltratados de seu pastor espirital. E depois não ha meio de os desalojar d'alli; ficam para sempre perdidos para Jesu Christo. — A quem senão ao bispo, que é naturalmente o juiz de paz do seu rebanho, pertence conciliar inimizades, extinguir disputas, solver duvidas e escrupulos, attrahir os animos rebeldes, amparar as almas fracas e timoratas, reprehender os recalcitrantes, applicar e moderar a prepotencia dos poderosos, afagar a quantos careçam de espirital agasalho, e prégar a doutrina de Jesu Christo, que é toda ella de paz, de brandura, e de amor? — E como hade elle desempenhar-se de tantas obrigações, que como bispo contrahio, senão usando sempre com os fieis da maior paciencia, de toda a caridade e piedade?

*Mansos e caritativos.* Haverá quem em boa fé possa negar que este preceito do apostolo é indispensavel nos

bispos? Se a base da religião catholica consiste essencialmente no amor de Jesu Christo e do proximo, e se este amor se manifesta sómente pela caridade pratica, a qual procede da fé e da esperança, como apascentará e regerá bem as ovelhas o pastor que não fôr affectuosamente amigo dos orphãos, dos peregrinos, dos desvalidos, das viuvas pobres, e de todos os outros infelizes? — Teve pois muita razão o apostolo em prégar com tamanha instancia a santa virtude da caridade, mas caridade efficaz, caridade practica e solida. Não a simples caridade de esmolos e de beneficencia aos pobres, mas sim a caridade entranhada no amor dos proximos. Não aquella caridade de palavras ou de lingua, senão a das obras e da verdade. Em fim aquella caridade que tem por fundamento, não a simples ostentação, mas sim a virtude, e só a virtude sincera. — E ninguem hesite em crêr, que é esta a mais sublime das virtudes. Só a exerce condignamente o que a Deus ama, só por elle ser quem é, infinitamente misericordioso e bom; aquelle que aprecia a sua alma por ser a purissima emanação do mesmo Deus; aquelle que nos seus proximos contempla e vê os filhos do Creador, e seus irmãos em o Senhor.

Ah! Que se não tiverem coração caritativo para com seus irmãos e amoroso para com Jesu Christo, nunca poderão os prelados catholicos consolar as suas ovelhas nem dar-lhes pasto espiritual, nem livrá-las das ruins hervas da apostasia, nem arrancá-las do pego das culpas, nem proporcionar-lhes a entrada na bemaventurança! — Para que o rebanho chegue a convencer-se de que o seu pastor o ama com sincero affecto, cumpre a este minorar-lhe as miserias

com a esmola, abrandar-lhe as dôres da adversidade com exhortações, socegar-lhe as iras e inquietações com modos mansos e suaves; só assim o poderá mover á penitencia e á frequencia dos sacramentos da confissão e da communhão, sacramentos que são o posto avançado da verdadeira fé e ao mesmo tempo o meio seguro da salvação.— Tambem recommendava com instancia S. Paulo a mansidão de animos nos bispos, porque via que com gestos demasiadamente sevêros, com vozes asperas e com reprehensões violentas não se adoça o azedume dos homens, nem se lhes ganha o coração e a vontade. — Ao contrario, entendia elle que por palavras de doçura e cortezia se domesticam e acalmam os temperamentos, ainda os mais refractarios e bravos. Não cessava pois de pedir a seus discipulos os bispos Timotheo e Tito, que usassem sempre a maior brandura, acompanhando-se de gravidade e de amor para todos.

*Justos e tolerantes:* Que melhores e mais proficuos requisitos poderia S. Paulo exigir dos bispos? — A tolerancia de todas as opiniões e a mais exacta justiça para com todos, são as qualidades que não cessou de prégar o apostolo, como meios segurissimos de tornar respeitada e obedecida a sagrada ordem episcopal.— De feito, como conciliar a consideração e estima dos outros, quando se lhes não administra justiça inteira? E o que são as injustiças, senão furtos que se commettem, roubando-se ao proximo aquillo que de direito lhe pertencia? — Apenas o povo conhece que o seu prelado se ha com elle injustamente, ora vendendo os officios em que tem ingerencia a mãos sacerdotes, ora recebendo peitas e donativos, já aceitando empenhos e pedi-

dos, já finalmente maltratando os ecclesiasticos de bom comportamento, nega-lhe o respeito e a reverencia, e fica prompto a revoltar-se contra elle, quando appareça novo motivo de escândalo. — Se entre os homens tudo fôra commum e nada proprio, como bem pudêra acontecer se todos fossem sinceramente amigos entre si, então não haveria direito de propriedade, nem se imaginára mesmo possibilidade de commetter injustiças ou roubos. — Porém sendo o gráo de intelligencia e a aptidão do corpo tão diversas nos homens, e vendo-se que os mais destros e valentes como tambem os de mais agudo engenho só tratam de avassallar os que lhes são inferiores n'esses dons naturaes ; e não tendo todos a felicidade de se estimar e amar como irmãos, segundo manda o evangelho, segue-se d'essa desigualdade e differença que entre elles ha, que não pôde haver coisa que mais vivamente incite os animos a rixas e contendas e os exacerbe, como as injustiças que alguém nos queira infligir manifesta e claramente. — Soffre-se, é verdade, algumas vezes com paciencia um roubo, quando se percebe que o infortunio e a miseria o causára e promovêra ; mas ninguém pôde supportar uma injustiça, posto que não passe de ser roubo. E por que ? Porque procede sempre de habitos depravados ou de prepotencias escandalosas, da parte dos superiores para os que são inferiores. — Quanto não é pois mais censuravel, que abuse um bispo da sua autoridade e alta posição, para practicar actos evidentemente injustos, com que vae incendiar o resentimento do seu clero, ou afugentar o amor do seu rebanho ?

Via tambem o apostolo, que sem aquell'outra qualidade

da tolerancia, fôra impossivel aos pastores d'almas guial-as seguramente para Jesu Christo: por isso expressamente re-commenda aos bispos, que observem a maior paciencia nos defeitos involuntarios do povo, que o admoestem e corrijam por expressões da maior brandura e paciencia; porque gestos e vozes de rispidez e de impaciencia produzem sempre péssimos resultados. — Não se póde contestar, que um dos mais bellos florões do episcopado é a formosa virtude da tolerancia, nem póde haver planta que mais recentes flôres e doces fructos produza, do que a santa tolerancia. — Qual será o infeliz, por mais necessitado e miseravel que seja, que não estime e peça que ao menos o tratem com paciencia e tolerancia, quando mesmo lhe não adocem pela caridade a sua penuria? — Demais, quem é que com mais brandura e amenidade observou á risca o divino preceito da tolerancia com os proximos, até com os inimigos, do que o apostolo S. Pedro, o grande S. Paulo, o apostolo S. João? E não foram estes primitivos antecessores dos bispos, os grandes mestres das virtudes practicas, e o luminoso pharol que por tantos seculos tem alumiado o mundo, e o hãode alumiar até á consummação dos seculos?

*Corajosos nos combates da fé.* D'este sublime dom que a vontade e a moral sobremaneira fortalecem, offereceo o apostolo o maximo testemunho, pelejando as duras guerras da perseguição, com animo forte e invencivel, sempre animado de fervente amor a Jesu Christo, cuja doutrina tanto se esmerou em propagar por todo o mundo. — Aconselhava pois os bispos a que se confortassem com o divino auxilio, para sem custo combaterem nas batalhas do aposto-

lado, devendo offerecer-se em holocausto para gloria e honra do nome christão, imitando ao Salvador que pelo genero humano morrêra n'uma cruz. — Que valor pois não cumpre aos prelados ter para debellar a heresia e os scismas, sem jámais lhes conceder trégoas, destruindo as tenebrosas argumentações dos discolos, arremessando-lhe as formidaveis armas do evangelho, fulminando os incrédulos até os reduzir a Jesu Christo, e expondo sua propria vida pela fé ?

Os que se não sintam com intrepidez e coração para estas luctas, não aspirem á dignidade episcopal ; porque tão elevado cargo demanda uma alma forte. Pastores pusillanimes que em frente do perigo abandonam covardemente o rebanho, esses não quer o Senhor. — Se persistirem em sollicitar um ministerio que não pôdem preencher dignamente, Jesu Christo lhes tomará strictissimas contas no dia do juizo. — Que? Não se consente que demandem empregos civís ou militares os que são ineptos para bem os desempenhar, porque do seu máo serviço resulta grave mal ao estado ; e hade permittir-se que requeiram a mitra episcopal aquelles sacerdotes em que não concorram a abnegação de si proprios, a firmeza de vontade no serviço divino, e os brios de soldados de Christo ? — Teem os mais cidadãos apertada obrigação de examinar dentro de si o que pôdem e o que valem, antes de sollicitar um lugar que pretendem, e não deverão fazer egual exame de consciencia os prelados, que a Deus tem de responder pelas almas do seu rebanho ? — Se no fundo da consciencia entenderem que lhes não assiste o valor para tão espinhoso cargo, desistam da pretensão ; que Deus lhes levará em bem sua

franqueza e abnegação, e a sociedade os louvará e remunerará por esse generoso sacrificio.

*Bons operarios de doutrina, de inteireza e gravidade.*  
É formal recommendação de S. Paulo, que não concebia poderem prégar ao povo e ensinar-lhe boa doutrina aquelles pastores, que d'estas virtudes não fossem vivo espelho. — E na verdade; é pela energia nas exhortações apostolicas, é pela sã doutrina, pela integridade de caracter, honra e seriedade que um bispo obtem de seus diocesanos a estimação e respeito, com que os animos se inclinam para a conversão e se amansam.—Varões venerandos, por sua moral austérea, insignes na prégação do evangelho foram sem duvida os apóstolos e discipulos do Redemptor. Por isso seus gloriosos feitos não pôdem, nem devem jámais esquecer aos que lhes succederam no apostolado, que são os bispos. — Quando S. Paulo advertia a seus dois discipulos, que ponderassem com todo o cuidado se eram bem morigerados os que de futuro instituíssem para novas dioceses, queria n'isto dizer que se não contentassem de boas palavras, senão que ao mesmo tempo exigissem obras de sã doutrina christã, de gravissimo comportamento, de honestidade e de exemplares virtudes. Sermões ainda os mais ornamentados e cheios de eloquencia, não bastam para o povo; pôdem sim agradar-lhe á imaginação, mas não lhe demovem a alma dos habitos depravados. Para que produzam o bom effeito, deve-os proferir da cadeira da verdade o prelado de vida edificante e não corrompida, que com seus actos confirme o que aos outros aconselha. — Como principes que são da igreja, e por que aceitaram

o encargo de apascentar as ovelhas de Jesu Christo, entendam os bispos, que lhes é preciso professar dignidade sem soberba, parcimonia sem mesquinhez, brandura sem negligencia, justiça sem deshumanidade, caridade sem ostentação, sciencia sem orgulho, humildade sem humilhação, tolerancia sem offensa nem quebra da lei de Deus e das prerogativas da egreja. D'outra sorte em vez de salvarem, perderão para Deus a mór parte do seu rebanho.

*Irreprehensíveis e saudáveis nas palavras.* Quer isto dizer, que sejam taes os prelados que no povo infundam crença na fê e amor do proximo, de maneira a não poder ninguem accusa-l'os de expressões deshonestas, profanas e indignas. — Eis a razão porque S. Paulo tanto se afadigava em admoestar a conveniência de evangelisar os povos com vozes de brandura, ensinando a santa doutrina em estilo claro e intelligivel, sem que se percebesse sentido algum ambiguo ou equivoco nas phrases. — Mais ponderava o apostolo, que usando os bispos palavras irreprehensíveis resultaria ao povo o grande proveito da ficarem os adversarios do christianismo envergonhados de não ter que dizer mal do pastor que as pronunciava. — Ora se no commum da vida tão preciso é o pão quotidiano para alimentar o corpo e o castigo para punir os crimes, quem duvidará que para o sustento da alma é indispensavel provar aos fieis, que a Religião de Jesu Christo é toda de pureza e de mansidão, de mutua amizade, de clemencia e verdade, de humildade e paciencia, de suavidade e doçura?

Que é o que se faz ás feras para as amansar e submet-

ter aos caprichos do homem? Ao principio emprega-se o terror e a violencia para d'este modo as desbravar e intimidar, e ao depois os afagos e carinhos; porque os animaes ferozes, se é preciso que respeitem a quem lhes dá o pão, querem tambem que os tratem com brandura, porque d'este modo ficam amando mesmo a quem os castiga. Tal é o effeito da brandura nas maneiras e palavras, que até aos brutos, ainda os mais ferozes, os domestica e attrahe! — Vão provocar com asperezas e violencias ao homem ainda o d'animo mais quieto e soffredor, e vejam se elle aceita de boa mente os máos tratos! Por certo se irritará, e com razão. — E aquelle que é de temperamento irrascivel e de coração mais aspero, como receberá as violencias e durezas que lhe infligir o seu bispo, que aliás tem obrigação de ser com todos pacientissimo e benigno? — Reparem bem no adagio... n'uma simples colher de mel se caçam mais moscas, que n'um tonel de vinagre... E fiquem entendendo que os labios do prelado devem ser mellifluos e doces, para acalmar as amarguras do seu rebanho. O azedume do vinagre empreguem-no sómente para censurar os vicios inveterados, quando não seja possivel modifical-os e extirpal-os por meios suaves. — Sejam pois as phrases e admoestações do bispo, de consolação nas angustias e nos erros involuntarios das suas ovelhas, e sirvam de remedio efficaç contra o peccador cego e obstinado.

*Puros da consciencia, do coração e da fé.* Haverá um só homem, a não ser alienado, que das acções e pensamentos que practica ou intenta, não tenha plena consciencia, embora o negue quando a isso o mova o interesse? E po-

derá ter tranquilla a sua consciencia, commettendo actos pecaminosos e meditando damnados designios? Certamente não. — Poderá pois um bispo, que sabe haver transgredido a lei de Deus, prégar convenientemente contra os ruins intentos do coração, contra a falta de crença, contra as consciencias refalsadas, se elle mesmo não tem fé viva em Jesu Christo, e se lhe trasborda a alma de impurezas e a tem roida de remorsos? — Eis o motivo porque não consentia S. Paulo, que se dêsse o governo do rebanho de Christo se não a pastores que tivessem puro o espirito, e crença intima nos mysterios da religião. E estava convencido, de que sem estes formosos dons da graça não podiam colher feliz exito de suas prédicas, por mais floridas e brilhantes que fossem. — Demais, como hade a bocca do sacerdote communicar phrases de fé pura aos ouvidos da alma se o coração aonde se reflectem os echos das alegrias e das afflicções o tem cheio de perturbações e o espirito cercado de remorsos?

Que nos diz o apostolo d'aquelles bispos, que devendo pela indole do seu ministerio ser claros exemplos da fé, deixam ao contrario entrar no seu animo duvidas e incertezas sobre pontos da divina revelação? Censura-os acremente, e com sua apostolica e excelsa autoridade determina, que sejam de fé purissima para tudo quanto se encerra nas sagradas lettras. — E com razão; porque não poderão jamais insinuar nos crentes as verdades da revelação, se d'ellas não tiverem segurissima consciencia. — Quando pois por sua desventura se não reconheçam compenetrados da divina graça para crêr quanto Deus disse e dictou nos evangelhos,

ou abandonem immediatamente o cargo de que a Providencia os não julga merecedores, ou implorem vehementemente o divino auxilio, orando com ferventes instancias, para que de um ou outro modo Jesu Christo haja com elles misericordia. — Deus, que é o centro e a egide da fé, de si tão benigno e bondoso se mostra, que não pôde negar-se aos que em copiosas lagrimas imploram a luz e o amparo de sua graça.

*Guardas feis dos mysterios, em toda a sua pureza.* O estremoso amor que tinha S. Paulo á doutrina de Jesu Christo, depois de sua milagrosa conversão, o não deixava admittir duvidas nem incertezas sobre a pureza dos mysterios revelados. Suas exhortações eram energicas e vehemettissimas, para levar ao coração de todos a certeza da salvação, fundando-se nas verdades divinas. Queria pois e pedia instantemente a Timotheo e a Tito, que sondassem bem o animo dos que tivessem de nomear para as dioceses, porque sacerdotes que não crêsem firmemente em quanto Deus disse, não mereciam tão alta dignidade. — A verdade é que sem este quisito não pôde haver auctoridade no episcopado; porque acima de tudo está a fé absoluta em Deus e em sua doutrina, pela qual são os feis o que são, isto é, servos e soldados da milicia de Christo. — Querer que o prelado seja zeloso apascentador do seu rebanho, não lhe podendo communicar a viva crença que elle mesmo não possui, é querer o impossivel. — Os mysterios são verdades que ultrapassam a humana comprehensão; são preceitos e inspirações divinas que ninguem pôde nem imaginar, nem conceber, porque emanaram directamente de Deus, que é

infinito e incomprehensivel. É n'elles todavia que se funda a religião, e sobre elles não pôde nem deve o christão aventurar suspeita ou duvida. É preciso crer sem discutir.

Deus o disse, e está bem dito. Ao homem, e ainda mais ao sacerdote e ao bispo, cumpre respeitar e venerar quanto o Senhor se dignou dizer e determinar. — Portanto, é aos bispos, que incumbe velar attentamente sobre o sagrado deposito dos divinos mysterios, porque o não venham macular as heresias dos maus doutores, a incredulidade dos atheos, a rudeza dos sacerdotes e a ignorancia do vulgo. — Para se comprovar quão permanente deva ser esta vigilancia dos prelados, basta compulsar os archivos dos concilios em differentes épocas convocados, aonde concorreram varões egregios por sua alta sciencia e piedade, alli chamados a consolidar a santidade dos mysterios da revelação e a explicar o sentido genuino dos dogmas da Egreja. — Portanto áquelles bispos, que não tem crença certissima nos sagrados mysterios do christianismo, muito proveitoso lhes fôra, para a propria salvação, deixar em presença de Deus um ministerio, que não podem continuar a exercer com honra perante os homens.

*Cheios de amor de Deus.* — Tão preciso se faz nos prelados este attributo de respeito e entranhado amor por Deus, que me parece util e preciso apontar as palavras que Jesu Christo no Apocalypse disse por bocca do evangelista S. João a um bispo inepto, tibio, miseravel, sem luz nem amor de Deus, pobre e nú de riquezas espirituaes... *Aviso-te e admoesto-te, que compres ouro para seres rico.*

— Queria dizer... *Aconselho-te que procures o meu amor para seres perfeito.* Muito faltava, já se vê, áquelle bispo para ser digno do emprego que exercia; e o Senhor só lhe aconselhava que adquirisse o ouro do amor divino. Porque assim como o que possui ouro, tem tudo o que ha mister sobre a terra para desfrutar as coisas mundanas, assim o que tiver amor de Deus, terá toda a perfeição a que possa aspirar. — Dizia um nosso erudito mystico, que o amor de Deus vale mais que a prata, que o ouro e que os diamantes, e é mais alto que as magestades da terra.—A alma em que mora o amor de Deus, nem a soberba a incha, nem a inveja a consome, nem a ira a abrasa, nem a tristeza a vexa, nem a gula a inflamma, nem a avareza a cega, nem a luxuria a mancha; está sempre limpa, sempre casta, sempre quieta, sempre alegre, sempre benigna e sempre modesta.

Escutemos ainda outro theologo, discorrendo sobre a ventura que resulta a quem dedica a Deus um amor de coração sincero... O amor de Deus é um jugo que docemente captiva, gloriosamente prende, opprime com suavidade, aperta com força, e prudentemente ensina a quem em si o tem entranhado. — A alma que se identifica nò amor de Deus, nem com as adversidades se perturba, nem com as prosperidades se esvaece, nem com as penas se opprime, nem com as alegrias se relaxa nos seus deveres; nas tribulações acha alegria, honra nos desprezos, na pobreza encontra regalos, e na sua cruz descansa. — Um sabio sem amor a Deus é nescio; um simples de espirito, torna-se sabio com o amor de Deus. O rico sem amor a Deus, faz-se pobre, e

um pobre com amor de Deus é rico. Quem tivesse tudo quanto no mundo ha sem amor de Deus, nada tinha, e quem de tudo quanto ha carecesse, com o amor de Deus tudo possuia. — Ora o pastor d'almas, que a seu cargo tem fazer amorosas de Deus a todas suas ovelhas, quanto amor de Deus não precisa ter para as guiar efficazmente ao alto destino da salvação, que sem o profundo amor de Deus se não alcança?

*Finalmente ornados de santidade.* Pois que? Não se contenta S. Paulo, que possuam os bispos tantos dotes moraes, senão até exige que sejam santos, isto é, que sejam taes que tendo em nada as mundanidades da vida, só pensem e meditem em Deus e nas coisas divinas, e que tudo para elles seja só Deus e o seu rebanho! Sim, e com muito acerto o exige o grande apostolo. Para que se sagram os bispos, ou para que se impetra de Deus a vinda do Espirito Santo sobre elles no acto de sua sagração, senão para que alumizados com a divina luz fiquem sempre sanctificados, e ás suas ovelhas communicarem e infundam sua santidade? — Não pedia pois coisa nenhuma que pedir não devesse o apostolo, requerendo que sejam santos os prelados em suas pessoas, em suas obras, em suas palavras, e mesmo em seus pensamentos. — Tão difficil reputava S. Paulo a apascentação dos rebanhos de Christo, que para a salvação d'estes, tudo o que não fosse um pastor santo, lhe parecia pouco. — Tão certo é, que taes laços arma continuamente o demonio para alucinar as almas e as arrastar ao inferno, que a não ser muito santo o prelado, correm ellas imminente risco de se perderem! — Precisam ser os bispos,

na phrase do apóstolo, um compendio de virtudes, ainda antes de os ungir o Senhor por via do Espirito Santo; porque teem de carregar sobre os hombros o peso de todas as culpas das ovelhas que vão pasturar. — Tanta é sua responsabilidade, quando aceitam o baculo da espiritual jurisdicção! — Todas as culpas das ovelhas, disse eu; porque quantas ovelhas se perderem para Deus, a outras tantas verbas de accusação terá elle de responder no tribunal do Senhor. — E poderá haver mais temeroso encargo, nem mais assustadora responsabilidade?

E que contas não tomará tambem Jesu Christo no dia do juizo áquelles reis negligentes, que antes de apresentarem um pastor para a governança da diocese, não quizeram informar-se per si proprios e se confiaram do ministro, sobre a moral, a sciencia e os mais quisitos que para o episcopado se demandam? — Todos sabem e entendem que a jurisdicção do rei versa especialmente sobre negocios temporaes da republica. Não deve porém deixar de ingerir-se ao mesmo tempo nos assumpos espirituaes, pelo que diz respeito á apresentação dos bispos e á nomeação dos outros logares do sacerdocio, guardando o maior discernimento e prudencia no preenchimento d'estes cargos; porque d'isto depende em grande parte a salvação do povo. — Escrevia S. Paulo aos fieis da Galacia, que os desejos do corpo estão sempre em opposição aos da alma; que a alma e o corpo se guerreiam continuamente, de sorte que quasi nunca póde o homem fazer aquillo que queria fazer. — Com isto quiz significar o apóstolo, que da crua guerra em que andam a alma e o corpo, não póde sair victoriosa a alma,

senão depois de subjugar completamente o corpo. Applicando a doutrina do apóstolo ao episcopado, vê-se claramente que não poderá jámais sanctificar-se a alma do pastor espiritual, sem que por esforços repetidissimos consiga avasalar inteiramente o corpo: é n'esta victoria do espirito e na derrota da carne, que assenta a verdadeira sanctificação, que S. Paulo tanto pede e aconselha.

A salvação da alma, creiam bem os reis, está muito e infinitamente acima da felicidade e prosperidade mundana. — Portanto vejam e ponderem, que tem de prestar apertadissimas contas a Deus por sua negligencia e indesculpavel descuido sobre este importantissimo assumpto do episcopado.

---

ARTIGO II

Dos dotes physicos que nos bispos se fazem precisos,  
para bem satisfazerem sua alta missão

Não commemorou S. Paulo nos bispos attributos e condições fisicas, pelas quaes se tornassem mais auctorizados no exercicio de suas funcções, por entender que para o desempenho do episcopado bastavam os bons costumes, as virtudes practicas e a sciencia das divinas escripturas. — Porém se não deixou determinação alguma escripta a tal respeito, por certo que nas homilias aos povos que evangelisava, muitas vezes notaria a vantagem das boas qualidades corporaes aos prelados, como um dos seguros meios de conversão. — Para mim é coisa averiguada, que muitas circumstancias da vida exterior, como são a idade, os temperamentos, e certos dotes physicos por tal modo influem

sobre a moral e a intelligencia, que d'ahi resulta mutuo concurso e estreita dependencia entre o corpo e o espirito. — Quem não antevê que os sacerdotes de indole nervosa e irascivel, propensos a impetos de colera, e sujeitos á plethora dos humores a qual tanto excita os sentidos, commettem grande peccado sollicitando o officio de bispos? — Luctar victoriosamente com o temperamento, se não é quasi impossivel, é ao menos intento muito difficil.—Só se consegue vencer taes impetos, por um regimen frugal e tenue, a que a mór parte se não quer sujeitar, e por uma força de vontade de que nem todos são capazes. — Demais; para se alcançar o triumpho sobre a carne, é mister evitar por longo tempo os alimentos substanciaes, e submetter o corpo a uma dieta quasi exclusivamente vegetal. D'este modo se attenua e modifica a nimia excitabilidade dos orgãos. Mas para coadjuvar o desejado exito, convém fugir tambem de quantos estimulos e incentivos provocam á gula e á luxuria. — E quanto mais não custa ganhar e conservar a energia de vontade, com que se adquire e fortalece a continencia, a temperança e a resistencia aos appetites sensuaes?

Combater e subjugar as tempestades da carne, sem que se tenha chegado á idade madura, é coisa sobremaneira penosa e ardua. Nem isso se póde conseguir, senão concorrendo a sobriedade, a frugalidade e grandissimo vigor d'alma, que só a fé póde dar, vigor que reprime victoriosamente todos os appetites e paixões. — O certo é, que o verdor da idade não é a epoca propria para entrar n'este combate encarniçado da alma com o corpo, com esperança de triumpho: quando este se realisa, é sempre á custa de

muitos sacrificios e esforços. — Eis a razão porque não deve conferir-se a dignidade episcopal ao sacerdote, que ainda não attingiu o periodo da vida em que as cans alvejando na fronte indicam ter amadurecido o apparelho da intelligencia. — Propôr para o episcopado a um joven sacerdote, embora versado na sagrada theologia, e ornado de costumes irreprehensíveis, só porque nasceu de estirpe fidalga, ou teve bons protectores, e exigir ao mesmo tempo que se conserve puro junto de suas ovelhas, é pretender quasi o impossivel. — Seria o mesmo que approximar o linho ao fogo, collocar á borda do precipicio uma criança, apresentar ao goloso vinhos e viandas, saccos de dinheiro ao usurario, e prêgar ao linho que não arda, ao menino que se não precipite, ao ebrio que não prove dos vinhos e acepipes, ao avaro que não empolgue o ouro.

É certo que o proprio S. Paulo instituiu por bispo a Thimotheo, que era moço nos annos, posto que de costumes mui austeros: seja pois esta uma excepção honrosa que o apostolo entendeu dever fazer ao preceito geral, excepção dirigida a premiar em um caso de summa urgencia para a egreja a grande energia e alto merecimento do seu discipulo. — Se não tivera de ausentar-se para ir evangelisar as nações, e se não precisára deixar em seu logar a um pastor que continuasse a segurar na fê os novamente convertidos a Christo, respeitaria o apostolo o requisito d'uma idade madura, na nomeação dos novos bispos. — Note-se que em uma de suas epistolas insistiu com o mesmo bispo Timotheo, que se fizesse exemplar dos fieis na conversação, no modo de tratar com os proximos, na caridade, na fê e

na castidade, de sorte que ainda que mancebo o não desprezassem os de que hia ser pastor. Que se houvesse com gravidade, modestia, e prudencia para que ninguem por moço fizesse d'elle menos caso; e que se livrasse cuidadosamente de certos vicios do espirito, a que a mocidade costuma ser mais sujeita, como são a soberba, a animosidade, as porfias e disputas, a vangloria, a temeridade e a immodestia. — Tão difficil é o governo das dioceses, que por nenhum motivo nem pretexto se póde dispensar a madureza da idade nos prelados. — É muito mais natural e mais facil conter aos cincoenta annos os appetites da carne e o furor das paixões, que aos trinta ou quarenta, em que o sangue corre ainda demasiadamente apressado, e põem em subita excitação todos os orgãos do corpo.

Para que mais fundamente se gravem no animo dos fieis as exhortações do pastor, quanto não concorre e vale um semblante sereno e grave, benevolo e grato, uma voz insinuante em aconselhar, vibrante e energica em reprehender, gestos modestos e concertados, um ar respeitoso, e outros dotes physicos que tanto se requerem para levar a convicção ao interior da alma? — Em paridade de circumstancias, cumpre preferir para o episcopado o sacerdote que reuna á prudencia da idade um exterior de nobreza de sentimentos e de respeitabilidade de character, muita benevolencia e affabilidade, que é o predicado da sã moral, da sciencia, e da boa educação. — É fóra de duvida que a asperesa do semblante, os gestos grosseiros, a declamação frouxa e sem vida, uma voz desentoadada e debil, não conciliam a attenção e o respeito de que o prelado carece

para que o escutem.— Quão grande não é pois a responsabilidade do ministro e do rei, que desprezando estas considerações propõem para a cadeira episcopal sacerdotes reconhecidamente indignos d'ella por falta de dignidade e de fructo espiritual?—Quantas vezes não acontece frustrar-se a homilia ainda que repassada de espirito de santidade, por ser proferida sem vigor, energia, e sem a emphase que tanto captiva os ouvintes; por ser desacompanhada dos gestos oratorios e da força com que se abalam profundamente os animos?—Ao povo não o commove o brilho das figuras da oratoria, mas sim a vehemencia das phrases, a simplicidade apostolica do estilo; e acima de tudo o converte a candura de consciencia do pastor, candura que logo lhe transparece no rosto e a todos se torna patente.— Desenganemo-nos; tão divina é a doutrina de Jesu Christo, que exposta com clareza e sem enfeites, e pronunciada com o tom da verdade, poucos ha que mesmo contumazes no peccado lhe resistam.

Notemos que para se alcançar completo resultado nas exhortações concorre muito a physionomia benevola, mas ao mesmo tempo grave do prelado, uma voz grata e intelligivel, um ar venerando, gestos simples e modestos; dá-lhe isto muito realce, para attrahir e commover a quantos o escutam.— É verdade que estas qualidades physicas não se podem adquirir pela arte nem pelo estudo, porque são dons naturaes que Deus dá a quem muito lhe apraz.— Mas está na mão do sacerdote o não se propôr a um cargo, que não pode desempenhar com dignidade. Umas vezes falta-lhe a aptidão do espirito: outras vezes não tem os dotes corpo-

raes que no bispo são indispensaveis. Em taes casos mais airoso lhe é abandonar o intento e preparar-se para outro officio, para que se julgue mais habilitado.— Quando contra a propria consciencia insista levado da ambição, deverá estar lá o ministro que o obrigue a desistir. E se este não providenciar, cumpre ao rei ser energico e decisivo, porque é o chefe do estado, e o promotor nato da felicidade de seus povos.— Ao rei como pae que deve ser de seus subditos, cabe grande responsabilidade n'este assumpto importante. Está dentro da orbita de suas perogativas, fazer chamar á sua presença ao sacerdote que o ministro quer propôr para o episcopado, e estudar-lhe na physionomia as qualidades do coração ; porque raras vezes deixa o semblante de indicar e denunciar a indole da alma. Os sentimentos e affectos ainda os que o homem mais se esforça por esconder em si, quasi sempre os patentêa o rosto, sendo sagazmente estudado. Porque a organização do homem, tão maravilhosamente fabricada por Deus, é a que se encarrega de fazer a denuncia. — Se ha entes assás reservados e fingidos, que não deixam chegar ao semblante os movimentos intimos da alma, esses mesmos não podem escapar a que os não desmascare a vista penetrante do observador experimentado.— Grande é o erro de se considerarem todos os homens aptos para todos os logares, sem muitas vezes serem bons para coisa alguma! — Esta fadtude, hoje tão vulgar é de immenso prejuizo para a republica, pelos gravissimos males que lhe acarreta. Ora que enormes desastres não trazem sobre o povo os sacerdotes ineptos ou immorigeros que a todo o custo e por todos os meios demandam o episcopado, percebendo-se claramente que o mau pastor arruina ainda as melhores ovelhas do rebanho?

Como se trata de fornecer sustento espiritual ás ovelhas de Jesu Christo, e os supremos pastores são os bispos, e a auctoridade real, posto que mais pareça ser temporal do que espiritual, se estende todavia, como protectora que é do povo, a todos os elementos da publica felicidade, segue-se que não póde, em boa justiça, firmar o rei proposta alguma tendente á nomeação de bispos, sem que primeiramente medite nas feições do sacerdote que a tão elevado cargo aspira, as qualidades do espirito e as inclinações do coração.— Os bispos são certamente os que mais severas contas teem de prestar no juizo do Senhor por todas as suas ovelhas; porém o rei ainda que chefe temporal, não póde deixar de responder a Deus pela negligencia com que se houve em procurar a salvação espiritual de todo o seu povo. — Vejam pois os reis dos paizes catholicos, olhem que do juizo do Senhor não ha recurso para nenhum outro tribunal. Do juizo dos homens appella-se para Deus, que sempre faz justiça. Mas da irrefragavel justiça de Deus para onde recorrer?

---

### ARTIGO III

Dos attributos ou dotes de intelligencia, que nos bispos se tornam indispensaveis

#### CAPITULO I

Precisam ter os bispos aptidão no ensino da doutrina christã.—Abundancia de sciencia evangelica.— Perseverança no estudo dos livros santos.— Sabedoria auctorizada para a conversão dos peccadores.

Com toda a razão admoestava S. Paulo aos bispos Timotheo e Tito, que nomeassem para o episcopado

varões capazes de ensinar a divina doutrina, ornados de muita sciencia para confundir os impios e alumiar os ignorantes, versados nas sagradas escripturas, cujo conhecimento tão preciso é para corrigir os obstinados; cheios de autoridade de sabedoria com que se fizessem acreditar de suas ovelhas, e perseverantes no estudo para edificar e persuadir os fieis sobre a excellencia das virtudes christãs.— Justo é indicar agora, porque motivo se fazem estes attributos que o apostolo requeria nos bispos, necessarios e até indispensaveis á salvação do rebanho e á honra e boa fama do pastor.

*Capazes de ensinar a doutrina Christã.* Com todo o fundamento demandava o apostolo este quisito; porque sacerdotes ha cheios de sciencia theologica, que são todavia incapazes de transmittir ao povo a doutrina em que aliás abundam.—E a razão d'isto? É porque não teem nem methodo nem clareza na exposição da doutrina. É porque não sabem proporcionar ou accomodar o discurso aos diversos grãos de capacidade de quem os escuta. Ostentam muita sciencia, mas tantas citações e incidentes amontoam, que por fim nem a memoria nem o entendimento do auditorio extrahе d'isso proveito algum.— Era este o motivo porque não requeria S. Paulo para o episcopado o grão de doutor, mas antes se contentava que fossem idoneos e aptos em communicar aos fieis com simplicidade e clareza a doutrina de Jesu Christo.— Ainda que estranho pareça antepôr á sciencia theologica que tanto ornava os antigos doutores da igreja, o methodo, a clareza e o dom de transmittir com fructo as idéas, tenhamos por muito discreta a sentença do apostolo;

porque o seu principal fim era tornar efficazes as predicas e as homilias sobre pontos escuros e dogmaticos que o bispo deve fazer entender ao seu rebanho, para salvação da alma.— N'aquelles vocabulos *capazes de ensinar* quiz S. Paulo significar aos prelados, que era precisa a qualidade natural de se fazerem comprehender dos fieis, de maneira a insinuar-lhes com clareza e facilidade a verdade dos mysterios e dos preceitos da religião christã.

*Vestidos e ornados da sciencia de Deus:* disse o apostolo, e disse bem. Está este preceito em harmonia com outro que muito recommendára ao bispo Timotheo, de se applicar cuidadosamente á lição das sagradas letras para instrucção do povo, e não á leitura dos livros profanos. — Como poderá d'outra sorte um bispo guardar intacto o deposito da escriptura sagrada, se das doutrinas que a igreja recebêra dos primitivos apóstolos, estes de Jesu Christo, e Este de Deus, ninguem deve accrescentar nem diminuir coisa alguma? — É muito para ponderar, que S. Paulo desse tal apreço ao trabalho de prégar o evangelho, que chegava a comparar esse trabalho ao trabalho pesadissimo do boi quando anda na debulha, ao qual é preciso alimentar substancialmente e dar-lhe conveniente repouso.— É que já no tempo do apostolo havia presbyteros, que tendo espirital jurisdicção sobre os fieis nem por isso eram admittidos, porque careciam de sciencia e aptidão, a prégar a doutrina evangelica. Apenas se lhes dava a faculdade de administrar os sacramentos. — Queria pois S. Paulo, que se arbitrasse tambem aos bispos um bom estipendio pela grande fadiga de evangelisar os homens, e que n'elles fosse bem remune-

rada a sciencia, porque eram, elles no sentir do apostolo, os laboriosos bois empregados na debulha dos fructos que a terra de Jesu Christo produzia. — Justissimo é que se pague bem a quem bem serve e trabalha.

Como hade converter á lei de Christo as ruins ovelhas o prelado que não possui cabal conhecimento das sagradas letras, para adduzir em tempo e occasião opportuna os textos e exemplos que n'ellas se encontram? — Quer e aconselha S. Paulo, que se mantenha illesa a doutrina do evangelho: e como obstará á introduccão de novidades profanas, que os scismaticos e apostatas costumam inventar com o fim de perverter a pureza da fé, o bispo que não possuir bastante sciencia para as rebater? Como hade ter auctoridade para reprehender suas ovelhas, ou lhes dar esperanza de que um dia a graça do Senhor as alumiará para se arreponderem. — É claro que não sendo abundante de sciencia evangelica, não poderá combater com bom resultado as doutrinas falsas e hereticas, pelas quaes tantas almas se perdem sem remedio para Christo.

*Versados nas santas escripturas.* Ninguem julgue superflua a advertencia de S. Paulo. Quiz dizer n'estas palavras, que a doutrina encerrada nos evangelhos, nas epistolas e actos dos apostolos, nos escriptos dos prophetas, nas tradições transmittidas pelos discipulos de Jesu Christo, sobre a fé e a moral, são meio seguro e unico de destruir os erros dos incredulos e as falsas argumentações dos hereges. — Perguntarei agora em nome do mesmo apostolo: a quem incumbirá, senão aos bispos, apresentar-se em campo aberto

contra os inimigos da religião, se com sua impiedade tentarem captivar para o demonio as ovelhas incautas? — E como poderão defender o rebanho contra os ataques do infatigavel inimigo commum, se não escudando-se sob a egide dos livros santos, que são uma arma invencivel contra as maquinações dos mundanos? — Notemos porém, que não permite S. Paulo aos prelados a leitura de livros profanos, porque servem sómente de eivar a alma e a gangrenar. — Aos bispos incumbe, mais que a qualquer outro, limpar e purificar o rebanho christão de quantas immundicias o peccado costuma trazer sobre quem o commette. — A responsabilidade que sobre o episcopado recahe, é tanta, diz o apostolo, que no juizo de Deus não haverão elles nem perdão nem desculpa, se não tiverem bem cumprido o seu dever. — O officio do bispo é locupletar-se de sciencia divina, é conhecer a fundo o codigo dos preceitos da religião, é trabalhar opportuna e mesmo importunamente por evangelisar e salvar o rebanho, que a Providencia lhe confiára, é abster-se cuidadosamente de quanto possa turbar a pureza do coração, é empregar finalmente todo o tempo em se preservar a si e livrar as ovelhas de Christo dos insultos do demonio.

*Cheio de auctoridade de sabedoria.* Não será superflua esta exigencia de S. Paulo? Pedir auctoridade para a sciencia, quando tão auctorisada é estimada de todos, quer a possua o rico, quer o pobre, o poderoso ou o humilde? Não foi ella sempre respeitada e tida no maior apreço? — Apesar d'isto, é acertadissimo o que pede o apostolo. Quer elle que os bispos tenham tal sabedoria, que suas ovelhas lh'a

reconheçam e venerem: e por certo a não estimam, se não assentar na prudencia, na moderação e discripção, na tolerancia e na modestia, porque são as virtudes que a fazem recommendavel; são ellas que a fazem auctorisada no sentido em que S. Paulo se exprimia. — O apostolo não se contentava de que fossem versados nas sagradas letras, por que muitas vezes se acompanha de muita vaidade a sabedoria, ao ponto de se tornar em escandalosa ignorancia. — Queria mais que ella se escudasse no bom juizo, porque lhe parecia mui acertadamente, que sem o discernimento não ha sciencia que preste para coisa alguma. — Com que verdade não falla o apostolo asseverando, que havia sacerdotes cheios de sciencia, que se não faziam acreditar dos fieis, porque não tinham a circumspecção, o tacto e o criterio com que muito se ennobrece a sabedoria, e lhes faltavam além d'isso as virtudes moraes, que no sentir do apostolo lhe dão a verdadeira auctoridade.

Quantas vezes se não tem visto subir á cadeira da verdade, diz um nosso theologo, a propria sabedoria ataviada de galas deslumbrantes e ornada de palmas e flores que lhe tecêra a rhetorica, descer d'alli toda ensoberbecida e cheia de vaidade, mas qual arvore que se veste de muita folhagem sem dar nem flores nem fructos, ficar esteril sem haver produzido nem o arrependimento nem a conversão para Deus? E qual é o fim genuino da sciencia christã, senão a salvação da alma? Adquirir com aturado estudo grande cabedal de idéas que em linguagem vulgar se chama sciencia, não é assumpto muito difficil, principalmente quando o estudo se acompanha de talento. O difficil é saber apre-

ciar os factos, e as causas que os produzem ; o difficil é perceber bem o que realmente significam, e prever os resultados que d'elles podem nascer ; o difficil é discriminar a verdade pura de entre as verdades apparentes ; o difficil emfim é poder applicar a doutrina das divinas letras á indole e ao coração dos fieis, e fallar-lhes á consciencia de sorte, que abandonem o peccado e se passem para Jesu Christo. — É por isso que não se contentava o apostolo com a sciencia desguarnecida de são juizo, que é a sua contraprova. — É por isso que elle queria, que os bispos se habilitassem de antemão com dotes de bom senso, de exemplares virtudes e de prudencia para serem julgadores sensatos dos actos humanos: que se revestissem de bastante sciencia sagrada: que se ataviassem d'aquellas qualidades moraes com que mais fulge e brilha seu elevado cargo. Porque estava convencido, que sem isto não podiam ter *sciencia auctorisada*, nem preencher a sua missão. — Sem juizo não pôde haver virtude, diz um profundo moralista ; da vereda dos céos não anda afastado senão o infeliz, que ou perdeu o juizo ou nunca o teve.

*Perseverantes no estudo.* Quiz n'isto dizer o apostolo que para melhor escaparem ás tentações e laços que o mundo não cessa de armar ainda aos mais vigilantes, deviam os bispos applicar ao estudo a parte da noite e do dia, que dispensassem dos encargos do seu ministerio ; porque é esse o poderoso meio de não só se instruir, senão tambem de fugir aos mãos pensamentos. — E bem haja S. Paulo por tão saudavel conselho ; porque, se pôde haver distracção grata ao espirito, se ha tempo perfeitamente aproveitado, se

ha horas tranquillias para o coração, se ha momentos de espirital contentamento, são por certo os que se passam no tracto e conversação dos livros, e mais ainda nos livros das sagradas letras. — Disse eu, *distracção grata ao espirito*; e parece-me que disse bem; porque para restaurar as forças da alma exaustas nos trabalhos de espirito, não vale o repouso absoluto da intelligencia. — O que renova o primitivo vigor da alma, é em vez de descansar absolutamente de todo o estudo, dirigir antes o espirito para assumptos diversos. Esta distracção ou mudança de trabalho intellectual é que faz restaurar e habilitar para depois continuar nos primeiros estudos com que a alma se havia fatigado. — Disse mais, que *pela assiduidade no estudo se livram os bispos das mundanas tentações*; e creio que tambem me não enganarei; porque sei que desempregado o espirito dos estudos, fica por isso muito disposto e propenso para se entregar a phantasiar projectos mundanos. — Mal impressionada d'este modo a alma, reagem logo sobre ella os sentidos physicos, e a poucos passos é arrastada para os vicios, em que não cahira, se estivesse conversando com Deus nas sagradas letras, nos livros dos apóstolos, prophetas, e doutores da egreja e nos escriptores mysticos.

Quanto mais decente e proficuo não é aos bispos, disse um grave escriptor mystico, que em vez de se darem ao jogo quer na sua quer nas casas de outrem, e de consumirem horas e horas em ceremonias e mundanas visitas e assembléas, se deleitem no estudo dos livros santos, aonde bebem para si e para os seus rebanhos a sã doutrina de Jesu Christo? — Não sabem que a sua missão sobre a terra é evangelisar

o povo, é velar sobre as acções dos parochos e dos outros sacerdotes no districto de suas dioceses, é rebater as innovações perigosas dos scismaticos, é censurar com energia os erros e vicios dos peccadores, é fazer as vezes de juizes de paz para atalhar discordias e rixas, é pastorar efficaçamente o seu rebanho, é visitar as parochias para confortar os infelizes e escutar suas queixas, é soccorrer os indigentes, é manter a integridade da lithurgia catholica, é offerecer quotidianamente ao eterno Padre no templo de Deus vivo o incruento sacrificio da missa, é estudar as maximas da moral christã, diffundil-as e propagal-as com o maior disvelo, é superintender emfim sobre todos os assumptos espirituaes, de que são os naturaes juizes, como successores dos apóstolos? — Ah! que muito bem dizia santo Agostinho, um dos mais insignes bispos da christandade, asseverando que se não podiam nem deviam chamar bispos, aos que só queriam governar e mandar, sem procurarem a felicidade de suas ovelhas!

---

## CAPITULO II

Devem possuir os bispos zelo e fervor na prégação do evangelho: crença absoluta e fé interior nas palavras de Jesu Christo: talentos naturaes para confundir a incredulidade, a heresia, e separar da verdade os erros

Aconselhava o apóstolo aos bispos e n'elles requeria, que abundassem em cuidado e actividade na disseminação da doutrina evangelica por todo o orbe, e que possuíssem convicção inteira nas verdades da fé. Porque entendia não poder haver verdadeiro amor a Deus e ao proximo sem a purissima crença na descida de Jesu Christo á terra, nos seus milagres,

nas suas divinas sentenças, na sua paixão e resurreição, e na certeza de um futuro juizo universal. — Exigia mais S. Paulo, que fossem dotados de natural talento e engenho, com que victoriosamente combatessem os enredos e sofismas da impiedade e do atheismo. — Nem se pôde increpar de exigente o grande apóstolo, por demandar nos prelados tão preciosas qualidades. Ninguem melhor do que elle percebia, a quantas ciladas e tramas está sujeito o christianismo. — A prova de que se não enganava, foi o que ao depois se verificou na Igreja, isto é, a infinda serie de desavenças, de dissensões e discordias provocadas e continuadas pelos christãos. — Vejamos agora os motivos em que se auctorisava para recommendar a seus discipulos Tito e Timotheo, o concurso de todos estes quisitos. É bem que os fiquem sabendo os bispos, e os conservem na memoria.

*De abundante actividade e vigilancia na evangelisação dos povos*, quer S. Paulo que sejam os bispos. E não se satisfaz porque sejam diligentes em prégar á sua grey os santos evangelhos, senão recommenda e exige que abundem em zelo e actividade para levar a longes terras a palavra de Deus, e a sua divina doutrina. — Porque entendia o apóstolo que sem entranhado amor pela propagação da fé não basta a sciencia das sagradas lettras, e que para convencer os incredulos, os atheos, os scismaticos e destruir o indifferentismo se faz precisa além de firme vontade, aquella maxima actividade de espirito, que outr'ora movêra os primitivos apóstolos a peregrinar por longinquas regiões e a ensinar por todo o orbe a palavra de Deus. — Ser sabio é pouco para um bispo, affirma um nosso theologo ; deve ser



tambem amoroso por Jesu Christo, como o é do demonio o peccador, porque só então poderá triumphar da cegueira dos infieis.—Por isso não cessava S. Paulo de exigir dos bispos muita coragem no desempenho de seus deveres, inabalavel perseverança em supportar contrariedades e tribulações, paciencia em soffrer as fraquezas e erros de suas ovelhas, e constancia em prégar ao povo a doutrina evangelica.—Dizia mais que o officio dos bispos era evangelisar, instar opportuna e importunamente, não se desalentar jámais com as difficuldades e obstaculos, persistir na conversão dos peccadores e pagãos, reprehender, rogar, supplicar, e acender nos animos aquelle fogo da divina graça, que do Espirito Santo haviam recebido quando os sagrou a Igreja.

Quão estranhavel e reprehensivel não é pois o procedimento que teem ainda alguns bispos, despresando as admoestações e preceitos de S. Paulo! Não comparecendo na sua igreja cathedral senão quatro ou seis vezes em cada anno: não prégando aos fieis senão rarissimas vezes: não visitando as igrejas de suas dioceses senão acompanhados de pompas mundanas e muito de longe em longe, não procurando para os necessitados aquelle nutrimento corporal e espirital de que falla o evangelho! O resultado de tão indesculpavel relaxação é ir-se apagando pouco a pouco o sagrado lume da fê, nas ovelhas de Christo. É affrouxar-se no sacerdocio a observancia de seus deveres. E abrir-se lentamente com grande escandalo e vergonha dos christãos uma éra, que talvez não diste muito, em que se dispersará o rebanho de Jesu Christo, eivado e corrompido da

lepra do atheismo e do indifferentismo ! — Aqui vereis quão preciso é prover de prompto remedio contra tão desastroso futuro. Não ha outro meio, senão dirigir e repetir fortes censuras a esses bispos, por sua malfadada incuria e desleixo, nas quaes o governo lhes lance claramente em rosto o esquecimento criminoso em que vivem de Deus e do seu rebanho. — Como poderá consentir o Senhor que tantas e tantas almas se exponham á eterna perdição, por falta e culpa dos pastores a quem está incumbida sua salvação ? Severas contas teem elles de dar a Jesu Christo ; e não es- treitas as dará tambem o governo, que em tamanhas negli- gencias consente, e as deixa correr impunes.

*Conscienciosos na verdade da fé.* É ponto sobre que muito insiste S. Paulo ; e disto logo se vê o motivo. Como po- derá um bispo combater corajosamente as argumentações capciosas dos inimigos do christianismo, e demover os pec- cadores de seus vicios, se não possuir segurissima certeza das verdades em que a fé manda crêr ? — O prelado que não reconhece como incontrovertida e certissima a doutrina do velho testamento de Deus, e do novo testamento de Jesu Christo, como poderá instruir convenientemente o seu rebanho e achar armas para debellar as heresias ? — É indis- pensavel que creia firmemente quanto nas sagradas lettras se encerra de dogma e preceito, para que tambem nelle pos- sam crer quantos o escutam. — Quando as palavras se não conformam com o que sente o coração, ficam sempre vãs e inteiramente estereis. — O que succede aos fieis quando vão ao templo ouvir a um bispo, que não possui a fé viva de verdadeiro christão ? Por mais que abrilhante o sermão

com ornatos d'eloquencia, agradará sim á imaginação, mas não póde infundir em todos aquella uncção apostolica que, attrahe as almas e as arrasta á penitencia e ao arrependimento. Quem não tem a fê ardente de missionario, não a póde insinuar no animo de seus ouvintes.

Aos bispos, que desamparados de boa moral, de pura e sã doutrina e crença em Deus, só curam de tornar florida sua locução, não querendo nem podendo fallar ao coração, e sendo antes evangelisadores de nome que de doutrina, é a esses que o apostolo reprehende. É a esses que ameaça e estranha, arguindo que sendo a consciencia impura, não poderá o pastor chamar as almas ao caminho do céu, porque não creem n'elle.

Com acerto dizia um prelado... que para colherem os bispos fructo da sementeira de suas palavras, precisam ter recebido no seu espirito os sons accordes da graça de Deus e as inspirações do divino Espirito Santo.

Só assim, á força de meditar os sagrados mysterios, se poderão os bispos desprender das idéas e pensamentos mundanos, que tanto entenebrece a razão, e encaminhar santamente a suas ovelhas. — Só assim hão-de elles ganhar aquella crença inabalavel, que consegue despedaçar ou ao menos abalar a incredulidade dos herejes e apostatas. — Que contradicção não é vêr um bispo prégando ao povo os evangelhos com intento de o mover, e na sua consciencia não estar seguro e convencido!

*Varões de natural engenho.* Ainda que pareça bastante exigir dos bispos além das virtudes practicas a sciencia das sagradas Escripturas, julgou todavia S. Paulo que tambem devia demandar n'elles o dom do engenho ou aquella natural perspicacia, e agudeza que resolve as questões e duvidas suscitadas pelos falsos doutores, e explica facilmente os pontos difficeis dos livros santos. — A verdade é, que se apresenta frequentes vezes muita erudição sem talentos, e engenhos superiores sem sciencia alguma. — Coisa notavel! É raro encontrar-se a sabedoria ligada com o engenho natural. É coisa tambem para ponderar! São quasi sempre estereis os talentos, porque se vestem de nimia phylautia e arrogancia.

Como quer pois o apostolo, que possuam os bispos sciencia adquirida e agudeza natural, quando tão raras vezes apparecem reunidas? — E como requer mais no episcopado fê, caridade, amor de Deus, desprezo do mundo, humildade e paciencia, gravidade, persistencia no estudo, continencia e santidade? — Por ventura não via que os bispos por ser sacerdotes, não deixam de ser homens, e que os homens pelo facto de serem barro e pó são creaturas frageis e imperfeitas? Sim, via e bem o entendia; mas sabia ao mesmo tempo, que tudo quanto exigia, lh'o dictava o Espirito Santo. Ora, dizendo-lhe o Senhor ao coração, que as inspirações do Espirito Santo emanavam de Jesu Christo e de Deus, concluia S. Paulo que não podia o Senhor por boca d'elle apostolo requerer ou pedir coisa alguma, que excedesse as forças dos bispos. — Vêde christãos o que sobre isto nos diz o mundo... Não notaes o afan

e diligencia com que sollicitam o cargo episcopal e o fervor com que trabalham para o obter?—A Timotheo advertia S. Paulo que esta alta dignidade da egreja é muito appetecida dos homens, e merece realmente appetecer-se ; e tanto, que diz o mesmo apostolo, que quem deseja ser bispo, deseja um boaobra, ainda que em si não seja boa coisa. — Que ? Pois é boa obra, e não é ao mesmo tempo coisa boa ? — Sim, responde S. Paulo, porque a palavra *bispo* é nome de obra e não de honra ; significa compendio de boas obras, das quaes se gèra a grandiosissima obra da salvação das almas ; é obra altamente meritoria aos olhos de Deus ; é obra pela qual o bom pastor d'almas tem de receber no céu um premio infavel. — Retenhamos pois de memoria as sublimes phrases do apostolo das gentes : ellas dizem clarissimamente que o episcopado não é cargo de pompas, de vanglorias, de vaidades, senão officina espinhosissima de trabalhos, de fadigas, de obras meritorias. — Infeliz, mil vezes infeliz aquelle que tendo consciencia de não possuir os dotes de espirito que S. Paulo tanto exige para o episcopado, se abalança a requestar um cargo tão difficil ! — Ah ! que se o chega a conseguir sem o merecer, a justiça divina que tão diversa é da justiça ou injustiça dos homens, lhe hade tomar as mais apertadas contas no temeroso Juizo.

ARTIGO IV

Dos direitos e prerogativas dos bispos

CAPITULO I

Origem do episcopado.—Os bispos procedem dos primitivos apóstolos de Jesu Christo.—São os seus vigários e dispenseiros.—Tambem se chamavam pontífices.—O seu poder emana directamente de Deus.—A sua jurisdição é illimitada.

Sendo muito onerosos e tamanhos os encargos do episcopado, e exigindo-se dos bispos tão eminentes qualidades, quaes referia S. Paulo, justissimo era que gozassem grandes prerogativas e potestade. — Antes de as aprontar é preciso dizer qual foi da sua origem, isto é desde Jesu Christo, o poder episcopal. Tocarei este assumpto com a possivel clareza, para que sobre elle não fique duvida ou incerteza alguma. — O primeiro bispo foi certamente o proprio Senhor Jesu Christo, e S. Pedro companheiro e apóstolo do Redemptor o chamava bispo e pastor das almas. — Foi tambem Jesu Christo, que instituiu bispos a seus discipulos e apóstolos, dizendo-lhes, como se lê no evangelho de S. João... *Recebei o Espirito Santo, ide por todo o mundo, prégae, ensinae, baptisae; tudo o que ligardes ou desatardes na terra, será ligado ou desatado no céu.* Exhortou-os mais o Senhor, diz o evangelho de S. Matheus, a que por virtude do poder que havia de Deus recebido sobre os ceos e a terra, fossem ensinar a santa doutrina a todos os povos, e os baptizassem em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, e os admoestassem a guardar tudo quanto na lei divina se achava escripto.

Portanto, não póde nem deve negar-se que Jesu Christo instituiu o episcopado, e que elle mesmo lhe deo o mais amplo poder espiritual sobre os homens. — Demais, em testemunho de que os primitivos apóstolos de Jesu Christo foram ao mesmo tempo os primeiros bispos, lê-se nos actos dos apóstolos, que S. Pedro, querendo preencher o lugar que no apóstolado vagara pela morte de Judas Iscariotes, convocara os fieis dizendo-lhes... É preciso que venha outro tomar conta de um lugar de bispo que está vago; e fazendo proceder á votação por meio de sortes entre dois que tinham sido propostos, confirmou a S. Mathias no episcopado, porque a sorte o favorecêra. — Obedecendo os apóstolos á expressa ordem de Jesu Christo, foram evangelisar os povos, e repartiram entre si de commum accordo as provincias, que cada um devia instruir e governar espiritualmente. — D'aqui nasceram as primeiras dioceses, nas quaes como supremos legisladores dos seus rebanhos, fizeram os bispos constituições e leis sobre os mais importantes assumptos da Egreja, os jejuns, as quaresmas, as festividades da paschoa e outros pontos que o divino culto demandava — Note-se mais, que o poder outorgado por Jesu Christo a seus apóstolos no governo do districto, que a cada um d'elles por sorte ou por divina inspiração coube, e na superintendencia espiritual, era de tal sorte amplo e extenso, que até se lhes concedia a faculdade de ordenar novos bispos, ficando com auctoridade successiva para a instituição d'outros, segundo o exigissem as necessidades do christianismo. — Quem não sabe que o poder de nomear e dê sagrar os bispos constitue a mais elevada funcção da jerarchia ecclesiastica? — Podemos d'aqui inferir, quão illimitada foi a potestade, que Christo con-

feriu pessoalmente a seus apóstolos, considerando-os *bispos* e bispos *superintendentes* do seu rebanho.

Mas quem se seguiu aos apóstolos na auctoridade e nos encargos que o divino Mestre lhes dera? Dizem os antigos padres da igreja, e basta citar entre elles a Santo Agostinho e a S. Firmiliano, que os que succederam aos apóstolos no poder e na jurisdicção, foram os bispos.— De sorte, que aos bispos que foram immediatos successores dos apóstolos, e depois aos sacerdotes por elles nomeados para o mesmo fim de governar as dioceses, lhes foi continuado e prorogado aquelle soberano poder de perdoar os peccados, que o Redemptor havia tão explicitamente concedido aos primitivos apóstolos.— Tiveram mais os bispos, segundo referem os santos padres e doutores da igreja, ao depois confirmado pelos concilios, o augusto titulo de *Vigarios de Christo*, que é o mais honroso de quantos titulos sobre a terra pôde haver.— Com o andar dos seculos reservou-o depois exclusivamente para si o summo pontifice de Roma.— Os grandes bispos santo Ambrozio e santo Agostinho expressamente dizem, que representando um bispo a pessoa de Jesu Christo, é por isso seu vigario, e que deve a todos preceder porque faz as vezes do Senhor na terra.— Que nos deixou escripto S. Paulo a este respeito? A immensa auctoridade do grande apóstolo foi sempre venerada e conceituada na Igreja. Chamava aos bispos *dispenseiros de Deus*, porque os reputava verdadeiros representantes do Senhor e dispensadores de sua graça no mundo.— Creio que não pôde haver testemunho mais authenticico que o de S. Paulo, para comprovar e testemunhar o divino poder do episcopado.

Refere-nos mais a historia ecclesiastica, que para cercar de maior magestade e esplendor o episcopado, se conferia na primitiva egreja a todos os bispos o titulo de *papas*, ou paes dos crentes; assim o attestam expressamente santos padres e escriptores de tamanha auctoridade e fé como eram Santo Athanasio, Santo Epiphanio, e Eusebio de Cesarea e Sidonio Apollinario. De maneira que n'esses tempos se tratavam entre si os bispos pelo sobrenome de papas. — Ainda mais, e caso muito notavel: o proprio missal romano, decretado pelo Concilio Tridentino, e depois confirmado e publicado por tres summos pontifices de Roma, chama e nomeia a sessenta papas e bispos santos de que reza, com o titulo de *pontifices*, quer dizer, varões venerandos pelas altas funcções sagradas que exerciam. Parece pois que era uma só e igual a jurisdicção e jerarchia espiritual dos bispos e dos pontifices romanos. — Outra razão para se não duvidar que os primeiros bispos e os que se lhes seguiram, foram successores dos apostolos de Christo, é que nos primeiros seculos da egreja se lhes conferia o titulo de *apostolos*, como se lê na epistola escripta a Thimotheo por Theodoro, aonde lhe narra que aos que então se chamavam bispos, se dava anteriormente o nome de apostolos. — De tudo isto se collige, que a jurisdicção episcopal procedeo immediatamente de Jesu Christo.

Examinarei agora outra circumstancia, que precisa ser esclarecida, para melhor se entender que a auctoridade dos bispos é incontestavelmente divina, e não só não depende de creatura alguma, senão é absolutamente independente. — Disse o Senhor a S. Pedro... *Tu és Pedro, apascenta as*

*minhas ovelhas*: e dirigindo-se aos outros apóstolos que allí estavam presentes... *Eu vos mando evangelisar, assim como meu Pae me mandou evangelisar-vos.*— Segue-se claramente d'estas palavras do Salvador, que os immediatos successores de S. Pedro e pontifices de Roma, são por direito divino primazes da catholica, porque receberam immediatamente de Jesu Christo a superintendencia sobre a igreja universal. E gualmente se infere, que os bispos e successores dos outros apóstolos de Christo, são por direito divino pastores supremos de suas dioceses, porque tambem de Jesu Christo receberam o immediato poder de as governar. — Eis aqui a doutrina que vogou sem contradicção nenhuma em toda a Igreja catholica por espaço de doze seculos.

Mais provas. Disseram os apóstolos reunidos no concilio de Jerusalem, aos fieis que allí os escutavam... Isto que acabaes de ouvir são dictames do divino Espirito Santo, que aqui está presente, e é tambem o parecer e opinião de nós outros, que somos os apóstolos de Jesu Christo. Aos bispos que acabavam de ser nomeados para a Asia, disse S. Paulo... O Espirito Santo foi quem vos instituiu no episcopado para governardes a igreja de Deus.— Que significa tudo isto? Quer dizer, que intervem o proprio Espirito Santo e influe o mesmo Senhor Jesu Christo no acto de serem sagrados os bispos, insinuando a divina graça e luz para irem reger os rebanhos christãos.— Esta doutrina acha-se confirmada pela auctoridade S. de Cypriano um dos maiores bispos da christandade. Escreveu o santo doutor, que na administração dos sacramentos e no governo interior das dioceses não devem reconhecer os bispos a outro superior senão a Christo, e

que só d'elle podem ser julgados.— Um incontestavel e altissimo documento sobre isto se lê no evangelho, quando olhando Jesu Christo para S. Pedro lhe diz... *Se teu irmão peccar contra ti e te não quizer ouvir, dize-o e queixa-te á egreja*; por ser o unico tribunal competente. E o que são os concilios catholicos, senão as assembleas dos bispos da christandade, convocadas e presididas pelo pontifice de Roma? Quiz pois dizer o Redemptor, nas divinas phrases, que não só Pedro mas os demais apóstolos alli presentes, ficassem entendendo que de todas as dependencias e questões futuras appellassem para a egreja, isto é para os concilios.—Á egreja reunida em concilio geral de bispos pertence-lhe fazer as vezes de Jesu Christo, depois de sua resurreição e subida aos ceos: e de facto se tem recorrido sempre á sua suprema auctoridade em os assumptos mais graves da Religião.— Por tanto, quando se sagram os bispos, é de Jesu Christo que recebem e não d'outrem, o poder e jurisdicção de seu sagrado cargo.— Da mesma sorte que a Egreja catholica acceita e reconhece por summo pontifice ao sacerdote que os cardeaes allumiados d'antemão pelo Espirito Santo para esse cargo elegeram, com o mesmo direito, quando o pontifice approva propostas para o episcopado entenda-se que é de Christo que o bispo recebe toda a sua potestade, porque a origem da sua sagração é igualmente divina.— D'onde concluamos, que é illimitada e absoluta a auctoridade espiritual dos bispos, em quanto se considera procedendo directamente de Jesu Christo.

CAPITULO II

A porção d'auctoridade e poder que os bispos teem perdido, ainda a podem recobrar, porque a este caso não é applicavel a prescripção. — Opinião de alguns theologos sobre o poder, que a S. Pedro conferiu Jesu Christo. — Razões em que se fundam. — Advertencia aos christãos

Ha doutores que em vista da amplitude da jurisdicção episcopal affirmam, não sei se com bastante fundamento, que os bispos se teem deixado espoliar de uma parte das prerogativas e potestade, que como successores dos apostolos de Christo e seus representantes na terra lhes competia. — Certificam ao mesmo tempo, que se os bispos quizerem reclamar seus antigos direitos, os hãode reconquistar não só porque o episcopado catholico, segundo adverte S. Cypriano, é um só corpo no qual cada uma das dioceses constitue um todo solido, senão que é tambem um só o rebanho de Christo, posto que dividido pelas diversas egrejas: que é portanto commum a todos os bispos o cuidado de todo o rebanho porque no parecer de Santo Agostinho e de S. João Chrysostomo, são aquelles os seus legitimos pastores. — Demais, continuam os theologos, o poder magestático que dos apostolos veiu para os bispos, passou em julgado, segundo a phrase do fôro, sendo juiz da sentença o proprio Senhor Jesus Christo. — Não pôde ninguem allegar prescripção para o caso de quererem os bispos reclamar todas as suas primitivas prerogativas, que reputam hoje cerceadas; porque em assumpto d'esta natureza não ha praso de tempo fixo por lei, sendo como é a religião de Jesu Christo de duração eterna, sem tempo nem limites.

Ainda mais ; escriptores houve, aliás cheios de piedade e de zelo pela religião catholica, que não negando que o summo pontifice romano seja o chefe e cabeça de toda a igreja, e confessando até que Jesu Christo confiára mais especialmente a S. Pedro o cuidado do seu rebanho, se persuadiam que o poder de evangelisar os povos e de perdoar os peccados, concedido a S. Pedro por Deus, é o mesmo poder que o Senhor deo aos outros onze apóstolos — Em testemunho d'isso remetem-se elles á doutrina do evangelho, que parece vir toda em apoio de sua opinião. Assim, quando Jesu Christo disse a S. Pedro... *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja*, explicam elles as palavras de Christo, dizendo que o Senhor quizera por ellas significar a todos os seus apóstolos, que não obstante ter sido tres vezes negado por Pedro depois de sua prisão, não só lhe perdoava tamanha offensa condoendo-se de suas entranhadas lagrimas, senão que para signal de sua divina generosidade representava n'elle Pedro todo o apostolado, assentando sobre a sua frente como sobre pedra angular, o edificio da igreja. — Allegam mais os doutores, que do facto de nomear Jesu Christo a S. Pedro para pedra fundamental da igreja catholica se não deve concluir, que lhe tivesse maior predilecção que aos outros apóstolos. — Só sim pode isso provar, dizem elles, que o Senhor lhe perdoava generosamente a affronta que tinha recebido de tres vezes o ter negado.

Dizem mais, que sendo o Salvador, como é, a infinita piedade e sobretudo a generosidade sem limites muito se tinha lastimado e affligido, quando Judas Iscariotes depois

de haver traído a seu Mestre, arrependido e desesperando de obter perdão, se havia a si proprio morto julgando que o Senhor lhe não relevasse o horrendo crime da traição. Lastimado e affligido, porque? Porque Judas lhe não quizera dar occasião de com elle mostrar sua divina e generosa clemencia, como acabava de fazer a S. Pedro. — Outro argumento dos doutores da egreja... Se Jesu Christo, arguem elles, quizera, que não quiz, preferir um dos apóstolos para sobre elle estabelecer, em signal de escolha e de mór estima, a sua egreja, qual poderia concorrer em questão de preferencias com o apóstolo S. João, o discipulo predilecto e amado do divino Mestre, o discipulo que por seu doce coração, ar angelico e maneiras suavissimas era a pomba do apostolado? Aquelle que com elevada sciencia escreveu em estylo divino o mais sublime dos evangelhos? Aquelle que deu á luz o famoso livro do Apocalypse, o grandiosissimo complemento de todas as prophcias? — A querer o Redemptor escolher um d'entre os seus apóstolos, qual poderia competir com o apóstolo S. João, o mais instruido de todos, e de todos o mais brando e carinhoso? Aquelle que Jesu Christo ao espirar na cruz recommendára em alta voz á sua santissima Mãe para d'alli em diante o reconhecer por filho? Aquelle, a quem nos momentos da ultima agonia confiou o cuidado da santissima Virgem, dizendo que d'alli em diante a considerasse e servisse como a sua propria mãe?

Argumentam mais doutores, que não se duvide que para a organização primitiva da egreja romana concorreram com S. Pedro, segundo consta da tradição d'essas eras, os apóstolos S. João e S. Paulo; sobresahindo este

por suas sublimes epistolas e mais escriptos e pela diligentissima evangelisação de innumerous povos que com tanta sciencia, zelo e coragem converteu a Jesu Christo, por isso considerado o maior dos apóstolos, o apóstolo das gentes. — E concluem, que depois de S. João, o discipulo querido, não podia preferir o divino Mestre a outro senão a S. Paulo, o vaso de eleição, se quizesse escolher de entre elles a um para chefe da igreja. — O que Jesu Christo determinou, continuam elles, foi que seus discipulos e apóstolos observassem a divina lei, prégassem por todo o mundo o evangelho, e absolvessem dos peccados aos peccadores arrependidos.

A nós, christãos, o que nos cumpre é afastar para longe de nós a espinhosa questão da supremacia do pontificado de Roma a respeito dos mais bispados da christandade. — Convençamo-n'os que os bispos, na qualidade de successores dos apóstolos, teem inalienaveis direitos e um poder illimitado sobre tudo quanto é espirital; porque o poder que Deus lhes conferiu, é sem limites. — A nós, christãos, o que nos convém, é votar a mor veneração e respeito a quanto elles nos determinem a respeito da salvação da alma, e do divino culto, porque são na terra os vigarios e dispenseiros de Jesu Christo. — O que nos não pertence, é tomar partido n'essa questão, que é puramente sacerdotal; porque a unica mira, que devemos ter sempre em vista, é a salvação de nossas almas. Para alcançarmos a suspirada bemaventurança, que nos importa que o summo pontifice continue a gozar a absoluta supremacia que muitos bispos outr'ora lhe contestavam, e não sei se ainda hoje alguns lhø

disputam, sobre o episcopado catholico? Essa ardua e delicada questão, que a resolvam os interessados, quando e como poderem. Nós, christãos, do que sobremaneira carecemos é de empregar quantos meios estejam ao nosso alcance para ganhar o reino do céu ; porque se o chegamos a perder, perda é irreparavel e a mor perda que nos póde acontecer ; porque é perda de perdas ; e depois de condemnados, nem o Senhor nos poderá valer !

---

ARTIGO V

Das qualidades physicas e moraes dos parochos e curas d'almas. — De seus dotes de intelligencia. — De sua autoridade, prerogativas e deveres.

CAPITULO I

Dos attributos de moralidade, que nos parochos se requerem para bem apascentarem as ovelhas de Jesu Christo.

Quem duvida que um presbytero, a quem se incumbira o governo espirital de seus parochianos, carece possuir um coração mais bem assente na virtude e mais zeloso pela religião christã, do que os fieis de quem é espirital pastor ? — A razão é obvia ; o sacerdote que se obrigou, por dever do seu cargo, a ministrar aos seus parochianos a luz das virtudes, precisa ter o espirito mais illuminado e o coração mais puro do que elles. — Um dos actos de moral que nos parochos se requer, é, affirma um mystico portuguez, a *piiedade*, que verdadeiramente consiste nos sentimentos interiores de amor e de respeito para com Deus. Aquella piedade, que na phrase de S. Paulo, para tudo é util, e

sem a qual não podem haver boas obras. A piedade, pela qual se evita todo o mal. — Impossível é que seja o pastor amigo e cuidadoso de suas ovelhas, se lhe falta o amor entranhado de Deus, que é a fonte de toda a bondade. — Nem poderá infundir ao seu rebanho a certeza das penas eternas e dos eternos premios, se não chegou a convencer-se de que a justiça divina hade por força cumprir-se.

Outra qualidade que deve possuir o parochio ou cura de almas é a *humildade*. Certamente, o peccador não consente admoestações do pastor espirital, se observa que elle não possui os fructos e dons da modestia, da paciencia e tolerancia, em que se estriba o coração humilde. — É com esta humildade, que o sacerdote poderá ser o ardente defensor da gloria de Deus, pugnando incessantemente pela propagação da fé. Sem fogo interior de humildade para com Deus e os proximos, ser-lhe-ha impossivel nutrir sentimentos de abnegação, perdoar injurias, soffrer perseguições e contradicções, e ter coragem para levantar a voz contra os vicios. — Como é pois que se admittem para exercer tão importante officio, qual é o de parochiar, a mancebos de péssimos precedentes, por indole orgulhosos, intolerantes, grosseiros e desprezadores do proximo? Quanta não deve ser a cautêla dos bispos e do ministro, em examinar com prudencia e justiça o character dos sacerdotes que aspiram ao honroso, mas mui difficil cargo de curas d'almas.

A virtude que nos parochos mais se exige, é a da *caridade*, pela qual se dispõe como bom pastor, a gran-gear para as suas ovelhas não só os bens espirituaes senão

tambem os soccorros temporaes. — Queixava-se Jesu Christo no evangelho, d'aquelles presbyteros que via amigos de usuras; chamou-lhes exactores, declarando que com elles hade um dia entrar em juizo, e os tratará então como a lobos carniceiros, porque só procuravam perder o rebanho e satisfazer a avareza. — Ninguem ignora que o peccado da avareza é o cruel inimigo da caridade practica. — Quão precisa não é pois no parochos este precioso attributo do amor do proximo, que se não limita a palavras, mas se ajude tambem de auxilios e consolações á pobreza! — Sirvam de testemunho e prova as admoestações tão cheias de vehemencia, com que alguns santos bispos fervorosamente aconselharam a caridade como uma das principaes obrigações do pastor espiritual. — Não basta porém o amor dos pobres e a caridade com o proximo nas suas afflicções. É igualmente precisa a caridade de si proprio: e esta não se observa senão pela temperança, pela frugalidade, pela parcimonia e discrição nos actos da vida domestica. — Quem consigo não tem caridade, refreando os appetites, domando as paixões, prevenindo-se e acautelando-se contra os vicios, como hade exercitar actos de verdadeira caridade com seus irmãos? — Na lei natural e divina se determina, que a cada operario se satisfaça o salario conforme ao trabalho; por isso recommenda aos parochos S. Jeronymo, estribado nas sagradas escripturas, que vivam sim dos proventos do altar, mas que os não consumam em sensualidades e luxo, devendo antes despender por caridade e amor de Deus a mór parte com os pobres. — Dizia igualmente S. Paulo, que os pastores deviam satisfazer-se com alimentos e vestidos simples, para poderem ser ricos de boas obras; porque

não as póde practicar boas, o que sem caridade de si e do proximo, ama em extremo as riquezas da terra.

Ha uma outra virtude, não menos requerida nos parochos, que é a da *continencia*. Sem ella não póde ganhar o bom conceito do povo e a sua estima. É com o seu auxilio que hade resistir ás tentações da carne, e aplanar aos fieis o caminho da castidade. — O ministerio da igreja requer nos que o exercem, a pureza dos anjos; mal o desempeñarhá o pastor que não tiver força de resistir ao impeto da concupiscencia? — O parochos não vive para si, senão sómente para as ovelhas que lhe estão confiadas. — Não póde gastar o tempo em vãos divertimentos, em conversações lascivas, em visitas futeis e estereis. — Cumpre-lhe abster-se de mundanidades, e conter-se nos termos da honestidade. — O estudo dos livros santos, o pontual cumprimento de suas obrigações parochiaes, e a oração e meditação, como disse um santo doutor da igreja, são os assumptos que o devem occupar todo. — Por isso tanto insiste um nosso theologo em avisar, que um dos mais importantes quisitos do pastor de almas é a sciencia de distribuir regularmente o tempo, porque se não desperdice em objectos alheios ao seu officio. — Eis a razão por que a igreja prohibe aos ecclesiasticos os jogos de fortuna; chegando mesmo a fulminar em alguns concilios geraes a pena de deposição contra os parochos que se entregassem ao jogo. — Vedam tambem os sagrados canones aos sacerdotes em geral, e mais especialmente aos que apascentam as ovelhas de Christo, os jogos de cartas, com o fundamento de que perdem nisso tempo precioso que deveram

distribuir em prédicas e exhortações ao povo. — Demais, quando o dinheiro que perdem ao jogo lhes não faça falta para a sua congrua sustentação, nem por isso deixa de ser um furto que fazem aos pobres, porque se inhabilitam de valer aos necessitados. Além de que, segundo a expressa letra do Evangelho, os dinheiros do parcho são dos pobres, e não d'elle. — Mas se essas malfadadas sommas que ao jogo perde, as não podia dispensar, mais criminoso é, porque fica depois na tristissima conjunctura de não satisfazer os encargos a que eram destinadas. — O resultado é perder o socego de espirito, a paz da consciencia, e tornar-se alvo do desconceito e desprezo publico.

Agora; quão maior não é o escandalo para a egreja e para todos os crentes em Christo, quando são os reverendos bispos, oh! miseria humana, os que andam de casa em casa, correndo e discorrendo azafamados a jogar jogos de cartas, explorando com notavel ardor os dinheiros do jogo, e offerecendo-se em espectaculo a quantos presenciam o attentado! — Admoestava constantemente S. Paulo aos bispos, que evitassem as occasiões de perpetrar crimes. Já se vê que o apostolo se dirigia tambem aos presbyteros, que lhes são immediatos em jurisdicção espirital. O logar que uns e outros exercem de apascentadores de ovelhas christãs pede, argúe um moralista nosso, que sejam além de humildes, continentos e caritativos, mansos, innocentes e de costumes puros, porque de outra maneira não podem conservar o lustre de sua dignidade.

É sabido que os bispos representam os primitivos aposto-

los, porque d'elles são immediatos successores ; mas é tambem certo que o ministerio dos vigarios ou parochos das pequenas dioceses denominadas parochias, é não menos responsavel que o proprio episcopado. — Por tanto incumbe ao ministro e ao rei examinar, se são bem morigerados os sacerdotes que pretenderem ser pastores de almas, porque a salvação do povo depende em grande parte das virtudes dos seus directores espirituaes. — Até me parece, que nos parochos se deve mais requerer, do que nos proprios bispos, benevolencia, brandura, paciencia, resignação, actividade na prégação do evangelho, porque vivem mais perto das ovelhas e em mais proximo contacto. — Os governos prestam em alguns paizes catholicos pouca attenção a isto: eis a razão porque na corporação dos parochos, que tão respeitavel devêra ser, tamanha incuria e desleixo se observa, e o mais é, tão grave e tão geral desmoralisação, com que fica infeccionada a grey e totalmente pervertida!

---

## CAPITULO II

Dos dotes de intelligencia, que nos parochos se demandam, para com efficacia guiarem os seus rebanhos

O parochos precisa fazer-se recommendavel ao povo não só pela santidade de sua vida, mas tambem por abundancia de divina sciencia, e muito discernimento em distinguir dos erros a verdade. Sem isso corre perigo de conservar as ovelhas em falsa segurança, quando estão já prestes a morrer para Christo. — A sua obrigação é procurar-lhes todos os meios de escapar á ruina da alma; para o que

muito valem os conselhos e predicas feitas com a maior clareza e simplicidade. — Christo dirigindo-se aos sacerdotes, lhes disse por bocca do propheta Oseas... *Porque vós desprezastes a sciencia, eu vos lançarei fóra do sacerdocio.* Que querem dizer as palavras de Jesu Christo, senão que os demittirá do seu officio de pastores por indignos, e os castigará no inferno. — No parecer de S. Jeronymo, os presbyteros e particularmente os que apascentam ovelhas do Senhor são obrigados a saber a doutrina da igreja, a historia do christianismo, e a conhecer cabalmente quanto respeita aos mysterios da revelação. Os que ignoram os fundamentos e desconhecem os factos em que se basêa a crença catholica, não merecem o nome de sacerdotes. — Diz S. Leão, que é muito para censurar e condemnar nos sacerdotes a ignorancia das divinas lettras, e que por esta gravissima falta não podem haver de Deus nem escusa nem perdão. — D'aqui se vê, quão precisa é nos parochos e até indispensavel a sciencia dos livros sagrados.

Escutemos ao propheta Malachias... *Os beiços dos presbyteros devem guardar a sciencia catholica, e em sua bocca se procurará o conhecimento da lei divina.* Aos apóstolos determinou Jesu Christo, que fossem ensinar o evangelho a todas as nações, porque os constituia e fazia luz do mundo, que sobre elles derramava como sobre candelabros, para as irem illuminar e esclarecer. — Que significava n'estas divinas palavras o Salvador, senão que aos que viessem a ser pastores de almas lhes incumbia a todos evangelisar com a luz da sciencia aos fieis e aos infieis? — N'estas phrases comparava S. Bernardo os pastores do rebanho de Jesu Christo

a taças cheias de agua crystallina com virtude de apagar a sêde a mais abrazadora... *Assim como um jarro que se encheu de agua na fonte, a não lança de si fóra senão depois de estar bem cheio, assim o pastor espiritual deverá ensinar ao povo as verdades, das quaes á força de estudos se houver saturado.* — Quiz n'esta comparação dizer o santo doutor, que nos sacerdotes que apascentam as ovelhas de Christo, deve transbordar agua purissima de doutrina evangelica, com que ellas se possam fartar e salvar.

É egualmente preciso que os parochos possuam solido juizo, discernimento de justiça, promptidão no aprender, talentos e disposição para o ensino, facilidade em se exprimir, e muita clareza nas idéas. — Consiste a sua verdadeira sciencia no claro conhecimento de quanto é mister para a conversão dos peccadores. Vem a ser, o estudo profundo dos dogmas da fé e dos principios e regras da sã moral, e dos evangelhos, e tambem o conhecimento dos sacramentos e da lithurgia da igreja. — Ouçamos a S. Paulo: É nas divinas escripturas diz o apostolo, que se bebe quanto é util e bastante para convencer os contumazes e os reduzir á piedade e á justiça. A S. João Chrysostomo: julgava o insigne doutor, que da ignorancia das sagradas lettras tem nascido infinitos males para a igreja, como são as heresias, a relaxação dos costumes, e uma grande multidão de desordens e abusos.

Além da sciencia ecclesiastica, pertence tambem aos parochos ter prudencia e cautela, quando prégarem sobre certos vicios que facilmente passam dos ouvidos para o cora-

ção ; sob pena de irem despertar nas ovelhas o mal que queriam prevenir, ou de acender o fogo que desejavam apagar. — Não desesperem de converter até aos mais obstinados e incredulos, lembrando-se para isso que as misericordias do Senhor são muito mais abundantes que toda a malicia dos homens, que a divina graça pode mover os mais rebeldes corações, e que o tempo da clemencia divina pode chegar e durar até á morte do peccador. — Com instrucções adaptadas á capacidade de seus parochianos esforcem-se por lhes demonstrar, que o exercicio práctico das virtudes anda sempre acompanhado de grande felicidade e gloria ; e que na eterna bemaventurança espera Deus aos justos, para lhes dar o premio de suas boas obras na vida.

Ah! Quanto não é preciso que percebam tambem os parochos que nas casas do Senhor deve haver esmerado aceio, imagens decentes e compostas, ornamentos apropriados e o maior lustre e esplendor em quanto respeita ao divino culto? — É todavia certo, que o aformoseamento dos templos é antes obrigação dos prelados que dos parochos, porque são aquelles os superintentes natos de tudo o que pertence á Igreja. Porém são geralmente tão descuidados os reverendos bispos na visita dos templos da diocese, que melhor fôra entregar esta incumbencia aos parochos. — Teem estes ordinariamente mais vontade que os prelados, de agradar ao povo ; por isso se esmeram no aceio e conservação de suas igrejas. — Comprehendam todos os curas d'almas, que se nas suas acções espalharem os aromas e perfumes de piedade, de sciencia, de benignidade, de paciencia, de gravidade e de amor do proximo, conseguirão dos fieis maior

veneração e acatamento, do que se prégarem no alto do pulpito os mais floridos sermões, e edificantes doutrinas. — Tanto é o poder dos bons costumes do parochos sobre os animos do seu rebanho. — Desenganem-se finalmente que a verdadeira sciencia é a que se robustece e acompanha com a prática das virtudes, e quando se reuñem no sacerdote, é que este colhe sazonados fructos de suas fadigas. — Podem ficar bem certos bispos e parochos, de que Deus não deixará de a uns e outros dar a justa recompensa ou o justissimo castigo de haverem exercido digna ou indignamente o ministerio espirital. Contem todos com a inalienavel justiça do Senhor.

---

### CAPITULO III

Dos dons exteriores que nos parochos realçam o seu merito, e os auxiliam no desempenho de seus deveres espirituaes

Ninguem poderá negar, que os dotes corporaes fazem sobresair no sacerdocio a doutrina evangelica, tornando mais bem aceita a virtude e concorrendo ao mesmo tempo para augmentar a respeitabilidade do cargo. — Um notavel documento d'isto foi o que se lê a respeito do bispo Santo Ambrosio, que não admittiu a ordens sacras um mancebo que a ellas se propunha, por lhe ter observado gestos e maneiras indecentes. E não se enganou o grande santo, porque ao depois até da fê catholica e da religião de Jesu Christo se arrojou a apostatar. — Próva este facto, que nos sacerdotes, e com mais rasão nos parochos deve a par da modestia exterior concorrer um aspecto grave e sisudo e maneiras decentes e compostas. Sem estes requisitos não pode obter a

consideração e respeito de suas ovelhas, por mais que abunde em sciencia theologica. — Determinou Jesu Christo, segundo se lê nas sagradas lettras, que os que serviam no seu templo e tabernaculo, fossem sãos e isentos de deformidades naturaes. E porque? Porque sabia ser coisa muito indecorosa tocarem nos vasos sagrados e mais utensilios do divino culto, sacerdotes cujo exterior em vez de attrahir o respeito dos fieis os movia a sentimentos de repugnancia e aversão. — Ha outra qualidade physica que nos curas d'almas se pode exigir; é o semblante aprazivel e sereno que exprime brandura de coração, acompanhado de certo pudor e maneiras, que indicam boa alma. Com estas circumstancias consegue o parochio a vantagem de com menos fadiga e mais certeza ganhar a affeição de suas ovelhas.

Nem se argua, que estes dons naturaes os dá o Creador a quem bem lhe parece; e que não pode com justiça increpar-se a nenhum sacerdote, de os não possuir porque não está isso na sua mão. Assim será: porém d'entre os que requerem o officio de parochio deve o ministro preferir sempre aquelle que a estas qualidades physicas, embora sejam dotes da natureza, ajuntar boas habilitações de moralidade e de intelligencia. — Quem pode em consciencia negar que em os pastores da igreja assenta bem o aceio dos vestidos, despidido de affectação e acompanhado de gravidade? É muito para estranhar que o presbytero se torne ridiculo aos olhos do mundo, por negligencia no impertinencia de suas vestimentas. — Que nos diz sobre este ponto S. Jeronymo? Leamos... Ha muitos sacerdotes, diz o santo doutor, nos quaes os vestidos e perfumes são suas

occupações ordinarias, que annellam seus cabellos ao ferro, que enchem os dedos de anneis, que andam nas pontas dos pés, e que antes parecem uns novos desposados do que sacerdotes de Christo. Em todas suas acções, continúa elle, transpira o espirito das coisas mundanas, que não servem emfim senão para insultar com sua vaidade o culto e a religião. — A desgraça porém é que os seculos que se seguiram a S. Jeronymo, não diminuíram e até augmentaram a relaxação de costumes, que no sacerdocio com tanta rasão censurava. Quantos ecclesiasticos se não encontram, para vergonha publica, que por sua devassidão e petulancia se tornam a affronta de Deus e da religião, e o ludibrio do povo?

Sendo certo que para o sagrado officio do sacerdocio é precisa mais que para outro cargo da sociedade muita gravidade e respeitabilidade, segue-se que antes dos trinta e cinco ou quarenta annos não pode confiar-se aos presbyteros a direcção espiritual do povo. Mais se segue que é inconveniente e arriscado ordenar sacerdotes antes dos trinta annos. — Nos primeiros tempos da adolescenciar aras vezes apparece a madureza de juizo, tão precisa nos parochos, para o desempenho de seu espinhoso officio. — Assim como as arvores não dão fructos perfeitos senão depois de bem desenvolvidas, porque antes só produzem folhas e ramos, do mesmo modo não podem os curas d'almas cumprir bem o seu ministerio sem que com os annos se lhes tenha amadurecido o entendimento. — Entregar-lhes prematuramente o cuidado d'ovelhas christãs é grande imprudencia, é gravissima falta, pela qual tem de responder perante Deus o ministro que os propoz, e o rei que sanccionou a sua no-

meação. — Que melhor prova quereis d'isto do que ver que ha no mundo coisas que se não adquirem nem a peso d'ouro, nem por engenho e arte, senão com o tempo? — Empregae quantas sommas quizerdes para vestir immediatamente de arvoredo um terreno calvo e nú: não o conseguireis senão com o volver dos annos. — Assim acontece com a madureza do juizo. Não se obtem senão com a idade. — Excepções á regra geral ha, é verdade, e de certo mui honrosas; mas tão raras, que não se póde contar com ellas. — Além de que, tão perigoso é um parochos verde em annos e costumes, que será grande imprudencia a de o nomear pastor espiritual.

---

#### CAPITULO IV

Das prerogativas e autoridade dos parochos no districto de seu governo. — É divina a jurisdicção dos parochos

A jurisdicção dos parochos emana de Deus. Ainda que subordinada á autoridade episcopal, é essencialmente independente d'elles quanto ao espirital. — A prova de que é divina está no facto referido pelos evangelistas S. Matheus e S. Lucas, quando dizem que Jesu Christo não confiou sómente aos apóstolos a pregação de sua doutrina, senão que igualmente a incumbio aos seus setenta e dois discipulos. Instituiu pois o Senhor para governo das almas duas especies de pastores, uns de primeira, outros de segunda ordem; aos quaes entregou, como a um corpo de governo ou ministerio, o sagrado deposito da Religião. — O Concilio de Trento sancionou esta instituição, que Jesu Christo tinha feito, e declarou mais que por ella está divinamente constituída na

egreja uma hierarchia na qual os parochos occupam o segundo, e os bispos o primeiro lugar. — Ainda mais: chamando nosso Senhor Jesu Christo para a propagação da fé e evangelisação dos povos a seus doze apóstolos e setenta e dois discipulos, a todos prometteo que nunca os abandonaria, nem os privaria de sua graça e luz até á consummação dos seculos. — Podemos pois asseverar, sem erro de fé, que dos doze primitivos apóstolos foram successores os bispos, e que dos setenta e dois discipulos, procederam ainda que mui posteriormente os presbyteros e parochos na apascentação dos rebanhos catholicos.

Não podiam estar os apóstolos por toda a parte, nem bastavam para provêr de remedio os povos que se hiam convertendo a Jesu Christo. — Crescia prodigiosamente o numero dos novos christãos. Tiveram pois de instituir bispos que os coadjuvassem na conversão dos infieis, e presbyteros que os auxiliassem da administração dos sacramentos. — Mas foi só nos fins do terceiro seculo da igreja, pelo augmento extraordinario dos fieis nos povoados ruraes e mesmo nas cidades, e por não bastarem para ministrar o sustento espirital os bispos já estabelecidos nas dioceses, que se fundaram as parochias; nomeando parochos propriamente ditos com residencia fixa, e em districtos marcados, que eram como pequenas dioceses. — Quaes eram as obrigações dos presbyteros nessas e nas seguintes eras da christandade? Prêgar os evangelhos, administrar os sacramentos, regêr espiritalmente as suas ovelhas, isto é, faziam o mesmo que os bispos; só sim estavam sujeitos á sua supremacia e autoridade. — E que ingerencia e importancia tinha a

corporação dos parochos n'esses tempos remotos? Grande, e tamanha que os bispos os convocavam e escutavam para todos os negocios ecclesiasticos. Eram para assim dizer os seus conselheiros natos.

Para testemunho e prova de que esta disciplina consuetudinaria não provinha directamente dos apóstolos, dizia aos fieis Santo Ignacio que d'elles havia sido discipulo.... *Os bispos presidem a tudo, fazendo o lugar e as vezes de Deus, com os presbyteros que representam o senado dos apóstolos.* — Compunham então o bispo e os parochos, refere um erudito padre, uma especie de senado, no qual presidia o bispo, e os parochos eram os conselheiros.— Mais; o erudito bispo S. Cypriano nada fazia no governo da diocese, sem que primeiro ouvisse os seus parochos e os attendesse com a mór reverencia. — Os Concilios que em diversas occasiões se celebraram, manifestamente indicam o mutuo concerto dos bispos e dos presbyteros, de sorte que não se pôde duvidar que uns a outros se ajudavam nos assumptos de religião. — Hoje muitos dos negocios relativos á egreja, não os podem determinar nem resolver os bispos sem audiencia e annuencia do cabido, que a respeito dos bispos é o mesmo que antigamente eram para os mesmos bispos os parochos ou curas d'almas.

Tudo isto demonstra quão justissimo fôra que continuassem a ser os parochos os conselheiros dos bispos, conjunctamente com os conegos das cathedraes. É verdade sabida, que um parochos no districto aonde reside, é a todos os respeitos a imagem do prelado; se é que não ascende ainda

em acção espiritual, por viver mais proximo de suas ovelhas. — Qual foi o motivo porque os bispos cercearam tão fundamentalmente os direitos e regalias dos parochos? Seria por ambicionarem ter na corporação dos conegos uma forma de senado nobilitado, á semelhança do collegio dos cardeaes do pontifice em Roma? É provavel. — Os pontifices romanos foram mutilando, pelo correr dos seculos, o poder do episcopado, e o collocaram sob sua absoluta dependencia. Os bispos a seu turno foram despojando a corporação dos parochos de suas antigas prerogativas, talvez por se vingarem do que lhes faziam os papas. — A historia da egreja ensina e diz que no sacerdocio catholico tem havido os mesmos ciumes e rivalidades, o mesmo ruim espirito de oppressão, de fraude e animosidade, que se notava nas outras classes sociaes.

Para que se entenda quaes eram os direitos dos parochos christãos, sabei que no tempo dos apóstolos foram admittidos no concilio de Jerusalem os presbyteros, e alli se tomaram seus votos de deliberação e consulta. — E não houve depois concilio algum a que não assistissem, com a regalia de se assentarem logo abaixo dos bispos e o direito de discutirem o que alli se tratava. — Tanto apreço deu o Concilio de Trento á corporação dos parochos, que sob pena de peccado mortal os obrigou a residir em seus districtos, para poderem velar mais cuidadosamente por suas ovelhas. Ampliou o mesmo concilio esta determinação aos bispos, não lhes permittindo nem aos parochos transferencia ou mudança de uma para outra diocese, de uma para outra parochia senão em casos provados de extrema urgencia, e de

melhor vantagem para os fieis. — Que prova isto, senão que fôra grande nas eras antigas a autoridade que exercia a corporação dos parochos? — Ao depois foram tão defraudados em seus direitos e prerogativas, que hoje os reverendos bispos a seu bel-prazer e quantas vezes por intrigas lhes prohibem prégar o evangelho, até nas egrejas parochiaes! Nem se dignam de os consultar sobre assumpto algum ecclesiastico, ou de simples disciplina. — Que procedimento este tão contrario ao que devêra observar-se com pastores dos rebanhos de Jesu Christo!

Tão elevado era o credito e respeito de que antigamente gosavam os parochos, que se lhes conferia o titulo de *papas*, equiparando-os d'estè modo aos pontifices, aos quaes se dava egual tratamento. — E a razão d'isso? Attendia-se e com razão, a que cada presbytero no districto de sua parochia é uma especie de vigario de Jesu Christo, um verdadeiro pae do seu rebanho, porque lhe serve de guia e defensor nos actos do baptismo, da confissão, da communhão, da celebração da missa, da prêgação do evangelho. Attendia-se a que é o parochos quem assiste aos derradeiros momentos da vida do moribundo, forcejando n'esses durissimos trances por o encaminhar á bemaventurança. — Que se dava nos antigos tempos o nome de *papas* ou pontifices aos parochos, servem de testemunho dois escriptores de grande autoridade, os eruditos beneditino D. Maillon e D. Ruinart, que o affirmam muito explicitamente.

ARTIGO ADDICIONAL

Do melhor e mais seguro modo de prover o episcopado  
de sacerdotes benemeritos

Julgo não offender o sacerdocio e ainda menos a religião christã, que muita honra tenho em seguir, dizendo que attento o bom conceito que a corporação dos parochos mereceu sempre á egreja, e visto serem os conegos o senado dos bispos, mais acertado é congregar o cabido e os parochos da diocese que vagar por fallecimento, transferencia ou formal deposição do prelado, para reunidos em consistorio escolherem sem dependencia do rei nem do governo o novo bispo. É isto o que practica em Roma, para a nomeação do pontifice, a corporação ou collegio dos cardeaes. — Parece-me que desta maneira se acertaria melhor na escolha do prelado. — Nem me digam que na escolha feita pelos conegos e parochos pôde haver máu resultado, porque se deixem atrahir e alliciar. Assim será, se o cabido fôr composto, não de velhos sacerdotes que por longos serviços no governo das parochias mereceram apozentar-se senão de sacerdotes mancebos alli collocados por arbitrio do ministro. — Sendo a proposta para o lugar de bispo, sem consulta prévia do cabido e dos parochos, clarissimo é que fica toda dependente da affecção pessoal do ministro, e isto é um mal gravissimo, que se faz preciso quanto antes remediar e prevenir.

Cumpre escrever a verdade com toda a franqueza, especialmente quando se trata da salvação da alma. — A verdade diz, que não viemos a este mundo para n'elle residir eterna-

mente. A terra é logar de passagem, a vida é simples emprestimo, que cedo ou tarde se paga; todos os que vivemos, infallivelmente o satisfaremos. A residencia fixa e perpetua será ou o céu, ou o inferno. — Deverão por ventura contentar-se as nações catholicas com um bom governo temporal, sem lhes importar a administração espiritual? Não tem ellas direito de reclamar do corpo legislativo, do imperante, e do governo medidas efficazes com que se lhes facilitem e recursos de obter a eterna bemaventurança? Para que pagam tamanhos impostos, e se prestam a tão grandes sacrificios? Será só por alcançar prosperidades temporaes, paz e segurança de vida e fazenda? Creio que não. Teem incontestavel direito a ser bem governadas a respeito do culto de Deus, que deve ser o principal fim dos governos humanos. — E como se alcança a felicidade eterna, que é infinitamente superior a quantas felicidades ha mundanas? Um dos meios é collocar na governança das dioceses e das parochias sacerdotes instruidos, bem morigerados, zelosos e activos pela propagação da doutrina evangelica, que sendo alheios e estranhos ás controversias e interesses terrenos, se occupem exclusivamente dos rebanhos do Senhor.

Ponderae, christãos: feita a nomeação do bispo pelos votos do cabido e dos parochos, é convenientissimo submeter esta escolha a outra votação feita pela corporação dos bispos nacionaes, e por fim á confirmação do Pontifice de Roma. — Este processo parecerá longo a quem não souber, que tem sido muitas vezes illudido a respeito da indole e merito dos bispos o sacro collegio e o proprio papa. Donde resulta grave damno ao povo da diocese, que o novo bispo

vae reger espiritualmente, e grande escandalo para a egreja. — Na escolha do prelado que tem de ir guiar para Jesu Christo muitos milhares de peccadores, deve haver o maior cuidado, porque assumpto é de summa transcendencia para a salvação das almas. — Logo quantas mais garantias e seguranças podermos obter para o resultado de uma boa escolha, tanto mais proveito resultará aos fieis. — E de quanto encargo e peso não ficaram d'este modo livres o soberano e o governo, largando de si as propostas para o episcopado, e lançando sobre os conegos e parochos toda a responsabilidade ?

Porque se concede ao povo o direito de nomear deputados que o vão representar no parlamento e advogar-lhe os interesses ? Porque se lhe dá a faculdade de escolher vereadores, e outros representantes em alguns cargos civis ? É para d'esta maneira mais se consolidar e firmar sua prosperidade temporal. — Oh ! Pois tem-se pensado em tantas seguranças pãra a liberdade, a vida e a fazenda dos cidadãos durante a ephemera peregrinação terrena, e quasi se desprezam os meios de lhe facilitar a fruição permanente da bemaventurança ? — Sabeis como nas primeiras eras do christianismo se nomeavam os bispos para as dioceses ? Seriam os cardeaes, em consistorio sagrado ? Não ; n'esse tempo não havia cardeaes. — Seriam propostos pelo ministro ao rei ? Tambem não. — O povo, diz a historia da Egreja, é que os escolhia d'entre os mais santos dos sacerdotes. Santos pela fama de suas exhortações, pelo zelo activissimo do culto divino, pelo infatigavel ardor na evangelisação dos fieis. Santos por suas comprovadas virtudes, por uma vida

austerissima e verdadeiramente evangelica. — E assim escolhidos o povo reconhecia-os sem outra formalidade ou pendencia por seus bispos. — É coisa muito para ponderar: nunca se enganou n'estas escolhas. Nos mais edificantes e santificados d'entre o corpo sacerdotal é que recahia sempre o voto popular. — Tão certo é, que o povo não erra já-mais em seus juizos, quando o não allucinam com sophismas ruins doutores.

E que fazia aquelle que o povo escolhera para seu bispo? Quereis saber? Fazia o contrario do que fazem hoje os pretendentes á cadeira episcopal, que não cessam de subir e descer as escadas da residencia do ministro, as escadas das secretarias, as escadas dos seus padrinhos e protectores; que empregam quantos meios pode excogitar sua ambição para alcançar o despacho suspirado. — Nas primitivas eras o sacerdote não só não sollicitava os votos do povo, senão até se hia esconder nas mais escuras covas das serranias, nos ermos mais agrestes e ignotos, quando sabia que o tinham nomeado para bispo; e desterrava-se para sempre, se não queriam attender suas escusas. A razão d'isto? Servo fiel de Deus, soldado honrado da milicia de Christo, christão verdadeiro, santo observador da lei divina, entendia em sua consciencia, que não podia desempenhar-se dignamente do espinhoso encargo que lhe commettiam, e mais queria embrenhar-se para sempre, nas solidões do deserto, do que carregar com o enorme peso de pastor espiritual.

Quanto aqui deixo estampado, entendam que é um simples voto de consciencia; voto que aliás bem podia guardar

em mim. Porém sinceramente desejo, que o parlamento tire ao ministro do rei a autoridade de escolher e propor bispos, e passe para os parochos e os conegos o poder de os nomear e tambem determine que pelos bispos nacionaes seja approvada, e seja sanccionada finalmente pelo Pontifice aquella nomeação.—Tenho viva fé e muita esperanza de que se consiga este *desideratum*, porque assim o reclama a moral, a religião e o interesse espirituál dos fieis, e direi mais, o decoro do Paiz.



## CONCLUSÃO

Quem for conscienciosamente christão, lembre-se todos os dias de seus Novissimos. — Entenda que, menos ou mais cedo lhe sobrevêm a morte do corpo, e que vae depois ser julgado por Jesu Christo. — Saiba que morrendo em graça, irá logo para a suspirada bemaventurança. — Que se á morte tiver culpas não expiadas, vae satisfazer a divida ao purgatorio. Que fallecendo em peccado mortal, será immediatamente arrojado ao inferno por toda a eternidade. — Desengane-se que não ha escapar aos temerosissimos fins *Morte e Juizo*: e depois d'elles ao *Inferno* ou ao *Paraizo*. — Recorde-se, que o demonio está continuamente forjando e preparando tentações peccaminosas, com que seduzir e perder ao homem de quem é capital inimigo, por que lhe invêja a alma, feita á imagem e semelhança de Deus e destinada á bemaventurança. — Creia e persuada-se, que os padecimentos, angustias e tribulações da presente vida são instrumento seguro e certo para entrar no céu. — Acredite, que se a porta do céu é estreita, e ampla a estrada do inferno, não ha por isto motivo de se desalentar, porque as tribulações padecidas com resignação levam á bemaven-

turança ; e são o signal infallivel da provação que o Senhor concede para salvar a alma.—Medita a grande vantagem de evitar occasiões de peccar, vendo que é melhor combater o impeto da carne e os deleites do mundo, e contrahir o habito da temperança, da resignação e da paciencia, do que deixar-se cahir no inferno, para de lá não mais sair.— Creia finalmente e deveras acredite, que lhe convêm sollicitar a graça de Deus, a protecção da Santissima Virgem, e concorrer por quantos meios tenha ao seu alcance, para o brilho e esplendor da religião de Jesu Christo, e exercitar fielmente as sublimes virtudes da justiça, da fé, da esperanza e da caridade para bem de sua alma, beneficio do proximo e gloria de Deos.

## PROTESTAÇÃO

Ao escrever este livro, em que procurei seguir o exemplo dos varões espirituaes, que mais se empenhãram em trilhar o caminho da perfeição evangelica, tive por fim pôr de manifesto a fealdade de nossos peccados, a excellencia da pratica sincera de todas as virtudes, e considerar quanto é transitoria e contemptivel a vida temporal, e quanto a devemos sacrificar á vida eterna, para que hajamos as maiores tribulações d'este mundo por pequenissimo preço da bemaventurança, premio e corôa de nossos trabalhos e mortificações, e da exacta observancia dos preceitos divinos.—Segui, quanto cabia no meu entendimento e na humildade de minha sciencia das coisas espirituaes, as pégadas e moldes, que deixaram em seus escriptos os varões mysticos e piedosos, que as mesmo tempo estiveram prégando com palavra e illustrando com seus santos exemplos a abnegação do mundo e da carne, o amor de Deus e do proximo, a humildade e paciencia christã, e enflorando o caminho estreito, pedregoso e na apparencia árido e difficil, que leva desde a terra até desembocar nas portas da celestial Jerusalem.—Foi o meu proposito não sómente ajudar com uma obra de piedade a re-

missão dos meus proprios peccados, se não tambem contribuir para o melhoramento e correccão de tantos outros peccadores, para os quaes engolfados como estão, no lodo de suas iniquidades, não são nunca demasiadas as vozes e advertencias, com que reconheçam os enganos e torpezas deste mundo, a abominação de suas culpas, os perigos da vida que levam, e o tristissimo fim que os espera, se não emendam a mão em seus desatinos e impiedades, e não tractam de grangear com melhor aproveitamento e utilidade sua e do proximo o talento que o Senhor lhes confiou para que o feitorisassem.

Foi pura a intenção, que dictou o presente livro, e fervorosa a fé com que trasladei para a escripta o que me inspirava a propria meditação, o arrependimento de meus peccados, a leitura de piedosos livros espirituaes, e o ardente desejo de vêr cada vez mais florentes e triumphantes as verdades da religião catholica e apostolica, em cujo gremio tive a fortuna de nascer, e a cujo saudavel aprisco determinou o Senhor, por sua infinita misericordia, reconduzir-me constricto e penitente, depois de eu ter vagueado pelas veredas tortuosas do seculo.—Entendi em consciencia, que devia debuxar n'este livro, com as côres da verdade, o quadro dos peccados que polluem a alma, descrevendo-os sem excepção em todos os estados da vida humana.—Para chamar os peccadores ao amor e temor de Deos e á practica das virtudes christãs, submetto á sua contemplação os Novissimos ou ultimos fins do homem, pintando com suas côres terriveis, mas naturaes e verdadeiras os trances da morto e os sustos e terrores do peccador já prestes a comparecer perante

o Juízo particular, em que Deos interroga a cada homem, depois de sua morte.—Escrevi tambem largamente ácerca do Juízo universal e das penas eternas que os peccadores terão por castigo de suas iniquidades, depois que o Senhor tiver separado os reprobos dos bemaventurados.—Insisti sobre a maior facilidade que o homem acha em ser virtuoso, do que em ser peccador, e dos antegostos do ceo reservados ainda na terra ao justo, antes de subir á celestial beatitude.

Tratei, por ser materia essencial ao bem e salvação das almas, dos deveres, autoridade e prerogativas dos prelados, parochos e curas de almas, assim como das qualidades physicas e moraes que devem possuir.—E zeloso como sou do augmento e esplendor da santa Fé catholica, e desejoso de que aos seus inimigos se tire o minimo pretexto de a haverem em menos respeito e veneração, arrisquei-me ás vezes a notar algumas sombras que enturvam em nossos dias a candura e santidade da Igreja, por não estarem de todo proscriptas e desterradas as mundanidades, com que alguns de seus ministros a pretendem trazer encadeada ás paixões e aos interesses do seculo.—E n'este ponto pudéra firmar-me a cada passo na autoridade de muitos prelados e theologos, que em diversos tempos acudiram com sua palavra em defensão da Igreja catholica ameaçada, esforçando-se por atalhar os abusos, que as vaidades e ambições humanas haviam introduzido em seu regimen.—Apesar do fervor com que envidei todas as minhas faculdades, por seguir as normas da Igreja catholica apostolica romana, bem póde ser que n'alguma parte d'este livro escapassem proposições, que pare-

çam mal soantes ou temerarias, e que encontrem as definições pronunciadas pela Igreja em matérias de fé e disciplina. — Porque muitas vezes os extremos da fé ou o zelo mal entendido, posto que bem intencionado, da honra e serviço de Deos, podem indusir o mais fervoroso e sincero christão, quando o Senhor lhe não assiste com as luzes e auxilios de sua divina graça, a cahir em doutrinas reprovadas pela santa Igreja catholica. — Muitos exemplos se poderiam adduzir, nos quaes a Igreja condemnou proposições; que sendo ao parecer piedosissimos e attinentes á maior perfeição christã, foram todavia havidas por contrarias aos dogmas definidos pela Igreja, ás suas tradições e á autoridade dos santos poderes e doutores; sendo que era muitas vezes innocentissima a intenção, com que seus autores as haviam escripto ou proferido, julgando faze-lo para edificação e proveito dos fieis.

Sendo o meu exclusivo proposito ao escrever este livro, manifestar o meu amor e temor de Deos, a minha illimitada veneração pelos dogmas e preceitos da sua Igreja, a fé viva e ardente com que busco, peccador como sou, os caminhos da bemaventurança, é de si evidente que não me empenharia eu em torcer de proposito a minha jornada, transviando-me por onde a Igreja não permite que transitem na sua militante peregrinação os seus fieis.—É pois claro que, desejando eu com este meu livro desempenhar um officio de piedade e chamar, se fôr ouvida a minha voz, as almas que andam tresmalhadas do redil evangelico, não haveria eu de assentar, por minha propria vontade, o edificio da minha fé em alicerces erroneos e condemnados pela Igreja

nem diffundir voluntariamente pelo mundo os meus erros, sabendo que a minha doutrina destoava da que ensina e prescreve a santa madre Igreja.—Não tenho receio algum dos homens, porque estou aparelhado para levar de bom animo todas as tribulações que me possam suscitar; mas tenho grandissimo receio de offender a Deos e incorrer nas penas, que tem decretadas para os que não crêem em toda a pureza o dogma que nos revelou, e não observam a moral santissima que Jesu Christo nos dictou com suas acções e suas divinas palavras.

Por isso, temendo haver-me escapado n'este livro alguma proposição, que não devêra ter sido escripta por mim, como catholico fervoroso; arreceando-me de que por não ser eu theologo, haja innocentemente incorrido em erro ou equivoco quanto á fé catholica ou á intelligencia das sagradas escripturas nos trechos que d'alli extrahí no decurso da minha obra, julgo necessario descarregar a minha consciencia, fazendo publica, solemne e humilde protestaçoão, e submettendo-me em tudo, como filho obedientissimo, á santa madre Igreja catholica apostolica romana.—Declaro e protesto pois, que se alguma doutrina erronea, mal-sonante, temeraria, ou offensiva á doutrina da Igreja, se acha estampada n'este livro, a hei por não escripta e a retrácto publicamente, por que não desejo apartar-me no minimo ponto da doutrina, que professa e nos ensina a Igreja nossa mãe.—Declaro e protesto mais, que as alterações feitas no texto, mas não no sentido do Credo, e de algumas orações, não tem outro fim que não seja piedoso e reverentissimo a Deos e á sua santa Igreja, sem que eu de modo algum deixe de aceitar, ve-

nerar e seguir na sua pureza litteral o texto do Credo e das orações, tal como a Igreja o consagra pelas divinas escrituras, pela tradição apostolica, e pela autoridade dos seus decretos e definições.

# INDICE



## PARTE TERCEIRA

### ADVERTENCIA PRELIMINAR

	PAG.
CAPITULO 1.º Foi o demonio o autor dos peccados mortaes ..	5
É mais facil ser virtuoso, do que peccador.....	6
CAPITULO 2.º Razão por que satanaz inventou os peccados..	8
Motivo por que elle antes tentou a Eva, do que a Adão .....	9

### PRIMEIRA MEDITAÇÃO

CAPITULO 1.º Ha na vida uma de duas estradas a seguir ...	13
Tribulações que se padecem no caminho do vicio.....	14
CAPITULO 2.º Os justos vivem contentes na vida presente...	17
Fundam suas esperanças sómente em Deus.....	18
CAPITULO 3.º O homem justo goza muita tranquillidade.....	19
Os peccadores são por cá mui infelizes .....	23
CAPITULO 4.º Os mundanos não pensam na morte, nem acreditam n'uma vida eterna.....	24
As delicias terrenas são sobremaneira enganadoras.....	27
CAPITULO 5.º Falsas razões do peccador para cohonestar seus vicios.....	28
Ninguem faz falta quando morre .....	32
CAPITULO 6.º Os homens costumam abusar dos sentidos.....	36
Deveram d'elles servir-se para salvação da alma.....	37

### SEGUNDA MEDITAÇÃO

CAPITULO 1.º Quem não póde casar-se, seja continente.....	39
O matrimonio foi instituido por Deus .....	42
CAPITULO 2.º O celibato honesto é preferivel ao matrimonio ..	44
CAPITULO 3.º Tão depressa se contraem os bons como os máos habitos .....	52
Do antidoto contra a concupiscencia .....	56
CAPITULO 4.º Não havendo liberdade de pensar, cessa a responsabilidade dos actos humanos.....	59

	PAG.
Ninguem póde sujeitar a alma, senão Deus .....	60
CAPÍTULO 5.º Do que ha mais falta na vida, é de juizo .....	63
A senda do céo é menos espinhosa, que o caminho do inferno	65
CAPÍTULO 6.º Differe muito a sciencia, do juizo.....	67
Deus com todos reparte equitativamente .....	70
Os bens dos ricos não lhes pertencem, senão sim aos pobres .	73
CAPÍTULO 7.º O homem deve trabalhar por adquirir juizo...	76
Os sabios e os ricos são muitas vezes desajuizados .....	77
O que possui o dom do juizo é o mais rico dos homens .....	78
CAPÍTULO 8.º Foi Eva quem introduziu o peccado no mundo.	79
As amarguras da vida são um grande bem para o homem ...	80
A sociedade não tem direito algum de matar os culpados ...	82
CAPÍTULO 9.º Houve um diluvio universal, que inundou a terra .....	86
O mundo hade acabar por um incendio geral.....	88
CAPÍTULO 10.º Está sempre disposto o homem para recair no peccado.....	89
Razões por que não é ainda universal a religião catholica ...	90
CAPÍTULO 2.º Os christãos devem propagar o evangelho ....	96
Da maneira por que uma nação póde abraçar o christianismo, mesmo contra a vontade do rei.....	98

### TERCEIRA MEDITAÇÃO

CAPÍTULO 1.º O catholicismo hade vir a reinar sobre todo o mundo.....	102
Os justos vivem mais tranquillos, do que os peccadores.....	103
O demonio não deixa de tentar os homens .....	106
CAPÍTULO 2.º É mais facil ser honesto do que vicioso.....	108
Nas tribulações da vida o unico refrigerio é Deus.....	110
CAPÍTULO 3.º Cuida-se geralmente antes das coisas terrenas, que da eternidade.....	112
São poucos aquelles que hãode salvar-se.....	114
Vale mais uma alma, que todas as riquezas do mundo .....	115

### PARTE QUARTA

<b>Da Morte.</b> — CAPÍTULO 1.º O Juizo particular é mais para temer, que a morte.....	122
A morte eguala todas as condições .....	124
CAPÍTULO 2.º As coisas terrenas são illusões transitorias....	125
<b>Do Juizo.</b> — No Juizo de Deus só valem as boas obras ...	128
Até os santos tremem das contas que hãode prestar a Deus..	132
CAPÍTULO 3.º Os tribunaes dos homens são muito menos temerosos, que o Juizo do Senhor.....	133
<b>Do Inferno.</b> — CAPÍTULO 1.º A pena de <i>dano</i> é a maior das penas do inferno .....	134
Dos tormentos de fogo, e dos remorsos que padecem os condemnados .....	136

	PAG.
CAPITULO 2.º É terrivel castigo a companhia dos demonios..	137
<b>Do Paraizo celestial.</b> — CAPITULO 1.º Não pôde imaginar-se a bemaventurança dos justos .....	142
CAPITULO 2.º Os prazeres da terra nada valem em vista do do céo .....	144

### MEDITAÇÕES

ADVERTENCIA. É mais suave o caminho dos céos, que o do inferno .....	145
CAPITULO 1.º É estreitissima a senda do céo para os vaidosos, porém mui ampla para os humildes .....	148
CAPITULO 2.º Custa mais a ser vicioso, do que a ser justo...	150

### PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Embustes dos peccadores para se desculparem de suas culpas .	151
<b>Do peccado da Soberba.</b> Vozes do orgulhoso em abono do seu peccado .....	151
<b>Do peccado da Avareza.</b> Argumentos de que se vale o avaro .....	152
<b>Do peccado da Ira.</b> Falsas razões em que se funda o homem iroso .....	153
<b>Do peccado da Gula.</b> Sophismas dos golosos para se desculparem do vicio .....	154
<b>Do peccado da Luxuria.</b> Arrazoado do lascivo para co-honestar o seu peccado .....	155
<b>Do peccado da Inveja.</b> Embustes que inventa o invejoso para se desculpar .....	157
<b>Do peccado da Preguiça.</b> Louvores que faz a si proprio o preguiçoso.....	158
Da felicidade que gosava Adão no paraizo antes de peccar ..	158

### SEGUNDA MEDITAÇÃO

Refutação dos sophismas de que se valem os peccadores.....	161
<b>Da Preguiça.</b> — CAPITULO 1.º Das consequencias do peccado da preguiça.....	162
CAPITULO 2.º Resultados da accidia.....	163
<b>Da Inveja.</b> — CAPITULO 1.º O homem deve contentar-se com a sua sorte.....	167
CAPITULO 2.º Das tribulações que passa na vida o invejoso .	168
<b>Da Luxuria.</b> Dos damnos que causa este peccado .....	171
CAPITULO 2.º A verdadeira felicidade é a espiritual.....	173
CAPITULO 3.º A luxuria é o vicio que mais embrutece os homens .....	176
<b>Da Gula.</b> Da fealdade e tristes resultados d'este peccado...	178
CAPITULO 2.º A gula dá sempre origem ás fomes .....	181
<b>Da Ira.</b> — CAPITULO 1.º É tão estulto peccado, que nem de prazeres se acompanha.....	183
CAPITULO 2.º Resultam da ira incessantes desgraças.....	185

	PAG.
<b>Da Avareza.</b> — CAPITULO 1.º A vida do avarento é infelicissima . . . . .	188
CAPITULO 2.º O Senhor aborrece os avaros . . . . .	190
<b>Da Soberba.</b> — CAPITULO 1.º E o peccado mais antigo, e origem de todos os outros . . . . .	192
CAPITULO 2.º O soberbo não póde deixar de ser louco . . . . .	194
CAPITULO 3.º Os peccados mortaes condemnam a alma ao inferno . . . . .	196
CAPITULO 4.º Do remedio contra a soberba . . . . .	198
CAPITULO 5.º Dos meios efficazes contra a avareza . . . . .	200
CAPITULO 6.º Do modo de dominar o vicio da gula . . . . .	202
CAPITULO 7.º Antidoto para destruir o peccado da inveja . . . . .	204
CAPITULO 8.º Da maneira de vencer os impetos da ira . . . . .	206
CAPITULO 9.º Dos meios de combater a preguiça e a accidia . . . . .	208
CAPITULO 10.º Remedios para rebater os ardores da luxuria . . . . .	211

### TERCEIRA MEDITAÇÃO

São doze os peccados mortaes . . . . .	213
<b>A Murmuracão.</b> — CAPITULO 1.º Procede este peccado da inveja e do ócio . . . . .	215
CAPITULO 2.º É inteiramente opposto á caridade christã . . . . .	221
<b>A Mentira.</b> — CAPITULO 1.º Todas as especies de mentira são peccaminosas . . . . .	223
CAPITULO 2.º Nem com boa intenção se permite a mentira . . . . .	228
CAPITULO 3.º Comparação do homem verdadeiro com o mentiroso . . . . .	231
<b>A Hypocrisia.</b> — CAPITULO 1.º É peccado que leva directamente ao inferno . . . . .	234
CAPITULO 2.º Os hypocritas são detestados pelo Senhor . . . . .	237
CAPITULO 3.º O hypocrita pretende passar por santo, sendo um demonio . . . . .	242
CAPITULO 4.º Recepção do hypocrita no inferno . . . . .	245
<b>A Calumnia.</b> — CAPITULO 1.º O calumniador é um assassino . . . . .	247
CAPITULO 2.º É peccado abominado de todos . . . . .	252
<b>A Traição.</b> — ARTIGO 1.º Da traição de Judas Iscariotes . . . . .	256
CAPITULO 1.º É a traição o mais abominavel dos peccados . . . . .	257
CAPITULO 2.º Da aleivosia infame com que Judas trahiou a Jesu Christo . . . . .	259
CAPITULO 3.º Ha no mundo muitos Judas . . . . .	261
CAPITULO 4.º Castigo que recebeu Judas por sua nefanda traição . . . . .	264
CAPITULO 5.º Em que se empregou o preço da traição de Judas . . . . .	265
CAPITULO 6.º Do lucro miseravel das traições . . . . .	268
ARTIGO 2.º Da traição feita a Joseph por seus irmãos . . . . .	269
CAPITULO 1.º Foi promovida pela inveja . . . . .	270
CAPITULO 2.º A traição reverte geralmente em beneficio de quem é trahido . . . . .	272
CAPITULO 3.º Do castigo que padecem os traidores na vida	

	PAG.
presente .....	275
ARTIGO 3.º Da traição perpetrada pelo rei David.....	277
CAPITULO 1.º David atraçou a Urias com adulterio e homicidio.....	279
CAPITULO 2.º O ocio e a autoridade de rei fizeram peccar a David .....	281
CAPITULO 3.º Um peccado chama outros peccados.....	283
CAPITULO 4.º David foi contra Urias, hypocrita e traidor ...	286
CAPITULO 5.º Dos castigos que Deus lançou sobre David ...	291
CAPITULO 6.º Mais castigos sobre David por seus enormes peccados .....	293
CAPITULO 7.º Continuum os castigos sobre o rei propheta...	296
CAPITULO 8.º O mundo está cheio de traidores.....	298
A verdadeira corôa é a da virtude.....	299
CAPITULO 9.º A maior desgraça para uma nação é o máo rei	401
CAPITULO 10.º A traição dos reis é mais peccaminosa que a dos subditos .....	303
CAPITULO 11.º É muito amargurada a vida dos traidores....	307
CAPITULO 12.º Os justos vivem mais tranquilllos do que os peccadores .....	308
CAPITULO 13.º A bemaventurança é só para os servos de Deus	312
ARTIGO 4.º Da traição dos judeus contra Jesu Christo.....	”
CAPITULO 1.º A traição acompanhada de ingratição é ainda maior peccado .....	”
Os hebreus eram o povo eleito do Senhor.....	313
CAPITULO 2.º Ingratição do povo hebreu a Moysés.....	317
Das misericordias do Senhor sobre este povo rebelde .....	319
CAPITULO 3.º Da perfidia e idolatria dos hebreus .....	322
Sempre houve ingratos e traidores.....	325
CAPITULO 4.º Castigos que o Senhor deu aos hebreus.....	328
Deus não cessava de chamar ao arrependimento este ruim povo.....	329
CAPITULO 5.º Traições continuas dos judeus contra Jesu Christo.....	335
Da perseguição dos judeus ao Redemptor, quando principiou a prégar-lhes .....	337
Excellencia da moral e doutrina de Jesu Christo .....	338
Da conspiração dos scribas e phariseus contra o Salvador ...	340
Os judeus resistem aos milagres feitos publicamente por Jesu Christo.....	341
Deus decreta finalmente a perpetua proscricção do povo judaico ; castigos que Deus faz chover sobre este povo perdido e contumaz .....	343
São amaldiçoados os judeus pelo Senhor, condemnados a exilio perpetuo e a uma vida errante por todo o mundo.....	344
São desde então, e serão sempre execrados de todos os povos da terra, em castigo de seu enorme attentado contra Jesu Christo .....	344

## PARTE QUINTA

### ADVERTENCIA

	PAG.
CAPITULO 1.º Os bispos são os successores dos apóstolos de Christo.....	347
O seu officio é tratar da salvação das almas .....	349
Devem ser os parochos, virtuosos e scientes das divinas lettras	350
CAPITULO 2.º A religião de Jesu Christo favorece o progresso da civilisação .....	351
O homem em todos os estados póde ser bom christão.....	352
ARTIGO 1.º Dos dotes móraes que nos bispos se requerem....	354
CAPITULO 1.º Devem ser observadores das leis .....	355
De costumes concertados, sobrios e inimigos de vaidades	356, 357
Precisam ser continentes, humildes, economicos .....	358, 360
Modestos e tranquillos, castos e adversos ao jogo .....	361, 362
Os máos bispos, não se corrigindo, deverão ser depositos do seu officio .....	364
CAPITULO 2.º Precisam ser prudentes e leaes, bondosos, pacientes e piedosos.....	366, 367
Mansos de coração, caritativos, zelosos de justiça .....	368, 370
Intrepidos nos combates da fé, probos e sabios .....	372, 374
De palavras e obras irreprehensíveis, conscienciosos e de fé pura, guardas e observantes dos mysterios da religião.....	375, 378
Cheios de amor de Deus, virtuosos, e até santos.....	379, 381
ARTIGO 2.º Das qualidades physicas que se exigem nos bispos .....	383
Devem ser de temperamento brando, e de idade madura	384
De semblante sereno, grave e benevolo, e gestos modestos	386, 387
Para a escolha dos bispos deve influir muito o rei.....	388
ARTIGO 3.º Dos attributos da intelligencia precisos nos bispos .....	389
CAPITULO 1.º Precisam ter os bispos idoneidade para o ensino da doutrina christã .....	390
Ser ornados de sciencia theologica, autorisada com virtude	391, 394
Zelosos, perseverantes e incançaveis no estudo das divinas lettras .....	395, 396
CAPITULO 2.º Cumpre-lhes ser diligentes na propagação do evangelho .....	398
Da relaxação em que muitos vivem sobre a evangelisação do povo .....	399
Carecem ter fé conscienciosa sobre a religião, e póssuir talentos.....	400, 401
O episcopado não é titulo sómente honorifico, mas sim de obras de virtude .....	403
ARTIGO 4.º Das prerogativas e direitos que aos bispos assistem .....	404

	PAG.
CAPITULO 1.º Foi Jesu Christo quem instituiu o episcopado .....	405
Os apóstolos do Redemptor foram os antecessores dos bispos .....	406
O poder episcopal é de origem divina .....	408
A Igreja reunida em Concilio é o tribunal superior de appellação .....	409
CAPITULO 2.º Os bispos ainda podem recobrar sua primitiva autoridade.....	410
O poder dado por Jesu Christo a S. Pedro, dizem os theologos, que é igual ao conferido pelo mesmo Senhor aos demais apóstolos .....	411
O povo christão deve ser estranho ás questões de supremacia de poder entre o papa e os bispos.....	413
ARTIGO 5.º Dos attributos moraes, physicos e intellectuaes dos parochos, e de seus deveres e prerogativas..	414
CAPITULO 1.º Devem ser piedosos, humildes e caridosos	414, 415
Graves, honestos, estudiosos, benevolos e zelosos pela evangelisação do povo.....	418, 419
CAPITULO 2.º Precisam ter sciencia das divinas letras, discernimento, facilidade de ensinar, e clareza em suas prédicas, e ser zelosos pelo decoro dos templos e respeito do divino culto .....	419, 422
CAPITULO 3.º Os parochos devem ter um exterior modesto e grave, e uma idade madura.....	423, 425
CAPITULO 4.º O poder dos parochos é de origem divina	426
Por qué foi instituida a jerarquia dos parochos, e poder que antigamente tinham .....	427, 428
Testemunho do antigo apreço em que eram havidos.....	429, 430

ARTIGO ADDICIONAL

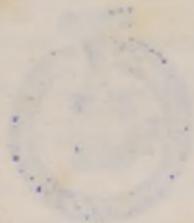
Do methodo mais seguro de nomear os bispos .....	431, 432
Nos primeiros tempos do christianismo o povo elegia os seus bispos .....	433
Conclusão.....	437
Protestação .....	439



CENTRO CIENCIA VIVA  
ROMULO DE CARVALHO

## ERRATA

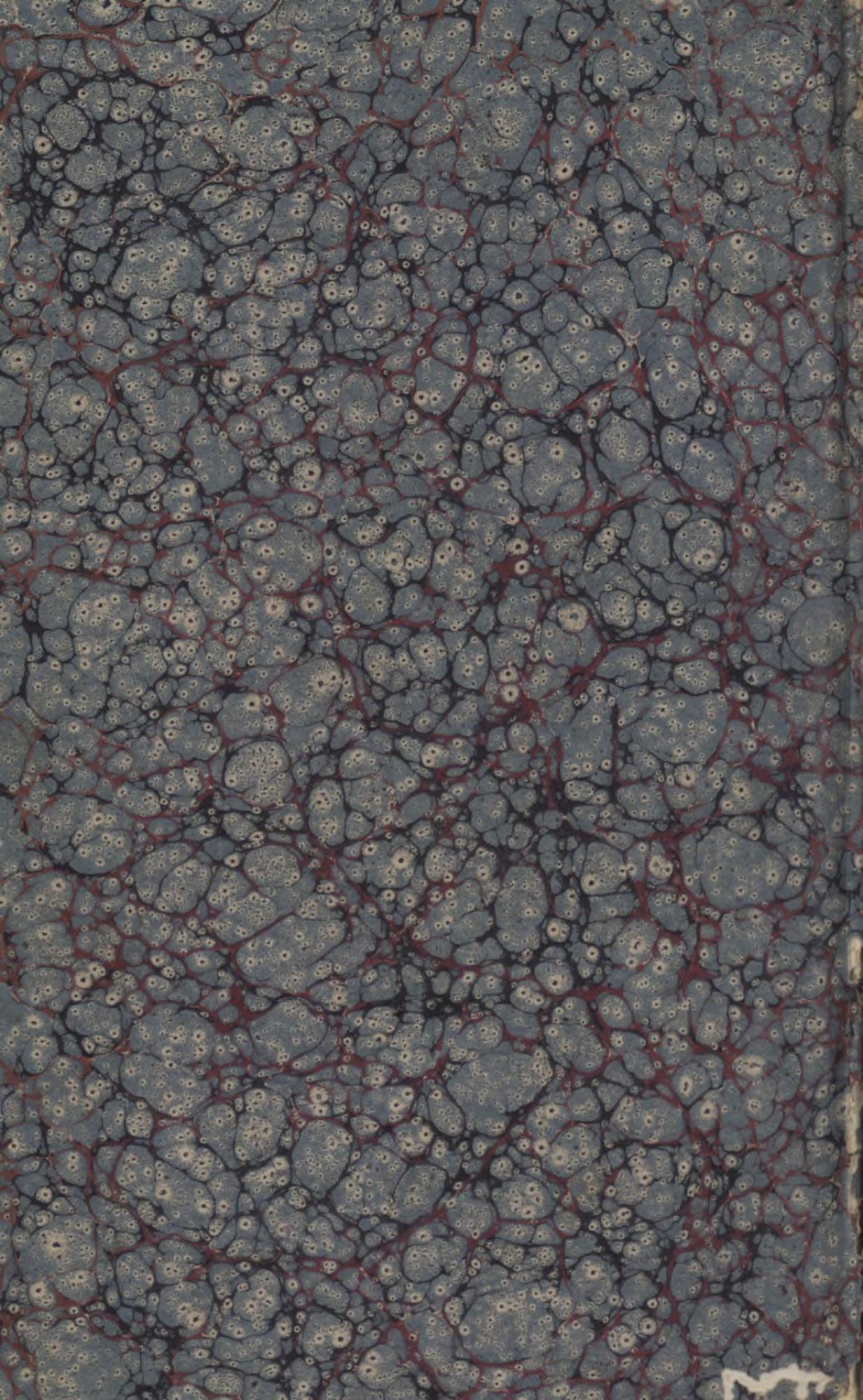
Queira o leitor dar-se ao trabalho de per si rectificar as faltas e erros typographicos que n'este livro encontrar, os quaes por escacez de tempo não pude corrigir.



R

61

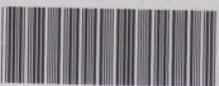
13





RÓ  
MU  
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA



\*1329643956\*

